

SIDNEY D. KIRKPATRICK

AS RELÍQUIAS SAGRADAS DE HITLER

A história real das pilhagens nazistas e da corrida para recuperar as Joias da Coroa do Sacro Império Romano



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SIDNEY D. KIRKPATRICK

AS RELÍQUIAS SAGRADAS DE HITLER

A história real das pilhagens nazistas e da corrida para recuperar as Joias da Coroa do Sacro Império Romano



AS RELÍQUIAS
SAGRADAS
DE HITLER

SIDNEY D. KIRKPATRICK

AS RELÍQUIAS SAGRADAS DE HITLER



SEXTANTE

Título original: *Hitler's Holy Relics*

Copyright © 2010 por Sidney Kirkpatrick

Copyright da tradução © 2011 por GMT Editores Ltda.

Publicado mediante acordo com Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução

Ivo Korytowski

preparo de originais

Cristiane Pacanowski

revisão

Luis Américo Costa e Tereza da Rocha

projeto gráfico e diagramação

DTPhoenix Editorial

capa

Rodrigo Rodrigues

produção digital

SBNigri Artes e Textos Ltda.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo

22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

www.sextante.com.br

Para Alexander Kirkpatrick

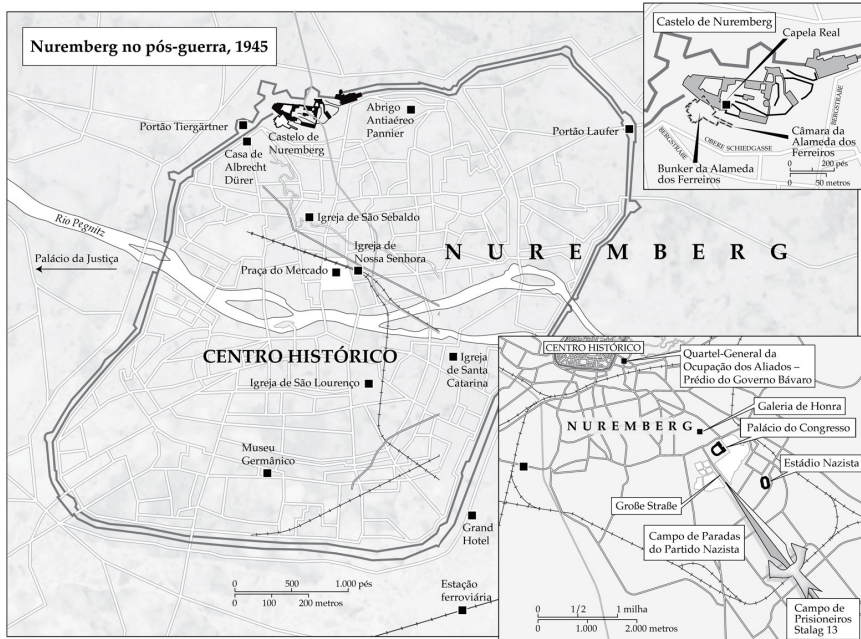
Os homens anseiam mais pela glória do que pela virtude. A armadura de um inimigo, seu capacete quebrado, a bandeira arrancada de um navio conquistado são tesouros mais valorizados do que todas as riquezas humanas. É para obter esses símbolos de glória que generais, sejam eles romanos, gregos ou bárbaros, enfrentam milhares de perigos e suportam inúmeras provações.

Juvenal, poeta romano do século II

Nota do autor

A HISTÓRIA REAL A SEGUIR BASEIA-SE em registros militares, correspondências, diários, entrevistas, material de arquivos e nas memórias orais inéditas da Segunda Guerra Mundial de Walter Horn, professor de história da arte da Universidade da Califórnia em Berkeley.

Nuremberg no pós-guerra, 1945



Alemanha no pós-guerra, 1945



Capítulo 1

Alameda dos Ferreiros

23 de fevereiro de 1945

TODAS AS MANHÃS, como o mecanismo de um relógio, os bombardeiros aliados escureciam os céus sobre Namur, na Bélgica. No último inverno da Segunda Guerra Mundial, centenas de aviões, às vezes até mil, em grandes esquadrilhas conhecidas como fluxos de bombardeiros, trovejavam sobre as cidades durante uma hora ininterrupta ou mais, deixando rastros de fumaça de quilômetros de extensão que permaneciam no ar bem depois de as aeronaves terem desaparecido e de os bombardeiros terem lançado sua carga letal sobre alvos na Alemanha e no Leste Europeu.

A chegada dos fluxos de bombardeiros aterrorizava os soldados alemães detidos no centro de detenção do Exército americano nos campos cobertos de neve da periferia de Namur. Amontoados e tremendo nas áreas de confinamento, os prisioneiros olhavam ansiosos para o céu, receando o horror prestes a ser lançado sobre os amigos e familiares em sua terra natal. Seus captores americanos também observavam o sobrevoo dos aviões, mas em vez de medo sentiam uma admiração tremenda pelas equipes de bombardeio e seu poder de fogo. Elas eram o martelo de prata que estava destruindo a máquina de guerra nazista e logo possibilitaria ao exército aliado aniquilar Adolf Hitler em seu próprio país. As missões de bombardeio – que eram deflagradas dia e noite e tinham como objetivo atingir não apenas alvos militares, mas também áreas industriais, destruindo cidades inteiras – eram o preço que a Alemanha pagava por sua prolongada resistência.

O primeiro-tenente Walter Horn, um dos 10 interrogadores do 3º Exército americano baseados no Campo Namur que falavam alemão, aguardava com um misto de emoções a chegada diária dessas esquadrilhas. Aos 36 anos, com tórax e ombros largos, aparência de astro de cinema e uma esposa impaciente esperando por ele em casa, em Point Richmond, à margem da baía de São Francisco, Horn sentia imenso orgulho da capacidade americana de fabricar, abastecer, conservar e mobilizar milhares de aeronaves carregadas de bombas, lançando-as centenas de quilômetros dentro do território inimigo. Embora ainda não tivesse disparado uma arma em combate em dois anos de serviço e sua unidade de inteligência móvel, comandada pelo general George S. Patton,

permanecesse confortáveis 80 quilômetros atrás das linhas de frente, Horn reconhecia o destemor e a coragem das equipes aéreas e sentia uma afinidade especial com os milhares de outros integrantes – soldados de artilharia e infantaria, médicos e paramédicos, cozinheiros, auxiliares e intendentos – do maior, mais ágil e mais bem equipado exército que já existira.

Mas a visão dos fluxos de bombardeiros também deixava Horn bastante ansioso. Como os prisioneiros que interrogava, ele havia nascido e fora criado e educado na Alemanha. Nunca sabia se um dos bombardeiros despejaria sua carga nos arredores da casa de sua família em Heidelberg ou se um dia veria o semblante de seu irmão mais velho, Rudolf, entre os rostos desesperados de prisioneiros capturados e feridos.

Naquele inverno, o tenente Horn recebera ordens de ajudar a descobrir se Hitler utilizaria armas químicas e biológicas quando o exército aliado atravessasse o rio Reno e adentrasse o coração da Alemanha. Circulavam rumores de que os alemães, em uma última tentativa desesperada de abalar o moral das forças aliadas que se aproximavam, recorreriam a tais armas, como fizeram nas trincheiras da França 27 anos antes.

A unidade de inteligência móvel de Patton preparara um questionário detalhado para extrair a verdade dos detentos. Os interrogadores não perguntavam a eles diretamente sobre estoques de armas. Em vez disso, obtinham a informação por meio de quatro dentre 150 perguntas aparentemente aleatórias. As respostas ajudavam a descobrir se os soldados haviam sido ensinados a usar armas químicas e biológicas em batalha e se existiam abrigos para a população civil escondidos atrás das linhas inimigas. Mil e quinhentos soldados rasos, selecionados da infantaria da Wehrmacht capturada na Bélgica após a Batalha das Ardenas, haviam sido enviados a Namur com esse propósito. Como as instalações eram inadequadas, muitos dos interrogatórios eram realizados ao ar livre. O escritório de Horn, situado atrás das áreas cercadas dos prisioneiros, consistia em dois caixotes de laranjas vazios, uma pequena mesa emprestada por uma escola primária próxima e uma pilha de questionários e lápis.

Horn já havia entrevistado 35 prisioneiros em 23 de fevereiro de 1945 quando um guarda do campo levou até ele Fritz Hüber, de 48 anos, soldado raso da 2ª Divisão Blindada alemã. Magro e pálido, Hüber trajava o mesmo uniforme mal-ajustado em que havia sido capturado, três semanas antes. Embora velho pelos padrões do exército aliado, Hüber não era um recruta incomum da Wehrmacht, pois os alemães, após mais de cinco anos de guerra contínua, estavam recrutando soldados dos 16 até os 60 anos, misturando-os em unidades de veteranos experientes nos campos de batalha e fazendo com que cavassem trincheiras, transportassem equipamentos nas costas ou em carroças e ajudassem no que fosse necessário. A mão de obra alemã, assim

como o óleo diesel para acionar os tanques, era um recurso agora escasso.

Recrutado em Nuremberg, Hüber havia recebido menos de um mês de treinamento antes de ser conduzido, sob a neve, para combater na Bélgica. Nada conhecia sobre armas químicas ou biológicas. Horn conferiu as respostas do soldado raso em rápida sucessão, obtendo nada mais do que “sim”, “não” e “não sei”.

Terminada a entrevista, Horn estava pronto para dispensar seu prisioneiro. No entanto, como o tenente observaria mais tarde num relato detalhado que fez da entrevista, subitamente mudou de ideia. Olhando para o deplorável soldado raso Hüber do outro lado da mesa, abatido pela falta de sono e sofrendo claramente de reumatismo no frio úmido, Horn ofereceu a ele um cigarro e uma xícara de café e perguntou se sabia de algo que pudesse interessar à inteligência americana.

A careta que Hüber fez foi a de um menino que tivesse levado bomba num exame na escola. Os olhos ficaram marejados. Ele queria ajudar, ser útil.

O tenente testemunhara reações daquele tipo antes. Via-as quase todo dia entre prisioneiros que haviam perdido tudo exceto a vida. Homens como Hüber, recrutados nas ruas pela Gestapo ou removidos à força de suas casas e obrigados a servir à pátria, não eram nazistas convictos ou arrogantes. Muitos já haviam perdido filhos e esposa na guerra ou tinham visto seus lares serem incinerados. Eram combatentes relutantes. Depois de se renderem ao inimigo, serem despojados de suas posses e conduzidos como gado às áreas de confinamento, a maioria perdera os últimos vestígios de autoestima. Como uma afronta final, eles agora viam e ouviam os fluxos incessantes de bombardeiros sobre suas cabeças e sabiam que a situação era realmente desesperadora. Os novos e tão alardeados interceptadores de jatos Messerschmitt de Hermann Göring não eram avistados em lugar nenhum. Se Hitler realmente possuísse uma arma secreta que viraria a maré da guerra, como o ministro da Propaganda Joseph Goebbels havia prometido ao povo alemão, àquela altura do confronto já a teria empregado.

Hüber e seus colegas prisioneiros sabiam que ninguém viria resgatá-los. No entanto, apesar do desespero evidente dos prisioneiros, Horn notava um estranho paradoxo neles. Aqueles soldados de infantaria, mesmo os que haviam começado como partidários do sonho insano do Führer de dominar o mundo, ainda desejavam ser úteis, queriam ter alguma importância. Estavam desesperados para ajudar alguém, mesmo que fosse o inimigo. O soldado raso Hüber e inúmeros outros como ele seriam os homens que um dia retornariam para casa a fim de reconstruir sua nação.

O prisioneiro respondeu a Horn que infelizmente não poderia ajudar em nada.

O tenente não esperava ouvir mais coisa alguma dele. Mas, quando Hüber

terminou seu café e Horn ia sinalizar aos guardas do campo que o levassem de volta à área de confinamento, o rosto do soldado subitamente se iluminou.

– Você se interessa por arte e antiguidades? – perguntou Hüber.

Horn abriu um enorme sorriso. O soldado alemão não tinha como saber que, na vida civil, seu interrogador era professor de história da arte da Universidade da Califórnia em Berkeley ou que anos atrás, antes de fugir da Alemanha nazista, estudara história da arte em Hamburgo, Munique e Berlim, obtendo o doutorado sob a orientação do medievalista de renome internacional Erwin Panofsky, e completara o pós-doutorado com Bernard Berenson em Florença, na Itália. Não havia outro assunto que o Dr. Walter Horn estivesse mais interessado em discutir do que arte e antiguidades.

– O que você sabe? – perguntou Horn.

Hüber se retesou na cadeira e dirigiu-se ao tenente como se estivesse sendo interrogado por um superior do Exército alemão.

– Existe um tesouro oculto num bunker sob o Castelo de Nuremberg. O esconderijo foi cavado na rocha sob o penhasco de arenito. É altamente secreto. Apenas o Reichsführer Himmler, seus auxiliares e algumas autoridades da cidade, além de operários que trabalharam no local, sabem algo a respeito.

– Heinrich Himmler, você quer dizer? Da SS?

Hüber assentiu solenemente com a cabeça, acrescentando que o bunker se localizava bem fundo na base do castelo, mas que seu túnel de entrada dava para a rua.

Intrigado, Horn pediu a Hüber mais detalhes.

O prisioneiro explicou que a entrada ficava camuflada de modo a parecer a garagem de uma loja de antiguidades numa alameda na parte antiga da cidade, com um letreiro que anunciava Antiguidades – Novas e Velhas.

Como Horn mais tarde notaria, Hüber fez uma pausa como que retendo a imagem da loja em sua mente. O pensamento pareceu trazer um tênue sorriso ao seu rosto. Então ele ficou mais relaxado, até otimista.

O prisioneiro continuou a descrever a disposição do bunker. Revelou que o estacionamento coberto, com suas portas camufladas, levava a um túnel comprido que descia cerca de 60 metros sob a superfície. Ao fim do túnel havia um bunker de 370 metros quadrados, construído com concreto reforçado, com cinco células de armazenamento separadas e uma câmara blindada grande o suficiente para se estacionar um pequeno caminhão lá dentro. A instalação era totalmente independente. Os guardas do bunker tinham seus próprios alojamentos, geradores elétricos, combustível, água potável, suprimentos de comida e equipamento de rádio. Havia respiradouros que davam para a superfície e um sistema de purificação do ar, para o caso de a cidade sofrer um ataque de bombas incendiárias.

– Se esse local é tão secreto – perguntou Horn cautelosamente –, como você ficou sabendo dele?

O rosto de Hüber se animou.

– Porque a minha família mora acima da loja de antiguidades. Meu pai é o encarregado da manutenção da unidade de ventilação que regula a temperatura e a umidade do bunker. Minha mãe evita que as obras de arte e os artefatos sejam danificados por mofo e insetos. Ela precisa usar luvas especiais quando entra nas unidades de armazenamento. Vez por outra, borrifa a instalação com pesticida.

Horn ouvia com fascínio crescente enquanto Hüber contava sobre alguns dos complexos dispositivos de segurança do bunker. Nem mesmo os guardas que protegiam a instalação tinham acesso às unidades de armazenamento, e nenhuma pessoa desacompanhada, exceto Himmler e o prefeito de Nuremberg, Willy Liebel, tinha permissão de adentrar a câmara blindada. Duas chaves e um código de cinco dígitos eram necessários para abrir sua porta externa de 30 centímetros de espessura e uma segunda porta interna com barras de aço.

– Que tipo de arte é guardado no bunker? – quis saber Horn.

Hüber mencionou diversos dos mais de 100 objetos que estariam abrigados nas diferentes salas, entre eles gravuras e águas-fortes de Albrecht Dürer, esculturas de Adam Kraft e Veit Stoss, códices medievais, mapas, instrumentos musicais do Renascimento e vitrais góticos. Tudo estava listado num catálogo de fichas diante da sala da guarda, no salão principal, e era periodicamente verificado pelo prefeito ou seu secretário.

Impressionado, Horn perguntou o que era mantido na câmara blindada.

Hüber respondeu sem titubear. Dentro dela havia uma série de artefatos embalados em caixotes de madeira. Um deles, enorme, continha um estojo de vidro com os paramentos de um rei, bordados com figuras de camelos e leões adornadas com pérolas. Outro caixote, com a palavra “Mauritius” inscrita na lateral, continha uma espada antiga. Um terceiro caixote continha uma coroa coberta com safiras, rubis e ametistas brutas. Ao lado estavam guardados um cetro de prata e uma maça de ouro com uma cruz incrustada de joias no topo. Em sua própria caixa de couro, sobre uma almofada de veludo vermelho, jazia uma antiga ponta de lança romana, à qual os visitantes da câmara – entre eles o próprio Himmler – se referiam como a “Lança Sagrada”.

Horn estava ao mesmo tempo entusiasmado e perturbado com o relato de Hüber. Não dispunha de informações suficientes para identificar as origens das obras de arte guardadas no restante do bunker, mas a combinação de tesouros ocultos na câmara pertencia a uma coleção legendária de artefatos que haviam sido detalhados em inúmeras pinturas medievais e manuscritos monásticos.

Os paramentos reais, bordados com os camelos e leões característicos,

havia sido feitos no início do século XII em Palermo, na Itália, tendo sido usados pelos grandes soldados-reis da Europa medieval. A espada imperial – às vezes denominada “Espada de Maurício” – tinha esse nome em homenagem ao centurião romano martirizado e combatente legendário da Legião Tebana. A coroa, o cetro e o orbe em forma de maçã haviam pertencido, entre outros, ao rei Frederico Barbarossa, o temível monarca de barba ruiva que governou do Castelo de Nuremberg e morreu durante a Terceira Cruzada à Terra Santa. Mas foi a menção de Hüber à antiga ponta de lança romana que identificou, sem sombra de dúvida, a coleção. A Lança Sagrada, também conhecida como Lança de Longino e Lança do Destino, supostamente foi a arma que dilacerou o flanco de Cristo na crucificação, tendo sido subsequentemente usada em batalha pelos imperadores Constantino e Carlos Magno.

Os objetos na câmara subterrânea constituíam as Joias da Coroa do Sacro Império Romano, a mais valiosa coleção de artefatos de toda a Europa. Em sua tentativa de dominar o mundo, Hitler removera-os do tesouro real em Viena, na Áustria, exibindo-os por um breve período em Nuremberg. O local em que o Führer os havia ocultado depois que começaram os bombardeios sobre a Alemanha e a integridade da coleção eram objeto de intensa especulação entre historiadores da arte e curadores de museus mundo afora.

Horn não tinha nenhum motivo para duvidar da história do prisioneiro. Hitler saqueara a Europa, roubando todo tipo de tesouro, desde pinturas de Leonardo da Vinci e esculturas de Michelangelo até preciosos ícones russos e poloneses e manuscritos monásticos medievais. Nuremberg, a segunda maior cidade da Baviera, era um lugar natural para o ditador alemão salvar seus despojos. A cidade antiga, com seu enorme castelo medieval construído sobre uma montanha de arenito vermelho, representava o coração do Estado nazista, sentimentalmente ligado a seu passado mítico, e era o local de enormes comícios organizados pelo Partido Nazista para glorificar o futuro do regime. O próprio Horn ouvira Hitler declarar pelo rádio que Nuremberg era “a mais alemã de todas as cidades alemãs” e “a arca do tesouro do Partido Nazista”. Horn sempre achou que Hitler usara a expressão em sentido figurado. Mas, pelo que Hüber estava dizendo, não era bem assim.

Obedecendo às ordens do tenente, o prisioneiro escreveu os nomes de seus pais, depois desenhou um mapa no verso de um questionário do Exército detalhando a localização exata da entrada do bunker subterrâneo numa alameda estreita que, em uma das extremidades, dava para o castelo histórico de Nuremberg e, na outra, para uma praça de pedras de cantaria e construções medievais, entre as quais a antiga residência e o ateliê de Albrecht Dürer. O endereço era Alameda dos Ferreiros, 52.

Naquela noite, depois que Horn devolveu uma pilha de questionários ao seu comandante, pediu uma máquina de escrever emprestada ao suboficial

Felix Rosenthal, seu amigo e colega interrogador nascido na Alemanha, e passou o resto da noite no rancho dos oficiais redigindo um relato detalhado da entrevista que fizera com Fritz Hüber. Tinha todos os motivos para acreditar que, ao chegar ao serviço de inteligência do Exército, seu relatório seria soterrado numa pilha de documentos considerados inúteis ao esforço de guerra, e, se por algum motivo passasse pela cadeia de comando até alcançar o quartel-general de Patton, sabia quão improvável seria que um oficial de operações de combate reconhecesse a recuperação das Joias da Coroa do Sacro Império Romano como um objetivo militar significativo.

Apesar das dúvidas quanto à chance de seu relatório chegar ao topo da cadeia de comando, Horn escreveu dois textos, escolhendo suas palavras com os mesmos cuidado e atenção aos detalhes que empregava nos artigos publicados em importantes revistas de história da arte antes da guerra. Satisfeito com o resultado final, lacrou o relatório junto com o mapa desenhado por Hüber num envelope e endereçou-o ao quartel-general do serviço de inteligência do 3o Exército de Patton, em Paris.

Capítulo 2

Monuments Men

19 de julho de 1945

A GUERRA NA EUROPA TERMINOU menos de três meses depois, em 8 de maio de 1945. Milhares de cidades ficaram em ruínas por causa do poder de um único homem, Adolf Hitler. Enquanto o tempo esquentava e flores silvestres começavam a brotar, o fedor de um sem-número de homens, mulheres e crianças mortos subia dos escombros. Porém muitas das mais horripilantes realidades da máquina assassina nazista estavam apenas começando a vir à luz. Mesmo os veteranos mais endurecidos pelos combates ficaram abismados com as cenas incompreensíveis de desnutrição, doença e massacre puro e simples que viram nos campos de extermínio alemães, onde milhões de judeus e outras pessoas consideradas indesejáveis foram subjugados pela fome, e depois torturados e assassinados pelos nazistas.

Em vez de retornar para casa e voltar a lecionar em Berkeley, e contra a vontade de sua esposa, Horn havia se juntado à campanha para capturar e responsabilizar a liderança do Reich, que trouxera tanto horror e miséria ao mundo. Acompanhado de seu amigo e colega interrogador Felix Rosenthal, saiu da Bélgica com sua unidade, atravessou a França e cruzou o rio Reno em direção ao Campo Freising, na Alemanha, um centro de interrogatórios altamente secreto do 3º Exército americano, localizado numa pequena aldeia rural na periferia de Munique. Nesse meio-tempo, foi promovido e, em vez de interrogar soldados de infantaria alemães subalternos, passou a interrogar nazistas de alto escalão, tarefa para a qual era especialmente adequado.

Os nazistas mais notórios por ele interrogados foram Julius Streicher, o Gauleiter – líder provincial do Partido Nazista em Nuremberg – e editor execrável do *Der Stürmer*, o jornal semanal antisemita do Partido, detido quando fugia da Baviera disfarçado de pintor de paredes, e Ernst Kaltenbrunner, chefe do Estado-Maior de Himmler, dirigente do Escritório Central de Segurança do Reich (o RSHA, na sigla em inglês), responsável pelos campos de extermínio, capturado num chalé isolado nas montanhas fazendo-se passar por um médico austríaco. O jeito instruído e relaxado de Horn era seu trunfo mais valioso. Mas foi sua capacidade incomum de identificar um sotaque específico que lhe valeu um reconhecimento modesto na comunidade

de inteligência. Numa sessão de interrogatório notável, Horn descobriu a verdadeira identidade de um oficial da Gestapo ao localizar a área de Berlim em que o homem havia crescido e frequentado a escola.

Como recompensa pelo ótimo desempenho na função, Horn passou a trabalhar 10 horas por dia no Campo Freising, numa cela sem janelas de um antigo quartel do Exército alemão. A única mordomia do cargo, além do pronto acesso a arquivos confidenciais e relatórios de inteligência, era não ter que dormir num catre nem comer no rancho dos oficiais. Graças a Rosenthal, a quem o general Patton encarregara de encontrar um local adequado para o centro de interrogatórios, Horn e ele estavam residindo na luxuosa casa de três quartos do ex-comandante alemão do quartel, que tinha água quente, sala de jantar, uma cozinha sofisticada e um gabinete revestido de madeira com sua própria biblioteca. Ele e Rosenthal não eram os oficiais de patente mais alta no complexo de Campo Freising, mas haviam chegado primeiro, antes que qualquer outro pudesse reivindicar aquelas acomodações.

Horn encerrara uma entrevista particularmente cansativa na quinta-feira, 19 de julho, quando recebeu ordens de se apresentar no quartel-general do comando das Forças Americanas no Teatro Europeu (USFET, na sigla em inglês), em Frankfurt. Assim que viu o timbre das USFET e o selo oficial do Comandante Supremo Aliado Eisenhower no rodapé das ordens, Rosenthal logo suspeitou de que perderia Horn para uma unidade de inteligência concorrente. Mas nenhum dos dois interrogadores, ambos profundamente envolvidos na compilação de dossiês para uso nos futuros tribunais de crimes de guerra, associou as ordens que Horn recebeu ao relatório que este havia preparado no Campo Namur.

Como Rosenthal mais tarde recordaria, ele e Horn concluíram que outro nazista de alta patente havia sido capturado. “Talvez tenham prendido Bormann”, tentou adivinhar o tenente.

Rosenthal admitiu que seu colega podia estar certo. Martin Bormann, secretário de Hitler e chefe da Chancelaria do Partido, encabeçava a lista de oficiais nazistas desaparecidos, tendo sido objeto de especulações entre os agentes de inteligência do Campo Freising. Ninguém sabia para onde Bormann havia fugido depois de visitar o bunker de Hitler em Berlim no dia do suicídio do Führer. De acordo com Erich Kempa, o chofer de Hitler, na época interrogado por Horn e Rosenthal, Bormann escapara a pé por um túnel do metrô de Berlim com o líder da Juventude Hitlerista. Eles pretendiam encontrar-se com tropas legalistas que os levariam para fora da Alemanha. Muitos agentes da inteligência aliada acreditavam que Bormann tivesse fugido para o Brasil em um submarino ou aderido ao exército de resistência secreto de Himmler, liderado pelo chefe da Gestapo Heinrich Müller, supostamente operando nos Alpes austríacos. Se Bormann tivesse sido de fato capturado,

Horn – um astro em ascensão na comunidade de inteligência – seria a escolha lógica para interrogá-lo no Campo King das USFET, onde o alto-comando nazista capturado vinha sendo mantido.

Eles logo descobririam. Horn prometeu manter Rosenthal informado, obteve a autorização de seu comandante para a viagem e, no início da manhã seguinte, conseguiu uma carona num veículo do Exército que seguiria para Frankfurt pela autoestrada.

Embora Horn gostasse da oportunidade de deixar o complexo de Freising, onde sentia-se um prisioneiro, e visitar uma cidade em que não botava os pés havia 10 anos, a viagem para o norte não foi um descanso agradável da realidade da Alemanha do pós-guerra. Anos antes, o percurso teria sido um passeio de três ou quatro horas por fazendas e pastagens bonitas e bem cuidadas. Mas naquelas circunstâncias a viagem consumiu metade de um dia, com sinais deprimentes da tragédia da guerra por toda parte. O único consolo de Horn foi que seu pai, Karl, um pastor luterano que morrera logo depois que Hitler subiu ao poder, não precisou viver a desolação e o desespero que dominaram o país que ele tanto amara.

Ao longo de toda a estrada esburacada pelas bombas viam-se esqueletos de automóveis, caminhões e tanques sem as esteiras. Mais desconcertantes foram os desfiles de ex-prisioneiros e soldados, e as procissões desamparadas de outros deslocados pelo conflito. Aqueles refugiados da guerra de Hitler faziam parte da maior migração da história humana: russos retornando ao leste, franceses ao oeste, iugoslavos, italianos e austríacos rumando para o sul, além de alemães sem teto vagando em todas as direções. Alguns poucos afortunados viajavam de carro, caminhão, carroça ou bicicleta. Um sem-número de outros seguia a pé, calçando ou não sapatos, levando panelas, caçarolas, garrafas d'água e, ocasionalmente, um bebê nas costas.

A proximidade de Frankfurt não mostrou nenhum ponto de referência familiar, apenas fileiras de chaminés solitárias. Alguns prédios esparsos permaneciam de pé, mas até eles eram estruturas vazias. O cenário dentro da cidade era ainda mais deprimente. O centro medieval de Frankfurt, antes o maior e mais opulento de toda a Alemanha, havia sido arrasado. Com exceção de duas ou três grandes vias públicas, as ruas jaziam soterradas sob escombros. Caminhando penosamente por elas, o mesmo mar de rostos desamparados com olhos encovados visto na autoestrada, só que esses eram mais desesperados porque não tinham nenhum outro lugar para ir. Ou bem já estavam em casa, ou faltavam-lhes a força, os meios ou a sabedoria para prosseguir.

Paradoxalmente, o imenso complexo de prédios nazista que agora abrigava o quartel-general das USFET, no que havia sido o elegante distrito oeste da cidade, estava intocado pela guerra. O edifício de nove andares cor de areia

fora a sede mundial da I. G. Farben, a maior indústria química da Alemanha. Lá, Fritz Termeer, chefe de pesquisas da companhia, desenvolvera o processo para transformar carvão em petróleo e borracha sintética. Fora lá, também, como o serviço de inteligência dos Aliados agora sabia, que ele formulara o Zyklon B, o gás letal que atinge o sistema nervoso usado nos campos de concentração de Himmler. Que aquele prédio tivesse permanecido intacto quando igrejas, bibliotecas, museus e escolas de Frankfurt haviam queimado era um tema de discussão comum aos Aliados e aos alemães. Entre os agentes de inteligência circulavam rumores de que o general Eisenhower ordenara que o complexo da Farben fosse poupado porque o queria como seu quartel-general. Talvez também fosse verdade que os bombardeiros não o tivessem alvejado por causa de uma prisão adjacente, na qual estavam abrigados alguns milhares de soldados das forças aliadas.

Muitos visitantes do prédio ultramoderno achavam a arquitetura inspiradora, com seu espelho d'água e suas áreas ajardinadas. Para Horn, no entanto, tratava-se de uma fortaleza de concreto sem graça, representante de tudo o que mais detestava na arquitetura estéril e utilitária dos nazistas. Mas ele não podia criticar suas qualidades técnicas. Após apresentar suas ordens ao posto de recepção do centro de comando, um policial militar o conduziu por uma rotunda principal até os elevadores, que funcionavam a partir de correias transportadoras, como as de escadas rolantes. Nenhuma porta se abria ou fechava. Os passageiros meramente pegavam a plataforma móvel em um andar e saltavam em outro.

Horn saltou no terceiro andar e seguiu seu acompanhante por um corredor espaçoso e imponente até um conjunto de escritórios. Não foi informado sobre quem seria seu contato até o tenente James Rorimer – estranhamente trajando botas de combate e uniforme de gala – se apresentar e explicar que Horn seria conduzido ao escritório do major Mason Hammond, chefe do Serviço de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos (MFAA, na sigla em inglês).

O tenente Horn ainda não sabia por que havia sido convocado a Frankfurt, mas a menção do nome de Hammond e de seu cargo como supervisor do MFAA forneceu duas pistas importantes. Ele conhecera Hammond em Londres dois anos antes, quando ambos estavam em missão temporária na inteligência britânica. Após um encontro casual nas escadarias do British Museum, descobriram que ambos eram professores universitários na vida civil. Hammond, o mais velho, ocupava uma cátedra de prestígio na Universidade de Harvard, onde lecionava latim e grego e se especializara em história romana. Horn estava iniciando sua carreira em Berkeley, mas seu trabalho com Panofsky em Berlim e a bolsa de dois anos no Instituto Alemão em Florença tinham impressionado Hammond. Eles haviam passado uma

tarde agradável percorrendo os veneráveis salões do British Museum e discutindo as sutilezas da arquitetura das igrejas florentinas. A guerra não fizera parte da conversa até o fim do dia, quando Hammond o convidou para jantar. Na época capitão, ele falara da possível formação do MFAA, a força militar aliada que seria encarregada de proteger monumentos históricos no campo de batalha e recuperar pilhagens nazistas. Hammond acreditava que poderia surgir um momento, após a invasão dos Aliados, em que o MFAA precisaria de alguém com as credenciais acadêmicas e militares de Horn. Aparentemente, o momento havia chegado.

Não bateram continência. O afável Hammond, de 42 anos, recebeu Horn em seu escritório com um aperto de mãos caloroso. Ele havia lembrado a tarde que passaram juntos em Londres e perguntou a Horn sobre o andamento de um artigo que este vinha escrevendo sobre a Basílica de San Miniato, em Florença.

Horn admitiu que levara consigo um rascunho do artigo por dois continentes e sete países, mas que ainda não o havia submetido à avaliação de especialistas. Expressou também sua incerteza sobre uma possível publicação. Como tantas construções na Itália haviam sido destruídas, San Miniato talvez nem existisse mais.

Hammond assegurou ao tenente que a basílica continuava de pé, embora um pouco danificada. Ele percorrera seus claustros seis meses antes numa excursão do MFAA pela cidade. As magníficas pontes de Florença não haviam sobrevivido – todas, exceto uma, tinham sido explodidas pelo Exército alemão em retirada –, mas os monumentos e as igrejas principais da cidade, entre os quais o Duomo, resistiram às ocupações nazista e dos Aliados. Hammond prometeu lhe mostrar fotografias em uma outra ocasião. Queria saber sobre a entrevista de Horn com Ernst Kaltenbrunner, o chefe do Estado-Maior do RSHA de Himmler, e os detalhes de um escândalo que se desenrolava na comunidade de inteligência.

O tenente contou a ele o que sabia. Um dia após ter interrogado Kaltenbrunner para a G-2 do 3º Exército – uma unidade de inteligência que operava no nível de unidade e divisão –, o prisioneiro passou por outro interrogatório com um dos colegas menos habilitados de Horn nas USFET, que falhara na segurança da sala. Kaltenbrunner então pegara uma navalha que havia sido descuidadamente deixada sobre uma mesa e abrira o pulso numa tentativa de suicídio. Diversas outras entrevistas com nazistas de alto escalão haviam terminado de maneira igualmente desafortunada, com destaque para Heinrich Himmler, detido pelos britânicos, que se matou mastigando uma cápsula de cianureto.

Horn assegurou a Hammond que, embora Kaltenbrunner estivesse incapacitado de falar, o chefe do RSHA sobreviveria para ser julgado.

– Foi por isso que fui chamado a Frankfurt? – indagou Horn.

Hammond, cujas habilidades diplomáticas lhe valeram o cargo mais alto no MFAA, mostrou-se evasivo. Explicou que, até recentemente, o MFAA não havia prestado atenção em Kaltenbrunner ou seu superior imediato, Heinrich Himmler. A pilhagem de coleções de arte privadas ou públicas era basicamente de responsabilidade do marechal do ar Göring, do ideólogo Alfred Rosenberg e do subcomandante Martin Bormann. Não se tinha conhecimento de que o Reichsführer Himmler mantivesse um opulento tesouro particular de arte. Ele tampouco participara abertamente dos empréstimos forçados, doações ilegais, vendas coagidas e confiscos diretos que criaram as vastas coleções de seus colegas. A maior parte dos bens encontrados no vagão ferroviário particular de Himmler, capturado em Dürrenberg, na Áustria, e num poço de mina próximo, consistia em livros e papéis que serviriam de base para o Reichsführer um dia escrever suas memórias.

– Esquadrões da morte eram sua ocupação preferida – declarou Horn, ecoando a impressão da equipe de inteligência da unidade G-2 do 3º Exército.

Hammond aceitou o que Horn disse sem comentários, apanhou um arquivo na escrivaninha, entregou-o ao tenente e explicou que Himmler não figurara nas investigações do MFAA até recentemente, quando a atenção do general Patton se voltou para algumas das atividades paralelas do Reichsführer.

Horn abriu o arquivo e ficou satisfeito ao descobrir dentro dele seu relatório do Campo Namur. Seu trabalho minucioso afinal não se perdera numa pilha no quartel-general do serviço de inteligência.

– Encontraram o bunker? – perguntou Horn.

Hammond respondeu que sim, exatamente onde o soldado raso Hüber dissera que ele estaria.

O major descreveu brevemente como o relatório de Horn havia chegado até o general Patton, que, além de ser um combatente aguerrido e consumado, tinha um conhecimento incomparável de história militar. Aparentemente, as obras de arte e os artefatos dos antigos soldados-reis do Sacro Império Romano exerciam um fascínio especial sobre o general.

O chefe do MFAA não sabia muitos detalhes, somente que Patton havia encaminhado o relatório ao general Alexander Patch, do 7º Exército americano. Este o repassou no início de abril ao general “Iron Mike” O’Daniel, cuja 3ª Divisão de Infantaria “Rocha do Marne” encabeçara a invasão de Nuremberg.

Hammond confidenciou a Horn que poucas de suas próprias solicitações ao MFAA receberam uma resposta tão rápida e oportuna como a que teve o relatório que o tenente enviara da Bélgica. Uma unidade de assalto Thunderbird havia penetrado no bunker no aniversário de Hitler, 20 de abril. O capitão John Thompson, oficial de ligação do MFAA em Nuremberg, teve

difficultades em localizar as chaves e o código de acesso a que o soldado Hüber se referira, mas cinco células de armazenamento subterrâneas e a câmara principal acabaram sendo abertas e inventariadas. Hammond, acompanhado pelo tenente Thomas Carr Howe, tinha acabado de retornar de uma inspeção do local.

O que eles haviam achado, declarou Hammond, era incrível. Cada célula de armazenamento era independente, de modo que a temperatura e a umidade do ar pudessem ser individualmente controladas, protegendo o tipo específico de objeto artístico guardado lá dentro. Havia dois conjuntos de caldeiras, unidades de ar-condicionado e desumidificadores, para o caso de um deles dar defeito. As paredes estavam isoladas com camadas alternadas de alcatrão e fibra de vidro, e o chão era de um tipo novo de compensado formado de raspas de madeira dura e gesso. As obras de arte e os artefatos, admitiu ele, estavam mais bem protegidos e eram mais bem cuidados do que se estivessem no British Museum ou no Louvre.

Consultando a pasta aberta em suas mãos, Hammond citou diversas das antiguidades mais importantes. Identificá-las não era um desafio. Além das gravuras de Dürer que o soldado Hüber havia mencionado, lá estava o primeiro relógio de bolso do mundo, criado pelo artífice de Nuremberg no ano de 1500. Outra célula de armazenamento continha o célebre globo terrestre de Martin Behaim, que alguns estudiosos acreditavam ter influenciado as viagens de Colombo e Fernão de Magalhães. Uma terceira célula abrigava o *Codex Manesse*, um cancionero dos notáveis Mestres Cantores de Nuremberg e dos manuscritos medievais mais valiosos existentes. Horn e seu orientador, Erwin Panofsky, haviam examinado pessoalmente o manuscrito na Universidade de Heidelberg.

Hammond observou que a maioria dos objetos abrigados no bunker pertencia a museus e igrejas alemães e a coleções da cidade. Não eram obras pilhadas pelos nazistas nas nações ocupadas. Havia, porém, diversas exceções notáveis. Uma das células de armazenamento era exclusivamente dedicada a um altar, entalhado pelo renomado escultor Veit Stoss no século XV, que a SS de Himmler removera da Basílica da Virgem Maria de Cracóvia, na Polônia. O arcabouço pesado que suportava o altar continuava desaparecido, mas seus painéis e suas imagens douradas, de valor inestimável, estavam intactos.

Como acontecia com o códice que estudara em Heidelberg, Horn estava intimamente familiarizado com a obra-prima gótica de Veit Stoss. Medindo 15 metros de altura por 10 de largura, havia sido entalhada no início da carreira do mestre escultor, quando ele vivia no que seria hoje a Polônia, na época parte do Sacro Império Romano.

Horn fez a primeira de diversas observações: cada objeto mencionado por Hammond tinha alguma relação com o passado remoto mais ilustre da

Alemanha. O bunker da Alameda dos Ferreiros era nada menos do que a sala do tesouro histórico do Terceiro Reich. Foi isso que levou Horn a ir em frente e perguntar sobre os artefatos mais valiosos, as relíquias sagradas que, segundo o soldado Hüber, estariam guardadas na câmara lacrada.

Aquela coleção também havia sido achada. Segundo o catálogo, era composta de 17 caixotes, todos contendo as Joias da Coroa do Sacro Império Romano. Hitler as removera do tesouro real do Kunsthistorisches Museum, no Palácio Hofburg de Viena, para exibi-las em Nuremberg, e supostamente ordenara que fossem escondidas no bunker da Alameda dos Ferreiros depois que os bombardeiros dos Aliados começaram a atingir a cidade.

– A coleção está intacta?

– Esse é o problema – respondeu Hammond. – Dois dos 17 caixotes estão vazios e um desapareceu da câmara.

Hammond mostrou a Horn um inventário datilografado. Entre os 31 itens ainda presentes estavam os paramentos do rei, diversos objetos cerimoniais reais e uma coleção preciosa de relíquias ecumênicas que pertenceram aos imperadores do Sacro Império Romano. Entre os itens mais valiosos da câmara subterrânea estava a Lança Sagrada. Mas faltavam cinco dos tesouros mais importantes: a coroa imperial, o orbe, o cetro e duas espadas.

– Tem certeza de que não foram colocados no lugar errado ou escondidos em outra parte do bunker? – perguntou Horn.

Hammond tinha certeza absoluta. Ele havia ordenado que um arquivista e um curador do Museu Germânico de Nuremberg investigassem o sumiço.

O major entregou a Horn uma carta timbrada com a insígnia do museu. Ao pé da página estava a assinatura do Dr. Ernst Günter Troche.

A visão do nome de Troche foi uma surpresa agradável para Horn. Eles haviam estudado juntos sob a supervisão de Panofsky e, em certa época, dividiram um quarto em Berlim. Dificilmente Hammond poderia ter encontrado um historiador de arte alemão mais competente para examinar o bunker.

O tenente revelou isso a Hammond e expressou seu alívio pelo fato de Troche, que não fugira da Alemanha como Horn, ter sobrevivido à guerra e estar agora no Museu Germânico de Nuremberg.

Hammond se mostrou satisfeito ao ouvir aquelas palavras, já que Horn seria liberado de suas tarefas no Campo Freising e viria para Nuremberg a fim de investigar o desaparecimento dos cinco artefatos. O tenente precisaria de toda a ajuda que conseguisse obter. O capitão Thompson, oficial de ligação do MFAA na cidade, estava tendo dificuldades. Não falava uma palavra de alemão nem tinha muitos conhecimentos de arte e antiguidades. Além disso, Hammond não confiava totalmente em Thompson ou em sua equipe. Ele recebera várias denúncias de Evelyn Tucker e Edith Standen, oficiais de campo

do MFAA na Baviera, de que a segurança era precária em muitas instalações dos Aliados onde obras de arte pilhadas vinham sendo mantidas.

– Você acredita que os nossos próprios homens estejam envolvidos no desaparecimento dos tesouros? – perguntou Horn.

Hammond não sabia em que acreditar, mas admitiu que isso era possível, pois as joias da coroa imperial valiam uma fortuna. Se as denúncias de Evelyn e Edith eram exatas, milhões de dólares em pinturas, joias, tapetes e artefatos haviam desaparecido no mercado negro após a ocupação dos Aliados.

Horn tremeu ao pensar nos tesouros inestimáveis tendo suas pedras preciosas arrancadas ou, ainda pior, num cetro de 500 anos sendo derretido por ser feito de metais valiosos. Mas tais crimes não eram inéditos. O mercado negro prosperava na Alemanha ocupada. As pessoas estavam lutando para sobreviver, e oficiais e soldados rasos americanos não hesitavam em fazer vista grossa em troca de uma parcela dos lucros. Num relatório da unidade de inteligência G-2 que Horn lera, uma coleção valiosíssima de obras de arte e manuscritos medievais havia desaparecido de um mosteiro austríaco, indo parar nas mãos de um alto oficial do Exército americano. Outro oficial dos Estados Unidos tinha sido flagrado enviando a prataria e a pistola folheada a ouro de Hitler para a casa dos pais no Brooklyn, em Nova York.

– Alguma pista? – perguntou Horn.

O major respondeu que só havia rumores. O Dr. Troche e o capitão Thompson estavam convencidos de que os próprios nazistas removeram ou roubaram os cinco itens, antes que o Exército americano tomasse posse da instalação. Estavam correndo atrás de pistas, mas não haviam progredido muito.

Hammond caminhou até a janela de sua sala e convidou o tenente para se juntar a ele. De onde estavam, podiam ver o pátio embaixo, diante do escritório do general Eisenhower. Ali, no meio do espelho d'água, estava a famosa estátua de uma ninfa das águas, do escultor Fritz Klimsch. Em outro cenário, essa obra-prima art déco criaria uma cena pastoral, mas a arquitetura nazista, a nuvem de poeira bege onipresente subindo das ruínas e as fileiras de chaminés nos prédios sem telhados mais além atrapalhavam.

Hammond lembrou a Horn o que este mencionara no relatório enviado da Bélgica: as Joias da Coroa eram o tesouro mais valioso da Europa. Por essa razão, Patton queria assegurar que os itens desaparecidos, onde quer que estivessem, quem quer que os tivesse levado, fossem recuperados e devolvidos à coleção. Segundo Hammond, Eisenhower também queria ver a questão resolvida o mais rápido possível e o autorizara a designar Horn para uma unidade investigativa especial do MFAA, a qual, por enquanto, não contaria com mais ninguém a não ser o tenente.

Cumprindo ordens, o major entregou a Horn vouchers de viagem, cupons

alimentícios, credenciais do MFAA e uma autorização para usar um jipe e um motorista da frota das USFET. Como as ordens anteriores que Horn recebeu, aquelas tinham sido enviadas pelo escritório do Comandante Supremo Aliado, mas dessa vez não vieram seladas. Levavam a assinatura de Eisenhower em sua própria letra clara e fluente.

Horn sentiu-se lisonjeado e satisfeito. Ali estava sua chance de combinar as habilidades de interrogador com seus conhecimentos de história da arte. E como o mais novo membro da equipe do MFAA, estaria em muito boa companhia. James Rorimer, o principal auxiliar de Hammond na Baviera, tinha sido curador do Metropolitan Museum de Nova York. Charles Parkhurst, auxiliar do MFAA, estava licenciado da National Gallery, de Washington, e Harry Grier trabalhara na Frick Collection, de Nova York. Horn já conhecia o oficial de campo do MFAA, Thomas Carr Howe, que tinha sido diretor do museu do Palácio da Legião de Honra de São Francisco antes de a guerra começar. Talvez o mais importante e influente historiador de arte na Califórnia, Howe ajudara Horn a obter o cargo de professor em Berkeley.

Hammond reconheceu que praticamente todos os principais homens de sua equipe eram curadores e diretores de museus especialistas em belas-artes. No entanto, eles não tinham a experiência de Horn nos regulamentos, procedimentos ou interesses militares estratégicos. Também lhes faltava a perspectiva singular que Horn tinha da Alemanha e da arte daquele país. Por isso o major estava entregando o caso ao tenente, e não a um dos oficiais mais graduados. A investigação das Joias da Coroa constituía uma questão delicada, que precisava ser tratada com muita cautela.

O major não falou diretamente, mas o que ele queria dizer ficou claro: precisava de Horn porque o tenente era alemão, conhecia a história daquele país e, ao mesmo tempo, não era nazista. Horn havia provado sua fidelidade à nação que o adotara e dispunha das credenciais de segurança apropriadas. Assim como Hammond, era um acadêmico e não possuía nenhum viés pessoal ou profissional explícito que afetasse os rumos da investigação. Em outras palavras, Horn não estava procurando reforçar uma coleção de museu específica da Europa ou dos Estados Unidos. Entretanto, para Hammond, isso não era totalmente verdade em relação aos outros membros de sua equipe ou ao alto-comando das USFET.

O mais importante era que Horn entendia perfeitamente o que estava em jogo.

O tenente integraria um grupo de elite relativamente pequeno de oficiais do MFAA que iriam supervisionar a maior transferência de arte pública e privada já ocorrida na história mundial. Assim como os pais procuravam seus filhos perdidos por toda a Europa, as vítimas dos saques nazistas – fossem indivíduos, museus, comunidades étnicas ou religiosas ou até países inteiros –

estavam em busca de seus tesouros pilhados. Caberia aos Monuments Men de Hammond achá-los e devolvê-los. Nunca antes os vencedores de uma guerra haviam assumido tamanha responsabilidade.

Grandes acervos de arte saqueada já estavam aparecendo em castelos, armazéns, bunkers, depósitos ferroviários e poços de minas alemães, mais do que qualquer um esperava ou do que o público vinha sendo informado. Ao norte de Nuremberg, na mina de sal de Merkers, e numa mina próxima de Heilbronn, soldados haviam deparado com coleções de arte inestimáveis que incluíam pinturas de Da Vinci e esculturas de Michelangelo, além de 300 toneladas de barras de ouro roubadas e milhões de marcos do Reich e dólares americanos. A própria coleção particular do Führer, destinada a um “supermuseu” que ele pretendia construir em sua cidade natal Linz, na Áustria, foi descoberta numa mina de sal na aldeia de Altaussee, nos Alpes austríacos. Grande parte da vasta coleção de arte de Hermann Göring, furtada da família Rothschild em Paris, foi encontrada num vagão ferroviário em Berchtesgaden, na Baviera, onde Hitler e outros altos oficiais nazistas tinham casas. Essas obras de arte pilhadas – que totalizavam milhares de obras-primas, superando as coleções do Metropolitan Museum of Art, de Nova York, do British Museum, de Londres, e do Louvre, de Paris, juntas – logo estariam a caminho das nações de onde os nazistas as haviam roubado.

A missão do MFAA era encontrar e proteger a herança cultural das nações aliadas, mas ele também estava encarregado de preservar o legado cultural da Alemanha. Os vencidos deveriam ser protegidos. Isso não significava que os criminosos nazistas não seriam levados a julgamento ou que não se buscassem reparações. Pelo contrário, a princípio os Aliados reconheciam que, para a Alemanha se erguer das ruínas, não apenas precisaria de ajuda econômica, mas seu patrimônio cultural deveria ser preservado para as futuras gerações. O MFAA era o veículo para esse objetivo ser cumprido.

Entretanto, como Horn constatara em seu trabalho de compilação de dossiês para os tribunais de guerra iminentes, proteger e preservar o patrimônio cultural da Alemanha era um tema politicamente carregado no quartel-general das USFET. Ainda não se definira como seriam as reparações de guerra. Os curadores do Louvre queriam obras de arte alemãs como pagamento parcial pelos objetos artísticos que os nazistas haviam perdido ou destruído. De forma semelhante, os soviéticos, e também muitos comandantes aliados, acreditavam ser justo e razoável que a Alemanha saldasse a dívida de guerra de todas as maneiras possíveis, inclusive entregando parte de seu patrimônio cultural. Além disso, diversas complicações surgiam das alianças que o governo nazista alemão fizera com a Itália e a Áustria – duas nações que haviam fornecido homens e armas ao esforço de guerra do Terceiro Reich. Muitos comandantes americanos e britânicos compartilhavam o ponto de vista

francês, belga e soviético de que os parceiros bélicos de Hitler não mereciam o mesmo nível de repatriação de obras de arte e outros ativos.

Naquele debate constante e volátil, sem regras claramente definidas, a câmara subterrânea da Alameda dos Ferreiros constituía uma caixa de Pandora.

Do ponto de vista histórico, as Joias da Coroa não pertenciam a nenhuma nação individualmente, mas a um império que, assim como o Terceiro Reich, havia desmoronado e desaparecido. Elas eram símbolos valiosos do conceito elaborado na Idade Média de governo mundial, que começou com a coroação de Carlos Magno no século VIII e terminou mais de mil anos depois, no início do XIX, quando o imperador Francisco II abdicou do trono após ser militarmente derrotado por Napoleão Bonaparte. No início do período medieval, as Joias da Coroa eram propriedade particular do imperador. Ele as levava consigo de uma cidade para outra através de um império que, no século XII, seu auge, compreendia toda a Europa Ocidental moderna. Em 1424, o imperador Sigismundo rompeu com a tradição ao dar a coleção de presente para a cidade imperial de Nuremberg, onde, por decreto real, deveria ficar protegida por toda a eternidade. As relíquias sagradas poderiam perfeitamente ter permanecido lá se os dirigentes da cidade não as tivessem transferido para um esconderijo em Viena, em 1796, para que não caíssem nas mãos de Napoleão, que estava saqueando a Renânia na tentativa de obter o domínio mundial. Agora que Hitler levava as Joias da Coroa de volta para a Alemanha, seu lar tradicional, ninguém sabia o que os Aliados conquistadores decidiriam fazer com elas.

Horn não interrogou Hammond para esclarecer precisamente qual era o interesse dos generais Patton e Eisenhower na recuperação dos artefatos da câmara de Nuremberg e se suas prioridades eram ou não as mesmas. Entre os Aliados também existiam rivalidades, como haviam existido entre os nazistas. Horn estava simplesmente exultante por saber que dois dos mais altos oficiais do comando aliado levaram a sério sua preocupação com a segurança das Joias da Coroa. Sentia-se honrado por Hammond lhe confiar uma tarefa que, conforme ele próprio admitiu, estava além das capacidades de seus mais ilustres Monuments Men.

Só havia um impasse. Desde a mobilização de Horn através do Reno, ele não desfrutara nenhuma licença. Tinha direito a uma semana de folga, que pretendia passar procurando a mãe, que não vira nos últimos sete anos.

A última notícia que recebera foi por meio de um amigo da família em Berlim. Na véspera da invasão da Alemanha pelos Aliados, a mãe havia ido visitar a meia-irmã de Horn em Jena, a sudoeste de Leipzig, e não conseguiu mais retornar à casa da família em Heidelberg. Ocupada pelos soviéticos, Jena não era o lugar ideal para duas mulheres alemãs desacompanhadas, ainda mais

em se tratando de uma viúva de 69 anos e uma professora de meia-idade solteira. Ainda que seu irmão Rudolf tivesse escapado de ir para um campo de prisioneiros de guerra, dificilmente ele ou sua irmã Elsbeth teriam condições de levar a mãe e a meia-irmã para Heidelberg, ocupada pelos americanos, ou mesmo de protegê-las dos indisciplinados soldados do Exército Vermelho e dos bandos itinerantes de prisioneiros poloneses libertados de campos de concentração na zona soviética.

Horn não entrou em detalhes, mas contou a Hammond que estava apreensivo com a família, dividida entre duas zonas de ocupação.

– Claro que estou preocupado com o bem-estar delas e gostaria da sua permissão para ir ver como estão, antes de começar a missão em Nuremberg.

Hammond mostrou-se compreensivo. Embora distante, em Cambridge, ele também tinha família – esposa e três filhas jovens. Garantiu ao tenente que, uma vez cumprida a missão, haveria tempo de sobra para se reunir com seus familiares. Horn tinha apenas três semanas para localizar as Joias da Coroa antes que as discussões de repatriação comesçassem em Munique. Depois disso, toda a questão estaria fora do controle de Hammond.

O entusiasmo de Horn diante da perspectiva de servir ao MFAA diminuiu. Um prazo de 21 dias para encontrar tesouros perdidos na Alemanha dilacerada pela guerra, mesmo com a ajuda do curador Günter Troche, era uma receita para o fracasso. Levava mais tempo esboçando o interior da cúpula da Basílica de San Miniato.

– Três semanas? – perguntou Horn, incrédulo.

Hammond insistiu em que ele concluísse a investigação no tempo estipulado. Patton e Eisenhower queriam evitar o que potencialmente poderia se tornar uma situação muito constrangedora para o governo de ocupação americano em Nuremberg. O embaixador polonês já havia submetido uma petição para que o altar de Veit Stoss fosse devolvido a Cracóvia, e os austríacos estavam pedindo que a coleção do Sacro Império Romano fosse restituída a seu país. As USFET precisavam descobrir o que acontecera na câmara subterrânea de Nuremberg. Se alguns dos tesouros viessem a surgir no mercado negro, por envolvimento de qualquer soldado americano, a credibilidade do MFAA e, num sentido mais amplo, aquilo que o governo de ocupação vinha tentando fazer na Alemanha poderiam ser solapados.

O major apresentou a Horn outra razão igualmente urgente. Os tesouros do Sacro Império Romano, como eles dois sabiam perfeitamente, eram símbolos da monarquia mundial. Essa era a razão pela qual Napoleão os havia cobiçado séculos antes e, com certeza, também por que Hitler exigiu que fossem levados para a Alemanha. Hammond afirmou que a remoção da coroa, do cetro, do orbe e das espadas imperiais do bunker da Alameda dos Ferreiros podia fazer parte de algum plano de resistência neonazista para atrapalhar e

enfraquecer a ocupação dos Aliados. Nesse caso, os iminentes tribunais de crimes de guerra de Nuremberg seriam a base de operações óbvia e mais visível. Jornalistas de todas as nações chegariam ao Palácio da Justiça de Nuremberg no fim do mês seguinte e os olhos do mundo inteiro seriam atraídos para lá.

– Acredita que as Joias da Coroa possam ser usadas como um ponto de convergência para atividades neonazistas?

Hammond repetiu o que dissera antes: ele não sabia. O homem do MFAA em Nuremberg, capitão Thompson, enfrentava dificuldades. Ou isso ou então ele era de algum modo cúmplice do roubo na câmara subterrânea.

Horn mostrou-se surpreso com o fato de que o Corpo de Contrainteligência (CIC) não estivesse investigando o roubo. Como ele e o major sabiam perfeitamente, seria natural que o CIC – o componente da unidade de inteligência militar G-2 normalmente encarregado das investigações importantes de suspeitas de sedição, espionagem e resistência à ocupação – quisesse se envolver. Com agentes secretos e sua própria rede de coleta de informações, o CIC – apoiado pela Divisão de Investigação Criminal, ou CID – também estava mais bem equipado para lançar operações de campo do que o MFAA ou a própria unidade de inteligência G-2 do 3º Exército de Horn.

Hammond admitiu que a investigação poderia atrair o interesse do CIC, da CID, da G-2 e mesmo do FBI. Mas, nas três semanas seguintes, o caso pertenceria ao MFAA, e ele pretendia que permanecesse assim. Eisenhower e Patton esperavam que os itens desaparecidos do bunker fossem devolvidos antes que o chefe do RSHA, Kaltenbrunner, ou seu capanga, Julius Streicher, fossem submetidos a julgamento em Nuremberg. Tais eram as ordens que o major recebera.

Hammond fornecera duas razões urgentes para o tenente começar a missão sem demora. Horn acrescentou uma terceira.

Além de quaisquer pressões políticas, o tenente sabia, com base em suas investigações de crimes de guerra, que as pistas tendiam a enfraquecer rapidamente na Alemanha ocupada, onde reinava uma amnésia quase universal sobre as atividades nazistas anteriores. Ele também sabia, baseado na experiência de sua mãe e de sua meia-irmã que não puderam mais se deslocar por causa do conflito, que estava correndo não apenas contra o tempo, mas também contra as fronteiras em constante mudança da Alemanha do pós-guerra. De Berlim a Munique, os vencedores vinham redesenhando grosseiramente o mapa da Alemanha, dividindo a nação em feudos. Em questão de dias ou meses, as informações coletadas pelos franceses a oeste, os soviéticos a leste e os britânicos ao norte e ao sul não estariam mais necessariamente disponíveis aos americanos no centro. Nem talvez os espólios

de guerra.

Horn prometeu começar imediatamente. Precisava apenas retornar ao Campo Freising para apanhar seus pertences.

Com outro aperto de mão, Hammond se despediu dele e lhe entregou um fichário grosso de informes militares sobre a invasão de Nuremberg. Disse ainda que o tenente acharia o relato do capitão Paul Peterson especialmente interessante e que John Thompson o atualizaria sobre o restante.

O major tinha apenas mais uma informação a acrescentar. Como Horn falaria naquela noite com Felix Rosenthal, Hammond lhe avisou que não deveria contar com ninguém em Nuremberg, além de seu amigo Günter Troche, para ajudá-lo na investigação. “Nem tudo é como deveria ser no quartel-general da ocupação em Nuremberg”, concluiu Hammond.

Capítulo 3

Os rapazes do Campo Ritchie

19 de julho de 1945

DEPOIS DAQUELA ÚLTIMA observação enigmática, o tenente Horn deixou o escritório de Hammond e, com o fichário embaixo do braço, foi até a garagem da frota encontrar seu motorista. Ao contrário do jipe surrado que dirigia, o soldado John Dollar, de apenas 18 anos e natural de Nova York, ainda não havia entrado em combate, mas mostrou-se exímio ao volante e afirmou que era o único chofer das USFET capaz de manter na estrada aquele veículo propenso a acidentes. Segundo os relatos, o jipe colidira de frente com uma vaca em Pádua, um muro em Reims e um avião de caça abatido em Mannheim.

A promessa de uma refeição caseira, um banho quente e uma noite no antigo quarto de hóspedes de um comandante nazista foi o incentivo de que Dollar precisava para reduzir em cerca de meia hora o trajeto de Frankfurt a Freising. Chegaram no início da noite, a tempo de Horn notificar o comandante de suas novas ordens das USFET, apanhar sua correspondência – uma única carta enviada pela esposa – e jantar com Rosenthal, uma refeição regada a vinho e seguida da partida de xadrez noturna. Enquanto o amigo ocupava-se na cozinha, Horn embalou as coisas que levaria para Nuremberg no dia seguinte. Além dos objetos de toalete, várias mudas de roupa e seus livros – ele nunca ia a lugar nenhum sem seu exemplar de *História da arte*, de Panofsky –, Horn encheu uma mala com itens especiais que os dois oficiais haviam reunido na Inglaterra, na Bélgica e na França nos últimos dois anos. A maior parte, porém, foi obtida quando passaram a ocupar aquela casa, apropriando-se dos objetos escondidos no sótão pelo antigo morador nazista. Além de um álbum de fotografias de Marlene Dietrich e uma motocicleta DKW guardada na garagem, que ele e Felix haviam comprado de um fazendeiro em Remagen, os objetos em seu armário eram os bens mais valiosos que possuíam.

Daquele estoque, Horn selecionou maços de cigarros, caixas de chocolates, meias de náilon, carne enlatada e duas caixas de bebidas alcoólicas – os únicos itens, além dos dólares americanos, que realmente importavam na Alemanha ocupada, onde um cigarro valia o preço de um bilhete de trem e um par de

meias de náilon podia ser trocado por praticamente qualquer coisa, desde relíquias de família até uma noitada em Munique.

Depois que Horn encheu a maleta, o soldado Dollar o ajudou a levá-la até o jipe. Enquanto a colocavam na traseira do veículo, Horn definiu as normas básicas a serem cumpridas pelo motorista nas três semanas seguintes. Esse era um discurso que já fizera várias vezes antes ao partir em missões de campo, e todos que trabalhavam diretamente com ele haviam ouvido ao menos uma versão.

O tenente não seria rigoroso em relação à maioria das regras das USFET, como, por exemplo, as que definiam o relacionamento com civis e proibiam rigorosamente que os militares americanos conversassem com cidadãos alemães. Horn não podia desempenhar sua tarefa sem interagir com o público e não iria impor ao motorista, ou a qualquer um com quem trabalhasse, regras que ele próprio não seguiria. Nas semanas seguintes, Horn encorajaria Dollar a se misturar com os civis que encontrasse. Em Nuremberg, como em outros lugares, seria uma vantagem contar com outro par de olhos e ouvidos prestando atenção.

Só havia uma ressalva, acrescentou Horn. Dollar não deveria se mostrar arrogante com os alemães que encontrasse. Em particular e em público, deveria respeitar todos com quem entrasse em contato. Por respeito, o tenente queria dizer simplesmente que o soldado não deveria julgar as pessoas por sua procedência, suas roupas e seu idioma. Como Horn diria a muitos colegas do serviço de inteligência ao longo dos anos, não estava inventando desculpas para o que os nazistas fizeram. “Você simplesmente não pode julgar alguém até se colocar no lugar do outro.”

O próprio Horn, durante sua infância e adolescência passadas em Heidelberg, recebera muitos sermões semelhantes de seu pai. Por mais rigoroso que o pastor luterano às vezes pudesse ser, havia instilado no filho um respeito profundo por seus semelhantes. “Você não precisa gostar de todos que conhecer, mas tem que aprender a tolerá-los”, dizia seu pai.

Havia várias outras questões de conduta que Horn considerava impróprias a um soldado, entre elas a embriaguez em público, o comportamento desleixado e a caça de suvenires nazistas. Entretanto, assim como a exceção que fazia ao relacionamento social, existiam ocasiões em que as regras podiam ser ignoradas. Trocar o conteúdo de sua maleta por serviços prestados – algo tecnicamente ilegal, de acordo com o regulamento do Exército – era outro exemplo. Bens prontamente disponíveis em troca de informações poderiam perfeitamente fazer a diferença entre o sucesso ou o fracasso de sua investigação.

Dollar foi aconselhado a usar o bom senso e aceitar as consequências. Outra recomendação expressa era que não perdesse a maleta de vista. Se

tivesse de carregá-la consigo, era isso que o tenente esperava que fizesse para que ela estivesse à mão em caso de necessidade.

– Cuide de mim, que eu cuidarei de você – foi a última coisa que Horn lhe disse.

O tenente não se alongou esclarecendo as normas porque, como Dollar inevitavelmente descobriria, ele próprio não sabia o que fariam nas três semanas seguintes. Sua única certeza era que o motorista não o levaria simplesmente de uma base do Exército para outra. Os dois iriam se misturar a civis e militares, a fim de desvendar quaisquer pistas que encontrassem. E as entrevistas que Horn faria provavelmente não transcorreriam na segurança de uma cela trancada, com um policial armado à disposição para manter o suspeito na linha. Se, como Hammond supôs, um movimento de resistência estivesse por trás do desaparecimento das Joias da Coroa do bunker de Nuremberg, não era possível saber quem ou o que eles poderiam encontrar.

Nada mais precisava ser dito. Ele e Dollar estavam de acordo e, nas semanas seguintes, viriam a desenvolver uma relação tranquila. Horn costumava chamar seu motorista de “garoto” porque o soldado ainda era muito jovem, tinha espinhas no rosto e não concluía o ensino médio. Dollar, por sua vez, chamava Horn de “professor” porque o tenente nunca deixava de lhe transmitir ensinamentos relacionados a arte, arquitetura e sobre como era compensador ter uma formação universitária.

No jantar, Rosenthal serviu-lhes frango com batatas assadas, colhidas de sua própria horta, acompanhados de uma garrafa de Bordeaux da adega do antigo comandante. Depois, Dollar lavou a louça, Horn leu sua correspondência e Rosenthal abriu outra garrafa de vinho, pôs seu disco favorito de Josephine Baker na vitrola e armou o tabuleiro de xadrez.

Como sempre, a partida se estendeu até tarde. Horn e Rosenthal jogavam bem e num nível equilibrado, mas não era por isso que as partidas varavam a madrugada. O jogo era uma desculpa para conversarem e beberem e, indiretamente, tentarem provar sua superioridade intelectual. A rivalidade entre eles surgira no Campo Ritchie, em Maryland, onde haviam treinado juntos. Por terem nascido na Alemanha e serem altamente instruídos, era natural que criassem um forte vínculo. Mas cada um acreditava ser o melhor interrogador, bem como um mestre do xadrez, e aproveitava cada oportunidade para provar isso ao outro.

Aquela foi uma das noites em que passaram mais tempo conversando do que jogando xadrez. Discutiram sobre a carta da mulher de Horn, além dos detalhes daquela nova missão nas USFET, da qual Rosenthal ficou, como admitiria posteriormente, “morrendo de inveja”.

O carimbo postal de Illinois era o sinal de que a correspondência não trazia boas notícias. Embora morassem em Lake Forest, na Califórnia, Anne

sempre visitava os pais e o irmão quando o casal passava por dificuldades conjugais. Agora que a guerra havia terminado e Horn optara por se realistar em vez de voltar para casa, as cartas de sua esposa eram ainda mais curtas e continham cada vez mais ameaças veladas de que ela o deixaria.

– Não posso culpá-la – dissera Horn a Rosenthal. – Dois anos e três meses afastados é um tempo muito longo para retomar um casamento que nunca chegou a deslanchar.

Rosenthal já conhecia os detalhes do relacionamento do amigo. Também estava a par dos desafios pessoais e profissionais que Horn enfrentara ao chegar a Nova York praticamente sem um tostão e sabia de sua luta para conquistar um cargo de professor em Berkeley.

A ex-campeã do concurso de beleza de Lake Forest que se tornou a Sra. Horn tinha as curvas da *pin-up* Betty Grable e o fascínio provocador de Rita Hayworth. As fotos ousadas dela que Horn levava consigo eram a prova de que ele não exagerava ao se referir a seus atributos. Havia se casado por impulso, quando ela ainda era uma estudante universitária de belas-artes de apenas 20 anos e ele, seu professor de história da arte, de 32. Nos seis primeiros meses, desfrutaram um romance tórrido. Faziam amor em qualquer lugar – no banco traseiro de carros, no seu escritório em Berkeley, na praia de Point Richmond e nos campings que frequentavam na região das High Sierras. Depois a relação esfriou. Ela o achava distante e intelectual demais, isolado em seus próprios pensamentos, sem compartilhar nada com ela.

Anne tinha razão. Walter raramente contava a ela o que realmente sentia pela simples razão de que, afora o sexo, nada tinham em comum. Seu conceito de romance ardente era desafiar os pais indo para Berkeley e namorar um homem mais velho – um alemão, ainda por cima. Walter – cuja amante anterior fora uma beldade judia casada com um nazista do alto escalão – fugira de seu país perseguido pela SS, deixando para trás tudo o que não conseguiu enfiar numa única mala. O início da guerra e em seguida o pós-guerra apenas acentuaram as diferenças entre os dois.

Walter sentiu-se obrigado a participar do esforço do pós-guerra, não apenas para cuidar da segurança de sua família, mas porque sua terra natal e a nação à qual ele agora jurava fidelidade precisavam dele. Para Anne, o marido se afastava daquilo que ela considerava mais importante: formar uma família e construir um lar para eles, de preferência em Lake Forest. Ela não tinha o menor interesse em onde Martin Bormann, o secretário de Hitler, poderia estar escondido, tampouco entendeu como o marido se sentiu quando recebeu a notícia de que os nazistas haviam ordenado a demolição de uma antiga ponte de pedras que os estudantes da Universidade de Heidelberg costumavam usar para ir à faculdade.

Agora ela queria o divórcio. Foi o que mencionou na carta, escrita no

gabinete do pai em sua caligrafia fina, quase microscópica. Queria que o marido voltasse para casa. Se ele não pudesse atender a seu desejo, não estava disposta a esperar, e havia contratado um advogado para preparar a papelada. Ele poderia ficar com a casa de praia em Point Richmond, com vista para a baía de São Francisco. A propriedade, modesta, pertencia mais a ele do que a ela, porque Horn a comprara antes do casamento. Além disso, Anne sabia que ele adorava aquela casa mais do que quase tudo na face da Terra – aparentemente, até ela.

Horn confidenciou a Rosenthal que não tentaria convencê-la a mudar de ideia. Seria melhor para ambos. Não tinham filhos e, com exceção da casa, não possuíam outros bens além dos livros dele e dos materiais de arte dela. Anne era jovem, brilhante e muito atraente. Logo arranjaría outros pretendentes, se é que isso já não tinha acontecido. E surgiria outra mulher para ele. Sempre tinha sido assim desde a adolescência – foram tantas que ele havia perdido a conta. Mas, mesmo assim, ele teria preferido encerrar o relacionamento pessoalmente. Já acumulara amores não correspondidos e sonhos frustrados suficientes para a vida inteira. No amor, como na guerra, nada parecia ocorrer conforme o planejado.

Rosenthal, que ouvira grande parte da história antes, aceitou a notícia com serenidade e insistiu em que seu colega fizesse o mesmo.

Horn, sondando o terreno, sugeriu que poderia se unir a ele em Munique quando terminasse seu período de serviço militar. Agora que seu casamento estava no fim, permanecer na Alemanha era uma possibilidade. Rosenthal, que estava cogitando permanecer em Munique, poderia se beneficiar de sua ajuda e de sua companhia.

Ao contrário dos familiares de Horn, que permaneciam na Alemanha, os pais e os irmãos de Rosenthal – judeus de Munique – haviam fugido do país quando Hitler subiu ao poder. Desfizeram-se de sua livraria-antiquário e se estabeleceram na Itália antes de se mudarem para a França, a Inglaterra e, por fim, Berkeley. Os amigos que haviam permanecido em sua cidade natal não tiveram a mesma sorte. Foram despachados para Dachau e nunca mais se ouviu falar deles.

A antiga casa da família Rosenthal em Munique, vendida para outra família alemã, milagrosamente escapara aos bombardeios. Agora estava vazia, em uma área de prédios destruídos em frente a um parque público onde Hitler originalmente organizara comícios para obter apoio ao recém-criado Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. O sonho de Felix, depois de cumprido o serviço militar, era restaurar a residência e reabrir a livraria. Manuscritos preciosos com capas de couro poderiam ser comprados ao preço de um único tablete de margarina, e bibliotecas inteiras de livros raros poderiam ser adquiridas em troca dos demais objetos que eles haviam

trancado no armário do corredor. Além disso, assim como Horn, sentia ter a responsabilidade, como cidadão alemão, de ajudar a reconstruir a nação destruída.

Naquela noite, eles não tomaram nenhuma decisão sobre abrir um negócio juntos ou permanecer no país após o serviço militar. Horn poderia decidir retornar a Berkeley, e Rosenthal, após refletir a respeito das dificuldades da vida numa cidade onde as propriedades dos judeus haviam sido leiloadas por qualquer preço, poderia decidir se juntar ao amigo.

Não conversaram mais sobre a vida civil após a guerra. Com a partida de xadrez em andamento e Rosenthal, como sempre, partindo para o ataque, a discussão se voltou para a missão do tenente em Nuremberg. Como parecia improvável a Horn que membros da tropa de ocupação americana tivessem furtado um tesouro tão valioso e difícil de vender no mercado negro como as Joias da Coroa, ele se concentrou na alternativa lógica. Perguntou o que Rosenthal sabia do suposto movimento de resistência liderado pelos neonazistas e o que achava da possibilidade de agentes secretos terem levado as relíquias.

Rosenthal lera os mesmos relatórios da inteligência que Horn, mas tinha uma vantagem em relação ao colega. Além dos interrogatórios da unidade G-2 que haviam conduzido em Freising, Rosenthal fizera trabalhos extras para o Corpo de Contrainteligência, traduzindo conversas entre prisioneiros alemães que tinham sido secretamente gravadas em fita magnética – uma invenção que os próprios alemães haviam trazido para o esforço de guerra e que agora se voltava contra eles.

A maioria dos agentes de inteligência estava convencida de que os nazistas tinham criado um movimento de resistência ativa no último ano da guerra. Martin Bormann defendera a ideia, e o RSHA de Himmler a colocara em prática. Combatentes de resistência treinados foram espalhados pela Alemanha com ordens de retardar a ocupação dos Aliados recorrendo a sabotagem, assassinatos e propaganda. Mas eles não conseguiram concretizar os planos a ponto de se tornarem uma ameaça séria. Aqueles que foram capturados se revelaram membros da Juventude Hitlerista, guardas-florestais, carteiros e vigias noturnos, inaptos para uma resistência eficaz e incapazes de mobilizar uma população civil desejosa de encerrar o que se tornara um pesadelo.

Os agentes de inteligência da unidade G-2 afirmavam que Himmler, seguindo ordens de Hitler, cancelara o programa às vésperas da invasão dos Aliados, alegando que interferia com os principais guardiães da pátria, as milícias civis em cada cidade e aldeia que haviam jurado lutar até morrer. O CIC, por outro lado, acreditava que Himmler não tinha cancelado o programa, mas mandara seus combatentes se esconderem. Sua missão secreta era se

infiltrar no governo de ocupação militar, coletar informações sobre os meios de suprimento do inimigo e encorajar a população a fazer boicotes e a resistir passivamente. Não deveriam se identificar como nazistas ou neonazistas, somente como alemães fiéis ansiosos por retomar o controle do país. Como brasas ainda ardendo sob as cinzas, o calor que criariam poderia desencadear um movimento nacionalista para derrubar o governo de ocupação.

Embora admitisse abertamente que nenhum agente secreto bastante treinado jamais fora detido ou mesmo identificado, Rosenthal concordava com a avaliação do serviço de inteligência do CIC. Himmler bem poderia ter organizado um exército secreto de neonazistas, presumivelmente sob a direção do chefe da Gestapo Heinrich Müller, que estaria operando em segredo em cidades por toda a Alemanha ocupada. Havia vários casos conhecidos de boicotes ao trabalho e esforços de insurgentes visando atrapalhar as forças de ocupação. E, como anos de estudo de história da arte em Heidelberg e Berlim haviam ensinado a Horn, as Joias da Coroa do Sacro Império Romano eram mais do que simples despojos. Eram símbolos antigos e nitidamente germânicos da monarquia mundial. Nas mãos erradas, poderiam se tornar um ponto de convergência potencial para o movimento neonazista.

Rosenthal estava convencido de que o tenente não encontraria as Joias da Coroa em Nuremberg. Não havia dúvida de que estiveram antes na câmara subterrânea do castelo, mas seu palpite era que Himmler tinha mandado remover os itens escolhidos para serem guardados na Áustria bem antes de os soldados americanos invadirem a cidade. “Escreva o que eu digo”, disse ele a Horn. “Daqui a três semanas, você estará de volta a Frankfurt entrevistando Kaltenbrunner para descobrir onde Hitler pediu que Himmler as escondesse.”

Horn não sabia se Rosenthal estava meramente especulando ou se conhecia mais sobre o assunto do que deixava transparecer. Mas, se aprendera algo com a experiência, foi ouvir o que os colegas tinham a dizer.

Sondar a mente doentia de Adolf Hitler e a mentalidade nazista era a especialidade do amigo. Rosenthal era o único agente de inteligência da unidade G-2 de Patton que havia falado pessoalmente com Hitler antes da guerra – não uma, mas duas vezes – e, embora seus encontros fossem breves, ele havia estudado Hitler com grande interesse então, como faria mais tarde. Agora, de volta à Alemanha, Rosenthal era o agente de inteligência a quem as USFET recorriam para tentar entender Hitler, e ele escrevera dossiês extensos, abrangentes e de ampla circulação sobre o Führer e suas idiossincrasias.

Um de seus relatórios confirmou que Hitler estava morto no bunker em Berlim, exatamente como os soviéticos informaram aos britânicos. Eisenhower e o CIC não estavam convencidos da avaliação de Rosenthal, ao contrário de Patton e todos os demais. Sua conclusão se baseou no depoimento de Erich Kempa, o motorista particular de Hitler, que conhecia as roupas íntimas do

Führer. Interrogado por Rosenthal, Kempa revelou que havia remendado um furo nas meias do ditador na noite antes do casamento dele com Eva Braun. Tratava-se do mesmo par que Kempa viu no corpo que ajudou Martin Bormann a carregar para o pátio da chancelaria e a encharcar de gasolina. O rosto de Hitler estava coberto por um lençol, mas era possível ver suas meias. Detalhes como esse, relatados por um subalterno como Kempa, eram improváveis demais para terem sido inventados.

– Você sabe algo sobre as Joias da Coroa que eu desconheço? – perguntou Horn.

Rosenthal lhe contou sobre um trabalho que fizera para o CIC vários meses antes, no qual as Joias da Coroa haviam sido mencionadas. Ele ignorava os detalhes, mas ouvira que os tesouros do Reich, bem como os diários de Hitler, foram levados secretamente de Nuremberg e afundados no lago Zell, na Áustria.

Horn, no entanto, descartou essa possibilidade. Nenhum nazista, nem ninguém de origem alemã, arriscaria perder as Joias da Coroa lançando-as num lago. Um oficial raivoso e desiludido até poderia submergir os diários de Hitler, mas não os tesouros do Sacro Império Romano.

Rosenthal tinha tanta certeza de que as Joias da Coroa haviam sido afundadas no lago que estava disposto a apostar a metade da coleção de fotografias de Marlene Dietrich, que pertencia a ele e a Horn. Além da moto DKW, era o bem mais valioso da dupla. Na guerra, todos os soldados admiravam a diva, não importava em que lado combatiam, e, se não podiam vê-la em pessoa – como Horn e Rosenthal tinham tido a oportunidade de fazer em Munique –, consolavam-se com fotografias.

– Negócio fechado – disse Horn sem hesitar.

Rosenthal prometeu averiguar o que o CIC poderia saber e, durante a investigação, tentar descobrir que interesse pessoal específico o general Patton poderia ter no conteúdo da câmara subterrânea de Nuremberg. Eles então selaram sua aposta com um aperto de mãos. Vinham apostando desse modo por grande parte dos últimos dois anos, e Rosenthal já havia ganhado várias garrafas de uísque, a vitrola de corda e o disco de Josephine Baker. No ritmo em que avançavam, ele acabaria ficando com as fotos de Dietrich também e, antes que seu período de serviço militar se encerrasse, abocanharia todos os demais objetos da casa, inclusive os utensílios de cozinha, a moto estacionada na garagem e talvez até as fotos da futura ex-mulher de Horn.

Capítulo 4

A invasão de Nuremberg

19 de julho de 1945

DEPOIS QUE ROSENTHAL E DOLLAR foram dormir, Horn sentou-se na cama e leu os relatórios das USFET que Hammond lhe entregara em Frankfurt. Todos tinham um ponto em comum: eram relatos em primeira mão sobre a batalha, em abril passado, para capturar Nuremberg, fortemente defendida. Como Hammond dissera, o relatório do capitão Paul Peterson, cuja equipe de assalto chegara primeiro à Alameda dos Ferreiros, era o mais relevante para a investigação de Horn.

Ele o abriu com uma estranha sensação de presságio, apreensivo por saber que a missão de Peterson havia sido determinada pelo que o próprio Horn escrevera na Bélgica. O relatório – redigido no jargão acadêmico e contendo seus pontos de vista pessoais sobre a história e a importância dos tesouros do Sacro Império Romano – havia resultado no envio de uma equipe de combate para abrir caminho por uma cidade sitiada. Na qualidade de acadêmico e interrogador, cujos relatórios e artigos anteriores sempre tiveram como destino um arquivo – fosse ele militar ou civil –, Horn sentiu, pela primeira vez desde que se alistara no Exército, o peso da responsabilidade de quando se põe em risco a vida de outros homens. Além disso, o tenente sabia algo que Peterson e seus homens ignoravam: a batalha por Nuremberg, que cobrou um alto preço em mortos e feridos dos dois lados, era irrelevante para o resultado da guerra.

Mais de 5 mil soldados haviam sido mobilizados para invadir a cidade na manhã da terça-feira, 17 de abril de 1945. Peterson, o capitão da Companhia E, uma unidade de assalto de 135 homens, recebera ordens do general Robert Frederick, o comandante de sua divisão, de seguir o mapa desenhado à mão pelo soldado Hüber, através do labirinto de ruas estreitas, até a Alameda dos Ferreiros. Peterson não fora informado do conteúdo do bunker, apenas que o local estava fortemente reforçado e que ele e seus homens deveriam esperar uma resistência feroz.

Segundo a opinião geral, Peterson tinha plena confiança nos homens sob seu comando. Todos eram guardas nacionais voluntários e haviam passado mais tempo em combate contínuo, sob condições adversas, do que qualquer das outras unidades. Junto de outras 38 companhias de infantaria veteranas de

linha de frente e respaldados por duas divisões de tanques, um regimento de reconhecimento blindado e 30 mil homens da reserva, esperavam dominar Nuremberg totalmente, pois, ao longo de um mês, já haviam eliminado todos os obstáculos em sua incursão de 480 quilômetros Baviera adentro.

– O moral está excelente – informou Peterson naquela manhã a seu comandante, o coronel Eddie Duval. Apesar das palavras do capitão, Horn desconfiou de que aquela não era a plena verdade. De acordo com afirmações nos relatórios anexos, o moral entre seus homens estava mais baixo do que nunca, desde que tinham desembarcado na Sicília com o general Patton.

O problema não era a fadiga de combate, a rotatividade da tropa, as rações ruins, os suprimentos inadequados ou as falhas na liderança, embora tivessem passado por todas essas dificuldades. Era o medo do desconhecido. A experiência de combate da Companhia E tinha sido em praias fustigadas pelo vento, campos abertos cobertos de neve, bosques e pequenas aldeias, com uma ou outra incursão ocasional em cidades. Nunca antes haviam invadido uma aglomeração urbana hostil do tamanho de Nuremberg, onde se estimava que 7 mil veteranos de infantaria alemães e 10 mil recrutas do Reich, além da Juventude Hitlerista e de civis armados, esperavam atrás de muralhas medievais. Nada era mais apavorante do que imaginar o combate em ruas estreitas e desconhecidas em meio a construções altas.

A incursão inicial da Companhia E pelos subúrbios de Nuremberg foi em terreno familiar e por um objetivo claramente observável e meritório: libertar mil ou mais soldados britânicos e americanos de um campo de prisioneiros de pouco mais de 1 quilômetro quadrado. Um campo aberto separava-o do estádio do Partido Nazista, a 180 metros de distância, onde também eram realizadas paradas militares. Peterson e seus homens, posicionados em trincheiras individuais ao sul da cidade, juntaram-se a uma ofensiva de mais de mil homens espalhados por quase 5 quilômetros de zona rural mal resguardada. Tanques da 14ª Divisão Blindada abriram caminho, e a Divisão Thunderbird atacou atrás deles.

A batalha começou precisamente às sete da manhã, com a chegada de dois Mustangs P-51 varrendo posições inimigas com fogo de metralhadora calibre 50 e lançando suas primeiras ogivas nas baterias antiaéreas alemãs entrincheiradas. O inimigo respondeu à altura. Projéteis zuniram na direção da Divisão Thunderbird, abrindo crateras no gramado em frente. A última coisa que Peterson disse a seus homens foi: “Mantenham as cabeças erguidas, os pés em movimento e as armas disparando.”

O 2º Pelotão da Companhia E atraiu o primeiro fogo. Mas os projéteis que chegavam eram esporádicos. As posições inimigas no alto das torres de vigilância do campo de prisioneiros eram facilmente identificáveis. Os atiradores do 4º Pelotão metralharam as torres com projéteis de grosso calibre,

reivindicando as primeiras baixas inimigas da invasão. Os bombardeios dos canhões alemães mais pesados posicionados fora do campo tampouco foram um grande problema. Ou bem a artilharia defensiva de Nuremberg havia decidido conservar suas munições, ou bem não queria arriscar a vida dos civis alemães e dos soldados de infantaria da Wehrmacht estacionados no complexo da prisão.

Os tanques derrubaram com facilidade a cerca de arame farpado do campo de prisioneiros, que fora negligentemente instalada. Atrás deles, pelotão americano após outro se precipitou pelas aberturas e se espalhou pelo complexo. O tiroteio terminou tão abruptamente quanto havia começado 10 minutos antes. Oficiais alemães agitaram bandeiras brancas de seus alojamentos, e os prisioneiros do campo aplaudiram euforicamente de suas áreas de confinamento. Entusiasmados, com as botas enlameadas e o moral alto, os homens de Peterson dispararam uma salva de tiros no ar como sinal de vitória. A unidade deve ter pensado que alcançar o objetivo final no centro histórico de Nuremberg não seria o combate sangrento que imaginara.

A Companhia E avançou com o restante do regimento, deixando unidades de retaguarda com a tarefa mais complicada de cuidar dos detentos e conduzi-los à segurança. Além de prisioneiros americanos e britânicos, os soldados encontraram 5 mil russos que haviam sido capturados na Frente Oriental e estavam sofrendo de tifo. Estes não foram tão fáceis de controlar como seus compatriotas, e os libertadores tiveram dificuldade em evitar um tumulto quando os russos perceberam a mudança da guarda e começaram a correr para o pátio.

Três horas depois, a Companhia E havia deixado o campo de prisioneiros e estava se aproximando do Campo de Paradas e do Estádio Nazista. O combate ali, como antes, foi mínimo. Segundo os registros, uns poucos nazistas abnegados resistiram na Galeria de Honra de Hitler, mas uma centena de outros, encolhidos sob as arquibancadas de concreto, se entregaram voluntariamente. Pela primeira vez desde o início da guerra, Peterson e seus homens viram soldados alemães sucumbindo e soluçando. Como o soldado Hüber na Bélgica, os alemães aparentavam estar sofrendo de confusão mental. Nem sequer nos piores pesadelos haviam imaginado que tanques inimigos poderiam penetrar tão facilmente no mesmo estádio em que Hitler incitara seus compatriotas com visões de domínio mundial.

A Companhia E não descansou. Menos de 30 minutos depois que um soldado não nomeado da Divisão Thunderbird abaixou a bandeira cor de sangue do Terceiro Reich, Peterson reuniu seus homens e mandou que atacassem o Palácio do Congresso do Partido Nazista, uma gigantesca estrutura de quatro andares, que não havia sido concluída, delimitada em dois lados por um grande lago e defendida por artilharia antitanques e infantaria

alemãs posicionadas atrás de uma enorme laje de granito e de equipamentos de construção.

Após o coronel Duval passar o 2o Pelotão em revista, Peterson determinou que o grupo de soldados se posicionasse ao redor do lado leste do lago, enquanto ele e os demais integrantes da Companhia E desciam de cócoras por uma estreita passagem de concreto. Em situações como aquela, a saída era sempre a mesma: convocar mais poder de fogo.

Minutos depois, 100 descargas de projéteis pesados zuniram baixinho sobre suas cabeças e explodiram nas posições inimigas. Os defensores alemães que não morreram no bombardeio inicial recuaram para dentro do prédio quando a infantaria americana se juntou ao combate. Três dos homens de Peterson se feriram, e um sargento do 2o Pelotão, lançado para o alto quando uma bomba alemã explodiu junto dele, caiu de costas, levantou a cabeça e morreu antes que pudesse clamar por ajuda médica.

Não havia tempo de remover o corpo enquanto os outros homens abriam caminho prédio adentro. Uma vez reunidos no saguão, Duval ordenou aos comandantes de pelotão que separassem suas unidades em esquadras de tiro de cinco homens. Começando pelo último andar, eles foram descendo, revistando e liberando uma sala após outra. Como Horn aprendera no campo de treinamento em Fort Benning, essa tática seguia certos procedimentos. Se os homens chegassem a uma porta fechada, deviam anunciar sua presença e dar a qualquer pessoa lá dentro uma chance de se render. Se ninguém abrisse a porta, um soldado a arrombaria com um pontapé, outro lançaria uma granada lá dentro e esperaria pela explosão, e os demais entrariam atirando. Os homens da Companhia E, porém, dispensaram o protocolo. Simplesmente abriam as portas à força e já entravam atirando – prática pela qual foram duramente repreendidos.

Peterson prometeu controlar seus comandados, mas Duval não lhe deu oportunidade de cumprir sua promessa até o dia seguinte. A invasão foi adiada em função da resistência a leste, onde mil soldados da 3a Divisão de Infantaria, já dentro da cidade, lutavam para controlar uma estação ferroviária.

De volta à ação no segundo dia, os homens de Peterson tiveram contato com o tipo de luta que encontrariam no percurso para o centro histórico: nenhum ataque frontal a partir de tanques, mas combate casa a casa, em ruas estreitas e repletas de escombros, contra soldados de infantaria, bolsões isolados da Juventude Hitlerista e civis, que atiravam contra eles de todos os esconderijos concebíveis. Paramédicos americanos, facilmente identificáveis pelas cruzes vermelhas nos capacetes, sofriam ataques indiscriminados, dificultando, e às vezes impedindo, o acesso aos feridos, o que tornava o combate ainda mais cruel. Àquela altura, o inimigo estava recorrendo aos civis para coletar informações. Tanto um idoso quanto uma criança podiam

caminhar até a esquina perto da linha de frente dos invasores, permanecer alguns segundos e depois sair correndo. Logo em seguida, rojões de artilharia caíam nas posições americanas. Depois que quatro homens da Companhia E foram feridos assim, Peterson recebeu ordens do quartel-general de que futuros “observadores” deveriam ser alvejados.

Os homens passaram o restante da manhã liberando um prédio após outro, ao avançar quarteirão após quarteirão rumo ao castelo, o ponto mais alto da cidade. Num esforço para permanecer fora das ruas, usavam granadas para desimpedir a estrutura mais próxima. Depois da explosão, corriam para dentro a fim de se protegerem. Em seguida, abriam um buraco na parede do prédio ao lado, grande o suficiente para passarem à próxima posição. Desse modo, os líderes dos pelotões não expunham seus homens ao fogo das ruas até chegarem ao fim do quarteirão.

O número de baixas aumentou quando as pernas do líder de pelotão Ray Fee foram arrancadas enquanto ele tentava expulsar francoatiradores inimigos de um bonde destruído. Segundo o relato, Fee lançava uma granada de fósforo branco quando o inimigo abriu fogo. O artefato caiu de volta nele, fazendo um rombo em seu peito. Peterson designou um sargento técnico para liderar o pelotão, mas os desafios que o substituto encontrou foram ainda maiores em razão dos diversos homens feridos e da perda do mapa do bunker nazista, que acabou queimado junto com Fee.

Exaustos e famintos, os soldados continuaram avançando ao longo do dia. Na expectativa de um breve alívio, Peterson informou seu avanço pelo rádio e manifestou sua esperança de que seriam postos na reserva. Mas, ao contrário, recebeu ordens de prosseguir sem demora rumo ao objetivo. Holofotes antiaéreos seriam trazidos da retaguarda para iluminar o centro histórico medieval.

A Companhia E abriu caminho para o norte, passando pela fachada fumegante da Igreja de São Lourenço, agora destelhada, e atravessando uma ponte de pedra arqueada sobre o Pegnitz, o riacho raso e lamacento que corre como um canal pelo meio de Nuremberg. A cada quarteirão, em meio aos halos fantasmagóricos lançados pelos holofotes e à fumaça irritante e lacrimogênea dos prédios em chamas, os homens de Peterson encontravam mais focos de resistência. Ao que parecia, os nazistas jamais pretenderam proteger o estádio e o campo de paradas, mas haviam concentrado toda a sua defesa no centro histórico, exatamente aonde o capitão e seus homens foram incumbidos de ir.

Com isso, os planos cuidadosamente elaborados para os homens permanecerem juntos foram por água abaixo. Ao avançar pelas sombras, o 2o Pelotão foi encurralado num tiroteio em torno das ruínas de um prédio residencial. Nada nos relatórios explicava por que nenhuma unidade foi

socorrê-los, mas supõe-se que ninguém ousou adentrar a chuva de fogo inimigo. No terreno em volta, restaram apenas projéteis e poeira da alvenaria destruída. As comunicações com o pelotão cessaram por completo.

Após consultar o quartel-general do batalhão pelo rádio, o coronel Duval ordenou que os tanques destruíssem qualquer prédio que pudesse, mesmo que remotamente, ocultar artilharia. O custo para a população civil e as construções históricas remanescentes foi devastador, mas o general Frederick acreditava não ter outra escolha. De acordo com os relatos, àquela altura ele havia interceptado comunicações com o secretário da Defesa de Nuremberg, Karl Holz, que dirigia o restante das forças civis e militares a partir de um posto de comando subterrâneo na sede da Gestapo, a sudoeste da estação ferroviária. Holz informara a Hitler que “a cidade resistiria até o último homem” e que “nada de valor iria parar em mãos inimigas”.

Uma segunda companhia Thunderbird chegou ao amanhecer, o que apressou a busca pelo pelotão do qual não se tinha mais notícias. O líder do grupo e vários de seus homens finalmente foram encontrados mortos nos escombros de um prédio, seus corpos muito machucados. Depois de 30 horas de sofrimento a Companhia E enfim entrou no centro histórico de Nuremberg. Merecia um dia de descanso, que Duval aprovou.

Peterson e seus líderes de pelotão passaram o terceiro dia discutindo as lições aprendidas e decidindo como chegar ao bunker. Um novo e improvável recruta da Companhia E, o tenente James Low, de Johannesburg, África do Sul, trouxe uma ajuda inesperada. Soldado de infantaria, ele havia sido libertado do campo de prisioneiros no primeiro dia do ataque e conseguira convencer o coronel a aprovar seu alistamento sumário no Exército americano. Por ter passado os últimos três anos como trabalhador forçado na cidade, falava um pouco de alemão, estava familiarizado com o centro histórico e conhecia as principais posições defensivas do local.

A presença de Low ajudou a reagrupar os homens, ao retornarem à ação às sete da manhã da sexta-feira, 20 de abril, dia do 56º aniversário de Hitler. Seu plano era abrir caminho para o norte, usando as muralhas do centro histórico para evitar um ataque pelos flancos. Tinham menos de 100 metros para percorrer, uma pequena fração da distância que já haviam avançado.

Os homens seguiram em frente, rastejando. O inimigo resistiu de dentro de veículos tombados, porões, esqueletos de prédios totalmente destruídos e até de um cano de esgoto subterrâneo. Naquele mesmo dia, uma mulher com um lançador de foguetes destruiu um tanque da 14ª Divisão Blindada.

À medida que a equipe de assalto avançava para o norte, os bolsões de resistência diminuía. Já não se ouvia o estrondo da artilharia, apenas o crepitar de prédios em chamas e o colapso ocasional de uma ou outra parede. Civis solitários passavam correndo por eles em direção ao sul. Ao que parecia,

toda a população do centro histórico decidira se render, inclusive um destacamento da Juventude Hitlerista liderado por um oficial da infantaria alemã que agitava uma bandeira branca.

No entanto, a trégua do fogo inimigo foi breve. Os civis e os bolsões isolados de francoatiradores inimigos haviam deixado o centro antigo de Nuremberg por um motivo. Sabiam algo que o comando do batalhão ignorava: os elementos remanescentes do 22º Regimento alemão de elite tinham escolhido para sua resistência final um labirinto de alamedas estreitas, com calçamento de pedras e prédios desmoronando, ao pé do castelo.

O plano de Peterson era encontrar duas companhias da 3ª Divisão de Infantaria numa área aberta em frente ao Tiergärtner Tor, antigo portal fortificado que protegia o portão mais ao norte que dava para o centro histórico de Nuremberg. Mas quando seus homens, hesitantes, adentraram o espaço aberto, o inimigo despejou tiros de dois prédios ainda de pé na entrada da Alameda dos Ferreiros. A Companhia E se agachou atrás dos escombros, ficando rente ao solo. Menos de 20 metros a separavam do objetivo, mas o esforço que teriam que fazer para percorrer a distância provavelmente lhes pareceu imenso.

Os líderes de pelotão discutiram pelo rádio antes de pedir ajuda a Duval. O risco de atirar bombas do alto na posição inimiga era atingir seus próprios homens. Elementos avançados das duas divisões de infantaria, cercando a cidade medieval e o castelo, estavam a menos de 30 metros uns dos outros. O coronel, então, preferiu despachar um tanque, que chegou em menos de uma hora.

As manobras feitas pela equipe do blindado através das ruelas foram uma prova da tenacidade de seu comandante. Seu desafio mais grave, no entanto, o aguardava ao pé do castelo. Não podia se arriscar a adentrar o pátio sob os baluartes da construção. Tampouco o tanque poderia perfurar as grossas muralhas da cidade e atacar o inimigo por trás. O comandante estava de mãos atadas. Então pensou rápido: virou o tanque, enfiou a boca do canhão pela janela gótica de um dos prédios antigos e disparou 15 salvas diretamente na Alameda dos Ferreiros.

A destruição foi impressionante. Todas as ruas estavam bloqueadas por destroços e a maioria dos prédios havia sido reduzida a escombros. Mas a batalha fora vencida e o fogo inimigo cessou. A cidade inteira, informou Peterson, caiu num silêncio lúgubre.

Às quatro da tarde, depois que os homens removeram a poeira de seus capacetes e recobram o fôlego, a busca pelo bunker recomeçou. A dificuldade era óbvia: localizar algo sob os destroços, mesmo a numeração de uma casa, era praticamente impossível.

Ao ler os informes, Horn constatou uma grande dúvida sobre quem de fato

descobriu a entrada parcialmente soterrada do túnel da Alameda dos Ferreiros. Mais de um relato atribuiu a descoberta ao tenente Low, que assumira o comando do 1º Pelotão de Peterson. Outro elogiou um soldado não identificado e um terceiro celebrou a coragem da infantaria da 3ª Divisão que capturou o castelo. A confusão sobre quem fez a descoberta e o que aconteceu a seguir foi natural, em razão do caos das últimas horas da batalha e da descoberta, para surpresa de todos, de não apenas um, mas três bunkers, cada qual maior que o anterior. Exatamente ao sul do que se localizava na Alameda dos Ferreiros estavam dois outros ligados por túneis subterrâneos que levavam a diferentes partes da cidade. Os dois últimos também continham equipamentos médicos e de comunicações, estoques de munições e obras de arte. Por volta das 16h40, os soldados adentraram os três abrigos subterrâneos. O bunker sob a casa da família de Hüber foi o único grande complexo subterrâneo no centro histórico não interligado por uma rede de outras passagens que levavam à superfície. Sua entrada, quase totalmente bloqueada pelos escombros caídos, dava passagem apenas a um soldado de cada vez.

Teria sido mais seguro os homens de Peterson lançarem algumas granadas pela abertura ou, pelo menos, entrarem atirando. Mas Duval havia avisado à Companhia E que não usasse explosivos para tomar o local, por isso, quando espiaram pela entrada do túnel, os homens não tiveram certeza de que haviam encontrado o que buscavam. Em meio aos prédios demolidos havia várias fendas semelhantes a cavernas e cada uma precisava ser vasculhada antes que os homens passassem para a seguinte.

O tenente Low e diversos voluntários entraram num daqueles túneis. Apesar dos disparos pesados que haviam causado a destruição na superfície, encontraram a passagem livre de entulho e bem iluminada. O ar era puro e fresco. De algum lugar acima ouviam o zumbido de maquinário, o chiado de um ventilador e o crepitar de um rádio.

Não havia nenhum inimigo à vista, apenas o túnel comprido e em declive, como um poço de mina, que levava cada vez mais ao fundo. Horn imaginou como deve ter sido o trajeto dos soldados: com as costas pressionadas contra as paredes de rocha perfeitamente cinzeladas, os homens desceram em silêncio, passo a passo, tomando cuidado para não detonar armadilhas explosivas e prontos para atirar à menor provocação.

Low e seus homens caminharam quase 30 metros até onde o túnel se nivelava. Ali depararam com uma porta de serviço à direita, o zumbido que tinham escutado agora mais alto, obviamente vindo lá de dentro. Identificaram aquele aposento corretamente como a área de serviço. Ao lado havia um vaso sanitário, uma pia e um chuveiro. Logo depois daqueles aposentos o túnel chegava a uma câmara maior revestida de tijolos, que dava para uma sala menor sem portas – onde o rádio tocava – e um longo corredor com fileiras de

compartimentos trancados. Um mapa na parede, em alemão, fornecia as convenções da planta do local. Ao lado encontrava-se um catálogo de fichas, semelhante ao de uma biblioteca.

Não houve tiroteio. Apesar dos sinais de que a instalação havia sido recentemente ocupada – o crepitar do rádio, o zumbido dos geradores a diesel e o fluxo fresco de ar dos tubos de ventilação –, não se via nenhum guarda ou civil alemão. Para alívio dos homens, a Companhia E estava de posse de toda a instalação.

Segundo o informe, o coronel Duval, acompanhado de Peterson, teria entrado no túnel alguns minutos depois. Um exame mais detalhado do complexo revelou diversas passagens laterais, bloqueadas por portas de aço maciças com segredos. No fim do corredor principal havia uma porta ainda maior e mais resistente, como a de um cofre-forte, que também estava fechada.

Peterson não sabia o que existia lá dentro, por que a instalação fora aparentemente evacuada pelos nazistas e por que a inteligência do Exército originalmente identificara o bunker como um alvo militar. Só esperava que sua captura tivesse valido a pena. Como observaria na conclusão de seu relatório, a Companhia E perdera mais de 20 homens, entre mortos e feridos, nos quatro dias anteriores à descoberta do bunker.

Capítulo 5

O martelo de Thor

20 de julho de 1945

OS SERES HUMANOS NÃO SÃO os únicos a sofrerem baixas nas guerras. Junto com os corpos vêm a profanação e às vezes a destruição completa de lares, escolas, bibliotecas, igrejas, museus, parques públicos, monumentos, obras de arte, que são o legado cultural transmitido de uma geração à seguinte. Como civil, o tenente Horn fizera dessa paisagem cultural o objeto de estudo de sua vida. Quando criança, brincara nas ruínas de um anfiteatro romano. Ainda estudante universitário, ajudara a examinar os escombros da guerra mundial anterior durante a restauração do mosaico que decorava o pátio de um claustro francês medieval. Como soldado, vira campanários arrasados pelo fogo na Bélgica. Mas nunca antes experimentara uma perda cultural de forma tão profunda como na tarde de 20 de julho, quando seu jipe subiu pelos montes Francônios e ele viu o que restou de Nuremberg.

A cidade – onde adolescentes haviam saudado os desfiles de Hitler com ramalhetes de flores alpinas, membros da Juventude Hitlerista de bochechas coradas se apresentavam para a revista da tropa e o próprio Führer, de pé numa plataforma elevada na Galeria de Honra nazista, bradava histericamente às multidões que a Alemanha dominaria o mundo – agora não passava de um monte de escombros. A verdadeira calamidade épica era o fato de que a mesma cidade que abrira os braços para Hitler e para as centenas de milhares de alemães que compareciam a cada ano aos comícios do Partido Nazista era também aquela em que relojoeiros inventaram o relógio de bolso, astrônomos criaram os primeiros mapas celestes do Universo, editores publicaram a primeira história ilustrada do mundo, artífices fabricaram os primeiros lápis de grafite e confeitheiros aperfeiçoaram o pão de mel. Essa história, que tanto orgulhava sua população, agora estava soterrada junto com o resto.

Horn vira o cenário de devastação em Frankfurt e, com base na leitura do relatório do capitão Peterson, achava que sabia o que deveria esperar em Nuremberg. Mas nenhum documento poderia prepará-lo para o impacto visceral de realmente presenciar o panorama da destruição. Bombas e projéteis haviam reduzido a cidade a crateras, prédios calcinados e massas de tijolos carbonizados. Frankfurt, Hamburgo e Dresden também tinham sido

arruinadas, mas eram nitidamente mais metropolitanas do que a bucólica Nuremberg, que estava abrigada num vale luxuriante de prados e pastagens sinuosos. Dos morros verdejantes, com seus pinheiros altos e regatos de águas límpidas, a vista da cidade era ainda mais surreal, como se um enorme meteoro tivesse arrasado uma paisagem pastoral intacta – ou como se Thor, o deus da mitologia nórdica, tivesse golpeado a Terra com seu martelo possante. De fato, esse era o efeito. A campanha de quatro dias para liberar Nuremberg devastara grandes regiões da cidade, porém a destruição mais substancial ocorrera enquanto Horn estava na Bélgica e o exército de Patton se preparava para cruzar o rio Reno, quando mais de 800 bombardeiros dos Aliados, em 11 missões distintas, lançaram 14 mil toneladas de explosivos numa área do tamanho de um subúrbio londrino.

As ruínas esparsas se tornavam mais visíveis à medida que Dollar conduzia Horn pelo vasto Campo de Paradas nazista, na periferia sul da cidade. O tenente se orgulhava de nunca ter comparecido a nenhum dos comícios do Partido, organizados ali todos os anos em setembro, mas vira o enorme prédio nazista e os projetos paisagísticos em diferentes estágios da construção, ao visitar parentes na cidade vizinha de Fürth. Foi em Nuremberg que o arquiteto Albert Speer, em sua visão distorcida do Céu na Terra, criou seus “templos” monumentais dedicados à majestade e à glória do Terceiro Reich. O próprio Hitler concedera à cidade seu elogio máximo, declarando que, enquanto Berlim era o cérebro do Partido Nazista e Munique – onde o movimento começou –, seu coração, Nuremberg era sua alma.

Horn e Dollar passaram pelo local em que eram realizadas as paradas, transformado num imenso campo de trabalhos forçados e depósito de suprimentos militares, e seguiram rumo à cidade, abrindo caminho entre grupos de prisioneiros de guerra, que removiam entulho de conjuntos residenciais destruídos – as fachadas perfuradas por balas, os tetos esburacados e as paredes destroçadas – que mais pareciam casas de boneca desmanteladas. Mais perto do centro histórico medieval – onde o martelo de Thor golpearia com mais vigor –, as casas seculares com frontões triangulares da burguesia haviam desmoronado e, com elas, as esculturas e os altos-relevos que identificavam os fundadores da cidade e seus ofícios. As novas indicações ao longo do caminho, afixadas em benefício das crianças, das mulheres idosas e dos trabalhadores – os únicos que pareciam existir na Alemanha desde que a guerra terminara –, eram placas de madeira cobertas com instantâneos desbotados de pessoas desaparecidas e listas datilografadas de familiares e amigos procurando seus entes queridos.

A velha Nuremberg havia sido remodelada por pilhas de escombros que tornavam a maioria das ruas intransitável. Apesar da carnificina, ainda restavam alguns marcos para Horn se orientar. O serpeante rio Pegnitz dividia

a cidade em duas metades iguais. Assomando ao alto, no extremo norte, o antigo castelo, o principal ponto de referência desde a época em que trovadores itinerantes entretinham senhores e damas e caçadores tirolezes forneciam carne para os ensopados da corte. A vasta montanha de blocos de pedra que constituíam a velha fortaleza continuava intacta, embora seus telhados de madeira e pináculos de contos de fadas tivessem sido danificados.

Horn não se embrenhou muito na cidade histórica naquela manhã. Seu destino era um amplo bulevar fora das muralhas da cidade. Os combates ali haviam sido intensos, mas muitos dos prédios grandes permaneciam de pé. Na extremidade oeste da avenida ficava a Fürther Strasse, com o Palácio da Justiça e a prisão anexa, onde se realizariam em breve os julgamentos de crimes de guerra. A leste, na Bahnhof Strasse, ficavam o prédio do Partido Nazista e o Deutscher Hof Hotel, onde Hitler se hospedava nas visitas à cidade. Hermann Göring preferia o Party Guest Hotel adjacente, por dispor de ar condicionado. À exceção da estação ferroviária – agora uma massa retorcida de vigas de aço fundidas e misturadas com locomotivas –, aqueles prédios, muitos ainda sem algumas janelas, haviam sido recuperados no intuito de serem usados pelo governo da ocupação.

O soldado Dollar deixou Horn no prédio do Governo Bávaro, uma estrutura baixa de pedras prussianas vermelhas, que servia de quartel-general da ocupação ao governador Delbert Fuller, o administrador principal da cidade, nomeado pelos americanos. Mesmo sem as bandeiras e a polícia militar em frente, foi fácil encontrar o endereço. Uma fila de civis, de 400 metros de comprimento, estendia-se da rua calçada de pedras até as portas da frente do edifício.

Equivocadamente, Horn pensou que um evento especial estivesse ocorrendo no quartel-general da ocupação. Talvez aquele fosse o dia do mês em que os cupons de racionamento eram distribuídos, ou as listas de empregos eram afixadas. Ao ver um policial militar na entrada, percebeu seu erro. Havia semanas os civis vinham aguardando ajuda para localizar membros da família desaparecidos ou detidos, achar locais para morar, obter subvenções para alimentos ou uma simples permissão para deixar a cidade. Faziam isso todos os dias, informaram ao tenente. Abrindo caminho pela fila e entrando no prédio, ele não ousou dar conselhos ou revelar que falava alemão, temendo um tumulto.

Como o major Hammond havia lhe contado em Frankfurt, e Horn agora via com os próprios olhos, nem tudo era como deveria ser no quartel-general da ocupação. Os civis de Nuremberg haviam ido ao local certo para exprimir seu ressentimento e solicitar ajuda, mas as portas dos escritórios da ocupação estavam fechadas, fossem as do Ministério do Desenvolvimento Econômico do tenente Arthur Forbes ou as da Comissão de Assuntos Civis do capitão

Richard Mershon. Nem mesmo os guardas no corredor sabiam quando eles abririam. O policial diante do Serviço de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos simplesmente recomendou que Horn fosse ao Grand Hotel, em frente à estação ferroviária. Aconselhou que ele verificasse o denominado “covil da serpente” no antigo salão de bailes do hotel, que estava servindo de clube aos oficiais.

Ao apresentar suas credenciais à porta, ficou claro para Horn por que o lugar ganhara o nome de “covil da serpente”. Era um salão escuro, cavernoso e enfumaçado. Embora passasse pouco das dez da manhã, o local estava apinhado de militares e civis em cadeiras de bar, diante de um palco vazio e em mesas espalhadas pelo aposento. Um pianista tocava melodias de musicais da Broadway. Poucos oficiais trajavam algo parecido com um uniforme completo, e os civis, na maioria homens em ternos marrons surrados e mulheres em vestidos desbotados, zanzavam por ali feito cortesãos.

Os protocolos haviam sido abrandados desde o fim da guerra, mas aquela cena infringia totalmente o regulamento do Exército. O general Patton, adepto tanto das regras de não socialização quanto da lei e da ordem, sem dúvida ordenaria o fechamento do local sem pestanejar. Não é difícil imaginá-lo entrando ali, vendo no que o lugar se transformara e sacando seu revólver de cabo de marfim.

A julgar pelos telefones em algumas das mesas e pelas patentes dos oficiais que os usavam, Horn suspeitou que entre os bebedores matinais estavam não apenas o capitão John Thompson, do MFAA, como também toda a equipe de 15 oficiais da ocupação. Confirmou essa suspeita quando foi encaminhado para um capitão magro de meia-idade, com cabelos pretos lustrosos e queixo mal barbeado, sentado com dois civis a uma mesa distante. Diante dos três homens, uma pilha alta de formulários de requisição do Exército americano e fichários revelavam a verdade desanimadora: a atividade real da ocupação de Nuremberg não se dava no quartel-general do comando, mas ali, no “covil da serpente”.

Horn disciplinadamente deu um passo à frente, bateu continência, apresentou-se e informou Thompson das ordens que recebera em Frankfurt.

Deixando de lado as formalidades, o capitão pegou os documentos, mas as primeiras palavras saídas de sua boca estavam menos relacionadas ao propósito da investigação de Horn do que ao grupo étnico a que ele pertencia. Como o tenente mais tarde relataria a Rosenthal, Thompson o chamou de *kraut* – designação pejorativa dos alemães –, ou fez alguma afirmação igualmente depreciativa.

Desde que se alistara no Exército, o sotaque de Horn dera margem a muitas observações grosseiras, em geral feitas, em tom de desabafo, por soldados de infantaria cansados da batalha. Quanto mais alta a patente militar,

menos problemas os teuto-americanos encontravam. Nos escalões superiores, a origem alemã, na verdade, funcionava como um trunfo, já que Eisenhower e muitos dos altos comandantes descendiam de alemães, e o próprio Patton, embora de linhagem escocesa, não escondia de ninguém que preferia a companhia de alemães aos seus aliados britânicos, franceses e soviéticos.

– Sou de Heidelberg – disse Horn, dando sua resposta corriqueira e falando alto para ser ouvido em meio ao burburinho do salão. – E odeio os nazistas acima de tudo.

O encontro com Thompson não começou bem e só piorou enquanto o capitão pensava em voz alta por que Hammond havia escolhido um mero tenente para encabeçar uma unidade investigativa especial do MFAA. Horn concluiu que ou Thompson ignorava como a unidade de inteligência militar G-2 avisara as forças invasoras da existência do bunker, ou ele simplesmente não sabia por que o “Relatório Horn” ganhara esse nome.

Depois de examinar as ordens de Horn, Thompson repetiu o que aparentemente havia dito ao major Hammond: era inútil enviar alguém a Nuremberg para investigar o desaparecimento dos artefatos do bunker nazista. Se a coleção completa dos tesouros do Sacro Império Romano fora realmente guardada na câmara subterrânea – e Thompson não estava totalmente convencido disso –, os itens desaparecidos tinham sido removidos pelos nazistas antes que o Exército americano invadissem a cidade. Seria melhor que Horn os procurasse em Munique ou em Berlim.

O tenente admitiu que ouvira o mesmo rumor, exceto que fora informado de que as relíquias haviam sido lançadas no lago Zell, na Áustria. Ele poderia perfeitamente vir a dragar o lago ou, ao contrário, examinar os documentos de Himmler em Dürrenberg, mas essas possibilidades não impediam a condução de uma investigação minuciosa em Nuremberg. Horn pretendia conversar com os soldados que entraram pela primeira vez no bunker, bem como com todos – tanto alemães quanto membros das forças armadas americanas – que tinham estado lá dentro.

Thompson não o encorajou nem um pouco. Na sua opinião, Horn estava perdendo tempo. O capitão Peterson e os demais soldados que entraram pela primeira vez na instalação da Alameda dos Ferreiros já haviam sido transferidos para outra cidade. Pelas últimas notícias, a Companhia E estava em Dachau, prestes a partir para a Áustria. Os alemães que construíram e operavam o bunker estavam mortos ou haviam sido conduzidos para campos de trabalhos forçados fora da cidade. Se os nazistas haviam mantido listas do pessoal que trabalhara lá dentro, Thompson não viu nenhuma.

– Não importa – retrucou Horn. – Vou ter que encontrar todos que estiveram no local desde que as forças de ocupação chegaram. O major Hammond disse que você me ajudaria. Quando posso entrar no bunker?

Thompson foi evasivo e disse apenas que tentaria providenciar uma visita na semana seguinte. Era sábado, e Horn só dispunha de 20 dias para encontrar os artefatos ou preparar um relatório informando que havia falhado. Esse atraso custaria dois dias à investigação.

Apesar do pedido respeitoso mas insistente de Horn, Thompson permaneceu impassível. Fez ao tenente um breve aceno de cabeça, que Horn interpretou como sua deixa para partir da maneira como chegara. E, depois de dispensá-lo, o capitão voltou a dar atenção aos companheiros de copo.

Horn não esperara ser recebido em Nuremberg de braços abertos. Afinal, era um oficial de campo do MFAA com autoridade para investigar tanto civis como militares, independentemente do status social ou da patente. Não poderia obrigar um capitão a cooperar, mas poderia dificultar a vida dele. A dúvida de Horn, reforçada em conversas subsequentes com outros oficiais do MFAA, era se o capitão se esquivara por ter algo a esconder ou meramente porque acreditava, como o próprio Thompson havia dito, que a investigação do tenente era uma causa perdida.

Horn não tirou nenhuma conclusão precipitada. No entanto, não podia deixar de suspeitar de alguma forma de prevaricação por parte do capitão, o que, como sua experiência já lhe mostrara, era algo a se esperar de um oficial da ocupação. Quaisquer que fossem as tarefas que o MFAA atribuía a Thompson, o capitão era membro de uma elite governante notória pela incompetência. Com raras exceções, não eram soldados que tinham passado por campos de treinamento, servido a seu país em combate ou subido na hierarquia graças a suas habilidades de liderança. Eram nomeados por interesses políticos, valorizados pela capacidade de vender bônus de guerra e trabalhar atrás de uma escrivadinha. O treinamento que recebiam se limitava a um ano de doutrinação política na Universidade da Virgínia. Horn supôs que um homem como Thompson, além de não falar alemão, provavelmente nunca pusera os pés fora dos Estados Unidos antes da missão em Nuremberg. Dificilmente saberia o valor ou a importância dos tesouros guardados na câmara subterrânea e provavelmente se ressentia de alguém, em especial um alemão com doutorado, que tivesse essa noção.

Parecia inútil Horn explicar o que já afirmara em seu relatório: as Joias da Coroa eram artefatos únicos e inestimáveis que haviam passado de um soberano para o seguinte por quase mil anos. Tinham sido veneradas como relíquias sagradas tanto por camponeses como pela nobreza, e, nas mãos de Hitler, poderiam ter sido uma excelente arma psicológica para conquistar a confiança dos compatriotas alemães, assim como os foguetes V-2 haviam sido na disseminação do medo e das desavenças entre os britânicos. Horn, no entanto, não seguiu aquela linha de raciocínio. Esse era um conceito abstrato demais para um administrador cujo conhecimento da história alemã se

limitava ao que estava escrito nos manuais do Departamento de Estado.

O tenente voltou a exibir as ordens que o major Hammond lhe entregara. Em sua pressa, talvez Thompson não tivesse visto quem as assinara. Para se assegurar de que o capitão entendesse a quem Horn estava subordinado e a importância que seus superiores davam à missão, ele mostrou a última página e disse que Eisenhower esperava um relatório completo, mais cedo ou mais tarde, e que pretendia escrevê-lo, com ou sem a ajuda do capitão. Só assim ele conseguiu a atenção de Thompson. Sem demora, o capitão dispensou os dois companheiros de bebidas e convidou Horn a se sentar. Ele talvez estivesse tentando avaliar o grau de determinação de Horn naquela questão, ou então, como o tenente mais tarde concluiria, estivesse optando pelo caminho de menor resistência. Nos 20 minutos seguintes, o capitão falaria sobre os desafios que o governo da ocupação estava enfrentando em Nuremberg e por que a investigação de Horn, por mais bem-intencionada que fosse, era inútil.

Thompson deixou claro que a origem do problema estava no fato de que todos os moradores de Nuremberg eram nazistas empedernidos. Havia provocado a invasão e a consequente destruição, e cabia à equipe da ocupação colocar tudo em ordem de novo. Horn já ouvira a história antes – afinal, todo oficial da ocupação na Alemanha tinha um relato semelhante –, mas o que Thompson tinha a dizer era singular, visto que as condições em Nuremberg eram consideravelmente piores do que em qualquer outra cidade de toda a zona de ocupação americana.

De acordo com Thompson, os generais John O'Daniel e Robert Frederick, que lideraram a invasão de Nuremberg, deram aos moradores várias oportunidades de se renderem. Milhares de folhetos foram lançados sobre a cidade, insistindo em que todos hasteassem bandeiras brancas. Não havia razão para não obedecer. Três quartos do país já haviam sucumbido e, com os russos abrindo caminho até Berlim, o Führer já tinha fugido para seu bunker. Mas os moradores haviam optado por continuar lutando e Nuremberg nunca se rendeu, como fizeram outras cidades. O'Daniel simplesmente declarou que a cidade havia sido derrotada depois que os últimos alemães foram mortos, se esconderam ou baixaram as armas. Mas aquilo, Thompson afirmou, era apenas o início da luta dos Estados Unidos para controlar Nuremberg.

Havia 15 oficiais da ocupação e 10 soldados encarregados de administrar e trazer a paz à cidade. Mas essa era uma missão impossível, disse Thompson, porque todos os moradores eram nazistas. A força policial da cidade aderira à luta para defender Nuremberg do exército aliado. Os poucos policiais ainda vivos após a invasão tinham que ser enviados a centros de detenção ou a campos de trabalhos forçados fora da cidade, restando aos motorneiros dos bondes a função de assegurar a ordem e a segurança. Sob as regras da ocupação, no entanto, civis alemães não podiam receber armas, portanto eles

se limitavam a organizar o trânsito.

O capitão comentou que a falta de policiais não constituiria um problema grave não fossem os milhares de trabalhadores forçados do Reich libertados do campo de prisioneiros, os quais, naturalmente, procuravam se vingar de seus antigos captores. Além disso, a presença de um vasto suprimento de armas abandonadas nas ruas trazia instabilidade à cidade. Desde pistolas até lança-foguetes, tudo estava espalhado pela cidade, e não havia ninguém para recolher aquilo dos escombros porque a polícia desaparecera e o Exército americano, com exceção de duas companhias de soldados esgotados pela guerra, seguira adiante para conquistar o resto da Alemanha.

Thompson continuou pintando um quadro sombrio. O comando aliado não estava preparado para alimentar e abrigar a população inteira de uma cidade que, até poucos meses antes, havia sido autossuficiente. Ajuda humanitária chegava, mas, em vez de alimentos e suprimentos médicos, as primeiras provisões foram raquetes de pingue-pongue, bolas de beisebol e livros escolares – aquilo que o comando aliado, em toda a sua sabedoria, achou que restauraria a democracia, a liberdade de expressão e a tolerância racial. Até os mapas enviados aos oficiais da ocupação eram inúteis, por terem sido impressos para uso na Primeira Guerra Mundial, antes do surgimento dos campos de paradas dos nazistas.

Aquilo era só o início. Centros de distribuição de alimentos e clínicas médicas demoravam a abrir e, quando os suprimentos de emergência enfim chegavam, os caminhões de transporte tinham dificuldade em manobrar entre os escombros. Essa situação levou ao surgimento de um mercado negro fluorescente, o qual, Thompson admitia plenamente, era o único que funcionava na cidade. O aumento da inflação e as necessidades desesperadoras dos moradores faziam com que uma lata de leite em pó, uma porção de carne enlatada ou uma barra de sabão custassem o equivalente a um dia inteiro de salário. Uma ampola de penicilina para combater o tifo, que se espalhara a partir do campo de prisioneiros, valia uma semana de salário. Mas, como os dólares da ocupação ainda não tinham sido distribuídos e não havia uma moeda legal prontamente disponível, a comida e os remédios eram trocados por armas ou quaisquer bens que os moradores ainda possuísem ou conseguissem roubar. Para piorar, três semanas após a ocupação, os funcionários municipais, protestando contra a aplicação de regulamentos rigorosos que proibiam os administradores de contratar quaisquer pessoas ligadas aos nazistas, decretaram greve na cidade. E isso foi antes de a situação ficar totalmente fora de controle.

Diante de um desastre humanitário iminente, o governador Fuller ignorou a diretiva explícita do comando aliado de não empregar ex-membros do Partido Nazista no esforço de recuperação. Thompson explicou que Fuller não

tinha outra alternativa. Nas cidades menos arrasadas, ou onde a presença nazista não foi tão acentuada, ele poderia perfeitamente ter removido ou excluído antigos nazistas. Em Nuremberg, porém, todo funcionário municipal graduado era filiado ao Partido, e os mais qualificados e experientes entre eles, aqueles de quem Fuller e seus colegas dependiam para retomar os serviços municipais vitais, tinham se dedicado com afinco à causa nazista. Embora criminosos de guerra óbvios e líderes do Partido não fossem oficialmente autorizados a retomar seus cargos de chefia em diferentes serviços públicos, Fuller permitiu que fossem contratados como auxiliares em posições inferiores, sob a supervisão de civis que as USFET consideravam mais adequados para o trabalho. Assim, com dois meses de ocupação, o antigo chefe dos bombeiros de Nuremberg tornou-se um “consultor” pago de seu secretário, e o inspetor postal “aposentado” oficialmente trabalhava como assistente de um carteiro. Suas funções permaneceram as mesmas, e, em muitos casos, sentavam-se nas escrivaninhas de seus antigos escritórios. Apenas a posição hierárquica e o status oficial tinham mudado.

Sem ser explícito e afirmar o óbvio, Thompson deixou transparecer por que civis estavam se misturando aos militares no clube dos oficiais em vez de se reunirem no quartel-general da ocupação, onde o protocolo militar exigia um registro documentado do que ocorrera. Os civis no “covil da serpente” eram empreiteiros que forneciam serviços essenciais à cidade. Faziam o que o governo militar não podia legalmente fazer, pois não estavam sujeitos aos mesmos regulamentos ou à mesma supervisão. O corpo de empreiteiros era liderado por um membro da nova elite dirigente de Nuremberg, Heinz Levié, que não tivera nenhuma ligação anterior com os nazistas. Quatro meses antes da invasão de Nuremberg, ele era um prisioneiro do campo de concentração de Mauthausen. Agora, além de ser o pianista do clube, era o civil mais importante da cidade. Centenas e talvez até milhares de ex-nazistas trabalhavam para ele. Nenhum grande projeto de construção, disse Thompson, começava sem Levié.

Horn era um ouvinte receptivo. Era o que fazia como interrogador e, de bom grado, deixou Thompson dramatizar o relato. Mas, para ele, a verdadeira questão não era quantas vezes o general O’Daniel dera ao povo de Nuremberg a chance de se render, ou os detalhes da relação infeliz entre ocupado e ocupante. A principal questão era quantos fabricantes de brinquedos, doceiros e outros civis de Nuremberg haviam sido tão completamente cooptados por Hitler e seus correligionários que estavam dispostos a destruir a si mesmos e a cidade pela loucura do Führer. E aquilo, suspeitava Horn, tinha menos a ver com armamentos do que com o estádio e o campo de paradas – e talvez também com os tesouros do Sacro Império Romano.

– Fui encarregado de encontrar as Joias da Coroa – contou Horn ao

capitão. – Quanto mais cedo eu começar, melhor. Se isso requer negociar com empreiteiros, espalhar a notícia no mercado negro ou interrogar ex-nazistas, é o que farei.

Thompson de novo descartou a ideia, considerando-a impraticável. Horn obviamente continuava sem entender a situação em Nuremberg. Investigar o que havia acontecido no bunker – se é que havia algo a ser investigado – era quase impossível. Qualquer um que pudesse saber de algo estava morto. Quaisquer documentos que tivessem ou não existido jaziam soterrados sob toneladas de escombros.

Como se Horn precisasse de argumentos mais convincentes, Thompson mostrou os arquivos do MFAA sobre a mesa à sua frente. Todo dia, disse ele, chegavam novas ordens de Frankfurt, mas elas estavam bem distantes da realidade local. Ele tinha sido incumbido de proteger 65 monumentos artísticos, além de vários bunkers e abrigos antibombas que também estavam sob sua responsabilidade. Mas 32 das estruturas listadas já não existiam. Não passavam de pilhas de escombros. Outras 18 estavam tão danificadas que precisariam ser demolidas. Mas ele não podia fazer isso, porque o MFAA as declarara tesouros nacionais a serem preservados. Ele disse que era perigoso entrar nos prédios. O restante provavelmente podia e devia ser salvo. Mas como fazer isso se o regulamento do Exército o impedia de contratar antigos nazistas para realizar o trabalho? Ele não tinha outra escolha a não ser esperar que os burocratas das USFET lhe fornecessem os meios de realizar sua missão. Não podia pedir ajuda a um intermediário como Heinz Levié, porque o MFAA não dispunha dos recursos que o Ministério do Desenvolvimento Econômico ou a Comissão de Assuntos Cíveis precisavam. A equipe de Thompson estava na base da hierarquia.

Havia dinheiro afluindo à cidade, admitiu prontamente Thompson, mas a maior parte se destinava à restauração do Palácio da Justiça, sua prisão anexa e o Grand Hotel, na expectativa dos julgamentos dos crimes de guerra. As USFET queriam mostrar ao mundo que os Estados Unidos controlavam a cidade, embora, do ponto de vista de Thompson, isso não correspondesse à realidade. O Palácio da Justiça ficaria pronto a tempo para os julgamentos e o hotel disporia de vagas suficientes, mas o restante da cidade estava um caos. As pessoas passavam fome e uma epidemia de tifo se espalhara a partir do campo de prisioneiros. Matilhas de cães selvagens percorriam as ruas à noite. Além disso, também circulavam grupos clandestinos de vingadores judeus paramilitares, ex-trabalhadores forçados do Reich armados, comerciantes do mercado negro e nazistas desuniformizados.

A preocupação mais urgente de Thompson eram os quase 10 mil sem-teto que ainda viviam em abrigos antibombas e bunkers. As USFET haviam ordenado que os abrigos fossem esvaziados e as portas, lacradas. Mas o que ele

podia fazer? Largar outros milhares de mulheres e crianças nas ruas? Para serem estupradas e roubadas?

A mensagem de Thompson foi clara. Ele não achava que descobrir os artefatos desaparecidos – salvar o que classificou de arte alemã para os alemães – fosse uma ordem digna de sua atenção. Muitas vidas já tinham sido perdidas na batalha pela captura da cidade. Havia prioridades bem mais importantes do que a investigação do tenente.

Horn, contrariando seu próprio bom senso, estava começando a gostar do capitão. Não que o sentimento fosse mútuo ou que imaginasse o dia em que beberiam vinho juntos, recordando os velhos tempos da guerra. Horn simplesmente via Thompson como ele era: um burocrata de nível médio com um grau de instrução modesto e uma grande dose de patriotismo, talvez velho demais ou incapaz para o combate, que optou por trabalhar na ocupação porque imaginava que seria saudado na Alemanha como um herói conquistador. Para um homem como Thompson, ir a um lugar como Nuremberg provavelmente equivalia a ser atropelado por um caminhão.

No entanto, isso não justificava que o capitão se entregasse à bebida no clube dos oficiais, que se ausentasse do quartel-general porque não tinha nada a declarar àqueles que contavam com sua ajuda ou que entregasse a administração da cidade a empreiteiros ávidos por dólares, a rufiões em busca de vingança ou a ex-nazistas desuniformizados. Nada disso jamais resolveria os problemas locais ou ajudaria a encontrar quem tinha furtado as Joias da Coroa.

Após mais discussões e um pouco de bajulação, Thompson concordou em se encontrar com Horn no bunker na manhã seguinte. Mandou que seu auxiliar, o tenente Klise, arranjasse um quarto para Horn no Grand Hotel. O soldado Dollar poderia dormir com a 2ª Cavalaria no Alojamento Merrell, atrás do campo de paradas.

– Mais alguma coisa? – perguntou Thompson, ansioso para se livrar dele.

Horn pensou em várias coisas, mas por ora o acesso ao bunker era suficiente. Pouco antes de sair, porém, perguntou onde poderia encontrar o governador Fuller, pois tinha obrigação de se apresentar ao chefe do governo da ocupação.

O capitão indicou um homem mais velho num uniforme amarfanhado sentado ao lado do pianista e encorajou Horn a se apresentar.

– Mas não vai adiantar nada – acrescentou Thompson. – Ele foi destituído do cargo por contratar antigos nazistas.

Capítulo 6

A caixa de Pandora

21 de julho de 1945

O RELÓGIO PÚBLICO de Nuremberg não existia mais.

Como uma criança ferida sem os dois dentes da frente, a face oeste queimada da Igreja de Nossa Senhora já não contava com seu famoso relógio e as estatuetas em tamanho natural da realeza do Sacro Império Romano. Por mais de 400 anos, o Männleinlaufen marcara as horas sobre a Praça do Mercado, no coração do centro histórico. Sempre ao meio-dia, ao acompanhamento musical de um carrilhão giratório, pajens, tocadores de tambor e trombeteiros delicadamente esculpidos anunciavam a chegada de sete príncipes, duques e bispos. O séquito real então emergia de um nicho oculto atrás do relógio para jurar fidelidade a uma estatueta do imperador Carlos IV, sentado num trono dourado, usando uma coroa policromada e as insígnias imperiais do Sacro Império Romano.

O Männleinlaufen e as Joias da Coroa haviam sido removidos para um local seguro antes que as bombas destruíssem o teto da igreja e o fogo queimasse os prédios adjacentes. Ao olhar para o buraco onde ele ficava, Horn lembrou o prazer e a surpresa que sentira na infância ao passear pela primeira vez na idílica praça calçada com pedras, ouvir os trombeteiros e erguer o olhar para ver o painel colorido do relógio ganhar vida. Nesse dia, porém, não visitou o local para recordar a juventude e as réplicas das Joias da Coroa. A caminho da Alameda dos Ferreiros, ele fez uma pausa para ver onde os autênticos tesouros tinham sido publicamente exibidos em Nuremberg, séculos antes de serem removidos para a Áustria. Na Idade Média, fora ali, na Praça do Mercado, à sombra do velho castelo de pedras, que as associações entre as Joias da Coroa, a monarquia e o povo alemão tinham sido forjadas.

Panofsky, o orientador de Horn, certamente teria comentado que a antiga praça havia sido o gueto judaico da cidade. Fora aberta pelos administradores municipais no século XIV quando os interesses comerciais de Nuremberg se expandiram além do castelo. Ao fim do século XV, os judeus foram assassinados ou expulsos. A cada ano, próximo do local de uma antiga sinagoga, onde agora se erguia a igreja católica, multidões haviam se reunido na segunda sexta-feira após a Páscoa, para admirar o tesouro imperial exibido

num relicário construído especialmente para isso. Os peregrinos acreditavam que a realização correta de um ritual religioso reduziria em 38 anos sua permanência no purgatório. A Igreja assegurava que o purgatório podia durar 2 mil anos, portanto 38 anos a menos de tormento em troca de uma ou duas horas de devoção eram uma pechincha. Como as indulgências antes vendidas na Igreja de Nossa Senhora, as insígnias do Sacro Império Romano constituíam um grande negócio. Durante uma semana, milhares de alemães – entre membros da realeza, cavaleiros e servos – e peregrinos de lugares tão distantes como Espanha e Portugal participavam dos espetáculos cívicos meticulosamente encenados.

A veneração dos tesouros e a perseguição aos judeus da cidade ressurgiram na era nazista. A população judaica de Nuremberg foi deportada para campos de concentração, ao passo que o relógio e as réplicas das Joias da Coroa recuperaram o antigo esplendor no alto do Männleinlaufen. Os tesouros imperiais foram repatriados de Viena e exibidos novamente, e o nome da histórica Praça do Mercado foi trocado para Adolf Hitler Platz. Nos livros, nas revistas e até na literatura infantil, a cidade era comparada ao conto de fadas *A Bela Adormecida*, dos irmãos Grimm. Nuremberg – a princesa adormecida –, uma metrópole bonita e vibrante, foi forçada a mergulhar numa letargia aflitiva por judeus malévolos durante o século XIX. Foi Hitler quem a despertou com suas ações heroicas, e a cidade emergiu de seu longo sono para se tornar uma beldade cheia de vida. Ele, o Führer, era *der Starke von Oben*, o “forte de cima”.

Mas o fim da guerra trouxera mudanças drásticas a Nuremberg. A cidade estava em ruínas. O Männleinlaufen sumira, cinco das mais importantes Joias da Coroa tinham desaparecido da coleção do Sacro Império Romano, um ex-prisioneiro judeu de Mauthausen era o principal empreiteiro da cidade, e a praça ganhara um novo nome: General Mike O'Daniel.

Horn fora enviado a esse purgatório – pois era assim que os moradores com certeza viam o crepúsculo em que agora viviam – para recuperar os tesouros imperiais em nome do exército conquistador, assim como Napoleão fizera ao despachar tropas para reivindicá-los séculos antes. Não importava que os franceses não tivessem conseguido recuperar as Joias da Coroa porque as autoridades municipais as haviam ocultado em Viena, ou que as chances de que o emissário do general Eisenhower as encontrasse fossem igualmente remotas.

O tenente ficou surpreso com o fato de os fantasmas do passado continuarem assombrando o presente. Assim como a remoção do relógio de Nuremberg representou a perda de uma âncora mental importante para os moradores da cidade, criando um vazio que os levou a sentirem-se desequilibrados e fora de sincronia, o fim da exibição pública dos tesouros do

Sacro Império Romano também deve ter deixado um vazio difícil de preencher. Como bom historiador da arte, Horn refletiu se a veneração daqueles tesouros seria substancialmente diferente agora que uma monarquia havia sido substituída por outra, e se os eventos da guerra teriam alterado para sempre o sentido e a importância que os moradores atribuíam às insígnias imperiais. O militar nele, porém, concentrou-se na tarefa mais imediata: encontrar os artigos genuínos.

Horn resistiu à tentação de adentrar a Igreja de Nossa Senhora, danificada pelo fogo, ou de ver o que restara da igreja protestante próxima, São Sebaldo, onde Pachelbel tocara. Tampouco visitou as ruínas devastadas da prefeitura, onde o poeta lírico Hans Sachs e os Mestres Cantores haviam se apresentado, ou o Teatro Municipal de Nuremberg, que já não tinha mais telhado, onde Richard Wagner regera. Tudo o que restava do Heilig Geist Spital (Hospital do Espírito Santo), onde as Joias da Coroa permaneceram guardadas por mais de três séculos, era uma torre poligonal precariamente equilibrada na margem sul do rio Pegnitz.

A única parada de Horn antes de deixar a histórica praça foi no Schöner Brunnen, o magnífico chafariz de 18 metros de altura que também exibia esculturas em pedra de príncipes, duques e bispos do Sacro Império Romano, além de uma série de anjos e figuras bíblicas que os abençoavam. Ao contrário do Männleinlaufen, o monumento não pôde ser removido para um local seguro. Por isso os administradores da cidade construíram uma enorme proteção de concreto em volta dele. Horn observou um grupo de trabalhadores do campo de prisioneiros remover a superestrutura, revelando, peça por peça, as pedras de cantaria que estavam por baixo. De acordo com o soldado que supervisionava os trabalhadores, o governador Fuller ordenara que a proteção do chafariz fosse removida para que os visitantes mais recentes de Nuremberg – juízes e suas equipes que em breve participariam do tribunal de crimes de guerra a instalar-se na cidade – tivessem algo para ver além de salas de julgamento, celas de prisão e escombros.

Horn continuou a caminhar e finalmente encontrou seu primeiro rosto familiar na cidade: Albrecht Dürer. A estátua de bronze do morador mais famoso de Nuremberg, embora crivada de balas, continuava de pé, uma sentinela solitária erguendo a cabeça sobre os destroços ao norte da praça. A casa do artista, em frente ao Tiergärtner Tor, próximo dali, não tivera a mesma sorte. Suas paredes com vigas de madeira resistiram aos bombardeios, mas o telhado, as janelas e as portas haviam desaparecido. O prédio poderia ser reconstruído desde que Thompson, na pressa de recuperar a cidade, não mandasse derrubá-lo. Horn prestou bastante atenção para lembrar ao capitão que cada tijolo, umbral de porta e vidraça que estivesse faltando deveria ser coletado e recuperado. Isso era mais importante que os passeios dos juízes e

juristas que chegariam para julgar os criminosos nazistas. Como o relógio com carrilhão e o chafariz sob a proteção de cimento, a casa de Dürer teria que ser preservada para que os moradores de Nuremberg recuperassem a autoestima.

A entrada do bunker ficava a meio quarteirão de distância. Não havia sinal da porta de garagem que protegera o túnel de olhares curiosos na época em que a família Hüber morava no andar superior e restavam poucos vestígios de que um prédio um dia ocupara o espaço. Tudo o que Horn conseguiu ver da rua foi um par de portas de metal, cortesia do Exército americano, entre duas grandes montanhas de escombros. O letreiro frontal que antes se destacava, Antiguidades – Novas e Velhas, desaparecera, assim como os guardas nazistas, que devem ter achado a designação tão estranha quanto o soldado Hüber e sua família.

Dos dois lados da porta, operários trabalhavam duro separando cantaria e blocos de construção intactos para serem utilizados posteriormente. O resto do entulho estava sendo removido rua abaixo em carrinhos de mão e despejado em vagões-gôndola, que o levariam para fora da cidade por uma precária rede ferroviária. Assim como as muralhas do antigo castelo haviam cercado a cidade histórica, um novo e enorme aterro sanitário estava surgindo em volta da Nuremberg pós-ocupação.

As portas do túnel estavam abertas. Lá dentro, depois de uma plataforma de carga, encontrava-se o longo túnel descendente que Peterson e seus homens haviam explorado. A entrada, agora livre do entulho, era guardada por dois soldados com metralhadoras. Um grupo de outros soldados de infantaria perambulava na plataforma, um sinal seguro de que Thompson cumprira sua promessa e o aguardava lá dentro. Horn apresentou-se e esperou enquanto um dos guardas desaparecia túnel adentro para avisar o capitão.

Sem perder tempo, Horn começou a examinar a instalação. Logo notou que o local não fora projetado originalmente para ser um bunker. A pedra bruta havia sido cortada com ferramentas manuais, e tanto o declive gradual como o teto arqueado do túnel que levava às câmaras subterrâneas eram necessários para que trabalhadores passassem por ali conduzindo barris e carrinhos de mão.

– Isto foi uma adega de cerveja – revelou a Thompson ao chegarem à entrada.

A observação de Horn não impressionou o capitão. Durante a investigação, o tenente teria que explicar a história por trás das coisas que Thompson estava vendo para que elas fizessem sentido ou prendessem sua atenção.

Horn explicou que os nazistas haviam simplesmente transformado a adega para atender às suas necessidades. Era comum haver um espaço como esse sob o castelo, já que quase toda família na antiga Nuremberg possuía sua própria

adega de cerveja. Além disso, as amplas adegas da burguesia serviam não apenas para guardar cerveja, mas também para fermentar lúpulo. Houve épocas na história da cidade em que a lei exigia que todos os proprietários de casas mantivessem tais instalações. O motivo era compreensível: a cerveja alemã – fermentada com lúpulo antibacteriano – não se contaminava tão facilmente como o suprimento de água. Quando a cidade estava sob a ameaça de invasão, toda a sua população – humana e animal – subsistia à base dessa cerveja.

Além disso, dada a localização do túnel diretamente sob o castelo, Horn suspeitou de que no passado o bunker nazista pudesse ter sido a cervejaria real. Não tinha visto o suficiente da instalação para ter certeza, mas arriscou o palpite de que os homens de Thompson encontrariam um caminho que levaria também ao castelo, além de uma passagem para uma das muitas câmaras subterrâneas da residência imperial. A maior delas era o celeiro, onde alimentos podiam ser armazenados durante séculos. Segundo os relatos, isso não era nenhum exagero. O imperador Carlos V, por exemplo, teria mandado assar um pão com cereais que estavam armazenados havia 180 anos.

Thompson descartou a possibilidade de haver uma passagem oculta. Caso existisse outra entrada ou saída, ele e seus homens a teriam encontrado.

Em seguida, o capitão conduziu Horn ao complexo do bunker. Como Peterson observara em seu relatório, o sistema de ventilação estava funcionando e o ar lá dentro era puro e fresco. Exceto pelas pichações em inglês numa parede – feitas, certamente, por um soldado entediado incumbido de proteger o local –, não se viam sinais de danos.

O capitão garantiu a Horn que aquele era o lugar mais seguro da cidade. Seus homens estavam posicionados na entrada e no interior do túnel, montando guarda 24 horas por dia. Ninguém conseguiria entrar ou sair sem que ele soubesse.

Horn o seguiu, passando pela latrina e pelo chuveiro até chegar ao corredor principal, onde fez mais um comentário. O túnel levava a uma adega de cerveja, e, a julgar pelo teto alto e pelo interior espaçoso, aquela, provavelmente, havia sido a cervejaria real. As caldeiras de fermentação ficariam localizadas no corredor principal, e as salas em que os barris da bebida teriam sido empilhados foram convertidas em células para armazenar obras de arte.

O tenente enumerou as características que mais se destacavam. O ambiente ideal para fermentar lúpulo era inadequado para obras de arte, por isso os nazistas tinham construído uma estrutura de tijolos e cimento dentro da câmara maior. A porosidade do arenito vermelho e o ambiente naturalmente fresco e úmido requeriam isolamento e um aparato que controlasse a temperatura.

O complexo era de fato impressionante. Além de duas fornalhas de carvão e de câmaras separadas que abrigavam as unidades de calefação e ventilação, havia o dormitório dos guardas, um único aposento com dois beliches, mesa, cadeiras, estante de livros e um prego na parede, do qual provavelmente pendia uma fotografia emoldurada do Führer.

Thompson não sabia o que tinha sido encontrado no dormitório quando o bunker foi aberto. Se havia documentos ali, podem perfeitamente ter sido levados como lembranças pelos mesmos soldados anônimos que picharam a parede. Horn achou que não adiantava discutir o assunto com Thompson, porque o capitão assegurou que, se algo fora levado, isso acontecera antes que ele e sua equipe tivessem chegado ao local.

O capitão tentou apressar Horn no corredor. O tenente, porém, não pretendia examinar a instalação correndo. Levou o tempo necessário para observar tudo atentamente e anotar os seus achados a cada etapa do percurso.

Os dutos de ar que levavam à superfície haviam sido projetados de maneira muito engenhosa. Como o soldado Hüber contara a Horn, eles podiam ser vedados no caso de um bombardeio incendiário ou um ataque com gás venenoso. Ele também descrevera alçapões antibombas especiais embutidos nos dutos, que protegeriam o bunker de granadas ou outros explosivos lançados pelas frestas.

Thompson demonstrou aborrecimento, porque Horn decidiu inspecionar cada fresta antes de passar para a sala da fornalha, que continha tanques de combustível de 300 galões. Conforme suspeitara, a fonte de água para alimentar o sistema de resfriamento vinha de um antigo duto na parede, certamente ligado ao poço do castelo.

No entanto, a descoberta mais importante – e motivo de preocupação – foi o que pareceu ser uma saída de emergência que Horn encontrou na chaminé de exaustão do gerador. Não foi possível saber aonde o alçapão conduzia porque sua porta de metal – tão estreita que um homem mal conseguiria se comprimir por ela – não abria, por estar enferrujada. Horn se perguntou se teria sido por lá que Peterson e seus homens entraram no local. Num caderno de bolso preto fino, fez uma anotação para pedir a Dollar que tentasse desimpedir a saída e verificar aonde ela levava.

Constrangido porque o tenente descobriu facilmente algo que sua equipe não notara, Thompson garantiu que, embora fosse concebível que alguém tivesse tido acesso ao bunker por meio daquela passagem, um intruso teria sido interceptado pelos guardas lá dentro. Além disso, as unidades de armazenamento e as próprias câmaras ficavam trancadas o tempo todo.

Não havia nenhum tipo de dano aparente no corredor principal e nas salas de acesso, fato que trouxe à tona a dúvida que se instalara na mente de Horn desde que ele lera o relatório de Peterson: por que os nazistas, depois de terem

se esforçado tanto para construir a câmara subterrânea e instalar sofisticados dispositivos de segurança, deixaram o local desguarnecido durante as horas finais da invasão? O soldado Hüber contara que uma companhia de guardas da SS havia sido instalada no bunker, e o relatório de Peterson indicava claramente que os geradores e o sistema de ventilação estavam funcionando quando sua equipe entrou. Para onde os guardas tinham ido? E em que momento? Teriam levado consigo as Joias da Coroa que agora estavam desaparecidas?

Thompson não sabia ou não queria revelar. Tudo o que descobrira com os civis que interrogara foi que o bunker havia sido um segredo bem guardado. Os guardas da SS, quaisquer que fossem seus superiores, supostamente estariam agora no aterro sanitário em constante expansão na periferia da cidade ou em um dos campos de prisioneiros de guerra.

Horn achou melhor não insistir e preferiu voltar a atenção para as cinco unidades de armazenamento. Estavam bloqueadas por portas de aço de 2,5m de altura, cada qual com seu próprio mecanismo de tranca e suficientemente grossa para resistir às ondas de choque de uma explosão.

Enquanto Horn esperava que Thompson as abrisse, o capitão deu meia-volta e caminhou até a câmara principal, onde diversos policiais militares acompanhavam um dos civis que o tenente vira com Thompson no clube dos oficiais. Baixo e com cerca de 60 anos, o homem trajava o mesmo terno surrado do dia anterior.

O capitão apresentou Horn a Albert Dreykorn, secretário do Comitê Histórico da cidade, que vinha colaborando com Thompson e sua equipe para iniciar o processo de recuperação.

Dreykorn fez um movimento solene com a cabeça, mas não estendeu o braço para cumprimentar o tenente.

Thompson não falou mais nada sobre Dreykorn, dando a Horn a impressão de que o alemão fora examinar o local a seu convite. Somente quando o homem baixinho apanhou um molho de chaves, Horn percebeu que ele exercia o papel de supervisor – portanto, mais relevante – no serviço de recuperação de monumentos do capitão.

– Abrirei a câmara agora – disse Dreykorn num inglês capenga.

Horn ficou chocado. Além de o capitão aparentemente não possuir as chaves da câmara, quem as detinha era um cidadão alemão, talvez um dos ex-nazistas incluídos extraoficialmente na folha de pagamento da força da ocupação.

Em vez de chamar a atenção de Thompson para a óbvia falha de segurança, Horn decidiu aguardar até estarem a sós para expressar suas preocupações.

– Quero ver as outras unidades de armazenamento, não apenas a câmara principal – exigiu Horn em alemão e depois em inglês.

Thompson atendeu ao desejo do tenente, mas não sem mostrar sua irritação por ter que ampliar a inspeção além da câmara da qual os tesouros presumivelmente haviam sido removidos.

Dreykorn também parecia aborrecido com a perspectiva de Horn fazer uma vistoria detalhada do bunker. Claramente já havia conduzido visitantes pelo local e não via sentido em fazê-lo de novo, ainda mais em se tratando de um oficial de baixo escalão. Relutante, abriu o segredo da primeira célula de armazenamento e depois empurrou suas portas de aço maciço.

O aposento estava repleto de objetos de arte. À primeira vista, a estrutura da câmara interessou mais a Horn do que os tesouros propriamente ditos. Como o major Hammond comentara em Frankfurt, a primeira camada constituía-se de uma grossa chapa de fibra de vidro trançada, um material bastante moderno usado para isolamento térmico. Abaixo dela havia uma camada grossa de alcatrão à prova d'água aplicada sobre tijolos. Embora não conseguisse sondar muito fundo com seu canivete, provavelmente encontraria outra camada de alcatrão sob os tijolos, e depois cimento. O chão e o teto eram feitos do mesmo revestimento, mas sem a fibra de vidro. Em seu lugar havia uma camada de papelão. Era uma construção impressionante.

Horn examinou os conteúdos de cada célula. Entre os objetos mais valiosos estava a *Saudação do anjo*, de Veit Stoss, o célebre xilógrafo, construtor de pontes, canteiro e fundidor de bronze de Nuremberg. A imensa escultura em forma de crescente, representando a Virgem Maria e o Arcanjo Gabriel na Anunciação, estivera suspensa no coro da Igreja de São Lourenço, em Nuremberg.

Ao lado, outra unidade de armazenamento estava repleta de vitrais da mesma igreja, todos empilhados do chão ao teto. O catálogo de fichas no corredor de entrada do bunker indicava que eles tinham sido criados nos últimos 25 anos do século XIV, após a conclusão do coro gótico. Um vitral específico da coleção, com cenas do livro do Êxodo, foi desenhado por Michael Wolgemut, o famoso discípulo de Albrecht Dürer.

Mais uma vez, o historiador da arte em Horn falou mais alto que o soldado. Ele passou a mão pela madeira finamente granulada de um alaúde medieval, parou um instante para examinar o detalhe intrincado de um marfim carolíngio e observou o bonito alto-relevo na efígie do túmulo de um cavaleiro. Em seguida, reparou no delicado toque de pincel de um manuscrito ilustrado de um Livro de Horas monástico e viu seu próprio reflexo num cálice de ouro e prata polido.

Como dissera o major Hammond, e Thompson agora enfatizava, aquelas eram obras de arte alemãs pertencentes a museus da Alemanha.

Dreykorn confirmou o que o capitão disse. Por tradição e por proclamação real, aqueles tesouros haviam sido propriedade de Nuremberg por mais de 700

anos.

Horn nada comentou. Embora o civil alemão provavelmente tivesse razão sobre os outros objetos que o tenente examinou, nem tudo no bunker pertencera à cidade antes de Hitler entrar em cena. A verdade estava na próxima célula de armazenamento: os painéis e as imagens do altar de Veit Stoss roubados da Catedral de Santa Maria, em Cracóvia, na Polônia.

Esse controvertido artista de fato nascera em Nuremberg e tivera as bochechas marcadas a ferro em brasa depois de condenado por falsificação no início do século XV. Porém o altar havia sido encomendado e entalhado em Cracóvia, onde o escultor residiu por quase duas décadas antes de retornar à sua cidade natal. As autoridades polonesas e o Vaticano haviam se queixado formalmente do roubo pelos nazistas da reverenciada obra-prima de Cracóvia, mas não puderam impedir a sua remoção. Considerando o contexto mais amplo, o desaparecimento foi uma trivialidade em comparação com as atrocidades humanas perpetradas na Polônia ocupada pelos nazistas.

Além disso, havia o tesouro do Sacro Império Romano – os itens mais valiosos do bunker –, que tinha sido removido pelos nazistas de Viena e temporariamente exibido em Nuremberg.

Horn foi examinar essa coleção em seguida. Dreykorn mostrou o caminho até a câmara, que ficava na extremidade mais distante do local.

Um segredo numérico abriu a porta de aço, de 30 centímetros de espessura, e duas chaves deram acesso a uma porta interna menor feita de sólidas barras de aço. Para surpresa de Horn, além de possuir as chaves, Dreykorn também sabia o segredo.

Depois que a pesada porta foi aberta, o tenente educadamente pediu a Dreykorn que permanecesse do lado de fora. O homem ficou indignado com o que considerou uma decisão que não cabia a Horn. O acesso à câmara, alegou o civil alemão, era controlado pelo Comitê Histórico da cidade. As regras precisavam ser seguidas.

Thompson voltou-se para Horn como se este estivesse sendo injusto ao pedir que Dreykorn aguardasse fora, mas, diante da insistência do tenente em impedir a entrada, acabou concordando. O alemão poderia montar guarda fora da câmara para garantir que nada fosse removido.

Dreykorn então aguardou no corredor enquanto Horn, seguido de Thompson, entrou na câmara. Lá dentro, compactados em filas organizadas, caixotes de madeira se empilhavam até o teto. Um corredor estreito, com largura suficiente para uma pessoa passar, estendia-se da frente até o fim. As únicas coisas fora do lugar eram duas caixas vazias no fundo da sala e, ao lado, alguns materiais de embalagem espalhados no chão.

– Não fique chateado com Dreykorn – disse Thompson, ao se ver a sós na câmara com o tenente. – Ele faz questão de proteger este material.

Horn pôde ver o porquê. As outras câmaras estavam repletas de tesouros, mas aquela sala era diferente. Com cerca de 10 metros de comprimento e cinco de largura – como o cofre-forte de um dos grandes bancos da cidade –, ela continha as obras de arte e os artefatos mais antigos e valiosos da Europa. Historiadores da arte de Paris e de Londres poderiam discordar, alegando que seus museus, juntos, dispunham de coleções mais variadas e preciosas, mas nenhum teria visto algo equivalente aos tesouros guardados ali pelos nazistas – medidos por metros quadrados ou quilos –, em termos de valor histórico e monetário, em outra parte da Europa.

Horn abriu os caixotes e examinou o conteúdo de cada um. Conforme Hammond dissera e o Dr. Troche, do Museu Germânico de Nuremberg, confirmara no inventário preparado para o MFAA, todos estavam numerados e com etiquetas que informavam os itens, sua origem e as datas em que chegaram ao bunker.

Nos caixotes maiores, em mostruários de vidro, encontravam-se o manto de coroação de seda bordada, as roupas de baixo imperiais, os chinelos reais, as luvas, as meias compridas e os paramentos. O tecido era tão sutil e as cores tão vibrantes que Horn teve a impressão de serem reproduções. Só teve certeza porque o bordado, as contas e as pedras preciosas de fato faziam parte do traje de coroação real dos antigos soldados-reis. Os caixotes que examinou em seguida continham relíquias e tesouros ecumênicos, individualmente envoltos em fibra de vidro e protegidos em caixas de couro, madeira e metal separadas. Os artefatos mais significativos eram duas grandes cruzes bem antigas – uma de madeira e outra de ouro e prata, adornada de pedras preciosas. Dois caixotes menores continham, entre outros itens, três pares de esporas, dois braceletes de ouro e um anel. Em outra caixa, um pouco menor, mas ainda de tamanho considerável, estava a Lança Sagrada, ou Lança do Destino.

Se o inventário nazista estava correto – e Horn não tinha nenhuma razão para duvidar de sua exatidão –, todos os cinco tesouros desaparecidos haviam feito parte da coleção maior que foi levada para a câmara subterrânea. Como o Dr. Troche havia observado em seu relatório para o major Hammond, a coroa imperial tinha sido guardada no caixote 15, agora vazio; o cetro e o orbe, no 10; e as duas espadas, no 11, que sumira. Estranhamente – ou talvez de propósito –, esses itens haviam sido levados, ao passo que a Lança Sagrada, que Horn considerava tão valiosa quanto as duas espadas, o orbe e o cetro, fora deixada. Esse era um mistério tão grande para ele como o fato de o bunker, construído para suportar as bombas dos Aliados, ter sido abandonado desprotegido nas últimas horas desesperadas da invasão.

Pelo que Horn pôde deduzir da maneira como os dois caixotes vazios tinham sido abertos – os painéis superiores haviam sido arrancados e deixados no chão ao lado do material de embalagem espalhado –, quem levou os

tesouros, ao removê-los, não tomou o mesmo cuidado nem dedicou a mesma atenção dispensada ao transporte e armazenamento. O ladrão ou os ladrões estavam com pressa. Como a coroa, o orbe e o cetro eram relativamente pequenos, o tenente presumiu que haviam sido transferidos para o caixote 11 com as espadas, e este então foi removido do bunker. Mas quando foram pegos, e por quem? Não havia nenhuma pista.

Horn não conseguiu tirar mais nenhuma conclusão da câmara subterrânea. Tendo examinado minuciosamente as caixas vazias, passou a se concentrar na questão da segurança. O relatório do capitão Peterson indicava que ele e a Companhia E, além de outras pessoas, tinham entrado no bunker, porém não haviam aberto as diversas células de armazenamento. A inspeção das células e da câmara aparentemente só ocorreu depois que a equipe da ocupação chegou e o corpo principal das forças americanas deixou a cidade. Em Frankfurt, Hammond se referira a algum tipo de demora.

– Como foi que a sua equipe obteve acesso à câmara subterrânea? – perguntou Horn.

– Por meio de Dreykorn, é claro – respondeu Thompson espontaneamente. – Ele abriu a câmara cerca de um mês após a saída dos homens do general Frederick.

Explicando melhor, o capitão disse que não teve tempo ou meios para abri-la quando ele e sua equipe chegaram a Nuremberg, em 21 de abril, um dia após o encerramento do combate. Tendo em vista as condições desesperadoras da cidade, ele decidiu que os tesouros supostamente escondidos estariam mais seguros dentro do bunker do que em qualquer outro lugar. Diante dos problemas logísticos da criação de centros médicos e da distribuição de alimentos, e com a agitação dos moradores, que estavam se ajustando à ocupação, várias semanas se passaram até que Thompson tentasse entrar no local. Àquela altura, a inteligência militar havia identificado os prováveis detentores das chaves e do segredo da tranca, já mortos: o prefeito, Willy Liebel, e o secretário da Defesa, Karl Holz.

Acreditava-se que Liebel tivesse se matado em seu escritório, atingido na cabeça por uma arma de grosso calibre encontrada ao lado do corpo. Como o rosto do cadáver estava desfigurado e seus bolsos vazios, a identificação inicial foi difícil, mas um anel inconfundível no dedo anular e um lenço com seu monograma confirmaram que a vítima era o prefeito.

O corpo de Holz foi encontrado no pátio do quartel-general da Gestapo. Uma investigação preliminar concluiu que ele e um dos oficiais da SS de Himmler haviam se refugiado no escritório do secretário enquanto a infantaria invadia o prédio. Tiros foram trocados pela porta trancada, e o oficial da SS foi morto. Holz escapou por um buraco de bomba na parede e caiu no chão lá fora. Um soldado americano viu-o correndo pelo pátio e atirou

na sua nuca. O homem sangrou até morrer antes que alguém pudesse vir em seu auxílio.

Thompson disse que ele e seus homens haviam revirado a cidade, mas não encontraram as chaves ou o segredo da tranca. Quaisquer documentos associados ao bunker tinham sido queimados antes da chegada deles.

A julgar pela distração anterior do capitão em relação à saída de emergência que permanecera oculta, Horn desconfiou do que ouviu. Pilhas de papéis seriam necessárias para operar uma instalação do tamanho do bunker. E a hierarquia nazista, notória pela documentação, no mínimo teria mantido duplicatas das ordens de serviço e das listas de pessoal.

Thompson continuou o relato enquanto Horn fazia anotações. Com a investigação paralisada, e Fuller, o governador, pressionando-o por notícias positivas para contrabalançar a cobertura da imprensa sobre a situação caótica de Nuremberg e prevendo a chegada iminente de Mason Hammond, chefe do MFAA, Thompson havia decidido que chegara enfim a hora de abrir a câmara subterrânea. Impenetrável, o concreto reforçado resistia aos golpes de picaretas e marretas, e a porta foi considerada grossa demais para ser aberta por maçarico, por isso ele precisou chamar especialistas em demolição. Dreykorn chegou enquanto Thompson estava dentro do bunker discutindo qual era a quantidade de explosivos necessária para remover a porta da câmara.

Àquela altura da conversa com Horn, o capitão revelou o que deveria ter contado ao tenente desde o princípio. Albert Dreykorn, que abrisse a câmara para Thompson, era ninguém menos que o ex-secretário pessoal do prefeito. Não apenas Horn tivera razão ao suspeitar de que o alemão era um antigo nazista como este tinha sido secretário da autoridade mais importante da cidade, amigo pessoal de Hitler. O próprio Dreykorn pode ter completado as ligações entre Liebel e o Führer.

Em defesa de sua decisão de confiar em Dreykorn, ou talvez simplesmente para reassegurar a Horn que a supervisão da câmara era uma questão de extrema importância para ele, Thompson lembrou ao tenente o que havia explicado no dia anterior no clube dos oficiais. Todo mundo em Nuremberg era ex-nazista, mas a equipe da ocupação precisava deles para manter a cidade funcionando. Quem melhor para proteger a arte alemã do que os próprios alemães?

Horn pressionou Thompson por mais detalhes:

– Por acaso Dreykorn lhe ofereceu seus serviços?

Thompson admitiu que tinha sido o alemão que o abordara, e não o contrário. O homem simplesmente o informara de que não seriam necessários explosivos para abrir a câmara subterrânea.

Horn não interrompeu o capitão para comentar que Dreykorn, conforme o próprio Thompson admitira, chegara no momento certo para impedir a

entrada violenta dos soldados americanos na câmara. Apesar de tudo o que Thompson de fato sabia, o ex-secretário de Liebel poderia estar mantendo o bunker sob vigilância desde que Peterson e a Companhia E chegaram à cidade. O uso generalizado de alemães como secretários das equipes da ocupação também poderia ter explicado a “coincidência”. Por meio de sua rede de informações, Dreykorn poderia ter descoberto as intenções de Thompson em relação à câmara até antes de o governador Fuller e as outras autoridades da ocupação terem sido informados.

– Dreykorn forneceu as chaves e o segredo? – perguntou Horn.

Thompson explicou que o civil alemão tinha certeza de que Liebel e Holz, antes da invasão, haviam entregado as chaves e o segredo da tranca a três membros confiáveis da Câmara Municipal de Nuremberg. Com a mediação do ex-secretário do prefeito, dois dos vereadores, Heinz Schmeissner e o Dr. Konrad Fries, entregaram as chaves. O terceiro vereador, Julius Lincke, que sabia o segredo da tranca, estava desaparecido desde a invasão, e acreditavam que ele estivesse morto. Mas isso não representava um obstáculo, pois Liebel também confiara a Dreykorn o segredo da tranca.

Não foi fácil extrair a história completa de Thompson, fosse porque o capitão estava constrangido em revelar a verdade, ou simplesmente porque, como Horn mais tarde descobriu, um acordo fora selado por baixo do pano e o capitão e sua equipe não queriam que viesse à tona. Os dois vereadores ainda em exercício foram membros da antiga elite de Nuremberg e – como o inspetor postal e o chefe dos bombeiros –, a pedido da equipe da ocupação desesperada e assoberbada, haviam concordado em assumir seus antigos cargos no governo da cidade. Além de auxiliar os colegas da equipe de Thompson, foram nomeados pelo capitão para seu próprio Comitê Histórico da cidade, patrocinado pelo Serviço de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos, do qual Dreykorn era o secretário interino.

A justificativa dada a Thompson pelos vereadores Schmeissner e Fries por não terem se apresentado mais cedo foi a antiga afiliação nazista e o medo de serem processados. Dreykorn atuou como intermediário.

Horn se espantou com os acordos que haviam sido selados por mera conveniência. Até Hammond provavelmente ignorava a plena extensão da desordem em Nuremberg. Não só empreiteiros vinham realizando o trabalho da equipe da ocupação como raposas nazistas vinham guardando o galinheiro dos tesouros artísticos.

– Dreykorn contou algo sobre quem pode ter removido as Joias da Coroa? – perguntou Horn.

Thompson admitiu o que o tenente já suspeitava. Dreykorn e os dois vereadores no Comitê Histórico eram a origem dos boatos de que o alto-comando nazista removera os tesouros antes da chegada das forças

americanas. As únicas pessoas que podiam ter sabido a verdade, de acordo com Dreykorn e os vereadores, eram Liebel e Holz, que – como o capitão comentara – estavam mortos.

Horn anotou em seu caderno o nome de Dreykorn, bem como os dos vereadores de Liebel, e em seguida voltou a atenção para a câmara subterrânea a fim de se certificar de que nenhuma pista lhe passara despercebida. Ele interrogaria Dreykorn, Schmeissner e Fries por conta própria, sem ser observado por Thompson.

Enquanto Horn examinava a câmara, Thompson fez várias coisas que o enfureceram. Como o tenente mais tarde contou a Rosenthal, Thompson teve a audácia de acender um cigarro. Relutante, ele o apagou após uma repreensão educada de Horn. Minutos depois, uma segunda reprimenda foi necessária quando o capitão começou a mexer descuidadamente num caixote que continha os trajes da coroação – itens que ele menosprezava, como o manto, as roupas de baixo e os calçados de um rei morto. Ignorando os protestos de Horn, Thompson começou a revirar outro caixote, no qual estava a coleção de objetos ecumênicos delicadamente embalados.

O caixote que Thompson remexeu guardava a coleção de relíquias sagradas provavelmente mais valiosa fora do Vaticano. Entre os tesouros eclesiásticos que os nazistas haviam armazenado estava um relicário contendo uma lasca que se acreditava ter sido tirada da Cruz de Cristo, uma bursa com terra embebida do sangue do mártir Santo Estêvão, uma caixinha com fios do manto trajado pelo apóstolo João, elos de uma corrente que prendeu São Paulo e um ostensório com um osso do lendário legionário tebano Mauritius, canonizado como São Maurício.

Thompson expressou sua surpresa de que a SS tivesse se dado ao trabalho de construir uma câmara subterrânea para proteger propriedades da Igreja, ainda mais em se tratando de uma coleção de artefatos religiosos que talvez nem fossem autênticos. Afinal, Hitler e seus capangas eram pagãos. Freiras haviam sido estupradas e igrejas queimadas quando os nazistas invadiram a Rússia e os Bálcãs.

Horn não era um homem particularmente religioso, embora tivesse sido educado para ser. Mas não gostou da indiferença com que Thompson estava manuseando os artefatos e se indignou com a noção equivocada de que a elite nazista e seus soldados de infantaria se consideravam pagãos ímpios. Mas Horn não podia culpar o capitão por duvidar da autenticidade dos artefatos. Durante a época medieval, relíquias sagradas eram produzidas sob encomenda e toda igreja e catedral as possuía.

Não que Horn acreditasse que aqueles fragmentos de ossos e tecido fossem genuínos, embora pudessem ser. Aqueles objetos mereciam respeito e cuidado, até porque haviam sido venerados desde a época romana, antes de

Michelangelo, da criação da Magna Carta e de Colombo. E, por mais contraditório que parecesse a Thompson, aqueles tesouros pangermânicos antigos faziam parte da identidade nazista tanto quanto as ruas calçadas com pedras da Praça do Mercado de Nuremberg e as cerimônias celebradas nos locais de reunião do Partido. Junto com a coroa, o cetro, o orbe e as espadas, eram tesouros sagrados do Sacro Império Romano – que Hitler denominou Primeiro Reich –, os quais, mais recentemente, o Führer e seu círculo mais próximo de correligionários consideraram tesouros do “Terceiro” e igualmente “Sagrado Reich” da Alemanha.

As palavras *sagrado* e *Reich* não combinavam. Ao menos nenhum cristão respeitável ousaria usá-las juntas. As descobertas macabras feitas em Dachau constituíam uma prova segura das obsessões malignas e demoníacas dos nazistas. No entanto, havia mais detalhes relacionados à maneira e à razão pelas quais os tesouros eclesiásticos foram parar no bunker do que Thompson imaginava, assim como o desaparecimento das Joias da Coroa representava mais do que a mera perda de ouro, prata e pedras preciosas.

Horn viu-se tentado a iniciar um discurso que seu colega oficial precisava ouvir, e que ele estava plenamente preparado para proferir, sobre o que Hitler fizera para conquistar a cooperação entusiástica de milhões de alemães, tanto católicos quanto protestantes. Trapaça, propaganda, intimidação e assassinato desempenharam papéis importantes na criação do Terceiro Reich, bem como as condições econômicas insustentáveis após a Primeira Guerra Mundial. Mas Thompson estava errado ao presumir que as atrocidades cometidas contra os judeus e a perseguição à Igreja Católica foram atos de pessoas que se consideravam pagãs. Hinários e rosários foram encontrados junto de brinquedos nos complexos fechados em que os funcionários dos campos de concentração e os supervisores dos crematórios haviam morado com suas famílias. *Mein Kampf* (*Minha luta*), de Hitler, fora editado por um sacerdote católico, e Johann Strauss, além de seu trabalho como principal propagandista antisemita do Reich, lecionara numa escola primária de Nuremberg e era autor de livros infantis repletos de relatos fantasiosos da história alemã e da vida dos mártires cristãos.

Os ideólogos do Führer não procuraram eliminar Deus, mas defender suas próprias noções distorcidas do cristianismo ariano, da história germânica e de governo. Não era possível traçar um limite separando os tesouros eclesiásticos das insígnias do imperador. Aquele “negócio”, como Thompson displicentemente se referira ao conteúdo da câmara, eram símbolos sagrados da continuidade do Reich e da sucessão dinástica dos imperadores do Sacro Império Romano.

Agora não era o momento de discutir. Horn decidiu fazer seu discurso mais tarde naquela mesma noite. Como ponto de partida, escolheria a mais

célebre de todas as relíquias da Paixão, fundamental para se compreender a importância da coleção de artefatos do Sacro Império Romano. Foi para esse objeto que o soldado Hüber chamara a atenção de Horn, e foi ele que Thompson, ao remexer em outro caixote, tirou de dentro de uma caixa delicadamente entalhada. O capitão ergueu a ponta de lança de aço de meio metro de comprimento que teria supostamente dilacerado o flanco de Cristo. Levantando a arma de sua almofada de veludo, apontou-a para Horn como faria com uma baioneta.

– Não pode ser real, pode? – perguntou Thompson.

Horn jamais havia visto pessoalmente a lendária Lança de Longino e certamente nunca sonhou que um dia a seguraria. Mas foi o que fez, cuidadosamente removendo-a da mão de Thompson e recolocando-a na caixa. Como Horn diria mais tarde, ao descrever a experiência a seus alunos em Berkeley, a Lança Sagrada era mais pesada do que tinha imaginado. Seu peso e o conhecimento de sua suposta importância e do motivo da cobiça de Hitler por ela fizeram o tenente tremer.

Capítulo 7

A Lança do Destino

21 de julho de 1945

NAQUELA NOITE, APÓS O JANTAR, Horn conduziu Thompson por 2 mil anos de misticismo cristão e superstição pangermânica. Sua palestra improvisada poderia não melhorar as relações entre os dois homens ou facilitar a recuperação das Joias da Coroa que tinham desaparecido – tarefa que agora parecia impossível, diante da situação na Nuremberg ocupada –, mas ajudaria o capitão a entender por que Hitler, assim como Napoleão, cobiçou, antes de qualquer coisa, os tesouros do Sacro Império Romano.

Horn discorreu sobre esse assunto numa saleta sossegada no saguão do hotel. O reduto de Thompson no clube dos oficiais, com seu burburinho de farristas noturnos e empreiteiros, decididamente não era o local adequado para conversar sobre rituais medievais e a veneração de relíquias sagradas. Além disso, o soldado Dollar, que pediu para assistir à palestra do tenente após voltar de uma tentativa fracassada de liberar a saída de emergência do bunker, não tinha a patente para se aventurar além das dependências do hotel.

Acabaram aparecendo também vários amigos de Thompson e outros militares que estavam hospedados lá ou que passavam pelo saguão. Horn achou gratificante que suas palavras não estivessem caindo em ouvidos moucos, ao perceber que os colegas do capitão sentiam-se compelidos a ficar e ouvir, em vez de seguirem para o piano-bar, como costumavam fazer. E mais: era um sinal de que ele estava ajudando, mesmo que de forma modesta, seus compatriotas a compreenderem melhor a paisagem cultural da cidade que pretendiam governar. Dólares e boas intenções não eram suficientes para conquistar corações e mentes de uma população cujo conceito de império e monarquia remontava a 800 anos, antes mesmo de o *Mayflower* ter chegado a Plymouth Rock.

O tenente dirigiu-se a seu público como faria com estudantes sem conhecimentos suficientes do assunto para fazerem as perguntas certas. Não podia culpá-los pela ignorância sobre a sucessão dinástica dos imperadores do Sacro Império Romano, assim como Panofsky não poderia repreender um de seus alunos alemães por não saber que os Detroit Tigers eram um time de beisebol. A maioria dos americanos tinha poucas noções da história mundial.

Naquela noite, Horn pretendia ajudar seus ouvintes a transporem uma fronteira cultural significativa. Embora os estudantes dos dois lados do Atlântico aprendessem história nos livros didáticos e nas visitas a museus, na Alemanha e nos demais países da Europa a história estava mais intimamente entremeada no dia a dia. Lá os alunos cresciam à sombra de aquedutos romanos, percorriam estradas que haviam sido trilhadas durante milhares de anos e frequentavam igrejas que foram construídas antes da era da alfabetização, quando os fiéis aprendiam as Escrituras por meio de representações artísticas em pedra, madeira e vitrais. Muitos daqueles edifícios sagrados foram erguidos em locais anteriormente ocupados por antigos templos pagãos. Assim como madeiras e pedras antigas eram recicladas, as crenças e os rituais pagãos também serviram de base para a liturgia e a tradição cristãs.

Na Europa, as construções tinham um passado repleto de história, diferentemente das construções “novas” do Novo Mundo. O Castelo de Nuremberg, por exemplo, não era de fato um único castelo, mas um conjunto de três estruturas sobrepostas construídas em torno do que poderia ter sido uma torre de vigia romana fortificada. Mas, antes disso, ele podia perfeitamente ter abrigado tribos germânicas praticantes do paganismo, como indicavam os entalhes numa das torres. Da mesma maneira, o Terceiro Reich não podia ser compreendido como um movimento ideológico e político não afetado pelo que o precedeu. O tema da palestra de Horn, a Lança Sagrada, era o meio perfeito para contar a história mais ampla de como os tesouros de um império se tornaram talismãs sagrados do próximo.

O tenente não precisava recorrer a anotações para falar sobre o assunto. Além de ser doutor em história da arte, Horn vivera em um ambiente que transbordava cultura e conhecimento: tanto o pai como o avô haviam sido pastores luteranos; o irmão mais velho, Rudolf, um respeitado professor de história germânica na Universidade de Heidelberg; e seu cunhado, Erich Maschke, catedrático do departamento de arqueologia da Universidade de Leipzig. As conversas à mesa do jantar muitas vezes descambavam para discussões, quando o irmão e o cunhado se tornaram nazistas de carteirinha. No entanto, apesar das afiliações partidárias e da ameaça iminente de um conflito mundial, toda a família tinha um apreço profundo pelas lendas e pelo folclore da Lança Sagrada. Eles entendiam a aura sacra daquele objeto e como, através dos séculos, seu poder icônico fluíu como um rio dos tempos bíblicos até o presente.

Horn começou sua apresentação como faria, anos depois, numa palestra semelhante realizada em Berkeley. “A questão não é se a Lança de Longino guardada no bunker nazista é ou não a mesma que dilacerou Jesus”, declarou ele. “Talvez chegue uma época em que se possa estudar e descobrir, sem que

restem dúvidas, se a lança é a real ou não. O que importa é que gerações de cristãos alemães a veneraram como o artigo genuíno, e muitos continuam a reverenciá-la.”

Aquela veneração, explicou Horn, estava associada ao momento mais significativo da história de Cristo: quando Jesus – sangrando e exaurido, com uma coroa de espinhos na cabeça – foi pregado na cruz. Como isso aconteceu na sexta-feira antes da Páscoa, e a lei judaica proibia execuções em dias sagrados, seu corpo teve de ser removido para que ele fosse enterrado antes do pôr do sol. Para se certificar de que ele estava morto, um soldado romano, postado ao pé da cruz, enfiou sua lança bem fundo no flanco direito de Jesus, de onde fluíram sangue e água. Horn observou que a Bíblia, em João 19:34, não identifica o soldado que empunhou o que veio a se chamar a Lança Sagrada. O nome de Longino apareceu pela primeira vez numa coletânea de textos cristãos antigos conhecida como Livros Apócrifos, nos quais ele foi descrito como um centurião que servira fielmente à sua legião antes que um problema de visão encerrasse sua carreira de combatente.

Em retribuição a seu serviço leal, Pôncio Pilatos designou Longino para um posto menos perigoso no monte Calvário, e foi assim que ele participou da crucificação de Jesus. Como descrito na Bíblia e detalhado nos Livros Apócrifos, quando Longino retirou sua lança do flanco direito de Jesus, sangue e água jorraram pela haste e entraram nos olhos do centurião, purificando-o do pecado e restaurando-lhe a visão. Inspirado pela dignidade e pela coragem de Jesus em suas horas finais, e transformado pela cura milagrosa, Longino se ajoelhou diante da cruz, implorou perdão e, em voz alta, proclamou a divindade de Cristo.

Ao deixar o monte Calvário, Longino era um homem transformado. Nunca mais serviria a Pôncio Pilatos e às legiões romanas. Após abandonar o Exército, buscou a companhia dos seguidores de Jesus. Ao contrário da maioria dos apóstolos, Longino era um cidadão romano e podia viajar livremente. Nos 28 anos seguintes, segurando a lança, percorreu as estradas poeirentas do Império Romano, atestando que Jesus era o Messias, levando a notícia ao mundo ocidental. Enfim entrou em conflito com a lei romana e suportou suplícios sem renegar sua fé. Os torturadores arrancaram seus dentes e sua língua e afinal cortaram-lhe a cabeça. No entanto, segundo a tradição, seu testemunho não pôde ser silenciado. Séculos depois, o mártir Longino foi santificado.

Horn comentou que a importância da história de Longino não residia apenas no texto do Antigo Testamento e nos Livros Apócrifos. A confirmação de que Jesus era o Messias dependia do cumprimento, pelo centurião, da profecia de que “nenhum dos seus ossos será quebrado” e “olharão para aquele que trespassaram”.

Nada do que Horn havia dito se afastava da história de Longino, como narrada em *Butler's Lives of the Saints*, um texto de referência consagrado consultado pelos historiadores da arte e pelos teólogos tanto dos Estados Unidos quanto da Europa. Foi o que o tenente disse a seguir que perturbou seus ouvintes:

– A tradição sugere que Longino foi um ariano, descendente de uma das tribos germânicas conquistadas pelos romanos. O executor de Cristo pode perfeitamente ter sido o primeiro cristão, já que o cristianismo só passou a existir depois que Cristo morreu na cruz e Longino fez com que a antiga profecia se cumprisse.

Horn conseguira captar a atenção de todos com uma interpretação nitidamente germânica da história popular contada nos púlpitos de Nuremberg antes e após Martinho Lutero. Essa versão exercia uma atração singular sobre cristãos desejosos de remover o judaísmo da história de Cristo, concentrando-se na maneira como ele se sagrou o Messias e o cristianismo se espalhou pelo Império Romano. Somente por meio da luta e do derramamento de sangue – quando o ariano Longino foi banhado pelo sangue do Messias – a purificação e a redenção puderam ocorrer.

Aos olhos de alguns teólogos alemães, explicou Horn, havia um significado especial nos fatos de que um soldado ariano desempenhasse um papel fundamental na crucificação, que esse mesmo soldado divulgasse a mensagem do cristianismo no que mais tarde se tornaria a Europa, e que Longino, posteriormente declarado mártir, inspirasse gerações de soldados-reis e imperadores do Sacro Império Romano que lutaram nos mesmos campos de batalha que os combatentes da guerra recém-encerrada.

Horn sentiu-se tentado a apresentar a interpretação revisionista dos próprios nazistas da Paixão de Cristo, na qual Jesus também era ariano e Longino fora salvar o Profeta de seus perseguidores judeus. Mas aquele não era o foco da palestra, então ele não fez nenhum outro comentário sobre o centurião. A Lança Sagrada é que ofuscaria para sempre o homem por trás da lenda e acabaria se tornando a suprema “reliquia de sangue” do Sacro Império Romano.

Tendo despertado o interesse de seu público, Horn deixou para trás os tempos bíblicos e passou à primeira referência historicamente confiável à Lança de Longino: Mauritius, outro legionário romano e comandante da Legião Tebana, cuja coragem no campo de batalha só foi comparável ao ardor de sua fé em Cristo.

– Não importa como ele obteve a lança – disse Horn. – Os cronistas medievais apenas afirmam que ela pertencia a Mauritius no século III, quando o imperador romano Maximiano, pagão, ordenou que a Legião Tebana sufocasse uma rebelião entre as tribos arianas da Gália.

Ao chegar ao campo de batalha nos contrafortes dos Alpes, Mauritius e seus soldados descobriram que os rebeldes inimigos eram cristãos como eles. Tendo aprendido a abominar as cerimônias pagãs ainda disseminadas pelo Império Romano e preferindo sofrer punições extremas a matar companheiros cristãos, os legionários tebanos se recusaram a entrar em combate.

Enfurecido por Mauritius desafiar a ordem direta de seu superior romano, o imperador Maximiano ordenou a “dizimação”, processo em que um de cada 10 homens das tropas era escolhido para ser decapitado. A única forma de os legionários tebanos se salvarem seria renunciando a Cristo, proclamando a divindade de Maximiano e fazendo ofertas aos deuses romanos. Em vez de abandonar sua fé, como previra Maximiano, cada legionário escolhido se ajoelhou, orou e depois ofereceu o próprio pescoço ao carrasco em nome de Cristo.

Num exagero tipicamente medieval – digno de nota, explicou Horn, graças à lenda que se associaria à Lança Sagrada –, o espírito de Longino apareceu aos legionários e convidou cada um a aderir a seu exército cristão na vida pós-morte. À medida que as cabeças rolavam, vários milagres aconteceram. Um soldado tebano caído se ergueu do chão e carregou a própria cabeça até o alto de um morro, onde se ajoelhou, orou e enfim deitou. Depois que os sobreviventes da primeira rodada de execuções persistiram em declarar sua fé, a carnificina prosseguiu até que o rio Reno, próximo dali, ficou tingido do sangue de 6 mil mártires.

O culto à Legião Tebana martirizada se espalharia por um Império Romano dividido, por meio das lendas que relatavam como Mauritius, também decapitado, desafiou o poder da autoridade romana e ergueu-se diante de seus homens brandindo a Lança de Longino, lembrando-lhes aquele que havia sido crucificado no monte Calvário.

Em seguida, Horn explicou como, no século III, a lança acabou se tornando propriedade de Maximiniano, coimperador do Império Romano dividido, cuja filha Fausta se casou com Constantino, o governante romano que se tornaria o primeiro imperador cristão. Naquela época, assim como viria a acontecer no futuro, a transferência da lança – como parte do dote de Fausta – teve consequências fatais para seus antigos possuidores: conta-se que Maximiniano teria se suicidado ao ser envolvido numa trama para assassinar o jovem Constantino, e Fausta foi executada pelo marido por ter se enredado num complô para matar Crispo, o filho dele.

O tenente contou que Constantino sobreviveu às intrigas da corte e consolidou o império. Sua vitória na ponte Mílvia, na periferia de Roma, provou ter sido o acontecimento mais importante até hoje na disseminação do cristianismo. Como os cronistas da história relatariam, na noite antes da batalha épica, Constantino teve a visão de uma cruz flamejante no céu e uma

inscrição grega nas nuvens, vaticinando que ele e seus homens sairiam vitoriosos.

Nos últimos 25 anos do século IV, Constantino foi o único soberano do Império Romano. Declarou Roma uma cidade cristã e convocou o Primeiro Concílio Ecumênico da Igreja, reunido em Niceia. Lá, a Lança Sagrada foi exibida ao público, e, embora tenham surgido conflitos quanto aos textos que se tornariam o cânone cristão, conta-se que o imperador ficou calmamente sentado segurando seu “talismã sagrado de poder e revelação” junto ao peito.

A mãe de Constantino, a imperatriz Helena, célebre por sua devoção, promoveu o uso simbólico da Cruz de Cristo para representar a vitória do Messias sobre a morte, mas a Lança Sagrada, que, de seu filho, foi para as mãos dos futuros reis, passou a significar a vitória dos cristãos sobre os pagãos – mais notadamente os judeus. Rezava a lenda que quem possuísse a lança e entendesse seu poder teria o destino da humanidade nas mãos.

O próximo pretendente à lança, o imperador Teodósio, filho de um general romano, tornou-se conhecido pelas vitórias contra os godos. Sob seu reinado, foram removidos do Império Romano os últimos vestígios do paganismo, e o cristianismo, na forma da ortodoxia nicena, foi declarado a religião do Estado. Cristãos extremistas derrubaram esculturas de ídolos pagãos – entre as quais, possivelmente, a Vênus de Milo, que perdeu os braços. A Roma de Augusto e Tibério desaparecera para sempre. Assim, o fogo eterno no Templo de Vesta, localizado no Fórum Romano, foi apagado e as virgens vestais foram expulsas. Dos alicerces daqueles templos pagãos, porém, se ergueriam grandes catedrais, a Cidade do Vaticano e a fortaleza que se tornaria o Castelo de Nuremberg.

Na luta contínua pela ortodoxia nicena ao fim do século IV, Teodósio massacraria milhares de homens, mulheres e crianças cristãos que não a seguiam. Como expiação pelo que a Igreja considerou conduta excessiva, Teodósio realizaria três meses de penitência e exporia a Lança Sagrada publicamente na catedral que construiu para ela em Milão. Lá, pela primeira vez na história, a relíquia atraiu milhares de peregrinos e foi incorporada à Eucaristia dos Dias Santos. A lança foi usada para cortar o pão e depois mergulhada no cálice de vinho. Erguida bem alto, molhada no vinho consagrado da Eucaristia, tornou-se a “lança sangrante” do sacramento de Longino, uma cerimônia que seria praticada em algumas tradições da Igreja até os tempos modernos.

Após a morte de Teodósio no fim do século IV, a relíquia foi transferida para Roma no intuito de protegê-la de Alarico, o rei visigodo. Combatente aguerrido e líder nato, ele concebeu um plano audacioso para invadir a Itália e saquear Roma. Após uma série de batalhas inconclusivas com as legiões romanas e várias tentativas de negociar um acordo de paz, o rei passou por uma experiência sobrenatural, registrada para a posteridade pelo poeta

romano Claudiano: “Apressa-te, Alarico”, instruiu uma voz misteriosa. “Neste mesmo ano forçarás a barreira alpina da Itália e penetrarás na cidade.”

Um ano depois, Alarico e seus homens invadiram Roma e saquearam casas particulares e prédios públicos. Em meio à pilhagem, o rei, trajando mantos esplêndidos, sentou-se no trono com uma coroa de ouro na cabeça e a Lança Sagrada na mão.

No entanto, nem todos os detentores da lança foram reconhecidos como governantes legítimos das terras que conquistaram. A dissolução contínua do ameaçado Império Romano no decorrer do século V seria marcada por relatos não confirmados e espúrios de quem possuiu a relíquia e quais poderes ela conferiu a seus donos.

Entre os supostos possuidores da lança, o mais fascinante foi Átila, que deixou um rastro de destruição na Europa após assumir o poder, no século V, como rei dos hunos. Mas sua rota de conquistas foi interrompida nos portões de Roma. Os cronistas da época escreveram que ele foi dissuadido de saquear a cidade pelo papa Leão I, que lhe ofereceu um vasto tesouro, do qual a lança fazia parte. Antes que Átila conduzisse seus homens de volta ao norte da Itália, supostamente teria parado nos portões de Roma, para sacar a Lança Sagrada do alforje e lançá-la aos pés dos soldados romanos.

Justiniano, soberano de um reino dividido no início do século VI, pretendia restaurar a antiga grandeza do Império Romano. Além de codificar as leis e os estatutos, travou guerra em várias frentes e acabou conquistando o norte da África, a Sicília, o norte da Itália e a Espanha. Suas fortificações ao longo das fronteiras oeste e sudeste, comentou Horn, permanecem visíveis até hoje. O próprio general Patton chamou atenção para elas na frente ocidental, quando ele e seus homens se dirigiam à fronteira alemã.

Citando Procópio, o biógrafo de Justiniano, o tenente descreveu como esse imperador colecionou e disseminou lendas da Lança Sagrada, para que os sofrimentos de Jesus “pudessem ser mantidos vivos na mente das pessoas” e “todos conhecessem a lança do centurião”. A questão principal, porém, era como ela seria reconhecida.

Embora Justiniano, sem dúvida, fosse um homem de grande determinação e energia, não hesitou em empregar os métodos mais selvagens para impor seu domínio nos cantões pagãos mais rebeldes de seu império. Em um de seus primeiros atos, o fato de ele possuir a lança serviu para defender a extinção da Academia de Platão em Atenas e o assassinato de mais de 35 mil judeus. Sua selvageria, declarou Horn, demorou a ser esquecida. No século VII, os próprios cristãos consideraram a lança um símbolo inadequado à sua Igreja. Em seu lugar, o Santo Graal tornou-se o ícone da Igreja medieval, enquanto a Lança Sagrada e as Joias da Coroa viriam a representar o monarca terreno designado por Deus, o imperador do Sacro Império Romano.

Horn avançou o relato em três séculos, dos tempos romanos à época do imperador Carlos Magno, cujo respeito ferrenho à família e ao código cavaleiresco personificou a grandeza de um rei cristão medieval. Foi considerado um santo pela Igreja Católica; pelos franceses, seu maior rei; pelos italianos, seu imperador; e, pelos alemães, pai de sua nação. Entre suas várias realizações estão a criação do tribunal do júri, a reforma dos pesos e das medidas e a cunhagem de moedas. Também mostrou grande interesse pela teologia, coletou e ordenou a cópia de milhares de textos religiosos, reorganizou a Igreja e inspirou a reforma monástica.

Para Carlos Magno, explicou Horn, a lança não era apenas símbolo e fonte de poder para a conquista cristã, mas um objeto sagrado que dotava seu proprietário do direito divino de governar. Assim como a espada de um rei sobre o ombro de um soldado lhe concedia o título de cavaleiro, a Lança Sagrada colocada no ombro de um príncipe devoto tornava-o rei. Os sofrimentos de Jesus eram simbolicamente “suportados nos ombros” pelo novo monarca, que de bom grado derramaria seu sangue pela redenção dos pecadores, sendo um instrumento da vingança contra aqueles hostis a Cristo.

O biógrafo de Carlos Magno afirmou que o imperador levou consigo a Lança Sagrada em cada uma das 47 campanhas que o tornaram o primeiro governante efetivo desde a queda do Império Romano. Ele supostamente mantinha a lança sempre a seu alcance, até o dia em que, por acidente, deixou-a cair quando retornava de uma campanha vitoriosa. Seus súditos fiéis acreditaram ser isso o augúrio de uma tragédia iminente. E estavam certos. Aquela, de fato, foi sua última campanha.

Os três filhos de Carlos Magno, seus herdeiros, não tiveram o mesmo sucesso nos esforços para consolidar e reformar as nações cristãs. No século VIII, o império desmoronou. Henrique I, considerado por muitos o primeiro rei de um Estado nitidamente alemão ou pangermânico – que Hitler chamou de Primeiro Reich –, teria levado a lança em batalha antes de passá-la a seu filho, Oto I.

Assim como Carlos Magno e Henrique I antes dele, Oto usou a lança para estabelecer sua legitimidade como imperador. Quando não carregada em batalha, ficava num altar na opulenta catedral que ele mandou construir em Magdeburgo, na Alemanha, junto com outras relíquias e tesouros imperiais. O principal item era a coroa, que, ao contrário das coroas modernas, não tinha forma redonda, mas octogonal, com oito placas articuladas, arredondadas no alto, e encimada por uma cruz de ouro. Além da coroa havia o orbe e o cetro, símbolos do governo cristão mundial, e duas espadas. Nas cerimônias de coroação, a espada imperial, ou Espada de Maurício, era sempre carregada à frente do rei, apontando para cima. Distinguia-se da espada cerimonial – usada pelo monarca para conceder o título de cavaleiro aos súditos leais – pelo

pomo, com uma águia imperial, e uma barra transversal gravada com as palavras *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat* [Cristo triunfa, Cristo governa, Cristo comanda].

Por mais sagradas que essas e outras Joias da Coroa fossem para o que se tornaria a monarquia germânica, o que inflamava a imaginação dos cronistas medievais ainda era a Lança Sagrada. Uma história popular do século X, contada por Horn, descreve uma conspiração, no Natal de 941, para enviar dois assassinos à Catedral de Magdeburgo com a missão de matar Oto antes que ele pudesse ser coroado imperador do Sacro Império Romano. Pressentindo o perigo, ele supostamente pegou a lança do altar e se defendeu com ela. Os pretensos assassinos logo foram capturados pelos guardas reais e, ao que tudo indica, executados.

Dali para a frente, Oto, coroado em 951, ampliaria consideravelmente a finalidade da Lança Sagrada. Além de ser uma importante relíquia entre as mais importantes insígnias da coroação, foi incorporada à cerimônia de batismo de sangue dos Cavaleiros Teutônicos, uma confraria germânica medieval de soldados-sacerdotes dedicados a proteger o imperador e guardar as Joias da Coroa. As cerimônias pagãs, que em graus diferentes influenciaram a lenda de Longino, baseavam-se no conceito de que o sangue era o veículo da “energia vital” e, portanto, aquele que o despejasse em seu corpo e molhasse a língua nele receberia a coragem e a força do ser que havia sido abatido, fosse ele homem ou animal, judeu ou gentio.

Desde a morte de Oto I até a ascensão de Henrique IV ao trono, no início do século XI, a ponta da lança, separada de seu cabo de madeira, ficou em constante exibição com cada vez mais características curiosas. À lâmina foi acrescentado um Prego Sagrado, que alegavam ser oriundo da Cruz de Cristo. Enquanto um artífice abria uma fenda estreita na lâmina para inserir o prego – ou em alguma ocasião anterior não especificada –, a lança foi acidentalmente quebrada ao meio. Em vez de tentarem juntar as duas partes, artesãos prenderam duas lâminas de faca finas nos dois lados da fenda. Ao redor delas enrolaram uma faixa dourada e outra prateada. Depois disso, não era possível ver que a lança tinha se quebrado. Em vez de explicar o dano e os reparos subsequentes, o imperador Henrique IV alegou que as faixas foram fixadas ali para mostrar quão profundamente a ponta da lança penetrou no corpo de Cristo. Por isso, explicou Horn, o objeto guardado no bunker da Alameda dos Ferreiros aparecia daquela forma, com a faixa dourada envolvendo o meio. Na coroação de Henrique, os acréscimos, ou melhorias, realçados pela afirmação do rei de que o poder da relíquia – agora com o Prego Sagrado – havia dobrado, causaram comoção.

A posse da lança e das insígnias, porém, não protegeu o reinado dele. Três de seus filhos brigaram pelo trono por tanto tempo e de maneira tão violenta

que o soberano, temendo pela vida, concedeu a lança à sua filha mais fiel, Agnes. De sua mão, a lança passou, como consequência de seu matrimônio, para o neto de Henrique, Frederico I, chamado Barbarossa, ou “Barba Roxa”, que era um visitante frequente do Castelo de Nuremberg.

A vida do rei Frederico foi uma luta longa e implacável com problemas domésticos na Alemanha, distúrbios civis na Lombardia e desavenças com o papa Alexandre III em Roma. Ele empreendeu seis expedições à Itália e juntou-se à fracassada Segunda Cruzada, durante a qual suas relações com a Igreja Católica se deterioraram. O soberano acabou sumariamente excomungado. Em resposta, declarou seu apoio ao antipapa Vítor IV e tentou transferir a sede da Igreja para Nuremberg, um esforço que culminou, no início do século XII, em várias batalhas sangrentas e em sua derrota.

Ironicamente, observou Horn, a derrota de Frederico mostrou-se mais valiosa do que seus sucessos militares anteriores. O imperador confessou seus erros e, com a lança na mão, ajoelhou-se e beijou os pés do papa. Com a bênção do pontífice, ele voltou a presidir um império unido. Como penitência por sua insolência anterior, integrou a Terceira Cruzada, marcando o primeiro retorno da lança ao local de sua santificação mais de mil anos antes.

A tragédia acometeu Frederico durante a Cruzada. Em 10 de junho de 1190, quando seu exército se aproximava de uma pequena ponte, conta-se que ele galopou para se juntar ao filho do outro lado do rio, liderando a guarda avançada, e o cavalo caiu da ponte e mergulhou na água. Tanto o animal como o cavaleiro foram arrastados pela correnteza. Impotente dentro de sua armadura pesada, Frederico se afogou. Reza a lenda que a lança caiu de sua mão na água bem no momento de sua morte.

A Lança Sagrada desapareceu pelos 150 anos seguintes, mas sua narrativa mítica foi celebrada no grande poema épico medieval *Parzival*, do cavaleiro alemão Wolfram von Eschenbach. Nele, a “lança sangrante” seria para sempre associada ao “cálice sagrado”, dando origem a mitos e lendas que dominaram a literatura sagrada e popular, mais tarde inspirando Richard Wagner, o compositor favorito de Hitler, a escrever a ópera *Parsifal*.

No século XIV, o imperador Carlos IV, cuja estatueta ocupava o trono do enorme Männleinlaufen da Igreja de Nossa Senhora de Nuremberg, admirava muito o poema de Eschenbach e procurou tesouros semelhantes a fim de dar mais brilho à sua corte. Desesperado para obter o Santo Graal e a Lança Sagrada, despachou mensageiros por todo o império numa busca para encontrá-los. Diante do fracasso da primeira tentativa, encorajou seus cavaleiros a irem mais longe. Eles não encontraram o Santo Graal, mas acharam a Lança Sagrada, ou ao menos uma ponta de lança romana, que ele exibiu em Nuremberg. O fato de Carlos IV possuir o objeto sagrado aparentemente convenceu a população de sua capacidade para governar. A

essa altura, ela deixara de ser um símbolo da autoridade cristã e se tornara um meio de transferência do poder – ou *translatio imperii* – de um imperador do Sacro Império Romano para o seguinte.

Se era ou não a mesma relíquia venerada antes em Milão, a lança de Carlos IV permaneceu como bem sagrado dos monarcas subsequentes por cinco séculos. Mais tarde, numa tentativa de encerrar os conflitos intermitentes pela propriedade das Joias da Coroa, o filho de Carlos IV, o imperador Sigismundo, mandou que a lança e as demais insígnias imperiais fossem reunidas numa grande coleção e enviadas a Nuremberg. Por decreto imperial, elas não ficariam mais sob a guarda do soberano, mas permanentemente na Alemanha, deixando aquela cidade apenas para as cerimônias de coroação. Também por decreto real, os tesouros deveriam ser apresentados uma vez por ano ao público.

A cerimônia de exibição, conhecida como Festa da Lança Sagrada, começava com uma parada triunfal até a Praça do Mercado, depois da qual os tesouros eram colocados numa plataforma elevada sobre um palanque. Primeiro eram exibidas as relíquias ligadas ao nascimento de Cristo, em seguida as insígnias imperiais – a coroa, o orbe, o cetro e as espadas – e, por fim, as relíquias da Paixão ou do sangue, culminando na exposição da Lança Sagrada.

Horn explicou que Nuremberg foi a melhor opção, por várias razões, para salvar os tesouros. A mais importante era a distinção de ser uma “cidade imperial” independente de qualquer senhor feudal ou vassalo intermediário. Em outras palavras, seu castelo era propriedade do imperador do Sacro Império Romano, e a cidade era governada por conselheiros que juravam fidelidade diretamente a ele. Cabia a esse conselho municipal e a seus Cavaleiros Teutônicos – não ao clero e à baixa nobreza do Império – proteger e exibir os tesouros.

O tenente também chamou atenção para o fato de que a custódia do tesouro contribuiu muito para o prestígio da cidade como a capital não oficial do Sacro Império Romano. Na realidade, explicou ele, não havia nenhuma capital, já que o império era uma confederação pouco coesa de cidades-estados e outros tipos de territórios: condados, senhorios, ducados, principados, arcebispados, baronatos, margraviatos e landgraviatos. O imperador viajava de cidade em cidade, sendo escolhido para o cargo por um conselho de duques, bispos e outros nobres participantes, conhecidos como eleitores.

Os supostos poderes místicos das relíquias eram tão reais para os habitantes da cidade como para a realeza e os visitantes. No que foi considerado um dos acontecimentos mais fantásticos da história de Nuremberg, os moradores assistiram ao que os cronistas do século XVI denominaram um “espetáculo assustador” e uma “aparição pavorosa”. Numa

visão do Apocalipse típica de Nostradamus, o céu sobre o Castelo de Nuremberg foi tomado por estranhos objetos em forma de tonéis, que voaram pelo ar e explodiram em bolas de fogo vermelhas, pretas e laranja. Na conclusão do que os clérigos declararam ser uma “batalha celestial”, o céu clareou e eis que surgiu, para todos contemplarem, uma imagem fantasmagórica da Lança de Longino.

É bem provável que o que viram tenha sido uma chuva de meteoros. A mentalidade renascentista, porém, considerou aquilo uma manifestação divina, uma premonição de desastre. Talvez fosse, tendo em vista o bombardeio que engolfou a cidade 384 anos depois.

O culto da Lança Sagrada permaneceu uma força ativa e poderosa em Nuremberg durante o declínio e a dissolução do Sacro Império Romano. Mesmo após a Reforma Protestante e a Guerra dos Trinta Anos, quando a Igreja Católica esteve sob ataque em toda a Alemanha, uma autoridade espiritual importante como a reverenciada mística alemã Anna Catarina Emmerich conferiu sua bênção à relíquia. Freira agostiniana muito respeitada por sua capacidade de investigar o passado distante e prever o futuro, ela atendeu ao pedido dos governantes de Nuremberg de verificar a autenticidade do tesouro e se ele de fato dilacerara o corpo de Cristo.

Para espanto do clero e de conselheiros eminentes reunidos em torno da venerada religiosa, ela tocou na ponta da lança, entrou num estado de êxtase e manifestou um estigma. Diante de todos, milagrosamente surgiu no lado inferior direito do peito da freira uma ferida, da qual jorraram sangue e água.

Peregrinos continuavam vindo tanto de longe como de perto para ver a Lança Sagrada e outras Joias da Coroa. Isabel da Espanha enviou um emissário a Nuremberg com um retalho de musselina para que fosse trespassado pela ponta da lança, pois queria usá-lo junto ao coração. O conde Ferdinando da Áustria mandou mergulhar a arma num barril de vinho, convencido de que ao tomar a bebida seria fortalecido pelo sangue de Cristo.

O culto a Longino ainda prosperava quando Napoleão Bonaparte entrou em cena nos anos finais do século XVIII. Último dos aspirantes a imperador do Sacro Império Romano e o maior saqueador de todos os tempos, ele desejava os símbolos antigos do poder imperial para si próprio. Temendo que o conquistador corso viesse a reivindicar a lança e as insígnias imperiais de Nuremberg, a Câmara Municipal transferiu-as para um esconderijo em Regensburg. A missão foi confiada ao enviado imperial dessa cidade, o barão Von Hugel, que acabou levando a coleção para Viena, prometendo devolvê-la a Nuremberg quando Napoleão fosse derrotado.

A paz foi enfim restaurada nos primeiros anos do século XIX, mas a própria Alemanha fora dividida, e o Sacro Império Romano, para todos os fins práticos, não existia mais. O barão Von Hugel aproveitou-se da confusão legal

em torno do proprietário legítimo dos tesouros e vendeu-os aos Habsburgo, a família imperial que governava a Áustria havia quase 400 anos. A Câmara Municipal de Nuremberg exigiu sua devolução, mas as autoridades austríacas se recusaram a restituí-los. O direito de posse e a força militar superior sobrepujaram os decretos e os costumes antigos do soldado-rei desaparecido que ofertara as relíquias a Nuremberg.

Nas mãos dos austríacos, a lança e as outras Joias da Coroa ainda eram tesouros valiosos, mas não como antes. A lança já não era considerada um símbolo sagrado da conquista do mundo e do governo divino. Distantes de seus veneradores em Nuremberg, e com Bismarck, o chanceler do Reich, procurando modernizar a Alemanha, havia pouco interesse em explorar as superstições e os mistérios espirituais mais profundos dessa relíquia. Ela e as insígnias imperiais acabaram transferidas do tesouro dos Habsburgo para o Kunsthistorisches Museum, em Viena. Os tesouros poderiam ter permanecido nessa cidade, no Palácio Hofburg, não fossem as atenções a eles dispensadas por um estudante de arte de 23 anos com grandes ambições mas pouco talento.

O capitão Thompson, o soldado Dollar e os vários oficiais que ouviam o relato de Horn não precisaram ser informados do nome daquele estudante. Adolf Hitler escrevera sobre o colapso do “Segundo Reich” alemão e seus anos de formação em Viena nas páginas de *Mein Kampf*: “Nesse período tomou forma dentro de mim a visão de mundo e a filosofia que se tornariam os sólidos alicerces de meus atos”, escreveu o ditador. “As antigas insígnias da glória imperial mantidas em Viena pareciam estar operando sua magia do passado.”

Capítulo 8

Os acadêmicos de Himmler

22 de julho de 1945

BEM CEDO NA MANHÃ SEGUINTE, Horn caminhou até o Museu Germânico para visitar Günter Troche. Encontrar o amigo não foi tão difícil quanto imaginava. O antigo mosteiro e claustro cartuxo que agora abrigava o museu no sul de Nuremberg sofrera sob os bombardeios, mas em seu depósito, localizado num antigo quartel de bombeiros próximo, as atividades continuavam.

Aos 36 anos, parado no meio da rua, Troche orientava uma frota de caminhões em fila para entrar na plataforma de carga. Estava bem mais magro do que quando Horn o vira em Berlim oito anos antes, e seus cabelos pretos bem aparados haviam ficado grisalhos prematuramente. Mas ainda parecia o mesmo homem vigoroso de antes, o curador de museu que ficava igualmente à vontade entre artistas, choferes de caminhão e controladores de carga. Vestia um uniforme branco limpo, segurava uma prancheta em uma das mãos e, na outra, agitava um sinalizador de tráfego. De um cordão pendurado no pescoço pendia um apito, que ele tocava sem parar a fim de chamar a atenção dos entregadores que demoravam a fazer o serviço.

Como seus colegas curadores que inspecionavam as cargas, Troche estava de ótimo humor. Apesar da perda do espaço de exposição do museu, sua vasta coleção de arte e antiguidades alemãs – que compreendia desde armaduras medievais a maçanetas de latão e desnatadeiras do século XVIII – sobrevivera aos bombardeios e à invasão subsequente. Após três anos em diversos depósitos fora da cidade – entre eles celeiros, porões de igrejas e masmorras de castelos –, a coleção estava voltando para casa. Esperavam que os tesouros restantes retornassem antes do fim do ano ao museu, agora sob a administração dos Aliados e abrigado no bunker da Alameda dos Ferreiros e em diversas outras instalações subterrâneas.

Troche tinha motivos para estar entusiasmado. Como ele e os outros curadores explicariam a Horn naquela manhã, todos os 2 milhões de itens do depósito pré-guerra haviam sido localizados. As únicas perdas foram algumas centenas de pinturas e antiguidades que constituíam a coleção da prefeitura, tecnicamente não pertencentes ao acervo do Museu Germânico, que o ex-secretário da Defesa Karl Holz exigira que permanecessem nas paredes dos

escritórios administrativos de Nuremberg. Segundo ele, remover aquelas obras de arte seria uma traição, o que poderia sugerir que o regime nazista não conseguiria proteger adequadamente a cidade de um ataque.

O resultado foi óbvio. As obras de arte do governo municipal que não foram queimadas ou bombardeadas haviam sido saqueadas durante a invasão. De fato, isso foi uma grande perda, mas insignificante se comparada à dispersão e destruição de obras alemãs em museus de Berlim e Munique. A perda de objetos artísticos e antiguidades naquelas cidades fez com que o acervo do Museu Germânico se tornasse a maior coleção do país. E com dólares americanos sendo direcionados aos cofres do museu, na expectativa da chegada de milhares de visitantes ao tribunal de crimes de guerra, a instituição estava confiante de que em breve abriria as portas.

O otimismo quase eufórico entre os curadores criava um contraste agradável com o espírito opressivo que dominava o restante da cidade. Horn não pôde deixar de compartilhar o entusiasmo quando enfim atraiu a atenção do amigo, caminhou até ele e o envolveu num abraço sincero.

Troche entregou seu sinalizador a um colega e conduziu Horn ao depósito, que, de tão cheio, quase transbordava. Apanhou alguns livros e arquivos de sua escrivaninha e levou o tenente para fora do aposento, para que pudessem conversar em particular.

Caminharam pelos restos carbonizados do museu na direção do antigo claustro do mosteiro. Depois de passar pelas salas de exposição devastadas, com tábuas tapando janelas e portas e com os telhados destruídos, Horn se encantou ao ver o claustro, com o pátio quadrangular cercado por uma arcada abobadada, quase intacto. O entulho de madeira queimada fora removido, e a fonte de pedra secular no meio do claustro havia sido limpa e enchida com água. O tenente percebeu algo estranho: em torno deles abundavam as lembranças da sofisticação e da cultura criadoras daquele oásis pacífico, ao passo que lá fora reinava uma montanha de tijolos carbonizados e escombros.

Os destroços logo desapareceriam, assegurou Troche, e, se dependesse dele, o museu ressurgiria como uma fênix. Além de recriar os antigos espaços de exposição, o curador sonhava em construir uma estrutura inteiramente nova para a arte alemã contemporânea – não a arte nazista, ele foi rápido em observar, mas a nova arte alemã.

Troche recitou os nomes de homens e mulheres que ele e Horn haviam conhecido nos tempos de faculdade, quando Berlim ofuscava Paris como o destino favorito do movimento expressionista nas belas-artes e no cinema. Como o tenente bem sabia, quando a Alemanha se mobilizou para a guerra, ocorreu um êxodo maciço do talento criativo do país. O curador tinha certeza de que os artistas iriam retornar e estava empenhado em garantir que tanto judeus como cristãos pudessem exibir suas obras nas galerias do Museu

Germânico.

Horn tinha todas as razões para acreditar em Troche. Se existia um curador na Alemanha capaz de dar conta do recado, e se alguém tinha motivos para fazer isso, essa pessoa era Troche. Os caminhos dele e do tenente haviam se separado antes de a guerra ser deflagrada, mas ambos compartilhavam o desejo de ajudar a reparar os danos e as injustiças dos nazistas. A diferença entre eles, no entanto, era que Troche cometera muitas injustiças. Como confessou a Horn naquela manhã, ele sentia a obrigação moral de tentar reparar o mal que fizera. Por isso se dedicava ao que sabia fazer melhor, ajudando a criar um museu que refletisse e celebrasse a diversidade cultural.

O destino agora reunira os dois homens para recuperar as Joias da Coroa que estavam desaparecidas. Embora quisessem dar logo início à sua missão, passaram quase uma hora relembando os velhos tempos e imaginando como seria se Horn tivesse ficado na Alemanha e Troche tivesse partido para os Estados Unidos.

Conheceram-se em Berlim, no início da década de 1930, quando eram alunos de Panofsky. Assim como Horn, Troche era um astro em ascensão no meio acadêmico. Apesar de ser um pouco mais novo que o tenente – ainda estava começando sua tese de doutorado enquanto Horn já terminava a sua –, haviam partido juntos em muitas viagens de campo, tendo estudado as mesmas coleções de museus, sentado na primeira fila do auditório da universidade para assistir às palestras dos professores visitantes e, por um breve período, morado juntos numa pensão.

Antes da guerra, Berlim havia sido empolgante para os dois homens. Poucos que não experimentaram aquilo podiam entender plenamente o clima de intensa atividade intelectual ou a incrível liberdade criativa e sexual que levava os estudantes da cidade a extremos de excelência e excessos. As melhores mentes do século XX – cientistas, matemáticos e engenheiros, artistas e historiadores da arte – se reuniam em cafés, cervejarias e nos salões comunitários da universidade para discutir as grandes questões da época. Os estudantes e os professores de Berlim lideravam em praticamente todos os campos e, com os demais moradores, constituíam a população mais letrada e instruída do mundo. Isso infelizmente beneficiou os nazistas, pois em toda parte consagrou-se a imagem dos alemães como bastante cultos e sofisticados. Mesmo aqueles que mais tarde seriam conduzidos aos campos de concentração muitas vezes se entregavam voluntariamente aos nazistas por acharem que os alemães seriam incapazes das atrocidades que acabariam sofrendo.

Apesar do antissemitismo cada vez mais presente, os judeus estavam na vanguarda das artes e das ciências. Além de ganharem a maioria dos Prêmios Nobel nas décadas que antecederam a guerra, eles promoviam os jantares

festivos mais famosos, dirigiam as galerias de arte mais badaladas e também eram diretores de ópera e apresentadores de cabaré bem-sucedidos.

Horn e Troche haviam florescido naquele ambiente, engajando-se plenamente e desfrutando a liberdade intelectual e sexual. Passaram muitas noites estudando na biblioteca antes de esticarem em casas noturnas até altas horas. Além do amor comum pela história da arte e de sua destreza esportiva – Horn era campeão de lançamento de dardos e Troche se destacava no atletismo –, ambos tiveram relacionamentos amorosos com judeus. No caso de Horn, foi com Gretl, uma mulher 10 anos mais velha, casada com um industrial nazista. O namorado de Troche era Jan, um artista e crítico de arte muito talentoso.

Quando formas mais veladas de discriminação deram lugar à intolerância explícita e aos ataques físicos, Panofsky, também judeu, os alertou de que tomassem cuidado com o que diziam e faziam. Insistiu em que deixassem o país, como ele próprio estava se preparando para fazer. Horn seguiu o conselho de seu professor, aceitando um cargo no Instituto Alemão de Florença. Mas Troche permaneceu no país e tornou-se arquivista do departamento curador da Galeria Nacional de Berlim.

Os três anos e meio que Horn passou na Itália, de 1934 a 1938, foram uma continuação do estilo de vida despreocupado que desfrutara em Berlim, mas suas amizades se ampliaram, passando a incluir um círculo mais internacional e abastado de apreciadores da arte. Em vez de frequentar cafés e casas noturnas, ele se juntou a um grupo de historiadores da arte, marchands, curadores de museus e artistas expatriados que conviviam com o crítico e colecionador Bernard Berenson, o deus incontestável do mundo das artes pós-Primeira Guerra Mundial.

Na imensa mansão de Berenson, I Tatti, numa região montanhosa dos arredores de Florença, Horn foi apresentado a intelectuais europeus e americanos em frequentes chás refinados e jantares à luz de velas: o marchand britânico Joseph Duveen, a colecionadora Isabella Stewart Gardner, Alfred Hamilton Barr, diretor do Metropolitan Museum of Art, Paul Sachs, de Harvard, e Worth Ryder, de Berkeley. Não importava que Horn tivesse recebido seu diploma universitário havia pouco tempo, que tivesse publicado um único artigo em revista e vivesse com um salário modesto pago pelo Instituto Alemão. Ele era tratado como íntimo de Berenson e recebia convites para acompanhar o grupo nas viagens de verão a Madri e Paris e nas excursões de inverno aos Alpes.

Na Alemanha, a situação se deteriorava. O namorado de Troche e centenas de ativistas tentavam pressionar o Reichstag a derrubar a lei que tornou ilegal o sexo entre homens. Uma tentativa fracassada, já que os novos líderes nazistas eram furiosamente homofóbicos. O próprio Hitler declarou a

homossexualidade um “comportamento degenerado” que representava uma ameaça ao “caráter masculino” da nação. Nomes de homossexuais conhecidos vinham sendo registrados, bem como de judeus, de testemunhas de Jeová e de uma lista crescente de indesejáveis.

Horn recebeu seu primeiro alerta quando retornou brevemente à Alemanha para o enterro do pai, em 1934. Junto com o irmão mais velho, Rudolf, e o futuro cunhado, Erich, juntou-se a uma manifestação de rua para celebrar o recém-empossado chanceler do Reich. Sem levar a sério a multidão eufórica, Horn ergueu os braços junto com os demais. Em vez de gritar “Heil Hitler”, entoou “Drei Liter”, em tom de brincadeira. No tumulto da turba ruidosa, não era possível diferenciar o refrão comum para “três litros” de cerveja daquilo que todos os outros gritavam. Somente depois que o cortejo de Hitler passou seu irmão o chamou e falou do perigo que ele correria. Aqueles que não erguiam as mãos em saudação – ou, pior, que a erguiam com o punho cerrado em vez dos dedos estendidos – eram removidos do grupo por tropas de assalto e tinham as mãos esmagadas. Horn ficou consternado e irado com o que ouviu, mas totalmente indignado quando Erich, que em breve se casaria com sua irmã Elsbeth, repreendeu-o pela falta de respeito e pelos modos “pró-judeus”. Horn tinha um longo histórico de casos de amor com judias. Antes de Gretl, uma mulher judia costumava acompanhá-lo em excursões noturnas aos Alpes e, quando ele era ainda mais jovem, uma moça judia de Heidelberg o salvara do afogamento. No entanto, nunca pensara nas mulheres de sua vida como pertencentes a uma raça específica diferente da dele.

Um ano depois, ao deixar Florença para uma breve visita à Alemanha, ouviu Troche descrever o terror que passou a dominar a nação. Seu namorado, Jan, fora considerado inimigo público por dois delitos: era judeu e homossexual. Troche conseguira se safar, mas Jan fora detido e enviado a Dachau, cujo propósito na época era exclusivamente abrigar prisioneiros políticos e pequenos criminosos. Temendo que Gretl também corresse perigo, Horn insistiu para que ela deixasse o país antes que fosse presa, mas a mulher decidiu ficar. Ela não acreditava que seria afetada – afinal, sempre vivera na Alemanha e contava com a proteção do marido nazista.

O panorama político do país estava mudando de outras formas perturbadoras também. Quando Hitler reformulou os interesses nacionais e as obrigações do Estado, os artistas e os historiadores da arte foram pressionados a se alinharem com os demais. Em nenhum lugar isso foi mais evidente do que na primeira exposição de arte nazista oficial, realizada em julho de 1937. Na abertura do evento, Hitler censurou a arte moderna, classificando-a como a criação de “sujadores e borradores”, alegando que ela havia sido empurrada ao público por judeus que exploravam o seu domínio sobre a imprensa. Todos os historiadores da arte e curadores de museus passaram a ser observados. Assim

como Hitler possuía seu próprio conceito de arte e, portanto, do que deveria ser colecionado e preservado, ele também definiu claramente o que deveria ser destruído ou removido da exibição ao público. Entre as obras descartadas estavam as que não fossem claramente compreensíveis ou que precisassem do que o ditador classificou como “comentários literários pomposos”, uma descrição ofensiva para se referir exatamente ao que Horn e Troche haviam sido treinados a fazer.

Horn retornou à Itália, onde achava que poderia escapar da fúria nazista no conforto da mansão de Berenson. Mas não estava fora do alcance do braço comprido de Heinrich Himmler, cujas Gestapo e SS estavam tão interessadas em esmagar a dissidência dentro da Alemanha como também no exterior, além de perseguir intelectuais para justificar suas atividades. Em janeiro de 1938, um amigo de Horn que trabalhava no escritório do ministro do Interior lhe deu a notícia de que um agente da SS estava a caminho do Instituto Alemão com instruções de “supervisionar” a vida acadêmica de Horn e de seus colegas expatriados. “Ele é um dos cães de ataque de Himmler”, foi como seu amigo se referiu ao agente. “É melhor você tomar cuidado com o que diz.”

Doutrinação política era a menor das preocupações do jovem historiador. Ele precisava descobrir se o marido nazista de Gretl o havia colocado em algum tipo de lista ou se um dos muitos comentários depreciativos que ele próprio fizera sobre os nazistas fora registrado. Talvez as críticas abertas de Panofsky ao regime e sua partida subsequente para os Estados Unidos tivessem lançado suspeitas sobre seu aluno favorito. Ou a viagem do oficial da SS a Florença teria uma motivação positiva? Seu irmão Rudolf, cinco anos mais velho, contara que os nazistas vinham procurando acadêmicos de alemão e história pangermânica. “Estudos Arianos” havia se tornado a nova disciplina mais popular na Universidade de Heidelberg, onde ele dava aulas e onde Horn um dia também pretendia lecionar.

Horn concebeu um plano para descobrir a verdade. Pediu ajuda a uma colega sueca do Instituto Alemão. Divorciada e mãe de um filho pequeno, ela era, como ele e vários amigos sabiam por experiência própria, “generosa” ao demonstrar sua afeição. “Não poderíamos considerá-la monogâmica” foi como Horn a descreveu a Rosenthal e a Troche. O plano era que ela seduzisse o agente e descobrisse suas intenções. Ela concordou em bancar a espia desde que achasse o agente da SS atraente. Para grande alívio de Horn, o agente pareceu bem boa-pinta ao desembarcar do trem em Florença num uniforme preto elegante com sua insígnia característica da Caveira.

Naquela mesma noite, realizou-se um jantar festivo em homenagem ao agente. Depois, quando Horn e os outros partiram, a espia sueca ficou para ajudar o visitante alemão a se familiarizar com a vida social de Florença. Tudo transcorreu conforme fora planejado. Na manhã seguinte, num café, ela

contou que o oficial havia sido enviado em missão de recrutamento. O nome de Horn estava no topo de sua lista e os recrutados seriam obrigados a retornar à Alemanha para servirem a seu país.

Naquele mesmo dia, 7 de fevereiro de 1938, Horn gastou quase todo o seu dinheiro – ficando apenas com 50 dólares – numa passagem na terceira classe de um transatlântico que partiria de Gênova. Embora o destino final do navio fosse Cuba, e não os Estados Unidos, Horn decidiu ir mesmo assim. Despediu-se dos amigos, fez as malas e foi para a estação ferroviária. A única pessoa que o viu, no entanto, era o último homem na Terra com quem ele gostaria de se encontrar. Minutos antes de o trem partir, o oficial da SS, de uniforme completo e portando uma pistola no coldre, sentou-se no assento ao seu lado.

Horn ficou tão assustado que seu rosto perdeu a cor.

– O senhor acha que ignoro o que pretende fazer – disse o agente. – Mas, veja, eu sei.

Ele fingiu que ia apenas visitar Gênova numa rápida viagem de turismo, mas o agente não se deixou enganar. Sabia da passagem na terceira classe do navio para Cuba. Também conhecia detalhes da vida pessoal de Horn – que as últimas cinco gerações de sua família eram alemãs, que fora cogitado para a equipe olímpica de lançamento de dardos, que tocava violino, embora mal, que falava cinco idiomas e que fizera doutorado em história da arte e também estudara pré-história pangermânica.

– Eu esperava encontrar um lugar para o senhor na nova ordem mundial – contou o agente. – Mas agora é tarde demais.

Foi então que Horn teve certeza de que o agente da SS ia sacar a pistola. Em vez disso, o homem estendeu a mão e lhe desejou uma viagem segura. Disse que sentia inveja dele.

– Só não tente voltar para casa – acrescentou. – Não vai pegar bem para nenhum de nós dois se você fizer isso.

Foi a última conversa de Horn antes de embarcar no vapor com destino a Havana. Mesmo depois que o navio levantou âncora, ele temeu que agentes da polícia secreta nazista se materializassem de repente e o empurrassem para fora da embarcação.

– Depois daquilo, as coisas ficaram bem menos complicadas para mim – contou a Troche. – Os Estados Unidos são um lugar fácil para você se estabelecer. Agora sou professor da Universidade da Califórnia em Berkeley e tenho uma casa com vista para a ponte Golden Gate, em São Francisco.

No entanto, a vida nos Estados Unidos não foi tão fácil como Horn descreveu. Ele chegara em Nova York com apenas seis dólares no bolso, o endereço de um colega em Greenwich Village e uma lista de pessoas que havia conhecido na mansão de Berenson.

No primeiro ano, sobreviveu trabalhando como professor convidado de

história da arte, algo não muito fácil, já que o inglês não era sua língua nativa. Seus rendimentos eram tão míseros que ele às vezes saía de um auditório em uma cidade levando apenas o dinheiro suficiente para a passagem de trem até a próxima faculdade ou museu onde iria fazer outra palestra. Certa vez, depois de se apresentar no Museu de Arte de Cleveland, pegou uma carona de volta para Nova York com um benfeitor desse museu. No meio do caminho, pararam para almoçar numa grande mansão em Hyde Park. Horn passou uma tarde bastante agradável com a anfitriã e o homem que lhe dera carona e só mais tarde se deu conta de que almoçara com Eleanor Roosevelt, a primeira-dama dos Estados Unidos, e seu amigo Brooke Astor, um dos homens mais ricos do mundo.

Alegre por rever Troche, Horn contou a ele como tinha ido parar na Costa Oeste. Após dar uma palestra em Berkeley, que foi um verdadeiro sucesso, Horn foi convidado para ser professor da universidade em horário integral. Seu objetivo seria elaborar o primeiro programa de história da arte da instituição. Foi nessa época que adquiriu a propriedade em Point Richmond, casou-se com Anne Binkley e obteve a cidadania americana.

Ele nunca esqueceria sua primeira participação na reunião do corpo docente, pois aquela foi a primeira experiência realmente democrática de sua vida. No universo acadêmico alemão, como em tantos outros aspectos da sociedade alemã, as decisões sempre eram impostas de cima para baixo. Ou você entrava na linha ou era tido como rebelde. Como Horn mais tarde descreveria em suas memórias, “o corpo docente de Berkeley tomava decisões em conjunto – homens e mulheres deliberavam livremente, sem medo de expressar discordância. Eu me apaixonei pelos Estados Unidos naquele dia e não senti mais saudades de casa”.

Horn havia subestimado algumas das dificuldades de sua adaptação à vida no Novo Mundo – aprender a dar uma palestra coerente e empolgante numa língua estrangeira foi um dos desafios; a esposa, Anne Binkley, foi outro – e também não transmitiu a preocupação que sentia pelos amigos e familiares em sua terra natal. Recebia apenas cartas esporádicas, mas nenhuma notícia de Gretl.

Então estourou a guerra na Europa. Durante o conflito anterior, embora adolescente, ele conhecera a fome e outras privações. Incapazes de alimentá-lo, seus pais o enviaram para morar numa comunidade rural na Suécia dirigida por colegas luteranos. O tio que tanto adorava, que havia sido como um segundo pai para ele, teve uma morte horrível, em decorrência da infecção de uma ferida provocada por arma de fogo. Outros parentes ficaram inválidos. Agora outra guerra mundial estava começando. Para piorar as coisas, sua família não apenas se recusava a deixar a Alemanha e se juntar a ele em território americano como seu irmão Rudolf e seu cunhado Erich, professores

em universidades renomadas, eram membros ativos do Partido Nazista e induziam seus estudantes, jovens impressionáveis, a atenderem a convocação às armas do Führer.

Os Estados Unidos demoraram a aderir ao esforço de guerra. Mas, quando decidiram entrar no conflito, Horn respondeu à convocação.

O serviço de inteligência estava fora de cogitação. Tendo chegado recentemente ao país e com uma propriedade à beira-mar num penhasco de onde poderia enviar sinais a navios inimigos, Horn foi incluído numa lista negra de prováveis espiões alemães. Para mostrar sua fidelidade à nação que o adotara, e sem se importar com o risco de deparar com antigos amigos em combate, ele se alistou na infantaria.

Horn conquistou suas credenciais como bom atirador no Campo Roberts, no Vale de Salinas, na Califórnia. Quando estava prestes a partir em missão, foi acometido de sinusite. Seu problema de saúde acabou se revelando sua salvação, embora somente sua esposa pensasse assim na época. Sozinho no alojamento, enquanto aguardava para se juntar à próxima companhia de recrutas, recebeu ordens de lavar janelas por seis semanas. O oficial responsável por ele afirmou que nunca viu alguém lavar janelas tão bem e com tamanho entusiasmo. Seguindo uma lógica típica do Exército, recomendou Horn para o treinamento de oficiais em Fort Benning. De lá, ele foi para o Campo Ritchie, em Maryland, onde conheceu Felix Rosenthal, que se juntou a ele na Inglaterra e depois na Alemanha. O encontro casual que tivera com Mason Hammond em Londres e o interrogatório a que submeteu o soldado Hüber o levaram até Nuremberg.

Nada mais natural que os dois homens, reunidos após tantos anos, refletissem sobre quão diferentes as coisas poderiam ter sido se Horn tivesse permanecido na Alemanha. Como Troche observou, Horn teria sido um ótimo candidato a um cargo de liderança no Terceiro Reich. Os nazistas teriam estendido um tapete vermelho para alguém que era atirador de dardos, professor de história alemã e cidadão alemão até a quinta geração.

Seu amigo provavelmente tinha razão. Atletismo à parte, com seus diplomas da Universidade de Heidelberg e os estudos pangermânicos em Berlim, Munique e Hamburgo, Horn poderia ter ascendido rapidamente na hierarquia nazista. Mas sua consciência não ficaria tranquila.

Troche não revelou muitos detalhes de sua própria jornada depois que se viram pela última vez em Berlim, mas descreveu o suficiente para que Horn soubesse quão profundamente se arrependera de não seguir o conselho de Panofsky.

Ele justificou a permanência no país convencendo-se de que em Berlim poderia tentar libertar seu namorado de Dachau. Mas não conseguiu. Teve medo de se juntar aos amigos de Jan que se manifestavam publicamente contra

a tirania nazista. Aqueles que protestaram acabaram tendo que usar o triângulo rosa invertido costurado nos uniformes dos prisioneiros tidos como homossexuais de Dachau, que àquela altura se tornara um campo de concentração. Não muito tempo depois, o crematório foi instalado.

Os nazistas levaram centenas, talvez milhares, de homossexuais para os campos. Os amigos de Troche que não foram detidos se recusavam a cumprimentá-lo nas ruas. Ele também procurou não chamar atenção. Continuou trabalhando nos arquivos da Galeria Nacional e fez o possível para escapar do serviço militar. De forma estranha, difícil de descrever, começou a acreditar no quadro que Hitler criou de uma “nova ordem mundial”, embora nela não houvesse lugar para ele. Passou a se disfarçar, fingindo-se de heterossexual, e simulava desprezar os judeus, quando na verdade era homossexual e amigo dos adeptos do judaísmo.

Para conservar o emprego em Berlim, Troche teve de aderir ao Partido Nazista, e ao fazer isso precisou entrar na linha. Crianças se juntavam à Juventude Hitlerista. Homens capazes e dispostos se ofereciam para o Exército, a Marinha ou a Força Aérea. Curadores de museus e acadêmicos ingressavam nas fileiras do Deutsches Ahnenerbe, um instituto de pesquisa nazista que Himmler e alguns de seus colegas haviam fundado.

Horn nunca ouvira o nome dessa organização antes e não lera nada a respeito dela na imprensa estrangeira, apenas uma ou duas referências nos relatórios de inteligência da unidade G-2. Mas ele suspeitava, com base em relatos que seu irmão, Rudolf, e o cunhado, Erich, haviam feito antes da guerra, de que se tratava do mesmo corpo de intelectuais nazistas que supervisionava os currículos nas universidades e patrocinava expedições de pesquisas acadêmicas no exterior.

Troche contou a Horn que era isso e muito mais. Explicou que o Deutsches Ahnenerbe, a Sociedade de Ensino e Pesquisa da Herança Ancestral Alemã, era um grupo de pesquisa nazista fundado por Himmler e dedicado a redescobrir as realizações dos supostos ancestrais arianos da Alemanha e a divulgar essas descobertas ao grande público, instruindo os jovens, publicando revistas, artigos e livros, patrocinando exposições em museus e conduzindo pesquisas científicas. Atraiu sobretudo acadêmicos e intelectuais que queriam fugir do serviço militar, já que sua atividade era considerada “essencial à guerra”. Os membros tinham seus próprios uniformes da SS especialmente criados, que incluíam os anéis de sinete e as espadas cerimoniais características.

Troche envolveu-se com as atividades da instituição enquanto trabalhou na Galeria Nacional de Berlim. De início, ajudou a coletar dados de pesquisa, mas, pouco a pouco, ao se envolver mais, compareceu a encontros na sede do Ahnenerbe – uma mansão enorme em Dahlem, um dos bairros mais

abastados da capital. A palestra que mais o impressionou foi proferida pelo Dr. Otto Rahn, o famoso medievalista de Berlim. Rahn também havia sido um notório frequentador do submundo homossexual da cidade, um exemplo do que o próprio Troche se tornaria se seguisse os passos dele.

Horn recordou a dissertação de Rahn sobre Guyot de Provence, um nobre, cavaleiro e poeta cujos textos acerca do Santo Graal perdido teriam inspirado Wolfram von Eschenbach a escrever *Parzival*, o poema épico que fala da “lança sangrante”. O medievalista tinha uma crença fantasiosa de que suas pesquisas levariam ao esconderijo secreto dos fabulosos tesouros do Templo de Salomão, que incluíam o Cálice Sagrado e a Arca da Aliança.

Quando Troche compareceu à palestra de Rahn, não tinha ideia de que este já havia se tornado um nazista proeminente, com uma posição de destaque na SS. Tampouco sabia que a ampla sede do Ahnenerbe, com suas sebes altas e seus portões de ferro forjado, havia sido comprada por uma “pechincha” de uma família judia forçada a deixar o país. Impressionou-se com a ampla biblioteca, os laboratórios totalmente equipados e os arquivos de pesquisa e ficou contente ao descobrir que todas essas fontes ajudavam na busca de Rahn pelo Santo Graal. “Nenhum sonho é grande demais ou inatingível para os nazistas”, contara o pesquisador ao seu público.

Troche foi conquistado. Àquela altura – pouco antes da invasão da Polônia –, o Ahnenerbe contava com mais de 100 acadêmicos e cientistas em sua folha de pagamento e com quase o dobro de cineastas, fotógrafos, artistas, técnicos de laboratório, contadores e secretárias. Outros milhares de pessoas faziam parte da expansão nas escolas. Os professores não dispostos a aceitar as determinações da instituição foram substituídos gradualmente. Se um professor desejava uma cátedra em uma universidade, tinha que aderir a essa sociedade de ensino, ou ao menos se tornar partidário dela. Somente mais tarde Troche descobriria o lado mais sombrio e implacável do Ahnenerbe e sua ligação com o alto-comando nazista.

Rahn também só soube da verdade quando já era tarde demais. Constrangido com o estilo de vida homossexual do acadêmico que não conseguira achar o Santo Graal, Himmler ordenou a prisão dele por conduta sexual imprópria. Depois disso, segundo a imprensa do Reich, Rahn se suicidou. Após a morte do pesquisador, qualquer membro da SS culpado de delitos homossexuais era condenado à pena máxima.

Troche não sabia o que viria a acontecer com o homem que o inspirara a aderir ao Ahnenerbe. À semelhança de Rahn, ascendeu rapidamente e foi promovido de arquivista a diretor de um museu na Breslávia, a capital da província predominantemente alemã da Silésia, na Polônia. Ele poderia ter progredido ainda mais, não fosse a relutância em ingressar na SS de Himmler, um pré-requisito para os detentores de altos cargos. Se ingressasse, teria que

passar por um “campo de treinamento” obrigatório de seis meses em Dachau ou em um dos outros campos de concentração e depois por um treinamento graduado no castelo particular de Himmler em Wewelsburg, no distrito de Büren, a nordeste de Nuremberg. Mas ele não precisou fazer uma excursão a Dachau ou visitar o castelo do Ahnenerbe para experimentar pessoalmente os horrores do regime nazista. A missão na Breslávia foi suficiente.

Com base em informes da G-2, Horn sabia o que acontecera. Na Breslávia, a prioridade era livrar a cidade de judeus, poloneses étnicos e eslavos. Em apoio ao projeto de Hitler de repovoar as colônias com a raça e a cultura arianas, Himmler passou a reassentar centenas de milhares de alemães do outro lado da fronteira, nas casas abandonadas dos deslocados de guerra. Nenhuma despesa foi poupada na abertura de universidades, museus e outras instituições culturais que seriam uma extensão da terra natal. A Breslávia deveria ser uma vitrine do Império do Leste do Führer.

Desse modo, Troche foi enviado à cidade para ajudar a transformá-la numa comunidade-modelo que ostentasse o espírito e a cultura germânicos. Além de exibir obras de arte alemãs antigas e tradicionais, o museu também deveria expor uma visão ariana do futuro enraizado no passado.

Para isso, ele ajudara a supervisionar a construção de uma fazenda-modelo onde os visitantes poderiam conhecer uma versão idílica das fazendas alemãs tradicionais e aprender sobre as consagradas práticas agrícolas do país. O museu também deveria dispor de uma ala judaica separada, onde os colegas alemães pudessem aprender sobre as culturas “inferiores” derrotadas. Perto do museu, os cientistas do Ahnenerbe criaram um centro de procriação ariano, uma espécie de fábrica de bebês para ajudar a repovoar a Polônia com alemães geneticamente superiores.

Como tantos dos planos grandiosos de Hitler, a cidade-modelo da Breslávia – a utopia do Ahnenerbe – acabou em uma tragédia incompreensível para o povo alemão. Após a Batalha de Stalingrado, o Exército Vermelho começou a retomar a Polônia e a Breslávia se tornou um acampamento armado para deter as hordas comunistas. A população civil alemã, que em sua maioria voluntariamente abriu mão da terra natal para se reinstalar na Breslávia e ainda acalentava sonhos da comunidade ideal que tentara criar, ficou cercada por dois exércitos. E Hitler deixou que os habitantes fossem massacrados pelos soviéticos.

A história do malfadado aeroporto da Breslávia, a única via de fuga para a população alemã, exemplificou o pouco caso dos nazistas com o próprio povo. Mais de mil lares alemães haviam sido demolidos, e 10 mil civis alemães e poloneses foram mortos, a fim de construir uma pista de pouso que viu um único avião aterrissar e decolar. Tal aeronave não transportou nenhum dos colonos. Foi resgatar os agentes da SS na cidade.

Troche não precisou testemunhar a destruição final da Breslávia. Havia sido transferido para o Museu Germânico de Nuremberg para trabalhar como curador assistente. Embora desconhecesse as decisões tomadas pela cúpula do Reich, observou atividade suficiente no museu para perceber que a autoridade suprema do Ahnenerbe, Heinrich Himmler, tinha planos grandiosos para Nuremberg. Entre os tesouros que os colegas de Troche no Ahnenerbe levaram da Polônia para Nuremberg estava o altar de Veit Stoss, removido de Cracóvia, que deveria se juntar às Joias da Coroa, que haviam sido trazidas da Áustria.

– Aquilo fazia parte do plano mestre – declarou Troche.

Horn estava familiarizado com a expressão *plano mestre*. Agentes da inteligência se referiam a ela quando discutiam a estratégia de Hitler para esmagar a Polônia e invadir a França e a Inglaterra e sua pretensão de exterminar a raça judaica. Ainda não a ouvira em referência aos tesouros do Sacro Império Romano.

A julgar pela descrição de Troche, os tesouros, bem como as antigas tradições, rituais pangermânicos e crenças religiosas esotéricas dos soldados-reis a quem eles pertenciam, representavam muito mais do que um simples espólio para a suposta raça superior. Nas mãos de Adolf Hitler e de seu principal seguidor, Heinrich Himmler, a Lança Sagrada e as Joias da Coroa eram uma arma sedutoramente poderosa que os nazistas usaram para legitimar o “Reich de Mil Anos”. O Führer utilizara tais relíquias para transformar Nuremberg e toda a Alemanha.

Mesmo tendo proferido sua palestra de três horas no hotel sobre os cultos de veneração, o tenente ficou chocado e perturbado com o que Troche disse a seguir. Ele poderia perfeitamente ter descartado o que o curador veio a dizer, não fossem as provas documentais que o amigo apresentara.

Além de diversos livros e arquivos sobre as Joias da Coroa que recuperara do museu, Troche possuía um mapa, que desenrolou no chão ladrilhado do claustro. Diferentemente do mapa da época da Primeira Guerra Mundial que Thompson recebera, aquele, preparado pelos nazistas, mostrava o campo de prisioneiros e o local em que eram realizadas as paradas militares. Também detalhava obras e restaurações em diferentes estágios de construção por toda a cidade. Como Horn pôde facilmente ver, Albert Speer, o arquiteto nazista e projetista da cidade – o favorito de Hitler –, estivera ocupado planejando o futuro.

Troche pegou um lápis litográfico e delineou as obras nazistas como apareciam no campo de paradas. A imagem criada era clara. O esboço tinha a forma de uma lança ou, mais precisamente, da Lança Sagrada. E sua extremidade apontava diretamente para o centro histórico, na direção da Alameda dos Ferreiros.

Capítulo 9

O Jesus ariano

22 de julho de 1945

COMO O INDICADOR TRIANGULAR de uma bússola, a ponta da lança delineada com o lápis apontava claramente para a Alameda dos Ferreiros. Mas não foi para a adega de cerveja reformada que Troche chamou a atenção de Horn. Os cartógrafos nazistas não haviam incorporado o bunker oculto e sua câmara subterrânea ao mapa. O importante ponto cardeal podia ser localizado entre os prédios do complexo do castelo, posicionado diretamente acima do bunker. O esboço da lança apontava para uma pequena estrutura quadrada no penhasco de arenito sobre a Alameda dos Ferreiros, a oeste do Salão dos Cavaleiros, onde os Cavaleiros Teutônicos medievais costumavam se reunir, e a leste da Torre do Pagão, assim chamada por causa das imagens pagãs que cobriam suas paredes.

– A Capela Real – disse Horn, pondo o dedo indicador sobre o que bem poderia ser a estrutura historicamente mais importante de todo o complexo do castelo.

Horn acertou. Era naquela capela, explicou Troche, que os imperadores do Sacro Império Romano assistiam aos serviços religiosos e, no século XV, foi lá que os Cavaleiros Teutônicos mantiveram as Joias da Coroa a salvo de invasores. Embora as joias tradicionalmente fossem guardadas no Heilig Geist Spital, o Hospital do Espírito Santo, o imperador podia ficar mais facilmente de olho nelas na Capela Real, o centro espiritual da cidade. Troche afirmou que Hitler estudara as lendas da antiga cidade. Por isso ordenou que o antigo centro espiritual de Nuremberg estivesse alinhado com o novo local sagrado onde se realizavam os comícios do Partido.

Ele disse que Horn se enganava ao pensar no Partido Nazista como um mero movimento político. Tratava-se de um culto, obra da imaginação distorcida de seu criador. Hitler, auxiliado por Himmler e outros, mais do que apagar o passado, queria reinventá-lo sistematicamente para justificar a conquista do mundo. Foi isso que Troche quis dizer ao se referir ao plano mestre, e este era tão relevante para compreender a criação do campo de concentração de Dachau como a do bunker da Alameda dos Ferreiros. Ele disse que o amigo não descobriria quem se apoderou das Joias da Coroa, e por

que, enquanto não entendesse como Hitler pretendia usá-las.

O tenente passara a noite anterior no hotel dando uma palestra aos oficiais da ocupação sobre a importância das Joias da Coroa para os soberanos do Sacro Império Romano. Agora era Troche, no recôndito do claustro do museu, quem ensinava a Horn o que elas significavam para os nazistas.

O curador começou se referindo a um território familiar. O culto de Hitler baseava-se numa crença central: a superioridade do homem ariano. A conquista militar e o extermínio dos judeus não eram a intenção declarada ou explícita dos nazistas. Pelo contrário, eles viam isso como o resultado natural da evolução do homem ariano no palco mundial. Essa era a mensagem proposta em *Mein Kampf* e a essência dos discursos loucos e exaltados do Führer nos comícios do Partido.

Horn não podia discordar do que Troche estava dizendo. Todos que viveram à sombra do Terceiro Reich entenderam o viés racista do ditador alemão. O curador, porém, estava tentando levar Horn a uma compreensão mais profunda dos processos de pensamento de Hitler e do que, na mente dele, tornava o homem ariano superior.

Para Troche, o culto de Hitler não passava de um amálgama de crenças esotéricas populares na Europa na virada do século. Uma delas era o sistema de castas, que situava os arianos, a suposta raça branca de homens e mulheres altos de cabelos louros do norte europeu, no ápice da pirâmide da superioridade genética. O alfabeto do homem ariano, conhecido como runas, foi encontrado inscrito em monólitos de pedra e pergaminhos de velino em vários locais do mundo, mais notadamente no norte da Alemanha e em outras nações teutônicas ou nórdicas. As origens ancestrais do homem ariano, de acordo com o misticismo esotérico, remetiam ao Himalaia e, antes disso, a alguma região polar indefinida conhecida como Thule.

Hitler e Himmler acreditavam que o próprio Deus havia criado os arianos para serem física e espiritualmente uma raça perfeita. Eles possuíam a centelha de genialidade necessária para criar a civilização e tinham capacidades sobre-humanas, como a telepatia. Podiam sondar o passado e prever o futuro. Antes do desaparecimento dos arianos – como consequência direta do intercruzamento com raças geneticamente inferiores –, eles haviam trazido ao mundo tudo o que era realmente grandioso e duradouro. Estudando as realizações e as verdades cósmicas dos antigos arianos, abraçando seu espírito de comunidade – aquilo que os nazistas chamavam de *Volk* –, os alemães da época moderna, seus descendentes diretos, poderiam voltar a manifestar tais habilidades e ocupar seu lugar de direito no palco mundial.

– Hitler não apenas reciclou o folclore, os mitos e o misticismo teutônicos antigos para dar credibilidade à sua agenda racista – comentou Troche. – Ele e seus correligionários mais próximos realmente acreditavam naquilo.

O mais importante, observou ele, foi o papel que os acadêmicos de Himmler, o Ahnenerbe, desempenharam na promoção do plano do Führer. Foram eles, declarou Troche, que estudaram as antigas práticas, o folclore esotérico e as verdades cósmicas do homem ariano como um meio de despertar o antigo espírito do *Volk* no homem moderno. Isso significava localizar povoados e locais arianos sagrados, decifrar as runas ali encontradas e identificar as imagens icônicas ou carregadas de espiritualidade criadas pelo homem ariano. Os arqueólogos do Ahnenerbe exploraram locais históricos em busca de sinais da cultura ariana, linguistas estudaram os nomes dos locais antigos para criar mapas seguindo as migrações arianas, e geomantes, pesquisando campos eletromagnéticos, revelaram locais arianos sagrados propícios a futuros povoados nazistas. Estudaram prédios antigos, de megálitos pré-históricos ao Partenon em Atenas e o Coliseu em Roma, por acreditarem que tais estruturas fossem relíquias tangíveis, criadas por artífices e arquitetos cujo sangue tinha a pureza ariana. Essas estruturas foram medidas para revelar a geometria sagrada – a razão de tais monumentos resistirem ao teste do tempo, sustentaram os acadêmicos do Ahnenerbe. Todo esse aprendizado, disse Troche, deveria ser inscrito na paisagem urbana de Nuremberg.

Todos que participavam dos comícios do Partido entendiam a mensagem de superioridade racial de Hitler. Mas somente a elite nazista tinha conhecimento das doutrinas e das práticas esotéricas que permeavam as crenças do ditador ou de como essas convicções estavam sendo transformadas numa parte integral da vida no Reich.

Troche descreveu como a multidão de peregrinos do Partido Nazista marchava em fileiras cerradas nos comícios de Nuremberg, ignorantes de como e por que Hitler escolhera aquela cadência específica. Milhões de membros do Partido se maravilhavam com a majestosa águia dourada sobre a tribuna nazista, mas poucos sabiam que o Führer vira aquela imagem num sonho místico. Tampouco percebiam que o roteiro das paradas era um trajeto cuidadosamente construído e medido de acordo com uma fórmula esotérica. Sabiam que a Lança Sagrada e as Joias da Coroa – símbolos importantes da monarquia alemã – foram devolvidas à cidade que por longo tempo as cobiçara, mas não sabiam como elas contribuíam para a máquina de destruição nazista.

Horn já sabia grande parte do que Troche estava dizendo. Seu amigo, porém, o conduzia numa direção nova e inesperada. Na visão de Hitler dos eventos mundiais significativos, explicou Troche, não era por coincidência que sua ópera favorita celebrava a descoberta, por Parsifal, da “lança sangrante” que revitalizou o mítico reino alemão. Também não fora coincidência que 15 de março, o dia em que São Longino é venerado na Igreja Católica, tenha sido

a data em que Hitler mandou remover a Lança Sagrada e as Joias da Coroa de suas vitrines no Palácio Hofburg, de Viena. Com base no que Troche havia visto e ouvido de colegas no Museu Germânico, o Führer pode perfeitamente ter marcado o dia da invasão da Áustria pelo mesmo motivo. O tesouro do Sacro Império Romano continha as primeiras e mais importantes obras de arte que os nazistas saquearam. E essas também eram as últimas, afirmou o curador, que eles entregariam aos Aliados.

Horn ficou estupefato com o que ouviu. Sabia que os nazistas haviam usado Nuremberg como um palco para criar e projetar uma imagem de grandeza histórica, legitimidade política e a promessa de um futuro grandioso. Também compreendia que a Lança Sagrada e as Joias da Coroa eram objetos cênicos politicamente carregados que Hitler e seu regime usariam para conquistar os corações e as mentes dos alemães. No entanto, o que Troche afirmava era bem mais assustador: o ditador e seus correligionários acreditavam que os próprios artefatos estavam investidos de um significado místico. Por mais fantástico que aquilo parecesse, a imagem em forma de lança no mapa nazista mostrado por Troche, a aparente congruência da câmara secreta diretamente sob a capela do castelo e o dia marcado para o Anschluss – a anexação da Áustria – eram indícios de que isso poderia ser verdade. E, embora Horn não tivesse consultado os arquivos do MFAA, o curador podia ter razão ao dizer que as Joias da Coroa foram os primeiros artefatos que os nazistas levaram para a Alemanha.

O interesse de Hitler pelos tesouros do Reich, como o próprio Horn havia suposto e Troche agora confirmava, remontava a 1909, quando, aos 20 anos, tinha uma rotina de privações como artista em Viena. Por duas vezes, lhe foi negado o ingresso na Academia de Artes da capital austríaca, e até aquele momento sua vida tinha sido repleta de frustrações e desapontamentos, agravados ainda mais pela morte trágica e dolorosa da mãe em decorrência de câncer de mama e pelo seu afastamento do restante da família. Hitler às vezes dormia em bancos de parques e comia em refeitórios para os mais necessitados. Ele não tinha futuro. A vida parecia absurda. Sua fuga pode perfeitamente ter sido a fantasia.

Rosenthal, o especialista em Hitler do 3º Exército, certamente concordaria com a avaliação de Troche. O jovem Hitler, um apaixonado pela arte e a arquitetura germânicas, perambulava pelos enormes parques públicos e espaços abertos de Viena, observando como os pedestres circulavam pela cidade. Ficava sentado durante horas contemplando os efeitos subliminares que certos monumentos e configurações específicas de prédios exerciam sobre a população. Preencheu cadernos com esboços de obras futuristas que podiam ser erguidas nos espaços existentes na cidade e retrçou o transporte público, projetando vias expressas, sistemas de ônibus e os veículos que as utilizariam.

O amor do jovem Hitler pela arte e pela arquitetura também o levou ao Palácio Hofburg, ao Kunsthistorisches Museum, anteriormente a residência imperial, onde viu pela primeira vez a Lança Sagrada e as Joias da Coroa.

Ao adentrar a sala 11 do Kunsthistorisches, ficou sabendo pelo catálogo que os tesouros exibidos foram os objetos sagrados dos reis alemães, transmitidos por direito divino. Embora a lança não tivesse a opulência da coroa, do cetro, do orbe e das espadas reais, dizem que esse objeto incendiou sua imaginação: uma simples ponta de lança de ferro, enegrecida pelo tempo, envolta em faixas dourada e prateada, com um prego no centro da lâmina, repousando sobre uma almofada de veludo vermelho.

Troche não tinha como saber se Hitler teve um interesse mais do que casual pela antiga relíquia ou se, como os que o conheciam afirmavam, aquele foi um momento de revelação em sua juventude. Mas o curador supunha que ele vivenciou uma espécie de epifania. Para o jovem impressionável – um menino de coroa católica e aspirante ao sacerdócio, cujos hábitos de leitura conhecidos variavam de tratados sobre a Roma antiga à sucessão dinástica dos reis francos e ao misticismo pangermânico –, os tesouros certamente eram mais do que lembranças de uma era passada. Eles tinham o poder de moldar o destino da humanidade.

O que Hitler sentiu exatamente ao ver a Lança Sagrada e as demais Joias da Coroa permaneceria um mistério. Para Troche, porém, não foi por coincidência que o futuro Führer, na época em que viu os tesouros pela primeira vez, aproximou-se de membros de sociedades ocultistas secretas. Entre os amigos íntimos de Hitler estariam dois austríacos, Guido von List e Lanz von Liebenfels, criadores da ariosofia, cuja crença no cristianismo místico, no nacionalismo do *Volk* e no antissemitismo pode ter sido adotada por Hitler. Evocando as tradições e as práticas dos cultos germânicos medievais – em que o sangue e as feridas de Cristo eram os principais objetos e símbolos de veneração –, List e Liebenfels defendiam a perseguição aos judeus e a volta ao sangue como o tema central unindo a mística cristã a seus ancestrais pagãos.

Mais bem documentada e igualmente importante foi a associação de Hitler com Dietrich Eckart e os membros da Sociedade Thule, um grupo de estudo que combinava uma filosofia racial ariana com um militarismo virulento. Tendo adotado o nome da pátria lendária dos arianos, os thulistas estudavam o antigo alfabeto das runas para extrair segredos das origens do homem. Mais ou menos na época da ascensão do Führer ao poder, foi publicado um livro sobre as ligações de Hitler com a Sociedade Thule, mas a obra e qualquer discussão pública do assunto foram subsequentemente suprimidas pelos nazistas, que temiam uma reação das igrejas luterana e católica.

Como Horn sabia, o ditador estava consciente de que precisava do apoio

da comunidade cristã predominante da Alemanha. Tampouco era segredo o fato de que a bandeira da suástica era proveniente da ariosofia e de que Himmler, outro católico rebelde e amigo de longa data dos thulistas, escolheria as runas como símbolo das Waffen-SS, que atuariam como seu exército privado. Horn, seu irmão, Rudolf, e seu cunhado, Erich, haviam discutido essas coisas.

Até que ponto Hitler acreditava nos mitos, na magia e na pseudociência era mera especulação e, como sabia Rosenthal, difícil de provar. Além da dedicatória a Dietrich Eckart no segundo volume de *Mein Kampf* e de várias referências feitas em discursos, o Führer nunca se referiu abertamente a suas ligações com a ariosofia, a Sociedade Thule ou seus fundadores. Tudo o que se podia afirmar sobre a primeira visita de Hitler ao Hofburg era que ele se lembrou da Lança Sagrada e dos outros tesouros do Reich e, 26 anos depois, consideraria seu dever – alguns diriam obrigação divina – devolvê-los à terra natal.

Himmler, profundamente influenciado pelas mesmas tradições místicas, foi o cúmplice voluntário de Hitler. O líder da SS levou muito adiante o que pode ter sido uma paixão ou um interesse passageiro do ditador pelas crenças esotéricas: criou seu próprio instituto de pesquisa e mobilizou acadêmicos para estudarem uma ampla gama de crenças e práticas místicas. Sob seu comando, o amálgama delas tornou-se a “nova igreja” dos nazistas, conhecida por muitos membros do Ahnenerbe e teólogos proeminentes como o movimento cristão alemão.

Nem Hitler nem Himmler afirmaram ou definiram publicamente o que era a nova religião. Nem sequer chegaram a desenvolver um sistema religioso coerente que pudesse ser colocado em prática. Como o imperador Constantino, o Führer contentou-se em apontar o caminho, deixando que seus seguidores cristãos acreditassem no que quisessem. Tudo o que ele e seus correligionários mais próximos declararam em público foi que sua fé era caracteristicamente nórdica ou germânica, não corrompida pela instituição do catolicismo romano ou pela influência de judeus não arianos e marxistas.

Dentro de sua própria legião de adeptos, a coisa foi mais longe, afirmou Troche. Hitler e Himmler estavam assentando os alicerces para tornar o cristianismo germânico a nova religião nacional da Alemanha. Um grupo de teólogos protestantes influentes, disse o curador, chegara a ponto de criar uma versão do Novo Testamento em que as Escrituras foram habilmente manipuladas para sugerir que Jesus estava travando uma guerra santa contra os judeus e que seus seguidores mais próximos não eram da religião judaica, e sim gentios. A Lança Sagrada e as Joias da Coroa, assim como os evangelhos “atualizados” dos nazistas, deveriam ter um lugar de destaque na conversão do povo alemão. O papel que os artefatos do Sacro Império Romano viriam a

desempenhar no plano nazista, de acordo com Troche, logo ficou evidente na criação do Terceiro Reich. Assim que Hitler subiu ao poder, Himmler ordenou a Wolfram Sievers, ex-antiquário e futuro secretário executivo do Ahnenerbe, que pesquisasse a história dos tesouros do Reich na Áustria. As narrativas foram reunidas, e as arrebatadoras lendas medievais sobre o poder da lança foram apresentadas na Alemanha como fatos. E, assim como as lendas da lança foram sagazmente adulteradas e exageradas, o mesmo ocorreu com séculos de doutrina cristã. Não apenas Longino era ariano, mas Jesus também.

Para respaldar essa teoria racista, acadêmicos nazistas mostraram contradições nas narrativas da infância de Jesus, inconsistências relacionadas à genealogia dele e um quadro revisionista da demografia racial da Galileia. Observaram que as tribos arianas, sabidamente presentes na Galileia, nunca foram expulsas dos povoados israelitas e que, depois da conquista assíria, a região ficou desprovida de judeus. Os pais de Jesus, descendentes dos cavaleiros arianos do rei Herodes, eram judeus de “religião”, mas não na identidade racial. Os acadêmicos nazistas sustentaram que Jesus, na verdade, não nasceu em Belém, na Judeia, mas em outra Belém perto de Nazaré, na Galileia. Uma série de outros argumentos foi apresentada na tentativa de mostrar que Jesus, desde o início de sua pregação, opôs-se diretamente ao pensamento e às práticas judaicas e que insistia em falar sobre um “reino de Deus” no coração humano, um conceito estranho ao judaísmo.

Mais do que isso, em conferências e nos púlpitos por toda a Alemanha, os acadêmicos e teólogos nazistas sugeriram que os antigos soldados-reis do Sacro Império Romano sabiam da genealogia ariana secreta de Jesus e que a Igreja Católica procurou ocultá-la. Essa foi supostamente uma das razões pelas quais o rei Frederico I, na luta pelo poder com o papa Alexandre III na Cidade do Vaticano, conspirou para tornar o antipapa Vítor IV o novo Vigário de Cristo do Sacro Império Romano.

Troche imaginava que Horn, afastado da Alemanha desde pouco antes da guerra, poderia achar tudo aquilo exagerado. No entanto, aquelas eram as teorias produzidas pelo Ahnenerbe e por mentores do movimento cristão alemão. Foi também a razão pela qual Himmler enviou equipes de acadêmicos-soldados a Jerusalém, ao Tibete e a outras partes do mundo a fim de coletar artefatos considerados valiosos para o Reich.

Segundo o curador, Himmler começou a criar as condições para o retorno das Joias da Coroa ao mesmo tempo que seus acadêmicos do Ahnenerbe febrilmente revisavam a história mundial para acomodar a nova teologia da superioridade ariana. O advogado Walter Buch – sogro de Martin Bormann, o secretário particular de Hitler – recebeu ordens de descobrir um meio legal de retirar da Áustria os tesouros do Sacro Império Romano. Os documentos originais prometendo as Joias da Coroa a Nuremberg, assinados pelo

imperador Sigismundo do Sacro Império Romano, foram desarmados e estudados.

Por mais extraordinária que parecesse a narrativa de Troche, o mais notável era que os nazistas, que saqueavam arbitrariamente o que consideravam seu e usavam sua própria licença criativa para reinterpretar as lendas e os mitos do passado, se dessem ao trabalho de estudar as questões legais e encontrar meios de legitimar suas ações no tocante às Joias da Coroa.

O curador chamou a atenção de Horn para outro paradoxo. As mesmas pessoas que tentavam resgatar artefatos tipicamente cristãos também estavam envolvidas na destruição das sociedades secretas que deram origem às crenças de Hitler e na compilação de dossiês que seriam usados para solapar as figuras de liderança nas igrejas alemãs relutantes em aprovar a doutrina do Terceiro Reich. O culto dos nazistas não poderia ter nenhum concorrente.

Apoiado pela autoridade de Hitler, Buch fez várias tentativas de promover um intercâmbio de obras de arte, de modo que as insígnias reais pudessem ser expostas na Alemanha. Mas nenhum acordo foi alcançado. Os dirigentes do Kunsthistorisches Museum, em Viena, acreditavam, com razão, que nunca mais veriam os tesouros caso os emprestassem para um museu alemão.

Isso não impediu Hitler de continuar seus esforços, tornando pública a importância histórica das Joias da Coroa. Seu passo inicial foi construir uma réplica do relicário de madeira que abrigava os tesouros na época medieval. No primeiro dos comícios do Partido Nazista em Nuremberg, realizado em 1933, a cópia do relicário foi devidamente instalada na Praça do Mercado, assim como o artefato real teria aparecido séculos antes durante o festival de celebração dos tesouros do Sacro Império Romano. Esse relicário, porém, foi exposto vazio, um meio nada sutil de transmitir a mensagem maior de que Nuremberg havia sido pilhada de sua herança cultural e espiritual.

Os esforços de Hitler para conscientizar a nação da importância do tesouro receberam o apoio do novo prefeito de Nuremberg. Willy Liebel estava tão preocupado com as Joias da Coroa quanto o próprio Hitler e, além de publicar livros e artigos celebrando sua história venerada, exigiu publicamente sua devolução à cidade.

O interesse de Liebel, porém, não era pelas propriedades esotéricas ou místicas atribuídas aos artefatos. Ele mal se referiu a isso em seus muitos discursos ou nas reuniões que convocou na Câmara Municipal. Sua obsessão era que os emblemas da monarquia mundial fossem devolvidos à “cidade imperial” da Alemanha. Assim como Berlim possuía o Portão de Brandemburgo, encimado pela carruagem que simbolizava a solidariedade germânica, Nuremberg teria as Joias da Coroa. A coroa imperial, contou Troche, sempre foi mais importante para Liebel do que a Lança Sagrada.

Em preparação para o comício do Partido de 1935, em Nuremberg, Liebel

encomendou uma cara reprodução da espada cerimonial. Durante seu tradicional discurso de abertura saudando o Führer, o prefeito a apresentou como um “símbolo da unidade, da estatura, do poder e da força da nação alemã”. Liebel citou a pesquisa de Walter Buch, agora major da Waffen-SS de Himmler, que reconhecia o direito legítimo de Nuremberg às insígnias. E pela primeira vez Hitler se referiu diretamente a elas como um “símbolo do poder imperial alemão” e um lembrete da importância da revolução nacional socialista.

Após seu discurso, Hitler prometeu a Liebel que os artefatos reais seriam devolvidos a Nuremberg assim que a Alemanha conseguisse anexar a Áustria. Isso tinha uma importância especial, observou Troche, porque o ditador supostamente teria feito a promessa três dias antes de suas tropas de assalto cruzarem a fronteira com a Áustria. Em outras palavras, os planos da invasão já vinham sendo traçados enquanto Hitler jurava publicamente preservar a paz.

Himmler foi um protagonista-chave na “recuperação” dos artefatos autênticos, auxiliado por Kaltenbrunner, então líder da SS austríaca clandestina, e pelo major Buch, que se tornara chefe da polícia secreta do Partido Nazista. O prefeito Liebel e a Câmara Municipal tomaram outras providências administrativas e de relações públicas ligadas à “repatriação” dos artefatos a Nuremberg.

De acordo com a versão contada nos círculos nazistas, a operação foi desencadeada no início de março de 1938. Buch, viajando incógnito na frente das forças alemãs invasoras, hospedou-se num pequeno hotel perto do Palácio Hofburg. Dentro de sua mala aparentemente inofensiva estavam seu uniforme da SS, uma pistola Luger e ordens secretas de matar quem tentasse esconder ou remover a Lança Sagrada e as Joias da Coroa do Kunsthistorisches Museum antes que as tropas de assalto tomassem a cidade. Em 12 de março, a noite do Anschluss, enquanto divisões blindadas atravessavam a fronteira com a Áustria, Buch vestiu seu uniforme e protegeu o tesouro.

Três dias depois, houve uma recepção deslumbrante no Palácio Real em Viena, ocasião em que o chefe da polícia secreta apresentou a Hitler uma seleção de itens da coleção. Conta-se que Buch ergueu o braço na saudação nazista e anunciou:

– *Die Heilige Lanze, mein Führer* (A Lança Sagrada, meu Führer).

Hitler, no entanto, não levou a lança e os outros tesouros de volta consigo para Berlim. Tudo deveria parecer perfeitamente legal. Somente após a Áustria ter sido formalmente incorporada ao Reich e o embaixador austríaco na Alemanha apresentar os tesouros à cidade de Nuremberg, as Joias da Coroa foram devolvidas à sua terra ancestral.

O prefeito Liebel e membros da Câmara Municipal chegaram a Viena para

escoltá-las até a cidade alemã num trem especial de oito vagões fortemente protegido. Os tesouros chegaram à estação de Nuremberg em 30 de agosto de 1938 e, em meio a uma falange de guardas da SS, foram levados para a Igreja de Santa Catarina, onde foram exibidos. Troche, um dos novos curadores do Museu Germânico, viu-os pela primeira vez ali.

– Tudo o que os nazistas faziam era planejado – contou o curador a Horn, repetindo sua avaliação anterior.

Então ele tirou o guarda-pó, enrolou o mapa, recolheu os livros e os arquivos e comentou que estava na hora de deixarem o claustro do museu. Hitler tivera planos grandiosos para a cidade, o Reich e seus tesouros sagrados, e Troche queria que o amigo visse essas coisas com os próprios olhos.

Capítulo 10

O reino de conto de fadas de Hitler

22 de julho de 1945

TROCHE ACOMPANHOU HORN na saída do santuário do claustro do museu, que tinha cheiro de ervas, até chegarem à rua com o ar poluído pelo escapamento dos veículos. Os caminhões ainda aguardavam na plataforma de carga do depósito, e o tráfego matinal trazia um fluxo constante de jipes conduzindo dignitários do aeroporto de Nuremberg-Fürth, veículos de transporte de tropas levando trabalhadores para os reparos do hotel e mensageiros em motocicletas deslocando-se entre o Palácio da Justiça e os escritórios do governo militar americano. Aparentemente, todos os transportes da cidade tinham sido destinados a preparar Nuremberg para os iminentes julgamentos de crimes de guerra.

Os dois homens avançaram facilmente pelo tráfego, abrindo caminho para leste num amplo bulevar ao longo da muralha do centro histórico. Seu destino final era a Capela Real no complexo do castelo, mas no caminho Troche quis parar no Portão Laufer, uma das cinco torres de pedra medievais que no passado defenderam os portões da velha cidade. De seu paraapeito teriam a melhor vista do centro histórico, ao norte, e do campo de paradas do Partido Nazista, ao sul.

Incêndios haviam destruído o interior e queimado os tetos das fileiras de prédios dos dois lados do Portão Laufer. A torre antiga, porém, construída sobre blocos de pedra maciços, ainda se erguia à entrada do centro histórico, assim como 500 anos antes, quando cavaleiros em cotas de malha despejavam todo tipo de material incandescente sobre pretensos conquistadores que atacavam Nuremberg.

Era um mistério como o telhado de madeira baixo da torre escapou de ser seriamente danificado pelos bombardeios e durante a última ofensiva. Ao avançar rumo à Alameda dos Ferreiros, a Companhia E do capitão Peterson havia trocado alguns tiros com francoatiradores empoleirados nos paraapeitos, mas não foram os homens dele que travaram uma batalha campal pela torre de 24 metros. A honra coube a um pelotão antitanques que alvejara a Torre Laufer por 20 minutos antes que seus 125 defensores se rendessem.

Uma brigada de trabalho feminina alemã estava removendo os escombros

em torno da entrada quando Troche e Horn chegaram. Como em todas as outras partes da cidade, as mulheres usavam lenço na cabeça, e seus rostos estavam cobertos com xales para se protegerem das nuvens de poeira e do fedor terrível do que inevitavelmente descobriam. Em suas andanças pela cidade, o tenente imaginava com que frequência as equipes de trabalho deparavam com cadáveres ainda soterrados sob os escombros e se, após meses daquele trabalho árduo, elas haviam se acostumado com o fedor nauseante de podridão. Isso com certeza não acontecera com ele. Quase vomitou ao passar entre as trabalhadoras, seguindo Troche torre adentro por uma escada de pedra em espiral.

A grande sala de observação circular no alto continha sacos de dormir, um fogão a querosene e um sortimento de velhos armários, penteadeiras e outros móveis. Como em praticamente todas as áreas de Nuremberg, qualquer estrutura com telhado era considerada um alojamento adequado. A torre constituía um imóvel de primeira, proporcionando um bom abrigo, e sua porta com dobradiça podia ser trancada por dentro, oferecendo um mínimo de proteção contra os antigos trabalhadores forçados, gangues de jovens e matilhas de cães sem dono que perambulavam pela cidade à noite.

Os ocupantes da torre não estavam. Talvez tivessem saído para procurar comida e suprimentos ou estivessem entre as mulheres ao pé da torre removendo entulho da rua. Mais acostumado às privações da vida em Nuremberg, Troche entrou no aposento sem se preocupar. Estava interessado na vista panorâmica.

Era praticamente uma linha reta, disse ele, que seguia do campo de paradas até a Capela Real. Como já notara, isso não tinha sido feito por acaso. Os nazistas haviam transferido prédios e drenado um pequeno lago de modo que a estrada que ligava o centro histórico ao local de paradas viesse a ser perfeitamente reta e que a visão do castelo não fosse obstruída. O próprio Hitler, acompanhado de Himmler, percorrera a rota proposta.

Assim como haviam transformado um parque e uma pastagem na periferia da cidade com sua arquitetura monumental, seus espaços públicos enormes e sua via pública principal, os nazistas também revitalizaram e restauraram o centro histórico. Segundo o curador, o plano para a velha Nuremberg era refletir o romantismo de conto de fadas da Idade Média e projetar uma imagem imaculada da grandeza passada. A “Via Appia” do Terceiro Reich deveria ligar o centro histórico antigo – as glórias passadas do país – ao campo de paradas – o futuro da nação. Eram elementos complementares do programa do regime para criar a impressão de que Nuremberg era um local sagrado, um ambiente em que o culto do cristianismo germânico e do *Volk* redespertaria nos visitantes e moradores uma cultura nacional verdadeiramente alemã.

Do alto da torre, Troche apontou para os aspectos consideráveis da obra dos nazistas no campo de paradas. O que já havia sido concluído era impressionante, mas o que Hitler imaginara e delineara no mapa do Reich, que o curador agora descrevia, parecia um parque de diversões nazista, onde a fantasia deveria se tornar realidade.

O prédio mais grandioso em todo o complexo de comícios era o Deutsches Stadion, a arena em formato de ferradura, uma estrutura realmente colossal, cuja finalidade seria abrigar cerca de meio milhão de partidários, tornando-a a maior do mundo. Hitler pretendia que o local um dia se tornasse a sede permanente dos Jogos Olímpicos. Os pilares, portais e galerias gigantescos, construídos numa escala épica, foram projetados para apequenar aqueles que passavam embaixo e se elevar, como catedrais, sobre o espaço circundante. Em vez de imitar os outros espaços públicos modernos, Nuremberg deveria se assemelhar à Grécia e à Roma antigas, onde os visitantes e participantes dos espetáculos olhavam uns para os outros e para cima. Quem estivesse lá não assistiria simplesmente à ação, mas também tomaria parte nela.

A pompa planejada para a arena ampliava aquele tema fundamental. Procissões empunhando tochas, com fanfarras de trombetas e atroantes rufos de tambores, incorporavam o conceito. Os chefes dos diferentes contingentes – a Juventude Hitlerista, as tropas de assalto, os membros da Liga do Trabalho – marchariam à frente em trajes de legionários, carregando estandartes romanos.

O misticismo acompanhava a majestade, a grandeza e o espetáculo nas fórmulas “sagradas” que determinavam a proporção de um prédio e sua localização, explicou Troche. O Ahnenerbe supostamente teria chegado às fórmulas corretas por meio do estudo de textos antigos e das obras-primas de civilizações anteriores. O palanque de onde o Führer transmitia sua mensagem nos comícios, chamado de Tribuna pelos nazistas, seguia o modelo do Altar helenístico de Pérgamo, na costa turca, enquanto o Deutsches Stadion imitava o Odeão construído por Herodes Ático em Atenas. Hitler estava convencido de que aquelas construções perduraram por uma razão: eram projetos carregados de espiritualidade, que seguiam leis universais.

A posição e a altura do pódio da Tribuna foram determinadas por rabinos, e o local original do próprio prédio foi transferido algumas dezenas de metros para oeste a fim de tirar vantagem do que esses adivinhos alegavam ser “alinhamentos eletromagnéticos”, correntes subterrâneas e magnéticas que ampliariam as atividades que se realizassem acima delas. Posicionar a Tribuna não foi um empreendimento trivial, esclareceu o curador, uma vez que para isso foi necessário drenar um lago e redirecionar uma ferrovia.

Muitos outros exemplos de crenças esotéricas e “geometria sagrada” influenciaram a construção e o projeto dos prédios. Doze, por exemplo, era o

“número mágico”, pois 12 eram os signos do zodíaco e os apóstolos. Conjuntos de 12 colunas, 12 pilares e 12 avenidas deveriam desembocar em uma via principal ligando o centro histórico à parte moderna. O que não era surpresa, como observaria Horn mais tarde, já que havia 12 divisões ou escritórios na SS de Himmler.

Troche passou a descrever como os arquitetos do campo de paradas encontraram várias outras oportunidades de incorporar o número 12 a seus projetos. Os desenhos de suástica mais elaborados mostravam uma roda com 12 braços, denominada Sol Negro, que o Ahnenerbe e os thulistas acreditavam ser a representação mais antiga e potente, pelo homem nórdico ou teutônico, do Deus ariano.

A polaridade também figurava no seu pensamento. Como a estrada principal que ligava o campo de paradas à capela, praticamente todos os projetos, na medida do possível, estariam direcionados para a lendária terra de Thule, ao norte. Com base na descrição do curador, as centenas de milhares de pessoas que compareciam aos comícios ainda não conheciam toda a verdade do planejamento urbano ou as mensagens subliminares mais sutis que estavam sendo transmitidas.

Não apenas o local, a posição e o projeto das estruturas eram determinados por considerações místicas ou esotéricas. A ornamentação e os símbolos associados aos prédios, assim como o Sol Negro, eram igualmente importantes.

Troche afirmou que a enorme águia de asas abertas colocada sobre o estádio foi projetada na forma de uma runa do antigo alfabeto ariano. Aquele caractere específico – escolhido pelo runologista oficial do Ahnenerbe, Karl Marie Wiligit – era a runa Tyr ou a “runa da lança”, emblema do lendário deus da guerra nórdico de igual nome, concessor da vitória e protetor contra o mal. Ela também era importante por ser o símbolo que os guerreiros arianos supostamente talhavam na própria carne a fim de penetrar no Valhala.

Em seguida, o curador caminhou até o outro lado do parapeito da Torre Laufer e apontou para o centro histórico, ao qual Hitler dedicara a mesma atenção e os mesmos recursos do Reich.

O centro histórico, disse ele, não deveria ficar ofuscado nos comícios. Deveria legitimar as atividades que ocorriam no sul. Ali as mudanças não tomaram a forma de projetos de prédios novos, e sim de restauração e preservação das estruturas existentes. Deveriam reforçar o conceito de grandeza da Alemanha, anunciar a nova e gloriosa era sob a liderança nazista e promover o Führer como o verdadeiro protetor, guardião e reformador heroico da cidade imperial do antigo Sacro Império Romano.

O primeiro passo dos nazistas foi a restauração das estruturas históricas para “purificar e embelezar” a imagem de Nuremberg. Removeu-se tudo o que

pudesse turvar a mensagem ou prejudicar a ligação simbólica com a grandeza medieval da cidade. Outdoors e cartazes foram derrubados, telhados inclinados foram substituídos por coberturas planas modernas, e as obras de cantaria e as construções em estilo enxaimel emergiram de séculos de revestimento. Prédios dilapidados ou sem importância foram totalmente substituídos por réplicas de estruturas projetadas para se harmonizarem com os arredores. Os nazistas empregaram artífices de toda a Alemanha e da Europa. Eles moldaram estátuas, bustos e tabuletas celebrando as glórias do passado antigo da cidade e a genialidade dos músicos, pintores e escultores que viveram e trabalharam dentro de suas muralhas. No início do processo, quaisquer indícios de influências judaicas ou eslavas desapareceram, numa campanha que, segundo Troche, foi dirigida por Julius Streicher, o primeiro secretário da Defesa – Gauleiter da cidade –, que defendeu a aprovação das notórias “Leis de Nuremberg” antijudaicas. O fato de que homens de negócios e artífices judeus tinham dado grandes contribuições para a construção da cidade medieval autêntica e suas instituições foi convenientemente ignorado.

Horn sabia que remover a presença dos judeus de Nuremberg não tinha sido uma ideia nova, já que a Praça do Mercado – que passou a se chamar Adolf Hitler Platz durante o regime nazista – abrigara uma sinagoga judaica antes da onda de antissemitismo medieval dominar a cidade e a Igreja de Nossa Senhora ser construída sobre suas ruínas. Os nazistas meramente recomeçaram de onde as autoridades municipais haviam parado séculos antes.

O maior dos projetos de restauração dos nazistas foi o velho prédio dos Telégrafos na Praça do Mercado, que, segundo Troche, foi considerado um “corpo estranho insuportável” que perturbava o encanto medieval da cidade. Numa grande maquiagem, a fachada simplificada do prédio e o telhado inclinado procuraram complementar as estruturas vizinhas em uma estética mais ordenada, e novos murais antisemitas, feitos para parecerem antigos, foram adicionados a seu exterior.

Outros projetos foram realizados para restaurar a Prefeitura da cidade, o Hospital do Espírito Santo e a Igreja de São Lourenço, que se tornaria, por ordens de Hitler e com o apoio do movimento cristão alemão, a catedral nacional do Terceiro Reich. Igualmente importante foi o antigo convento dominicano de Santa Catarina, onde as Joias da Coroa foram guardadas quando chegaram da Áustria. O fato de os Mestres Cantores terem se apresentado nesse local e, mais tarde, a companhia de ópera de Nuremberg ter celebrado lá a descoberta da “lança sangrante” por Parsifal colocou-o no topo da lista de prioridades dos nazistas.

O destaque dos projetos de restauração foi o Castelo de Nuremberg, que deveria se livrar das adulterações que sofrera no século XIX para apresentar melhor a estrutura como um símbolo potente da grandeza da Alemanha

medieval. No entanto, o desejo imperioso dos nazistas de recriar um símbolo da grandeza do Reich entrou em conflito com a realidade histórica. Como os curadores do Museu Germânico bem sabiam, o problema era que nunca existiu um castelo que representasse uma era de ouro da supremacia alemã. Além de ser um amálgama de construções passadas que simbolizavam sua ascensão e seu declínio cíclicos, ele desafiava qualquer tentativa de datar elementos separados ou de imaginar seu aspecto séculos antes.

Em vez de buscar a exatidão histórica, os nazistas optaram por criar um castelo de conto de fadas. Removeu-se tudo o que não parecesse grandioso ou romanticamente atraente. Em diversos casos notáveis, acrescentaram-se pináculos e entradas arqueadas e foram realçados os aspectos marciais da estrutura, representados pelas muralhas e pontes levadiças. A mensagem dos nazistas era óbvia: o castelo era uma fortaleza, o *feste Burg* do império.

Assim como o campo de paradas foi projetado para promover a grandeza da mensagem nazista, as dependências principais do castelo, entre elas o Salão dos Cavaleiros e a residência imperial, foram reprojctadas para serem usadas pela hierarquia nazista. Os estábulos foram transformados num albergue da Juventude Hitlerista, e a Capela Real, que durante décadas servira de dormitório para os zeladores do castelo, voltou a ser dedicada aos imperadores do Sacro Império Romano e aos Cavaleiros Teutônicos que lá celebraram seus cultos religiosos.

Ali e por todo o centro histórico, os nazistas tentaram transmitir aos visitantes que o reino antigo do Reich fora algo magnífico e grandioso, onde soldados-reis esclarecidos governavam prósperos comerciantes, artífices e músicos, vivendo em relativo esplendor, em lares idílicos e primorosos. Não importava que nos tempos medievais as ruas da cidade fossem um mar de lama e sujeira, que ratos corressem soltos, que existissem chiqueiros diante de quase todas as casas e que as muralhas da cidade tivessem outro propósito além da proteção do império contra invasões estrangeiras. Simplesmente não era seguro fora das muralhas. Toda espécie de ladrões e salteadores, e num caso notável os membros insatisfeitos da própria família do imperador, atacavam os que se aventurassem nas florestas e nos vales supostamente idílicos da Alemanha medieval.

Hitler trouxe a Lança Sagrada e as Joias da Coroa para o reino de conto de fadas que ele e seus correligionários mais próximos haviam criado em Nuremberg. Conforme a descrição de Troche, foi como se os Cavaleiros da Távola Redonda tivessem retornado a Avalon, e o rei Artur, ou seu irmão gêmeo maligno, acompanhado de Merlin – como Himmler deve ter visto a si mesmo –, adentrasse Camelot brandindo a espada mágica Excalibur.

Erwin Panofsky, o orientador de Horn e Troche, sem dúvida se ressentiria da comparação entre a cavalaria arturiana e o Terceiro Reich assassino. No

entanto, teria adorado a explicação de Troche da proeminência da arte e da arquitetura na cultura que o regime nazista criou em Nuremberg, não por causa dos detalhes mais esotéricos da história apresentada pelo curador, mas por sua abordagem: a paisagem e o meio ambiente influenciavam e davam importância a uma obra de arte. Os tesouros antigos não deveriam ser estudados em museus, mas no contexto de seu uso e exibição originais. No caso da Lança Sagrada e das Joias da Coroa, o modo como eram exibidas, veneradas e protegidas na era medieval estava diretamente relacionado a como os nazistas procuraram exibir, venerar e usar esses tesouros nos tempos modernos.

No mundo da cosmologia nazista, passado e presente se fundiam além do que Horn imaginara anteriormente. Ele ficou fascinado, já que aquela era sua especialidade acadêmica: como a arte e a arquitetura moldavam a vida cultural de uma cidade e seus moradores. A diferença importante era que Horn antes se limitara a estudar culturas antigas havia muito desaparecidas. Nunca vira ou examinara em tamanho detalhe como os mesmos princípios e modos de investigação se aplicavam tão diretamente aos tempos modernos.

Mesmo assim, havia a questão das Joias da Coroa. Se o tenente entendera o propósito do que Troche estava dizendo, os nazistas concederam às Joias da Coroa uma posição elevada e mística, exigindo portanto que fossem adequadamente guardadas e protegidas. Também era óbvio que eles as teriam escondido durante a invasão, como ocorreu quando as tropas de Napoleão chegaram às portas de Nuremberg. No entanto, não foi removida a coleção inteira quando o reino de fantasia nazista pegou fogo. Somente cinco itens foram retirados do bunker, e a relíquia que Troche disse que poderia ter sido a mais importante para Hitler – a Lança Sagrada – não estava entre eles. Se o curador estava certo, com certeza os nazistas, ao levarem secretamente os demais tesouros, deveriam ter levado também a Excalibur de Hitler.

Por mais impaciente que estivesse para que seu antigo colega de turma abordasse o tema das Joias da Coroa, o tenente não podia apressar Troche. Havia coisas que Horn precisava saber e entender primeiro. Do contrário, não acreditaria no que o amigo tinha para lhe mostrar e contar depois.

Capítulo 11

Os Cavaleiros Teutônicos

22 de julho de 1945

TROCHE DESCREVEU O DRAMA representado em Nuremberg como se fosse o ato de abertura de uma ópera de Wagner, com a diferença de que os protagonistas e o pano de fundo eram reais. Ele imaginou Hitler como Parsifal, aparecendo no meio do cenário para conversar com Himmler, o mago malévolo. Quais novas reviravoltas na história o curador haveria de contar?

Ainda sentindo-se abalado e aborrecido com as revelações do colega, Horn silenciosamente o seguiu torre afora, subindo a rua rumo ao centro histórico, atravessando a Praça do Mercado e percorrendo uma série de alamedas tortuosas até a igreja conventual de Santa Catarina, construída no século XIII, que havia sido transformada numa vitrine para as Joias da Coroa. Outra equipe de operários, usando os mesmos lenços na cabeça, trabalhava no local, mas não na remoção de escombros para recuperar a antiga capela e a sala do coro dos Mestres Cantores. Elas se tornaram irrecuperáveis, um exemplo do poder destrutivo dos bombardeios dos Aliados.

O tenente transpôs o buraco irregular aberto por uma bomba aliada no corredor abobadado. Por aquela passagem de pedra, 500 anos antes, freiras dominicanas vestindo véus pretos e túnicas brancas entravam na capela e deparavam com uma exibição incrivelmente rica, iluminada por velas, de arte e arquitetura: arcos em forma de ômega sobre magníficos coro e transepto, janelas de vitrais e uma imagem delicadamente entalhada e muito estimada da santa padroeira, a martirizada Catarina de Alexandria. Agora não havia nada além de paredes de pedra nuas e queimadas, buracos em forma de janelas góticas, pilhas de madeira carbonizada e montes de ardósia no local em que o telhado desmoronara sobre o santuário. Troche ajudou o amigo a imaginar o aspecto do lugar quando os nazistas usavam a construção para exibir a Lança Sagrada e as Joias da Coroa.

Ele descreveu como um enorme tapete carmesim levava da nave da igreja ao deambulatório. Tapeçarias vermelhas e pretas pendiam das paredes, cobrindo-as do teto ao chão, e as cortinas nas janelas aumentavam o efeito dos refletores sobre as vitrines. A coroa, o orbe, o cetro, a lança e as espadas eram dispostos, polidos e radiantes, numa caixa de pedra medieval delicadamente

entalhada na capela-mor.

As cerimônias de abertura da exposição, em 6 de setembro de 1938, quando os tesouros foram oficialmente entregues à cidade, foram celebradas por Arthur Seyss-Inquart, o chanceler nazista da Áustria. Ecoando a declaração do imperador Sigismundo, ele os deu de presente a Nuremberg “por toda a eternidade”. Uma semana depois, no sexto comício do Partido na cidade, o Führer viu as Joias da Coroa. Uma falange de guardas da SS, trajando uniformes de gala pretos, colocou-se em posição de sentido nas naves. Trombeteiros em trajes medievais heráldicos tocavam seus instrumentos do balcão. Quando Hitler adentrou o santuário, a Sociedade Coral de Nuremberg entoou o coro “Desperta!” da ópera *Die Meistersinger*, de Wagner.

De pé numa tribuna onde antes ficava o púlpito, o ditador atingiu sua eloquência máxima naquele dia. Troche citou um trecho do discurso do Führer, registrado em um álbum comemorativo lançado pelo prefeito Liebel: “Em nenhuma outra localidade alemã existe um elo tão forte entre passado e presente [...] como em Nuremberg, a antiga e nova cidade imperial. Esta cidade, que o antigo Reich alemão considerava apta a defender as insígnias atrás de suas muralhas, recuperou a posse desses símbolos que atestam o poder e a força do velho Reich [...] e são uma manifestação do poder e da grandeza em um Novo Reich Alemão.”

Tocando a coroa, Hitler disse:

“O povo alemão declarou a si mesmo portador da coroa de mil anos.”

Troche observou que ele não se referiu à relíquia como a “coroa imperial” ou “do Sacro Império Romano”, e sim como a coroa de mil anos.

O curador e cerca de 200 pessoas viram a Lança Sagrada e as demais Joias da Coroa naquele primeiro dia. Nos meses seguintes, milhões de outras tiveram o mesmo privilégio.

Sem dúvida, Hitler tinha todas as razões para acreditar no poder protetor da Lança Sagrada, declarou Troche.

Horn concordou. A invencibilidade do Führer deve ter parecido real quando uma nação europeia após outra sucumbiu ante os ataques-relâmpago do Exército e da Força Aérea alemães.

Mas não levou muito tempo para o clima começar a mudar. Hitler e seus exércitos ainda eram imbatíveis no verão de 1940, mas a RAF começara a bombardear cidades alemãs. Não muito depois dos ataques contra Nuremberg, a exposição na Igreja de Santa Catarina foi discretamente encerrada. Sem fanfarra, mas acompanhadas pela mesma falange de membros da SS, as Joias da Coroa foram removidas para um lugar seguro no cofre-forte do Banco Kohn, na esquina das ruas König e Brunnengasse, um estabelecimento cujos proprietários judeus haviam sido convenientemente retirados da cidade.

Circulavam rumores infundados de que o ditador se apropriara da lança

durante dias ou meses seguidos. Troche não sabia se isso era verdade. Tudo o que ouvira falar sobre a coleção foi que Himmler e o Ahnenerbe estavam produzindo um filme que contaria a história das Joias da Coroa e do surgimento de Nuremberg como a Meca do Terceiro Reich. Troche e outros curadores foram incumbidos de procurar locações de filmagem e fornecer objetos cênicos apropriados do acervo do museu. O filme, porém, nunca foi concluído, pois àquela altura os bombardeios haviam destruído seções inteiras da cidade restaurada.

Troche também levantou a hipótese de que a invencibilidade do regime nazista viesse sendo seriamente questionada. As fórmulas místicas que deveriam assegurar a longevidade do Reich de Mil Anos não estavam protegendo contra os fluxos de bombardeiros. Os comícios do Partido foram suspensos, e as restaurações da cidade, interrompidas. No início da década de 1940, os recursos financeiros e os suprimentos que haviam sido destinados aos projetos passaram a ser direcionados ao esforço de guerra. Mas nem todos os projetos de construção no centro histórico cessaram, esclareceu o curador. Àquela altura, os nazistas estavam construindo o bunker sob o Castelo de Nuremberg.

A construção da instalação na Alameda dos Ferreiros, explicou Troche, não era segredo. Muitos abrigos antiaéreos vinham sendo construídos por toda a cidade, e aquele aparentemente não era diferente. Mas poucas pessoas além dos partidários mais próximos do prefeito Liebel estavam a par das obras especiais em andamento.

Horn, é claro, vira-as com os próprios olhos. Mas Troche queria que o amigo entendesse por que Himmler e o Ahnenerbe haviam selecionado aquele local específico para guardar os tesouros, quando existiam muitas câmaras subterrâneas igualmente adequadas em Nuremberg.

Com isso em mente, deixaram as ruínas da Igreja de Santa Catarina e subiram lentamente morro acima, pelo emaranhado de ruas coalhadas de escombros, até o castelo. Em muitos aspectos, estavam retrocedendo no tempo para o lugar exato onde, séculos antes, a cidade havia sido fundada. Nenhum caminhão transportava pessoas ou equipamentos. Nenhum mensageiro passava por lá de motocicleta. O centro histórico, misteriosamente abandonado nas sombras de seus prédios e colunas derrubados, tinha uma beleza assustadora e enigmática.

Os dois homens subiram uma série tortuosa de degraus de pedra, polidos por séculos de uso, e adentraram o complexo através do Portão do Paraíso, nome cuja origem se perdeu na história. Uma explicação provável, porém, era que o portão levava a um pátio aberto onde, nos tempos medievais, criminosos recebiam asilo caso conseguissem passar despercebidos ou dominar os vigias.

As sentinelas que montavam guarda, dois policiais militares ociosos nas ameias, mal olharam para Horn e Troche, por motivos óbvios: os bombardeios haviam destruído praticamente tudo, exceto as muralhas do castelo, e ondas de saqueadores já tinham carregado o que havia de valor lá dentro. Como em outras partes, a função dos policiais ali era impedir que cidadãos alemães e trabalhadores forçados libertados entrassem em choque.

O tenente e o curador pararam por alguns minutos para examinar o pátio imperial. Quase todos os guias do centro histórico mencionavam uma “árvore sagrada”, supostamente plantada pela consorte de Henrique II, imperador do Sacro Império Romano, no início do século XII. Segundo a superstição, enquanto a árvore florescesse, o castelo e seu burgo prosperariam.

Não havia registro de quantas vezes, e sob quais circunstâncias, a árvore fora replantada. De acordo com Troche, a árvore nazista, que teria sido abençoada pelo próprio Führer, secara bem antes da invasão dos Aliados e tudo o que restava dela era um toco carbonizado.

Mas eles não tinham ido ver a árvore. Troche conduziu Horn por um vão de escada estreito entre o Salão dos Cavaleiros e a Torre do Pagão, que dava numa parte inferior da Capela Real e consistia em duas galerias românicas separadas, uma sobre a outra. Com exceção dos pombos que passavam esvoaçando, eles estavam sozinhos.

A abertura quadrada que ligava a galeria superior à inferior sobrevivera aos bombardeios. No entanto, seções do teto abobadado da galeria superior e partes de quatro colunas maciças de mármore branco que o sustentavam não tiveram a mesma sorte. Com isso, enormes blocos de pedra haviam desabado e enchido de entulho a galeria inferior. Como a capela e o restante do castelo não tinham importância para o tribunal de crimes de guerra nem estavam ligados a nenhum serviço vital da cidade, nenhuma equipe havia sido designada para limpar a bagunça.

Troche chamou a atenção de Horn para um ponto no meio da galeria inferior coberta de escombros. Aquela área, que parecia uma cripta, nunca fora usada para sepultamentos. Era onde os Cavaleiros Teutônicos guardavam o relicário portátil contendo a Lança Sagrada e as Joias da Coroa. De sua galeria superior, o imperador podia verificar se elas estavam sendo bem cuidadas.

Olhando para os blocos caídos de cantaria poeirenta, Horn quis saber se ainda havia algo por descobrir sob os destroços. Existiriam pistas, após séculos de restaurações, de como a ordem cavalleiresca protegia os tesouros? E o mais importante: o modo como os Cavaleiros Teutônicos protegiam os tesouros na época medieval estaria relacionado ao método nazista de protegê-los para as futuras gerações?

A aparente coincidência de Himmler ter optado por reabilitar uma adega de cerveja diretamente sob a capela não passou despercebida ao tenente, assim

como ele não pôde ignorar a imagem em forma de lança no que poderia ter sido um mapa do tesouro nazista. Talvez o túnel de saída secreto do bunker, escondido em sua unidade de exaustão e ventilação auxiliar, conduzisse diretamente à galeria inferior da capela. Nesse caso, a escavação feita pelo soldado Dollar não seria suficiente.

Troche adivinhou o que passou pela mente do amigo. Ele não tinha certeza se era para lá que o túnel oculto conduzia, mas não era uma suposição absurda. Os Cavaleiros Teutônicos medievais, disse ele, ocuparam um lugar proeminente na visão de mundo mística de Himmler.

De novo, o curador se referiu ao plano mestre e ao culto de Hitler, mas enfatizou que compreender o que os nazistas fizeram em Nuremberg exigia uma associação com o passado remoto.

Ele lembrou a Horn que, além do papel que os Cavaleiros Teutônicos desempenharam na proteção das Joias da Coroa, diferenças importantes distinguiram aquela irmandade religiosa antiga de suas congêneres, os Templários e os Hospitalários. As três ordens de cavaleiros se originaram na Terra Santa durante as Cruzadas e floresceram por certo tempo na Europa medieval. No entanto, os Cavaleiros Teutônicos consideravam a recuperação da Palestina e a proteção aos peregrinos apenas parte de suas tarefas básicas ou missões religiosas. Além disso, a confraria alemã de soldados-sacerdotes auxiliou os imperadores do Sacro Império Romano em sua conquista da Europa e liderou as invasões da Polônia, da Hungria e da Rússia, assim como a SS de Himmler ajudava o Terceiro Reich. E, ao contrário dos Cavaleiros Teutônicos, os Templários e os Hospitalários eram multinacionais. Já os Teutônicos tinham que provar sua ascendência alemã até três ou mais gerações, da mesma forma que somente soldados arianos puros podiam ingressar na SS.

Como Horn sabia, com base em seus estudos, durante uma época os Cavaleiros Teutônicos foram uma força importante dentro do Sacro Império Romano. Porém, com a Reforma Protestante e a subsequente guerra entre protestantes e católicos, seu contingente se reduziu. A ordem foi enfim abolida por Napoleão, cuja tentativa fracassada de se tornar o soberano desse império pusera um fim ao antigo conglomerado de territórios europeus. Por volta daquela época, as Joias da Coroa, não mais sob a proteção daquela ordem militar, foram levadas a Viena e não voltaram a ser vistas na Alemanha até que os nazistas marchassem sobre a Áustria e as reivindicassem. Troche chamou a atenção de Horn para um fato que Rosenthal certa vez discutira com ele: o interesse profundo e duradouro de Himmler por essa ordem militar. A honraria máxima que um oficial da SS podia receber era a “Ordem do Sangue” – a *Deutscher Orden* –, uma versão nazista da condecoração conferida aos Cavaleiros Teutônicos. As cores preta e branca da confraria também se

tornaram as cores oficiais da SS. O primeiro uniforme dessa organização paramilitar, depois que os nazistas aboliram as camisas pardas trajadas pelas milícias de rua de Hitler, foi a túnica preta e a touca pontuda dos Cavaleiros Teutônicos. Himmler elaborou não apenas esses símbolos exteriores, mas também a estrutura hierárquica da liderança da SS, com base no padrão das ordens abençoadas pelos imperadores do Sacro Império Romano. “Nunca esqueçam”, dissera ele a seus oficiais, “que somos uma ordem cavalleiresca.” Um cartaz de recrutamento, que circulou amplamente pela Alemanha, chegou a mostrar o Führer trajado como um cavaleiro teutônico medieval.

Horn acompanhou o que Troche tinha a dizer com interesse crescente, mas não podia imaginar o que viria a seguir. Baseando-se em relatos de seus colegas curadores e em referências nos textos do prefeito Liebel, ele tinha motivos para acreditar que Himmler fez mais do que adotar os símbolos dos Cavaleiros Teutônicos. Ele pode ter restabelecido a ordem, que continuara existindo na Alemanha como um corpo cerimonial e beneficente. Apesar da determinação radical de Hitler de dissolução dos Cavaleiros Teutônicos, junto com os maçons, os rosacruz, os antroposofistas e um sem-número de outras sociedades e irmandades secretas, Himmler pode ter revitalizado a confraria dos soldados-sacerdotes.

De acordo com Troche, a nova ordem de cavaleiros pode ter se reunido no Castelo de Wewelsburg de Himmler, uma fortaleza medieval triangular com vista para o vale do Alme, ao norte de Nuremberg. Uma torre era uso exclusivo de Hitler, outra, de Himmler, e numa terceira torre, voltada para o norte, realizavam-se todos os tipos de cerimônias esotéricas. O curador contou que não estivera no castelo. Poucas pessoas além dos correligionários mais próximos do Reichsführer estiveram. Mas ele certamente ouvira discussões entre o pessoal do museu em Berlim. No castelo e próximo dali, em Externsteine – um local de escavação a poucos quilômetros de distância –, Horn poderia obter uma boa ideia do grau do fascínio dos nazistas pela história alemã, pelo misticismo e pelos Cavaleiros Teutônicos.

Troche estava convencido de que o prefeito Liebel e possivelmente outros moradores importantes de Nuremberg eram membros da suposta fraternidade teutônica e de que sua tarefa específica era zelar pela proteção da Lança Sagrada e das Joias da Coroa. Mas não podia ter certeza, porque a participação na suposta ordem e tudo o mais sobre ela eram segretos. Ele era, como dissera várias vezes antes, um forasteiro. No entanto, para Troche não era coincidência que antigamente três moradores de Nuremberg, membros dos Cavaleiros Teutônicos na cidade imperial, estivessem incumbidos de cuidar da proteção dos tesouros e que, nos tempos modernos, sob os nazistas, o prefeito Liebel confiasse a três membros da Câmara Municipal de Nuremberg as chaves e o segredo da câmara subterrânea da Alameda dos Ferreiros.

Pela segunda vez naquele dia, Horn se surpreendeu com a gravidade das palavras do amigo. Na verdade, Troche estava dizendo que Himmler não apenas mobilizara o exército de homens sob seu comando para investigar e recuperar os tesouros do Sacro Império Romano, mas pode ter ido mais longe e recriado uma confraria medieval. A missão específica da ordem ressuscitada, presumia Troche, era guardar os tesouros.

Sua teoria, porém, não respondia à pergunta mais pertinente sobre quem poderia ter removido do bunker as Joias da Coroa. Mas ajudava a explicar as coincidências que envolviam a recuperação e o manuseio delas pelos nazistas, a decisão de proteger os tesouros numa câmara subterrânea sob a Capela Real e a confluência das obras arquitetônicas em Nuremberg, que apontavam, como uma lança, do campo de paradas do Partido Nazista para a antiga sede dos soberanos do Sacro Império Romano.

Se as palavras de Troche eram verdade, e não fruto de sua imaginação, aqueles considerados dignos de possuir as chaves da câmara não cumpriram com seus deveres. Ou então foram eles que removeram o que consideraram os cinco tesouros mais valiosos. E, se os Cavaleiros Teutônicos modernos tinham transferido as relíquias, havia um dilema adicional, que vinha perturbando Horn desde que fez a palestra para Thompson e os outros oficiais no hotel e Troche lhe mostrou o mapa da cidade feito pelo Reich. Se de fato a Lança Sagrada era tão importante para Hitler como ele achava, por que aquela relíquia também não tinha sido removida da coleção de artefatos guardados no bunker? Se existia um equivalente moderno dos Cavaleiros Teutônicos, teria este falhado na missão de proteger todos os tesouros importantes, ou a não remoção da lança também fazia parte de seu plano mestre?

Troche não tinha uma resposta definitiva, mas sugeriu uma explicação. Quando os bombardeiros apareceram sobre Nuremberg e o restante do país, e as tropas dos Aliados transpuseram o rio Reno e penetraram em território alemão, a Lança Sagrada perdeu seu atrativo. Ficou claro que ela não fornecia nenhuma proteção sobrenatural contra os infiéis.

O Führer, disse Troche, voltou as costas ao talismã sagrado, assim como fez com o movimento cristão alemão. Os planos de expandir o campo de paradas do Partido Nazista, reformar a cidade e transformar a Igreja de São Lourenço na catedral nacional chegaram a um fim abrupto. A atenção se voltou para a instalação de baterias antiaéreas no perímetro da cidade e também para a proteção das insígnias imperiais da monarquia alemã, os tesouros que o prefeito Liebel mais cobiçara.

Quatro dos tesouros removidos do bunker – a coroa, o orbe, o cetro e a espada imperial – eram objetos necessários à coroação. O quinto item, a espada cerimonial, estava numa categoria diferente. Tratava-se da espada usada posteriormente pelo rei para conceder o título de cavaleiro aos

aspirantes a soldados-sacerdotes.

Segundo Troche, não surpreendia que o prefeito, antes que as Joias da Coroa fossem devolvidas a Nuremberg, tivesse presenteado o Führer com uma reprodução da espada cerimonial, por ocasião das solenidades de abertura do início do Partido em 1935. Liebel não deu a Hitler uma réplica da espada imperial, da coroa ou da Lança Sagrada, e sim uma cópia da espada com a qual um rei alemão concedia o título de cavaleiro a seus guerreiros teutônicos.

Horn acompanhou o raciocínio do amigo. O plano mestre fracassara. A intenção confessa de Hitler de ressuscitar Nuremberg como a cidade imperial do Império Germânico tornou-se inviável com a destruição da cidade pelos bombardeiros dos Aliados. A proteção mística concedida pela Lança Sagrada não se mostrara eficaz. A coroa e os outros artefatos da monarquia é que deveriam ser preservados para as gerações futuras. A espada cerimonial era mais importante do que a Lança Sagrada, pois por meio dela as próximas gerações poderiam ser alçadas à dignidade de cavaleiros.

Por mais verdadeira que a teoria de Troche pudesse ser – e Horn não estava convencido dela –, ela não revelava quem removera os cinco tesouros que tinham desaparecido do bunker da Alameda dos Ferreiros.

Troche também tinha uma resposta para aquilo. O prefeito Liebel estava morto, mas seus pretensos Cavaleiros Teutônicos – seus subalternos – continuavam na cidade.

– Achá-los não será muito difícil – assegurou Troche. – Dois deles estão na folha de pagamento da força de ocupação americana.

Capítulo 12

O inimigo nos portões

23 a 25 de julho de 1945

SE O QUE TROCHE DESCREVEU era verdade, Hitler se valera dos tesouros do Sacro Império Romano para legitimar seu domínio. Instalara os estimados símbolos da autoridade do Reich na capital ancestral de sua nação, que tinha sido transformada num local de peregrinação elaborado. Tal como os soldados-reis que o precederam, o Führer teve uma confraria de Cavaleiros Teutônicos dedicados a proteger e preservar o tesouro sagrado de seu reino contra exércitos invasores. Como acontecia nos tempos antigos, assim ocorreu no Terceiro Reich.

Horn não duvidou da essência do que seu antigo colega lhe contou. Hitler pode ter realmente acreditado que fazia parte de uma longa linhagem de governantes ordenados. Em sua mente, a posse das Joias da Coroa pode ter sido um meio de justificar sua tentativa de conquistar o mundo ocidental. Isso também poderia explicar, raciocinou Horn, por que o Führer imaginava dispor da autoridade para cometer as atrocidades pelas quais seus correligionários logo seriam julgados. Não poderia haver maior distorção do poder do que um homem que acreditava que sua autoridade advinha de Deus. Mas naquele ponto da investigação Horn não parou para refletir nas implicações. Ele tinha um mistério a resolver. E embora cada resposta levasse a novas perguntas, forçando-o a avaliar o papel que o corpo de acadêmicos-soldados de Himmler desempenhara no surgimento de um candidato a ditador mundial, ele agora dispunha de uma teoria sobre a identidade dos ladrões do tesouro. O próximo passo seria encontrar os membros daquela “confraria teutônica” ou, se isso não fosse possível, pelo menos seus soldados de infantaria.

Horn já havia anotado dois dos três nomes no topo da lista de Troche de conspiradores suspeitos. Heinz Schmeissner e o Dr. Konrad Fries, vereadores da cidade durante a administração de Liebel, atualmente exerciam a mesma função no governo da ocupação e faziam parte do Comitê Histórico do MFAA do capitão Thompson. O terceiro suspeito da lista de Troche, o ex-vereador da cidade Julius Lincke, seria mais difícil de localizar. Ele sumiu pouco antes da invasão e nunca mais foi visto. Poderia estar escondido, detido num dos

campos de trabalhos forçados ou, como acreditavam Dreykorn e Thompson, entre os mortos anônimos de Nuremberg.

Não foram esses homens, porém, que Horn resolveu interrogar primeiro. Ainda que conseguisse encontrar Lincke, poderia ser difícil obter respostas honestas dele ou dos demais. Eles não iriam reconhecer a cumplicidade num roubo que poderia levá-los à prisão e com certeza esconderiam habilmente seu papel na conspiração. Horn preferiu entrevistá-los, junto com Albert Dreykorn, o ex-secretário do prefeito Liebel, depois que soubesse quais as perguntas certas a fazer. Primeiro precisava se familiarizar com os detalhes da construção do bunker e de sua operação diária e criar uma cronologia de eventos que o ajudasse a descobrir a data em que as Joias da Coroa haviam sido removidas da câmara subterrânea.

Consultar o soldado Hüber, que ele não via desde o interrogatório no Campo Namur, não era viável, dada a dificuldade de localizá-lo entre as centenas de milhares de prisioneiros em campos de trabalhos forçados na Bélgica, na França e na Inglaterra. Se a família dele não tinha sido soterrada sob os prédios medievais desabados na Alameda dos Ferreiros, encontrá-la seria tão difícil quanto localizar Julius Lincke. No entanto, com a ajuda de Troche, Horn poderia obter informações relevantes com os funcionários mais importantes do museu, os diversos engenheiros civis, pedreiros, secretárias e demais operários que trabalharam para construir e encher as câmaras do bunker.

Horn não precisaria de sua maleta de produtos do mercado negro para obter a cooperação dessas pessoas. Contava com uma ferramenta bem mais poderosa: a possibilidade de fazer recomendações à junta de revisão de empregos da ocupação militar. Podia recomendar tanto incentivos como punições, dependendo do caso. Todos os cidadãos alemães adultos eram obrigados a preencher um *Fragenbogen*, formulário desenvolvido pela Alfândega americana que listava suas afiliações nazistas anteriores. Como praticamente todo adulto em Nuremberg tinha sido membro do Partido ou teve alguma outra afiliação nazista censurável, estando portanto tecnicamente desqualificado para um emprego, a única maneira legal de obter trabalho era apelar à junta de revisão, que poderia avaliar os fatores atenuantes pertinentes à contratação de um candidato. A intercessão de um oficial graduado da ocupação, como o capitão Thompson, poderia fazer a diferença entre conseguir um emprego e morrer de fome.

Obter informantes potenciais não seria um grande desafio. Troche precisava apenas espalhar a notícia entre o pessoal do museu e seus amigos de que aqueles dispostos a falar com os investigadores receberiam uma avaliação favorável para a obtenção de um emprego. O problema, imaginou Horn, seria persuadir Thompson a apoiar seu plano.

Na breve discussão subsequente com o capitão, Horn não informou a ele que as entrevistas que pretendia conduzir eram uma etapa preliminar ao seu interrogatório de Dreykorn, Fries e Schmeissner. Tampouco tocou no assunto de uma suposta confraria teutônica secreta de neonazistas que poderia estar operando infiltrada na administração civil. Em vez disso, enfatizou seu desejo de confirmar, como o próprio capitão dissera, que os nazistas haviam removido os tesouros antes de o Exército americano invadir a cidade. Horn deu a entender que provavelmente resolveria alguns pontos pendentes e depois voltaria a Frankfurt com um relatório confirmando os rumores para os quais o capitão chamara a atenção do major Hammond.

Thompson cedeu aos pedidos de Horn sem muita resistência. Talvez a palestra dele no hotel tivesse atenuado a hostilidade anterior do capitão, ou Thompson estivesse meramente ansioso por se ver logo livre do tenente. Horn não sabia. Sem impor nenhuma condição, o capitão simplesmente concordou em deixar que o tenente passasse alguns dias interrogando o pessoal de baixo escalão do bunker, consentiu em que a junta de revisão intercedesse a favor dos informantes que ajudassem na investigação e ofereceu a ele seu escritório no quartel-general da ocupação.

Com a ajuda de Troche, Horn começou imediatamente. Em 25 de julho, o quinto dia de sua investigação, 21 pessoas revelaram o que sabiam sobre o bunker. Os interrogados tinham idades entre 17 e 50 e poucos anos e incluíam dois ex-empregados, um engenheiro civil, um inspetor estrutural e elétrico, um vigilante da defesa aérea e um auxiliar do departamento de planejamento urbano. Trajavam roupas sujas e rasgadas e viviam em situação de miséria desde a invasão. Mais do que qualquer outra coisa, queriam trabalho em sua área de especialização.

A maioria dos informantes apresentou-se no quartel-general da ocupação, mas houve vários outros que, não querendo ser vistos falando com investigadores, combinaram encontros privados com Horn no Grand Hotel. O soldado Dollar, sentado com Troche a uma escrivaninha em frente aos escritórios do MFAA, conduzia a triagem inicial. Os informantes eram então levados um a um ao escritório de Thompson para as entrevistas, que duravam entre alguns minutos e uma hora.

Ninguém com quem Horn conversou no primeiro dia demonstrou qualquer conhecimento sobre as Joias da Coroa que desapareceram do bunker. Mas o tempo investido por ele não foi em vão: quase todos com quem falou confirmaram as informações de Troche sobre aqueles que o prefeito Liebel escolheu para administrar a instalação da Alameda dos Ferreiros. O nome de Julius Lincke figurava nas plantas fornecidas aos empregados, o escritório de Heinz Schmeissner cuidava da parte jurídica, Konrad Fries emitia ordens de pagamento e aprovava requisições, e Albert Dreykorn cuidava de questões

rotineiras ligadas aos trabalhos.

O nome que Horn esperava ouvir – Heinrich Himmler – a princípio não surgiu associado à construção e operação do bunker. Ou a instalação não estava tecnicamente sob sua supervisão, como afirmaram o soldado Hüber e Troche, ou os informantes que Horn interrogou naquele primeiro dia não estavam cientes das discussões do alto escalão. O tenente também ficou desapontado com o fato de que aqueles trabalhadores pareciam nada saber sobre uma ordem secreta de cavaleiros modernos. Os operários viam o bunker como uma instalação municipal, embora secreta, administrada sob supervisão direta do prefeito Liebel.

De forma semelhante, ninguém que Horn interrogou no primeiro dia sugeriu qualquer razão mística ou esotérica para a Alameda dos Ferreiros ter sido escolhida como o local do bunker. Se houve um debate sobre algum lugar específico, tal discussão ocorreu a portas fechadas no escritório de Liebel na prefeitura, ou nos escritórios de Himmler em Berlim, ou mesmo em seu castelo em Wewelsburg. Os informantes disseram apenas que a antiga adega de cerveja era uma propriedade antiga de Nuremberg e que, antes de ser transformada em uma instalação de alta segurança para abrigar os tesouros da cidade, havia sido um dos vários locais onde equipamentos, aparelhos de iluminação e objetos cênicos eram guardados para os desfiles anuais do Partido Nazista. Segundo os relatos dos interrogados, o pódio favorito de Hitler era guardado ali.

A reforma da antiga adega ocorreu sob sigilo total num período de seis meses, começando em setembro de 1939, dias antes de Hitler invadir a Polônia. Aquela data foi confirmada pelo informante Paul Müller, um empreiteiro que forneceu concreto e aço ao local, e por Friedrich Lammerman, que requisitara materiais de construção dos suprimentos destinados ao campo de paradas do Partido Nazista. Além de unidades de ar-condicionado, calefação e ventilação, a maior despesa foi com o cofre de banco, fabricado em Nuremberg pela Companhia Carl Hermann, a mesma que fornecera trancas e portas de aço resistentes a choques para as células de armazenamento.

A destruição da companhia, como relatou um agente marítimo, dificultaria a obtenção de informações de como as contas eram pagas ou, mais precisamente, quem as bancava. Mais notável, porém, foi a suposta data dos pagamentos. Como mais de um informante explicou, a Companhia Carl Hermann começou a fornecer produtos e serviços caros à instalação da Alameda dos Ferreiros bem antes de quaisquer recursos municipais serem reservados para abrigos antibombas ou outras instalações ligadas à defesa da cidade.

Os escriturários Luis Hirsch e Grete Weigel não conheciam a relação financeira entre a Companhia Carl Hermann e o prefeito Liebel, mas tinham

certeza de que o dinheiro que passava por suas mãos vinha direto de recursos entregues a Liebel para as instalações do campo de paradas. Aqueles fundos, afirmaram, eram fornecidos pelo Bureau II do RSHA, o Escritório Central de Segurança do Reich, mas eram distribuídos pelo prefeito Liebel e pela Câmara Municipal. Embora Ernst Kaltenbrunner, o segundo em comando abaixo de Himmler, tecnicamente fornecesse os recursos, Hirsch e Weigel desconheciam que o próprio Reichsführer tivesse qualquer interesse pessoal ou profissional em como o dinheiro era gasto. Tudo passava pelo escritório de Liebel.

Um terceiro detalhe concernente à construção do bunker também era digno de nota. De acordo com Harold Claub, desenhista, e Wilhelm Schwemmer, zelador, o projeto original previa apenas três células de armazenamento – duas unidades de 3 por 3,7 metros e a câmara –, além dos serviços de utilidade pública, ventilação e alojamentos dos guardas. Isso sugeria que, de início, a instalação não estava destinada a guardar a vasta coleção de tesouros da cidade que acabou indo parar lá dentro. Pelo contrário, o bunker foi sendo ampliado durante um período de dois anos até se tornar uma instalação multifuncional com sete câmaras.

Essas informações poderiam não interessar à investigação do desaparecimento dos cinco tesouros, mas sugeria que o abrigo poderia ter sido originalmente projetado para conter somente a câmara para as Joias da Coroa e o altar de Cracóvia e que, mais tarde, talvez como consequência dos bombardeios, ele foi ampliado. Ninguém sabia dizer ao certo quem tomou a decisão, mas ela acabou sendo atribuída ao prefeito Liebel e a Heinrich Kohlhaussen e Eberhard Lutze, diretores do Museu Germânico. A transferência dos tesouros do Sacro Império Romano do Banco Kohn para o bunker ocorreu em 23 de fevereiro de 1940, um ano e meio depois de sua chegada à Alemanha. Carregadores do museu foram designados para levar, em meio à escuridão, 20 caixotes do banco para o recém-construído abrigo da Alameda dos Ferreiros. De acordo com um desses operários, estavam presentes o prefeito Liebel e uma companhia de guardas da SS – o único indício novo obtido nos interrogatórios de Horn de participação dos homens de Himmler na criação do bunker e posteriormente em sua segurança.

Foram contínuas as remessas dos artefatos do Museu Germânico para o bunker e a expansão da área de depósito para acomodá-los. As datas fornecidas pelos trabalhadores batiam com os registros do catálogo de fichas e podiam, como percebeu Horn, ser correlacionadas com os ataques de bombardeiros que haviam se tornado um fato diário na vida de Nuremberg. Assim como os eventos de Pearl Harbor ficaram marcados para os americanos, as datas e as consequências dos bombardeios estavam profundamente enraizadas na consciência de todos os interrogados.

A menção aos bombardeios invariavelmente provocava uma reação

vigorosa. O marechal do ar Arthur Harris, conhecido pelos moradores como Açougueiro Harris, era o comandante aliado mais odiado da guerra, por causa de sua decisão de bombardear a população civil como um meio de esmagar a resistência alemã. Claro que isso não surpreendeu, pois todos com quem Horn falou haviam perdido um membro da família, uma casa e seu meio de subsistência em consequência das missões de Harris e daquelas conduzidas mais tarde pelos americanos. Uma metrópole de quase meio milhão de pessoas encolheu quase dois terços antes de a cidade ser invadida.

Como resultado direto de um único ataque aéreo, em 13 de outubro de 1944, o nome de Himmler enfim apareceria ligado ao bunker. Oito grandes bombardeios já haviam castigado Nuremberg e já se concluíra a construção de 14 abrigos antiaéreos na superfície e oito subterrâneos. A cidade também contava com um anel de baterias antiaéreas, que depois seriam reposicionadas para alvejar a força de invasão americana.

Àquela altura, os moradores já estavam abatidos e endurecidos com a destruição causada pelos fluxos de bombardeiros. Os informantes de Horn descreveram como eles já nem se orgulhavam de ostentar seus distintivos do Partido. Os imensos comícios, encerrados cinco anos antes, eram uma lembrança distante. A saudação “Heil, Hitler!” raramente era ouvida. Nas ruas, tanto civis quanto soldados já não batiam continência ante a bandeira nazista, e os dirigentes locais do Partido às vezes deixavam de censurar aqueles que desobedeciam à etiqueta nazista padrão.

A incursão de bombardeio de 13 de outubro foi menos intensa que as anteriores e não resultou em incêndios como o que destruiu Dresden quatro meses depois. Mas explodiu a entrada camuflada do túnel da Alameda dos Ferreiros, expondo-o aos olhares de centenas de moradores, talvez mais. De acordo com vários informantes, na manhã seguinte o prefeito correu ao centro histórico, onde seus piores temores se confirmaram. Os portais externos do túnel, disfarçados como portões da garagem do antiquário, haviam sido escancarados pela explosão.

Liebel imediatamente ordenou que operários reparassem o dano, e mais de 20 pessoas empenharam-se na reconstrução. Entre elas estava Anton Kiesel, que chefiava um grupo de trabalhadores de baixo escalão. A maior parte do trabalho se concentrou fora do bunker, na plataforma de carga, mas várias alterações foram feitas em seu interior. Vinte ou mais vigas grandes foram instaladas como suportes adicionais nos corredores que levavam do fim do túnel à área da câmara subterrânea. Alguns dias depois da reforma, por volta de 16 de outubro, Himmler e um contingente de oficiais da SS chegaram a Nuremberg no trem pessoal do Reichsführer e, com o prefeito, inspecionaram o trabalho de construção e inventariaram o conteúdo da câmara.

A presença de Himmler proporcionou uma pista nova importante para a

linha do tempo que Horn estava reconstituindo. Embora ele não pudesse ter certeza absoluta, parecia lógico que as Joias da Coroa ainda estivessem no bunker, senão Himmler – àquela altura um dos homens mais poderosos da Alemanha – não teria ido pessoalmente inspecioná-lo. Como ministro do Interior, tinha coisas bem mais importantes do que cuidar de um pequeno projeto de construção. A única explicação razoável era que ele estava preocupado com a segurança da coleção. E isso pode ter feito com que ele e Liebel decidissem remover o que consideravam os tesouros mais valiosos e facilmente transportáveis.

Mas o conteúdo do bunker em nada interessava aos informantes de Horn. Eles queriam conversar sobre os constantes ataques aéreos. Por mais que o tenente relutasse em se desviar do tema principal, ele deixou que expressassem o sofrimento que haviam experimentado com a deterioração das condições na cidade. Cada um tinha uma história pessoal, e todos queriam que um oficial americano ouvisse suas aflições, para que o exército de ocupação soubesse que infortúnios e sofrimentos debilitaram os dois lados.

Três meses antes da invasão dos Aliados, Nuremberg sofreu os bombardeios mais intensos, que paralisaram sua administração e sua economia. Em 2 de janeiro de 1945, a maior parte do centro histórico e muitas áreas externas foram destruídas, quase 2 mil pessoas foram mortas e 100 mil ficaram desabrigadas.

A cidade não se recuperou. Em 20 e 21 de fevereiro, novos ataques mataram outras mil pessoas ou mais e deixaram mais 70 mil sem abrigo. Como mais de uma testemunha descreveu, bombas já estavam caindo sobre ruínas, e assim a relação de propriedades destruídas foi abandonada. O registro antes utilizado para inventariar as estruturas danificadas agora relacionava apenas aquelas ainda de pé.

Praticamente todas as pessoas que Horn interrogou estavam esperando a invasão dos Aliados naquela época. Era difícil obter comida. Faltavam combustível, água potável e eletricidade, e a maioria das ruas estava bloqueada por ruínas. Na falta de madeira para os caixões, os mortos eram enterrados enrolados em papel, e os coveiros eram pagos em garrafas de aguardente. A maioria dos moradores acreditava que a chegada do inimigo seria uma libertação do sofrimento. O pensamento predominante era: melhor um final horrível do que um horror sem fim.

O tenente mostrou-se solidário com o sofrimento deles. Ao mesmo tempo, não podia ignorar que os moradores relutavam em confessar a verdade de sua situação. Consideravam injustificável o bombardeio de sua cidade pelas nações aliadas. Talvez tivessem razão. Como ele sabia, com base em informes da unidade de inteligência G-2, foram lançadas mais bombas em Nuremberg em 2 de janeiro de 1945 do que em todos os ataques alemães à Inglaterra durante

toda a guerra. Mas, como Horn também sabia, os cidadãos de Nuremberg – alegando que ignoravam as consequências de seu apoio ao regime nazista e que não podiam ter feito nada – fizeram bem mais do que fornecer homens, armamentos e alimentos à máquina de guerra nazista. Eles forneceram o local, a propaganda e o cerimonial que Hitler usou para fascinar a nação.

Horn não expressou sua ambivalência. Aquele não era o momento ou o local para apontar culpados. Ele simplesmente retomou o tema central das sessões de interrogatório, sondando detalhes específicos sobre a operação nazista do bunker e sua administração da cidade.

Àquela altura da guerra, Julius Streicher já havia saído de cena. Embora ainda fosse o secretário da Defesa da cidade, seu status era apenas simbólico. Num escândalo em que muitos cidadãos proeminentes de Nuremberg trocaram acusações, Liebel acusou Streicher de roubar propriedades judaicas confiscadas e de se aproveitar pessoalmente de recursos recebidos. No momento da suposta remoção das Joias da Coroa do bunker, Streicher deixara de aparecer na sede do governo e fora viver numa pequena fazenda na periferia da cidade.

O secretário da Defesa de fato era Karl Holz, que recorreu aos tipos de táticas nazistas extremas que os alemães antes só aplicavam fora da Alemanha. Do seu lado estava Benno Martin, o chefe da Gestapo conhecido por ser amigo de Himmler. Mas, segundo os interrogados – e essa era uma informação muito interessante para Horn –, Martin e Holz não se entendiam. De acordo com eles, os dois divergiam a respeito de diversas questões importantes, sobretudo a necessidade de defender Nuremberg, que para Martin não tinha importância estratégica do ponto de vista militar.

Holz prevaleceu sobre Martin, como acabaria prevalecendo sobre Liebel. Ele deu ordens para que quem fugisse da cidade fosse fuzilado e os operários que não aparecessem para trabalhar nas fábricas fossem encarcerados. Além disso, quem pendurasse ou agitasse uma bandeira branca seria executado por traição. “Quem não quer viver com honra deve morrer na vergonha” foi a mensagem que Holz mandou transmitir pelos alto-falantes da cidade.

Aquela não foi uma ameaça vã. Como relatado por várias testemunhas, na semana anterior à invasão quatro moradores foram executados publicamente por “desonra e vergonha” e outros 35 “criminosos” foram enviados a Dachau. Diversos informantes também contaram que quando o Exército americano chegou a Fürth, na periferia da cidade, Holz planejou destruir seções inteiras de Nuremberg. Equipes de demolição foram designadas para cada um dos prédios do governo e todas as fábricas e pontes que ainda estavam de pé. Entre os locais supostamente escolhidos para serem destruídos estava o bunker da Alameda dos Ferreiros, que tinha um interesse especial para Horn.

Ninguém com quem Horn falou sabia quem havia sido escolhido para o

trabalho de demolição, ou quem os impedira de executar as ordens de Holz. Na confusão da invasão, quando a artilharia americana arrasou a cidade e a Companhia E de Peterson libertou o campo de prisioneiros nazista adjacente ao local onde eram realizadas as paradas, os moradores não deram muita atenção à câmara subterrânea da Alameda dos Ferreiros. Afinal, os poucos sortudos já haviam fugido para o labirinto de abrigos antibombas a fim de escapar do inimigo nos portões.

Capítulo 13

A cadeia de comando

26 de julho de 1945

ALBERT DREYKORN FOI o primeiro da lista de pessoas que Horn interrogou no dia seguinte. O risco de perder seu cargo no comitê de restauração histórica de Thompson foi o incentivo necessário para levá-lo, submisso, ao escritório do capitão. Motivá-lo a revelar detalhes do que sabia foi o maior desafio. Burocrata desembaraçado e ardiloso, ele escolhia suas palavras com cuidado.

– O prefeito Liebel era um homem bom e honrado – declarou Dreykorn. – Não existia em Nuremberg, ou em qualquer outra parte da Alemanha, um funcionário público tão gentil e dedicado.

Tomando notas do que era dito para análise posterior, Horn já esperava ouvi-lo defender seu ex-chefe, mas nunca imaginou que o afável ex-secretário viesse a se manifestar a favor de Liebel de maneira tão fervorosa e descarada. O prefeito era de fato um funcionário público devotado e, segundo a opinião geral, um administrador eficaz, mas foi com o consentimento dele que Julius Streicher publicou os livros escolares e os jornais antissemitas virulentos que fomentaram o apoio generalizado às Leis de Nuremberg, apresentadas no comício do Partido de 1935, que acabaram levando à criação dos campos de concentração.

Em breve chegaria o momento de Horn confrontar Dreykorn com a realidade desagradável da administração de Liebel. Por ora, o tenente voltou sua atenção ao papel do prefeito na construção e manutenção do bunker. Em vez de negar o envolvimento do prefeito, Dreykorn o elogiou como o homem que previu as calamidades que acometeriam a cidade e tomou medidas para proteger sua população, seus monumentos históricos e seus tesouros.

– O bunker foi totalmente ideia do Dr. Liebel – revelou Dreykorn. – Os tesouros da cidade precisavam ser protegidos a qualquer custo, qualquer que fosse o sacrifício. Ele ordenou a construção da instalação, correndo o risco de enfurecer o alto-comando nazista em Berlim.

O perigo, disse Dreykorn, foi desobedecer à política nazista de alocação de recursos. Em vez de destinar todo o dinheiro ao esforço de guerra, Liebel secretamente desviou marcos do Reich dos cofres municipais para o bunker da Alameda dos Ferreiros e, mais tarde, para construir outros abrigos na cidade.

Segundo o ex-secretário, o alto-comando nazista proibiu especificamente a construção dessas instalações por acreditar que transmitiam a mensagem errada à população. Os moradores de Nuremberg não deveriam pensar que a pátria pudesse ser invadida.

Dreykorn passou a explicar que, com a ajuda de Julius Lincke, que dirigia o escritório de planejamento municipal, Liebel contornara a legislação, declarando que a instalação da Alameda dos Ferreiros era um depósito operado pela cidade, em vez de um bunker ou um abrigo antibombas cuja construção estava proibida. Graças ao prefeito e à sua interpretação astuta das cláusulas legais, Nuremberg dispunha de mais abrigos para seus moradores do que qualquer outra cidade na Alemanha.

– Você está me dizendo que Heinrich Himmler não sabia que Liebel construiu o bunker da Alameda dos Ferreiros para abrigar as Joias da Coroa?

Dreykorn não respondeu diretamente à pergunta de Horn. Ele disse apenas que os tesouros do Sacro Império Romano pertenciam a Nuremberg, não ao governo nazista. Por serem propriedade municipal, o prefeito dispunha de plenos direitos legais para transferi-los de uma instalação para outra na cidade, como acabou fazendo com as coleções de tesouros do museu. A única concessão de Liebel foi estender a Himmler as mesmas cortesias que oferecia a outros visitantes nazistas graduados. Isso incluía mostrar ao Reichsführer as defesas da cidade e os planos de evacuação de emergência, mas não se restringia a isso. Liebel e Himmler, disse o ex-secretário, compartilhavam o mesmo apreço pela importância histórica da cidade e colaboravam juntos amigavelmente.

Horn direcionou a conversa de volta para o bunker. Dreykorn confirmou que Lincke, Schmeissner e Fries foram os protagonistas principais na construção e manutenção do local. Liebel confiava cegamente neles, razão por que lhes entregou as chaves da instalação. O ex-secretário alegou que, após a invasão, os vereadores não apareceram com as chaves por temerem represálias de linhas-duras nazistas que acreditavam estarem ainda controlando a cidade. A confiança de Liebel em Schmeissner e Fries, afirmou, era tamanha que eles levaram adiante a “confiança sagrada”, colaborando com as autoridades da ocupação na reconstrução da cidade.

– Na posição de Cavaleiros Teutônicos? – perguntou Horn.

Se a irmandade medieval supostamente restabelecida significava algo para Dreykorn, ele não deixou transparecer. Só repetiu grande parte do que já dissera, acrescentando apenas que documentos do bunker haviam sido queimados antes da chegada dos Aliados. Disse que aqueles registros ficavam guardados num armário trancado no escritório de Liebel na prefeitura. A sala e boa parte do prédio foram destruídos nos ataques aéreos devastadores de janeiro. O ex-secretário alegou que continham todos os papéis importantes

referentes ao bunker e a seu conteúdo, especificamente as Joias da Coroa.

Ao ser interrogado com mais insistência, Dreykorn reconheceu, como suspeitava Horn, que houvera outros arquivos. O prefeito mantinha um armário secreto na sede da Gestapo contendo correspondências confidenciais entre autoridades da cidade e o alto-comando do Reich. O ex-secretário alegou que aquelas correspondências haviam sido queimadas por Holz, secretário da Defesa de Nuremberg, que Dreykorn afirmou ser o verdadeiro criminoso.

Segundo ele, Holz era o homem de Hitler e pretendia levar a cabo o plano do Führer de não deixar nada intacto para os invasores.

– Tudo deveria ser destruído: prédios, pontes, o aeroporto e a estação ferroviária. Nada ficaria de pé.

De acordo com Dreykorn, Liebel e Holz tinham uma velha rivalidade em questões que variavam do tratamento dado aos trabalhadores do Reich à deportação dos judeus. Diretamente subordinado ao Führer, Holz sempre prevalecia. Mas Liebel, de acordo com seu ex-secretário, encontrou meios de contornar o secretário e ajudar os judeus. Ele e Benno Martin, amigo pessoal e confidente de Liebel e subcomandante da defesa da cidade, não puderam impedir as deportações, mas conseguiram avisar os líderes comunitários judeus de prisões iminentes. Liebel e Martin, declarou Dreykorn, conspiraram para livrar a cidade de Julius Streicher.

A história, conforme apresentada por Dreykorn, foi que Liebel e o chefe da Gestapo Martin reuniram provas consideráveis de que Streicher estava lucrando pessoalmente com a venda forçada das propriedades de judeus. Mas livrar a cidade desse homem não foi suficiente, porque aquilo acabou dando a Holz total autoridade militar sobre Nuremberg, o que apenas piorou uma situação já difícil depois que os Aliados transpuseram o rio Reno. Benno Martin gozava de grande prestígio junto a Himmler, assim como Liebel, mas não o suficiente para remover Holz do cargo.

Dreykorn alegou que os confrontos mais sérios entre Liebel e Holz ocorreram pouco antes da invasão, quando ficou claro para todos que Nuremberg seria atacada. De acordo com o ex-secretário, o prefeito estava determinado a fazer com que a cidade se rendesse, independentemente das ordens que Hitler vinha emitindo de seu bunker particular em Berlim. Quando descobriu que Holz pretendia lutar até o último homem e explodir os prédios dos serviços municipais de gás, luz e água, bem como as pontes da cidade – conforme instruções do Führer –, Liebel ficou lívido, acusando o secretário da Defesa da cidade de prejudicar não o inimigo, mas seu próprio povo. Como Horn já ouvira, e Dreykorn agora confirmava, o bunker da Alameda dos Ferreiros estava na lista das instalações a serem destruídas. O ex-secretário de Liebel descreveu o local como o orgulho e a alegria do prefeito, seu único consolo no horror que acometera a cidade.

– O bunker continha tudo o que o Dr. Liebel acreditava ser mais sagrado para Nuremberg – disse Dreykorn. – Ele preferiria morrer a ver aqueles tesouros incendiados.

A situação entre Liebel e Holz atingiu um ponto insustentável quando Benno Martin, encarregado dos vários projetos de demolição, fugiu da cidade, deixando Holz no comando dois dias antes que a artilharia dos Aliados começasse o ataque.

– O Dr. Liebel fizera planos de rendição – revelou o ex-secretário. – Ele falou pelo telefone com o general americano Alexander Patch.

Horn nada ouvira falar sobre aquela conversa, embora não duvidasse de que pudesse ter ocorrido. Thompson dissera que o inimigo tivera todas as oportunidades de se render. Milhares de folhetos foram lançados de avião sobre Nuremberg.

– Bastaria que Liebel erguesse a bandeira branca para que não houvesse invasão – disse Horn. – Ele cedeu à autoridade de Holz?

Dreykorn respondeu que Liebel, de seu escritório no abrigo sob o quartel-general da Gestapo, fora em frente e dera a ordem para a rendição da cidade inteira. Holz descobriu a ação do prefeito e fez a ele sua última visita.

– O secretário da Defesa foi a última pessoa a ver o Dr. Liebel vivo – declarou Dreykorn.

O ex-secretário explicou que Holz irrompera no escritório exigindo que o prefeito revogasse a ordem de rendição. Dreykorn, sentado na antessala, viu quando o secretário da Defesa chegou bufando de raiva. Ele então marchou para o escritório de Liebel e bateu a porta. Alguns minutos depois, Dreykorn ouviu um tiro. Em seguida, Holz saiu do escritório e anunciou que o prefeito se suicidara.

– O Dr. Liebel não se matou – contou. – Ele foi assassinado.

Se Dreykorn, o seguidor fiel, achava que suas palavras despertariam a simpatia do tenente ou conseguiriam expiar a culpa do prefeito, ele estava redondamente enganado. Liebel selara seu próprio destino sinistro bem antes de Holz encostar uma pistola em sua cabeça.

– O que aconteceu depois? – perguntou Horn.

– Holz foi em frente com seu plano de destruir pontes, serviços de utilidade pública e prédios municipais.

– Isso incluía o bunker da Alameda dos Ferreiros?

Dreykorn repetiu o que dissera antes. O local estava na lista de prédios e monumentos a serem destruídos. Mas Benno Martin e o Dr. Liebel, prevendo problemas com Holz, já tinham dado ordens de evacuar o pessoal e lacrar o abrigo. Sem acesso às células de armazenamento, a única coisa que os demolidores de Holz tiveram tempo de fazer foi destruir a entrada do túnel.

– Graças ao Dr. Liebel, os tesouros lá dentro permaneceram intactos –

disse Dreykorn.

Horn refletiu sobre o que acabara de ouvir. Se o homem falara a verdade, o prefeito Liebel, com ou sem a ajuda e o conhecimento de Himmler, construíra o abrigo em segredo, não apenas para proteger as Joias da Coroa, mas porque a política nazista proibia a construção de instalações defensivas. Somente mais tarde, quando o bunker já estava em pleno funcionamento, os formuladores de políticas do Reich finalmente permitiram que Nuremberg instalasse defesas, e os tesouros do Museu Germânico e outros objetos preciosos da cidade foram transferidos para a instalação. Além disso, e talvez o mais importante, Liebel e Holz eram inimigos. Suspeitando que o secretário da Defesa fosse revogar suas ordens de rendição da cidade, Liebel aparentemente fora em frente numa última decisão desesperada, que se mostrou fatal, de manter seguro o bunker da Alameda dos Ferreiros. Por isso o capitão Peterson e a Companhia E depararam com o abrigo logo após ele ter sido evacuado. A equipe de demolição de Karl Holz, e não a artilharia americana, pode ter sido a responsável por explodir a entrada do túnel.

Teria Liebel, com a ajuda de Benno Martin, feito mais do que apenas aquilo? Teria dado ordens de que os cinco tesouros mais importantes fossem removidos do bunker? Era a conclusão lógica, e Dreykorn, como secretário pessoal do prefeito, estava claramente em posição de saber.

O tenente o encarou, tentando extrair dele a verdade.

– Heinrich Himmler deu ordens a Liebel de remover as Joias da Coroa que desapareceram?

Dreykorn escolheu as palavras com cuidado. Inicialmente, disse apenas que o Dr. Liebel, um patriota, dera sua vida para proteger o maior tesouro da Alemanha. No entanto, após um longo interrogatório, ele enfim admitiu que sabia mais. O prefeito recebera uma chamada telefônica importante referente às Joias da Coroa.

– Cerca de um mês antes da invasão, em fevereiro ou início de março, o Dr. Liebel recebeu uma ligação de Berlim – contou Dreykorn.

– De Himmler?

O ex-secretário confirmou que o telefonema realmente fora feito pelo Reichsführer. Como Horn suspeitara e Dreykorn então confirmou, contradizendo o que havia dito antes, Himmler ordenara a criação do bunker, mas não inteiramente pelo motivo que o tenente imaginara. A instalação deveria ser mantida em segredo porque Himmler e o Führer temiam que não apenas os Aliados invasores mas também elementos dentro do Reich tentassem roubar o tesouro imperial.

– Não dava para confiar em ninguém – admitiu Dreykorn.

Horn partiu para a conclusão lógica. Após os bombardeios de janeiro, o bunker deixara de ser um segredo. A entrada oculta do túnel fora destruída e

teve que ser reparada. Algo precisava ser feito para manter os tesouros fora de perigo. Mas a coleção inteira não podia ser removida, porque não havia um lugar seguro para ela.

Dreykorn confirmou isso e mais. Himmler ordenara que os itens mais valiosos fossem removidos a fim de serem protegidos. Liebel não revelara a seu ex-secretário quaisquer detalhes, apenas que esse tinha sido o tema da conversa telefônica com o Reichsführer Himmler.

– Quem seria responsável por remover as Joias da Coroa?

– A Câmara Municipal – respondeu Dreykorn sem rodeios. – Heinz Schmeissner, Julius Lincke e o Dr. Konrad Fries. Foi isso que informei ao capitão Thompson.

Capítulo 14

O emissário de Himmler

26 de julho de 1945

HORN NÃO ESTAVA TOTALMENTE convencido da veracidade da história de Dreykorn, mas teve que admitir que, exceto pela alegada “gentileza” do prefeito com os judeus, ela se enquadrava nos fatos básicos que o tenente acreditava serem verdadeiros. O aspecto mais perturbador do interrogatório foi a revelação de Dreykorn de que já havia discutido suas suspeitas com Thompson. O capitão mencionara ter ouvido rumores, mas não revelara a origem deles.

Se Thompson realmente desejasse investigar o caso no momento oportuno, teria logo em seguida interrogado Schmeissner e Fries. Aqueles homens, além de Dreykorn, faziam parte do Comitê Histórico da equipe da ocupação. Teria o capitão intencionalmente deixado de chamar a atenção de Horn para aquilo? Seria ele de algum modo cúmplice no encobrimento de como as relíquias desaparecidas tinham sido removidas do bunker?

Ansioso por avançar na investigação e sentindo-se preparado para confrontar Schmeissner e Fries, Horn agradeceu a Dreykorn por ter vindo.

– Isso é tudo por enquanto – disse ele. – Obrigado pela ajuda.

Depois que o ex-secretário partiu, Horn discutiu com Troche o que ouvira e revelou sua intenção de confrontar os dois suspeitos. Achar esses dois vereadores não seria problema, assegurou seu amigo, pois ambos tinham escritórios no Palácio da Justiça de Nuremberg. O curador, porém, encorajou o tenente a conversar com mais um informante potencial – o Dr. Eberhard Lutze, seu superior imediato no Museu Germânico – antes de abordar os dois políticos.

Horn conhecia Lutze apenas por sua fama de maior especialista mundial em Veit Stoss, um homem a quem Panofsky recorria para obter ajuda e informações sobre o famoso artista da cidade. De acordo com Troche, ele estivera intimamente envolvido na transferência do altar de Stoss de Cracóvia e supervisionara a remessa das diferentes coleções do Museu Germânico para o bunker da Alameda dos Ferreiros.

Mais relevante para a investigação de Horn, disse Troche, era uma suposta conversa de Lutze com Liebel antes da invasão, logo depois de Himmler

percorrer as instalações subterrâneas da cidade, quando os bombardeiros dos Aliados haviam explodido a entrada do túnel. Aquilo tinha sido tema de muitas discussões entre o pessoal do Museu Germânico, e ele recomendou que Horn questionasse Lutze a respeito desse assunto.

Em vez de conversar com ele no quartel-general da ocupação, Troche combinou um encontro no Grand Hotel, onde poderiam se reunir com mais privacidade. Como outros interrogados por Horn, Lutze queria que o tenente falasse bem dele ao governo militar, cuja influência na junta de revisão ajudaria a esclarecer certos problemas não especificados relativos a suas associações anteriores com a hierarquia nazista, mais particularmente sua participação na remoção do altar de Stoss da Polônia. Mas, ao mesmo tempo, Lutze não queria ser visto entrando ou saindo do quartel-general da ocupação. O motivo não ficou claro de imediato, mas depois se tornou evidente.

Lutze, um homem de meia-idade e acima do peso, não ficou de conversa fiada nem detalhou os sofrimentos pelos quais passara na cidade antes da invasão. Como Troche e o restante do pessoal do museu, nas últimas horas antes da ocupação ele permanecera em um abrigo antibombas sob a escola primária da Praça Pannier.

Lutze foi direto ao assunto. Ficara sabendo da criação do bunker por intermédio do prefeito durante os estágios iniciais da reforma do local. Assim como Dreykorn, ele acreditava que o propósito original e único da instalação havia sido armazenar os tesouros do Sacro Império Romano e o altar de Stoss, então mantidos no Banco Kohn, considerado inadequado para o depósito de obras de arte. O cofre do banco fora projetado para guardar dinheiro, títulos e ouro, em vez de tecidos inestimáveis, delicadas esculturas de madeira e caixotes volumosos contendo artefatos sagrados. Por isso, Liebel, supostamente com o conhecimento e a aprovação de Himmler, saiu em busca de um espaço mais apropriado.

O envolvimento de Lutze com os artefatos, porém, antecedeu a criação do bunker. Graças a seus conhecimentos e sua supervisão da coleção Stoss no Museu Germânico, Lutze fora convidado por Liebel a participar da remoção do altar da venerada Basílica da Virgem Maria em Cracóvia. Sem nenhum sinal de arrependimento, Lutze admitiu que ele e Heinz Schmeissner chegaram à Polônia de trem e, com a ajuda de cerca de 20 membros de uma unidade SS especial do Ahnenerbe e sob a direção do Dr. Peter Paulson, da Universidade de Berlim, desmontaram o altar, peça por peça, para enviá-lo à Alemanha, onde, segundo Lutze, estaria mais bem protegido. Como sua presença na basílica limitou-se à função de consultor e o trabalho real de remoção do altar foi realizado pelas tropas de Himmler, autorizadas pelo governo, Lutze considerava, na melhor das hipóteses, secundária sua participação na remoção do altar.

Assim como acontecera com Dreykorn antes, foi difícil para Horn manter a compostura ao ouvir Lutze. O roubo do altar de Stoss não ocorreu no ardor da batalha. Na verdade, ele foi parte de um programa sistemático e ideologicamente motivado de roubar o patrimônio artístico e cultural de outra nação. Lutze, o experiente museólogo, certamente compreendia a natureza de seus atos. No entanto, a julgar por seu relato, acreditava que estava fazendo um favor à Polônia. O altar teve de ser removido de Cracóvia, assolada pela guerra, para sua própria segurança. A única dificuldade, disse, foi levá-lo para Nuremberg, já que vários nazistas do alto escalão desejavam que a obra-prima de Stoss fosse guardada em outro lugar.

Apesar dos protestos de Liebel, o altar foi desviado para Berlim, onde o arquiteto nazista Albert Speer achou que deveria ser exibido. Outros nazistas de alta patente também tinham ideias sobre o destino que o altar deveria ter. O principal foi Hermann Göring, que imaginou que ele seria um maravilhoso acréscimo à sua mansão suntuosa, Carinhall. Já o ministro da Propaganda Joseph Goebbels achou que o altar deveria fazer parte de uma exposição itinerante de obras de arte alemãs.

A ida do altar para Nuremberg, afirmou Lutze, deveu-se apenas à intervenção de Himmler, com a ajuda de Julius Streicher. Com uma presunção que beirava a arrogância, o museólogo admitiu ainda que contribuiria pessoalmente para a apresentação que convenceu Hitler do direito do prefeito Liebel ao troféu. Instalado na cidade, o altar seria o destaque de uma celebração proposta para 1947 do 500º aniversário do artista. E, após a guerra, seria transferido para a Igreja de São Lourenço, que estava destinada a se tornar a catedral nacional da Alemanha. Nenhuma menção foi feita à eventual devolução do altar à Polónia.

À semelhança dos planos para transformar a Igreja de São Lourenço na catedral nacional da Alemanha, os planos para a celebração do aniversário de Stoss permaneceram em compasso de espera enquanto a guerra continuava e fluxos de bombardeiros escureciam o céu de Nuremberg. O resultado foi a criação do abrigo da Alameda dos Ferreiros e a decisão do prefeito Liebel e do diretor do Museu Germânico, Heinrich Kohlhaussen, de expandir a estrutura existente para abrigar mais obras de arte.

– Himmler sabia da expansão do bunker? – perguntou Horn.

– Suponho que sim – respondeu Lutze –, embora provavelmente não tenha ficado satisfeito com aquilo.

O que exatamente transcorreu entre Liebel e o Reichsführer e se, como dissera Troche, os modernos Cavaleiros Teutônicos estavam envolvidos, Lutze não sabia ou não queria dizer. Ele não tinha contato direto com Himmler, e o que sabia se limitava aos comentários feitos pelo prefeito. A responsabilidade de Lutze era garantir que o altar e as obras de arte do Museu Germânico

guardados no bunker recebessem os cuidados adequados. Mesmo assim, o acesso que ele tinha à instalação era limitado. Sempre que precisava verificar o altar e outras obras de arte nas unidades de armazenamento, ele devia se encontrar com Schmeissner, Fries ou Lincke na entrada. Além disso, tinha que assinar o nome ao entrar e ao sair, diante de guardas da SS. Ele não estivera na câmara subterrânea onde as Joias da Coroa eram mantidas, somente nas diferentes unidades de armazenamento. Nem mesmo os guardas, alegou, entravam na câmara, a não ser que Liebel, Fries, Schmeissner ou Lincke estivesse presente.

Assim como houvera um conflito acirrado acerca da transferência do altar para Nuremberg, diferentes oficiais nazistas de alto escalão tinham suas próprias ideias sobre o local onde as Joias da Coroa deveriam ser guardadas. Lutze não tinha conhecimento direto das negociações nos bastidores, mas estava informado de que Göring gostaria de se apoderar de alguns ou de todos os tesouros. No comício do Partido Nazista de 1935, no qual Liebel dera ao Führer uma reprodução da espada cerimonial adornada com joias, Lutze e outros estavam perto de Hitler quando Göring comentou que desejava que a espada real integrasse sua coleção particular. De acordo com rumores que circularam entre os curadores do Museu Germânico, o pedido enfurecera Hitler. O segundo homem mais importante na hierarquia do Terceiro Reich obviamente não sabia quanto o Führer cobiçava o tesouro.

Além dessas, porém, Lutze ignorava quaisquer rivalidades entre a elite nazista que possam ter levado Himmler a guardar o tesouro no bunker da Alameda dos Ferreiros. Ele disse apenas que Liebel temia que os ataques aéreos danificassem os artefatos ou que, quando a invasão inevitavelmente ocorresse, ladrões se aproveitassem da confusão, arrombassem o abrigo e roubassem o tesouro.

– Liebel estava preocupado com Karl Holz? – perguntou Horn.

Lutze tinha a mesma opinião que Dreykorn: o prefeito e o secretário da Defesa não se davam bem. Mas Liebel tinha outros inimigos também. Holz contava com o apoio do Brigadeführer Erich Naumann, um subordinado que tentou substituir o chefe da Gestapo Benno Martin. Naumann podia ter sido o oficial encarregado de destruir as pontes, os serviços públicos e outras instalações municipais antes da invasão. Lutze, porém, não tinha certeza disso, pois tivera pouco ou nenhum contato com os linhas-duras nazistas em Nuremberg. Sua única responsabilidade era zelar pelo altar de Stoss.

Horn mentalmente adicionou Naumann à sua lista de suspeitos. Como sabia pelos informes da G-2, o Brigadeführer Erich Naumann, do RSHA de Himmler, operava os esquadrões da morte móveis da SS que haviam assassinado dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças na Rússia. A caça a Naumann, assim como a Martin Bormann e ao chefe da Gestapo

Heinrich Müller, prosseguia. De acordo com Lutze, Naumann havia sido transferido para Nuremberg nos últimos dias da guerra e dividia o escritório com Holz.

O museólogo confirmou detalhes que Horn já discutira nos interrogatórios do pessoal do bunker. Enfatizou para o tenente a segurança rígida e sua dúvida sincera de que algo possa ter sido removido de lá sem ordens diretas de Liebel e Himmler. Embora nada soubesse sobre a evacuação da instalação ou a suposta ordem de Holz de explodi-la, admitiu que isso poderia ter ocorrido.

– Então quem apanhou as Joias da Coroa? – perguntou Horn.

Lutze não sabia, mas suspeitava do que poderia ter acontecido.

– Existe um boato. Conversei com o capitão Thompson a respeito disso e apresentei um relatório. Dê uma olhada.

Horn irritou-se ao saber, de novo, que pistas importantes para sua investigação haviam sido sonegadas por Thompson. Mas, em vez de abordar esse assunto com Lutze, concentrou-se em descobrir o que ele sabia a respeito de questões mais cruciais.

– Por favor, prossiga e diga o que contou ao capitão.

– Existe um homem, o Sr. Baum. Às vezes trabalho com ele no museu. Deve estar por lá, se não morreu nem fugiu da cidade antes da invasão.

De acordo com ele, Baum era um respeitado ferreiro que os curadores do museu rotineiramente contratavam para fabricar vitrines especiais.

– O Dr. Liebel precisava que fossem feitas algumas caixas. Ele me pediu uma recomendação, e eu forneci o nome de Baum.

Lutze, ignorando os detalhes do que o prefeito combinara com Baum, sabia apenas que Liebel pedira ao ferreiro que fizesse quatro grandes caixas herméticas de cobre reforçado, duas curtas e duas compridas.

– Como elas seriam usadas?

Lutze respondeu que as duas caixas menores teriam facilmente acomodado a coroa, o orbe e o cetro. As duas maiores teriam sido adequadas para as espadas.

– O que Baum fez com elas?

– Enviou-as ao vereador Lincke para que ele as entregasse ao Dr. Liebel.

O restante do que Lutze sabia se devia a observações feitas pelo prefeito durante a inspeção final da instalação um mês antes da invasão. Liebel, disse Lutze, contou que uma equipe de agentes da SS visitara o bunker logo depois de Baum entregar as caixas. Eles tinham ido em missão especial do Reichsführer Himmler.

Capítulo 15

As chaves da câmara subterrânea

27 de julho de 1945

THOMPSON NÃO NEGOU ter lido o relatório de Lutze. Apenas o descartou, classificando as informações contidas nele como rumores e especulação.

Horn não sabia quantos outros relatórios e pistas potenciais ele considerara irrelevantes, e o capitão não revelou isso. Porém, provas contra ele vinham se acumulando. Estavam sentados frente a frente na mesma mesa do clube dos oficiais onde, uma semana antes, Thompson equivocadamente assegurara ao tenente que todas as pessoas importantes para sua investigação haviam fugido da cidade, foram enviadas a campos de trabalhos forçados ou estavam enterradas sob os escombros.

– Posso entender que o senhor não tenha conversado com Julius Lincke – disse Horn. – Ele fugiu da cidade. Mas poderia ter interrogado os dois outros vereadores que o prefeito Liebel encarregou de cuidarem do bunker, pois as chaves da câmara estavam com eles.

Para aumentar ainda mais a frustração de Horn, Thompson repetiu as mesmas justificativas do encontro anterior. Não fazia sentido dar continuidade à investigação porque o passado nazista da cidade era uma trilha repleta de ruínas, de prédios derrubados. Nuremberg era um grande necrotério, e o único corpo que interessava era o de Liebel, que planejara a remoção das Joias da Coroa que desapareceram antes da invasão.

– Você está enganado – contestou Horn. – Schmeissner e Fries são testemunhas do crime, e o Dr. Lutze e possivelmente o secretário de Liebel, Dreykorn, são cúmplices.

Thompson não estava disposto a admitir que um crime realmente havia sido cometido, já que a remoção das Joias da Coroa do bunker ocorrera antes que o Exército americano substituísse no poder o Terceiro Reich. O capitão nem sequer admitiu que Horn fizera um grande progresso na investigação. O Dr. Eberhard Lutze não era uma testemunha confiável, porque integrara o grupo que pilhou a Basílica da Virgem Maria em Cracóvia. Segundo Thompson, Lutze estaria disposto a contar o que Horn queria ouvir para não ser incriminado no tribunal de crimes de guerra. Dreykorn poderia estar livrando a cara de Liebel, a quem claramente venerava. E Troche obviamente

estava tentando conservar o cargo de curador no Museu Germânico e poderia ter motivos pessoais para dedurar ex-colegas.

Horn reconheceu que isso tudo poderia ser verdade. Porém estava convencido, com base no que constataria, de que conseguiria pressionar Schmeissner e Fries a revelarem o que sabiam. Além disso, não iria deixar a cidade enquanto não tivesse interrogado os dois.

A resposta do capitão foi breve e objetiva. Sob nenhuma circunstância Horn deveria ter contato com os vereadores. A junta de revisão da ocupação atestara o caráter deles, e ambos haviam provado sua lealdade ao ajudarem o comitê de restauração histórica de Thompson. Esses civis não podiam ser responsabilizados por serviços administrativos ou de outra natureza que possam ou não ter prestado ao antigo governo nazista da cidade. Se o tenente queria insistir na investigação, deveria redigir uma carta com as perguntas que gostaria de fazer a eles, e o capitão levaria a questão ao novo governador militar, o coronel Andrews, que em breve chegaria a Nuremberg.

Horn não iria deixar que Thompson recorresse a medidas burocráticas para impedi-lo de cumprir sua missão. Se fosse necessário um telefonema de Mason Hammond ou um telex enviado pelo próprio Eisenhower, o tenente estava preparado para levar o problema adiante. Ou isso, ou iria em frente e os interrogaria respaldado pela autoridade de Hammond. Ele já sabia, por intermédio de Troche, onde encontrar Schmeissner e Fries: ambos tinham escritórios no Palácio da Justiça. Quando Horn insistiu em prosseguir com a investigação, Thompson fez uma série de ameaças de bloqueá-la. Como não há nenhuma confirmação do capitão ou em quaisquer outros documentos militares, talvez ele não tenha realmente perdido a paciência no grau alegado pelo tenente, ou, ao contrário, Thompson poderia ter razão em punir um oficial subalterno por insubordinação.

No diálogo acalorado que se seguiu, o capitão disse a Horn que o máximo que ele poderia se aproximar do palácio seria num raio de 90 metros. Se não obedecesse, seria detido. Mesmo assim, se o tenente desafiasse as ordens de seu superior imediato e conseguisse dar um jeito de entrar, os dois vereadores não falariam com ninguém abaixo da patente de coronel. Se isso ocorresse, eles ligariam para Frankfurt e o tenente seria rebaixado antes do fim do dia.

– Estou aqui para fazer meu trabalho – respondeu Horn. – E pretendo fazê-lo, quer o senhor goste, quer não.

Thompson declarou que ele também tinha um serviço a realizar e não iria deixar que Horn importunasse membros da administração civil da cidade. Thompson enfatizou que o governador Andrew, nomeado pelo presidente Truman e com pleno apoio das USFET, tampouco permitiria isso. Eles levariam o tenente a corte marcial.

Horn, que era tão teimoso quanto Thompson era estourado, deu meia-

volta e saiu da sala.

Para alívio do tenente, o capitão não pediu que um policial militar o prendesse. Ele apanhou seu paletó e sua gravata e seguiu Horn até o saguão do hotel, onde a conversa foi menos belicosa. Thompson lhe disse que não concordava com o interrogatório. Avisou ao tenente que não era apenas a carreira de Horn que corria risco. Interesses americanos mais importantes estavam em jogo.

Thompson então revelou o que Troche havia apenas insinuado. Os dois ex-vereadores não eram meros nomes na folha de pagamento da ocupação. Eles estavam no topo da cadeia de comando civil do governo. Heinz Schmeissner estava incumbido de restaurar as salas de audiência e a prisão do Palácio da Justiça. Konrad Fries chefiava a divisão de assuntos civis. Seria um escândalo se o trabalho fosse interrompido ou, ainda pior, se eles estivessem envolvidos numa conspiração nazista para roubar as Joias da Coroa.

Horn ainda tinha obstáculos pela frente, mas o contexto mais amplo enfim fora revelado. Se a restauração do Palácio da Justiça não terminasse a tempo para os julgamentos, a equipe de ocupação seria culpada. Se a distribuição de alimentos fosse interrompida, poderiam surgir distúrbios. Os dois cenários seriam um desastre para os interesses americanos. O tribunal teria que ser transferido para a zona soviética em Berlim, a zona britânica em Hamburgo ou a zona francesa em Baden-Baden.

Mesmo assim, Horn não se deixaria intimidar ou dissuadir de seguir a única pista real de que dispunha.

– Afinal, você está do meu lado ou não?

Thompson por fim decidira apoiá-lo. Seu próprio emprego, revelou o capitão, também estava ameaçado.

Horn não sabia se devia elogiar Thompson por sua decisão de enfim fazer a coisa certa ou criticá-lo por não ter agido com mais rapidez. Achou que era melhor elogiar. Ainda que a única motivação de Thompson fosse tentar evitar problemas, o capitão estava do lado dele. Aquilo bastava por ora.

Com o jipe estacionado do lado de fora, o soldado Dollar os conduziu pela curta distância até o Palácio da Justiça. A cada parada no caminho o capitão aproveitava para dar algum conselho. O tenente deveria adotar um tom gentil ao falar com os vereadores. Não seria exatamente um interrogatório, mas um encontro amigável entre membros do Comitê Histórico para ajudar o MFAA a encontrar e devolver os tesouros da cidade.

– Mas os tesouros não pertencem à cidade – protestou Horn. – Os nazistas os removeram de Viena sob a mira de armas.

O capitão lembrou a ele que tudo no bunker ainda era tecnicamente propriedade de Nuremberg e permaneceria assim até que o governo militar dos Aliados declarasse o contrário. Aquela decisão não caberia a nenhum dos

dois. Horn deveria se referir aos objetos desaparecidos somente como o “tesouro do Reich”. O capitão cuidaria do restante.

Horn não estava disposto a deixar Thompson conduzir o interrogatório. Porém, durante o trajeto, viu que era mais vantajoso estar acompanhado do capitão ao passarem pelos postos de controle militar. Embora os julgamentos só estivessem marcados para novembro, o enorme complexo do palácio já estava em alerta, e ninguém podia ter acesso a ele sem autorização de um entre 10 oficiais graduados da ocupação. O motivo, como Hammond contara a Horn, era que ninguém sabia o que os alemães fariam quando a nação visse seus antigos líderes sendo julgados. Se de fato havia um movimento de resistência liderado pelos nazistas esperando para mostrar as garras, aquele seria o momento certo.

Para evitar problemas, uma guarnição inteira encontrava-se a postos atrás dos portões de entrada do palácio, reforçados com arame farpado, e cães farejadores de bombas patrulhavam o perímetro. A ironia, que não passou despercebida a Horn, era que as salas de audiência e a cadeia haviam sido usadas sob o regime nazista. Era bem provável que os Aliados estivessem usando os cães treinados pelos soldados alemães. Os ocupantes da prisão e os vigias do portão haviam trocado de lado – embora nem isso fosse garantido, tendo em vista quem estava incumbido das restaurações.

Dentro do prédio imenso, a expectativa era de que um circo fosse armado quando os julgamentos começassem, como Horn sabia com base nos informes da unidade G-2. Truman e Stalin talvez dessem as caras, além de um batalhão de repórteres que viajavam com eles. No entanto, grande parte dos maiores responsáveis pelas atrocidades não compareceria aos julgamentos.

Hitler, Himmler, Goebbels e centenas de outros nazistas haviam optado por se matar, em vez de enfrentarem a execração pública. Mesmo assim, não faltaria assunto para os repórteres. Göring com certeza seria julgado, bem como o arquiteto Albert Speer e Rudolf Hess, o antigo vice-líder do Partido. Tanto Horn como Rosenthal haviam ajudado a preparar as provas contra Julius Streicher e Ernst Kaltenbrunner e poderiam ser convocados pela promotoria para depor nos julgamentos.

Horn estava menos preocupado com a perspectiva de uma nova visita a Nuremberg do que com o fato de que os dois homens que interrogariam agora, ambos na folha de pagamento dos Estados Unidos, podiam perfeitamente ter sido tão cúmplices na promoção da plataforma nazista quanto seus colegas mais notórios. Faltava-lhes apenas o uniforme ou a visibilidade.

Horn e Thompson foram conduzidos a um grande conjunto de escritórios na ala leste. Assim como nas demais partes da cidade, as bombas dos Aliados também haviam deixado suas marcas por lá. Mas as equipes de restauração do palácio não estavam preocupadas, já que apenas o telhado fora danificado. O

restante da estrutura tinha sofrido danos somente na aparência.

A sala à qual os dois oficiais foram enfim conduzidos já estava equipada com uma série de comodidades. Havia tapetes felpudos no chão, móveis, telefones e fichários. Uma mesa ampla ocupava o centro, coberta de projetos e plantas do complexo de prédios. Schmeissner e Fries os aguardavam.

Pode ter sido coincidência encontrar os dois juntos, como observou Horn mais tarde. Porém ele não pôde deixar de lembrar a chegada oportuna do ex-secretário do prefeito Liebel ao bunker exatamente quando Thompson ia explodir a entrada da câmara. Como o tenente notaria e ficaria documentado nos registros militares detalhados da sessão de interrogatório subsequente, existia uma rede clandestina de informantes trabalhando para os governos civil e militar. E Horn não sabia ao certo de que lado as pessoas realmente estavam.

Schmeissner, 40 anos, era o mais alto dos dois homens. Calvo, bem barbeado, lábios finos e com um semblante austero, ele tinha a aparência de um diretor de prisão. Fries, seis anos mais velho, mais frágil, calvo e ligeiramente recurvado, lembrava um monge. Ambos pareciam ter passado meses sem pegar sol.

Thompson fez as apresentações. Pediu desculpas por incomodá-los e disse que havia uma questão ligada ao bunker que esperava que os dois vereadores pudessem esclarecer.

Como Horn mais tarde registrou em suas anotações não publicadas sobre o encontro, ele tentou impedir que Thompson tomasse a iniciativa. A entrevista era importante demais para ser deixada para um bajulador da ocupação.

– É sobre as Joias da Coroa – interveio Horn. – Quero saber o que o senhor fez com elas.

Num inglês perfeito, Schmeissner disse que o tenente devia estar se referindo ao bunker das obras de arte e acrescentou que o considerava uma construção primorosa.

– Sim – respondeu Horn. – O bunker de Himmler. Aquele que o senhor e Julius Lincke construíram e equiparam.

Voltando a atenção para Fries, Horn continuou o interrogatório.

– E aquele que o senhor administrou a mando dos nazistas.

Os dois homens fitaram Thompson, como que esperando uma explicação.

O capitão comentou que o governo da ocupação não confirmara tecnicamente que o abrigo fora uma instalação nazista. O que alegavam é que tinha sido usado para armazenar tesouros artísticos da cidade.

Schmeissner e Fries reconheceram que as observações do capitão eram uma afirmação conciliatória com o intuito de disciplinar o tenente.

Mas Horn não estava disposto a deixar que Thompson ou os vereadores

relaxassem.

– Acredito que o senhor e o Dr. Fries estavam presentes no dia em que os emissários de Himmler removeram cinco tesouros da coleção das Joias da Coroa armazenados na câmara.

Thompson voltou a interrompê-lo, sem dúvida tentando atenuar a observação de Horn com uma explicação própria. O jovem e impetuoso tenente, sugeriu ele, queria saber sobre os rumores de que o então prefeito Liebel entregara cinco peças das Joias da Coroa à SS antes de as forças de ocupação chegarem à cidade.

– O que eu disse foi bem claro – interveio Horn. – Os dois se apossaram de quatro caixas de cobre reforçado nas quais foram guardadas as Joias da Coroa que estão desaparecidas. Depois as entregaram aos homens de Himmler.

Schmeissner negou ter manuseado os objetos da câmara subterrânea. O Dr. Liebel jamais teria permitido isso.

– O prefeito Liebel pediu que o senhor abrisse a câmara, apanhasse os tesouros e os entregasse à SS.

O rosto de Schmeissner, como Horn descreveria mais tarde, era frio e duro. Fries também ficara tenso. Já não parecia mais um monge cansado acostumado a se inclinar sobre sua banquetta para copiar manuscritos, e sim uma criança malcriada pega com a mão no pote de biscoitos.

– O senhor está nos acusando de roubar objetos da câmara? – perguntou Schmeissner.

Thompson voltou a intervir dizendo que ninguém fizera quaisquer acusações. O tenente queria apenas saber o que acontecera na câmara subterrânea. Tinha motivos para crer que cinco itens pertencentes à coleção das Joias da Coroa do Sacro Império Romano tinham sido colocados nas caixas de cobre e levados do bunker.

Horn se recusou a ser silenciado ou a deixar que Thompson reformulasse suas perguntas.

– Quero saber quem apanhou os tesouros e por que o senhor e o Dr. Fries não se apresentaram e informaram o que sabiam quando a câmara foi aberta pela primeira vez para inspeção.

Talvez sabendo que o interrogador não voltaria atrás e que não havia como negar o que fora dito, Thompson enfim deixou o tenente tomar a iniciativa. O diálogo que se seguiu, baseado nas recordações de Horn, foi como o de um promotor interrogando testemunhas, exceto pelo fato de que não havia um juiz na sala para refreá-lo.

– Diga o que sabe ou o senhor terá que responder a uma corte marcial.

Depois de um silêncio constrangedor, Schmeissner adotou um tom menos defensivo, deu um passo atrás e convidou Horn e Thompson a se sentarem à mesa.

Contou que ele e o Dr. Fries nada tinham a esconder e que ninguém, até então, lhes perguntara quais tinham sido suas contribuições na construção e na operação do bunker de obras de arte. Tudo o que queriam era que as Joias da Coroa, ou fosse lá o que Horn afirmava ter sido roubado da câmara, fossem devolvidas aos proprietários de direito.

Schmeissner então continuou friamente, num tom de reflexão. Parecia que não gostava de lembrar os dias desagradáveis da guerra e como a infraestrutura da cidade – a essência do trabalho de sua vida – fora destruída. Horn não mencionou o óbvio. Nuremberg fora reduzida a escombros pelos bombardeiros dos Aliados. Mas, na verdade, havia sido destruída mais de uma década antes quando a Câmara Municipal aprovou, por unanimidade, a entrega do campo de paradas a Hitler e seus correligionários.

– O senhor estava no bunker no dia em que as Joias da Coroa foram removidas? – indagou Horn, num tom menos de pergunta do que de afirmação de um fato.

Schmeissner confirmou: tanto ele quanto Fries estavam lá. Também admitiram que deveriam ter se apresentado antes. A verdade, segundo ele, era que ambos estavam envergonhados de muitas coisas que o Dr. Liebel tinha sido forçado a fazer durante seu mandato como prefeito.

Ao falar pela primeira vez, Fries foi direto ao assunto. Disse que ele e Schmeissner haviam sido chamados ao bunker pouco antes de a cidade ser invadida.

– Depois que as portas de garagem que camuflavam a entrada do túnel foram reparadas? – perguntou Horn.

– Sim, depois que os reparos foram feitos – confirmou o vereador.

– Em que data?

Schmeissner e Fries se entreolharam.

– Fim de março ou início de abril – respondeu o primeiro.

Fries também não tinha certeza. Mas parecia estar fazendo um esforço sincero para lembrar o dia exato.

– Sei que foi antes do domingo de Páscoa.

Fries contou a Horn que o Dr. Liebel o chamara junto com Schmeissner ao bunker de manhã bem cedo.

– Ele estava esperando na entrada do túnel ou já se encontrava lá dentro? – perguntou Horn.

Fries confirmou que encontraram Liebel na entrada.

– Ele estava sozinho?

Schmeissner fez um sinal negativo com a cabeça. Disse que o prefeito estava acompanhado de um oficial da SS e de dois soldados rasos: um motorista e um acompanhante armado. O carro estava estacionado diante da plataforma de carga.

Fries assentiu com a cabeça. Como Schmeissner explicou, não era comum serem chamados pelo Dr. Liebel para irem até lá de manhã tão cedo.

– Mas aquele foi um período excepcional – disse ele. – Todo mundo sabia que os americanos chegariam em breve, pois já haviam atravessado o Reno. No entanto, quando nos vimos diante do bunker, nenhum de nós dois sabia o que aconteceria a seguir.

– E o que ocorreu?

O Dr. Liebel pediu que eles abrissem a câmara subterrânea, contaram eles.

– Só isso?

– Não – admitiu Schmeissner, deixando que o colega descrevesse o que aconteceu. Fries disse que Liebel e o oficial da SS entraram no bunker carregando as caixas pesadas. Ele e Schmeissner receberam ordens de destrancar a porta da câmara. Então o prefeito e o oficial da SS entraram e, depois de alguns minutos, saíram com as caixas de metal.

– Quantas caixas eram?

Fries disse que não sabia, e Horn precisou pressioná-lo a responder.

– Com certeza o senhor deve saber. Esteve lá.

A contragosto, Schmeissner confirmou o que o outro não queria dizer. Havia quatro: duas curtas e duas compridas.

– O que aconteceu depois?

– Os dois soldados se aproximaram e apanharam as caixas. Heinz e eu fechamos e trancamos a porta da câmara. Os nazistas entraram nos automóveis e colocaram as caixas no banco traseiro. Depois disso, fomos dispensados.

Fries confirmou movendo a cabeça.

– Os senhores deviam ter uma ideia do que havia nas caixas.

– Não podíamos ter certeza – retrucou Schmeissner. – Konrad e eu não entramos na câmara com o Dr. Liebel e o oficial. Não chegamos a ver quando os artefatos foram guardados nelas.

– Mas os senhores suspeitaram de que fossem as Joias da Coroa.

Assentindo, o vereador mais novo disse:

– Sim, os cinco itens que estão desaparecidos: a coroa, o orbe, o cetro, a espada imperial e a espada cerimonial.

Horn não especificara quais itens tinham sido removidos do bunker, mas concluiu que, se os vereadores realmente não ajudaram a embalar os itens nas caixas, Dreykorn lhes revelara os detalhes da investigação do tenente. Mesmo assim, ele queria que os dois confirmassem que sabiam exatamente o que acontecera na câmara subterrânea naquele dia e também que eram, como Troche havia comentado, duas das três pessoas que Liebel encarregara de proteger os tesouros.

– Os senhores sabiam o que havia nas caixas porque eram responsáveis,

junto com o vereador Lincke, por proteger as Joias da Coroa – afirmou Horn. – Também visitaram a câmara subterrânea várias vezes antes, além de conduzirem curadores em visitas de inspeção. E estiveram lá antes com Himmler.

Horn arriscou-se ao se referir ao Reichsführer. Ele não sabia ao certo, tinha apenas um palpite de que Liebel havia chamado Schmeissner e Fries para abrirem a câmara no dia da inspeção de Himmler.

Schmeissner aparentemente não se perturbou com a menção ao líder da SS. Admitiu que ele, Fries e Lincke eram os únicos autorizados a abrir a porta da câmara e entrar.

– Exceto, é claro, o Dr. Liebel – acrescentou Fries. – Era sempre ele que conduzia dignitários até a instalação.

– O oficial da SS que apanhou as caixas de metal era um dignitário?

Schmeissner respondeu por Fries:

– Devia ser. Do contrário, o prefeito não estaria ali.

– Quanto tempo Liebel e o oficial permaneceram no interior do bunker?

De acordo com Schmeissner, a transferência levava cinco minutos, talvez menos. Estavam com pressa, e o vereador teve a impressão de que o prefeito não queria que objetos fossem removidos da câmara, mas não teve escolha. Liebel parecia contrariado. Queria se livrar logo daquilo. Afinal, disse Schmeissner, aqueles eram tesouros que ele fizera de tudo para trazer para a cidade. Ele até arriscara sua carreira ao construir a câmara.

– Mas Liebel agiu com a anuência de Himmler. Então, qual foi o risco?

Schmeissner ficou calado. Após uma longa pausa, Fries respondeu por ele. Tudo relacionado ao bunker era feito com grande sigilo. Mas, quando as bombas começaram a cair noite e dia, os tesouros da cidade precisaram ser protegidos.

– Da mesma maneira que, nos tempos medievais, eles haviam sido protegidos pelos Cavaleiros Teutônicos?

Como Lutze antes deles, nenhum dos dois aparentou qualquer reação quando a ordem militar foi mencionada. Tudo o que disseram foi que Himmler tinha autorizado a construção do bunker.

– E o Reichsführer ordenou que as Joias da Coroa fossem removidas? Ele enviou um oficial para apanhar o que pudesse ser facilmente transportado?

– Sim, foi o que aconteceu – respondeu Schmeissner.

– Os senhores dirão isso em juízo? Estão dispostos a declarar por escrito?

Os dois vereadores responderam que dariam tal declaração por escrito.

Thompson, que permanecera em silêncio enquanto Horn conduzia a entrevista, mostrava-se visivelmente aliviado. A sessão de interrogatório afinal não fora o martírio que temera.

Horn, porém, não havia terminado.

– Quem apanhou as caixas do Dr. Liebel? Qual o nome do oficial?

– O nome dele? – Fries pareceu surpreso com a pergunta do tenente. – Como posso saber?

– Quer dizer que não sabe o nome do homem a quem entregou as Joias da Coroa do Sacro Império Romano?

– Liebel o conhecia – comentou Schmeissner rapidamente. – Senão não teríamos feito aquilo.

– Com certeza houve alguma formalidade... O senhor assinou uma baixa.

– Sim – admitiu ele. – Deve ter havido alguma formalidade. Mas o Dr. Liebel cuidou de tudo. Konrad e eu nunca fomos apresentados ao oficial ou a seus homens.

– Não cabia a nós assinar uma baixa – acrescentou o outro vereador. – Eu nem tinha como saber que as Joias da Coroa estavam dentro das caixas.

Horn foi acometido de uma dúvida atroz. Os dois vereadores teriam contado tudo o que sabiam? Ele precisava de algo mais, alguma coisa que pudesse usar para levar sua investigação à etapa seguinte.

– Qual era a patente do oficial? – quis saber o tenente.

Schmeissner olhou para Fries.

– Major, talvez. Não creio que fosse um tenente-coronel ou um coronel.

– Não, certamente não era um coronel – concordou Fries. – Deve ter sido um major.

– De que serviço?

Além da designação geral do oficial como pertencente à SS, os vereadores pareciam não saber.

Horn tentou uma tática diferente.

– Qual era a cor de suas dragonas e das insígnias do quepe? Quantas listras havia em seus punhos? Usava um anel de Caveira? Pensem nisso. Vocês devem se lembrar.

Por mais que os vereadores parecessem tentar, não conseguiam lembrar, ou não haviam reparado nesses detalhes.

– Quais eram a marca e o modelo do carro? – perguntou Horn. – Tinha uma bandeira no para-choque?

Eles garantiram que era um Mercedes sedã preto de quatro portas, sem bandeira ou qualquer outra insígnia distintiva.

– Qual o número da placa?

– Não me ocorreu olhar – disse Schmeissner.

– Estava escuro – observou Fries. – Ainda era madrugada.

– O motorista e o guarda colocaram as caixas no banco traseiro – contou Schmeissner. – O oficial sentou-se na frente com o motorista, e o guarda, atrás. Partiram imediatamente.

– Quer dizer que os senhores não sabem quem apanhou as Joias da Coroa

nem o número da placa do carro! – exclamou Horn, exasperado. – Para onde iriam?

Schmeissner respondeu que supunha que estivessem deixando Nuremberg. Fries sugeriu que iriam para o aeroporto de Nuremberg-Fürth. Disse que até o fim da guerra aviões usaram a pista para pousos e decolagens.

– Liebel não disse nada a respeito?

Os dois vereadores admitiram que o prefeito estava visivelmente contrariado, mas que também dera a entender que aquilo representara um grande alívio.

– O que os leva a dizer isso? – perguntou o tenente.

De acordo com Schmeissner, Liebel não entrou mais na câmara subterrânea depois daquele episódio. Ele e Fries nunca mais foram chamados ao bunker até a cidade ser invadida, quando o secretário do prefeito foi informá-los de que as tropas de ocupação dos Aliados iriam explodir a porta da câmara.

Fries concordou com o relato do colega. Aquilo causara um grande alívio, já que as Joias da Coroa, sugeriu ele, só trouxeram problemas a Nuremberg. Horn gostaria que Fries tivesse sido mais claro nessa última observação, mas Thompson encerrou o interrogatório antes que o tenente pudesse pressionar os vereadores para obter mais detalhes.

Thompson agradeceu aos dois homens por revelarem o que sabiam. A não ser que tivessem algo a acrescentar, ele e o tenente deixariam que retornassem ao seu trabalho.

Horn resistiu ao impulso de continuar o interrogatório, dizendo apenas que escreveria uma declaração para os dois assinarem.

– Só para me certificar de que entendi a história direito.

Aquilo não seria necessário, disse Thompson aos vereadores, já que eles não se afastariam da cidade tão cedo. Havia muito trabalho a realizar antes da abertura do tribunal.

Horn disse que escreveria a declaração assim mesmo. E em seguida ele e Thompson saíram do escritório.

O capitão estava claramente aliviado de que a entrevista transcorrerá tão bem. Em vez de partir para o ataque e reclamar que Horn perdera seu tempo remexendo nos escombros da Nuremberg de Hitler ou incomodando administradores civis, o capitão mostrou-se arrependido e elogiou o tenente pelo bom serviço realizado. Prometeu a Horn que da próxima vez lhe daria a ajuda de que precisasse.

Horn duvidou de que haveria uma próxima vez. Se o que os dois vereadores contaram era realmente verdade, somente os dois primeiros atos da ópera demoníaca de Hitler tiveram Nuremberg como cenário. Himmler, o mago do mal, levava os tesouros secretamente para fora da cidade.

Capítulo 16

O Reich sagrado de Hitler

27 e 28 de julho de 1945

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, Horn descarregou sua frustração pelas coisas que presenciara e ouvira em Nuremberg disputando uma partida de xadrez e bebendo uma garrafa de vinho com Rosenthal na biblioteca da casa deles no Campo Freising. Os nazistas que haviam ajudado a levar as Joias da Coroa de Viena para Nuremberg eram os mesmos que conspiraram para removê-las da câmara subterrânea na Alameda dos Ferreiros. E, para vergonha das forças armadas americanas, vários dos conspiradores nazistas mantinham, no governo da ocupação designado pelos Estados Unidos, cargos iguais ou semelhantes aos que exerciam durante o Terceiro Reich. Além dessas revelações, tudo o que Horn tinha para mostrar de sua primeira semana de investigação era o que Rosenthal dissera desde o princípio: Himmler ordenara que os cinco itens desaparecidos da coleção das Joias da Coroa fossem removidos da câmara subterrânea antes da invasão dos Aliados. No entanto, ainda era prematuro supor, como fez Rosenthal, que o emissário do líder da SS as afundara depois num lago na Áustria.

– Nenhum Cavaleiro Teutônico faria tal coisa – afirmou Horn.

Rosenthal duvidava da teoria de Troche de uma confraria de cavaleiros modernos cuja missão era proteger objetos tão valiosos. Entretanto, não podia descartar a possibilidade de que tal organização secreta tivesse existido no Terceiro Reich ou de que houvesse uma relação entre os tesouros da câmara e o exército de homens cultos arianos de Himmler. Nazistas com títulos acadêmicos, admitiu ele prontamente, podiam ser tão perigosos quanto unidades de assalto armadas.

À semelhança de Horn, Rosenthal tinha ouvido histórias e vira coisas que poderiam parecer exageradas antes da invasão. Os experimentos médicos conduzidos em Dachau e Auschwitz eram bons exemplos disso. Nem em seus piores pesadelos os dois poderiam imaginar que compatriotas alemães pudessem ser capazes, por exemplo, de assassinar prisioneiros com o único propósito de medir partes do corpo anormalmente pequenas ou grandes. Mas isso era o que a unidade de inteligência G-2 informara.

Num laboratório de pesquisas francês operado pelos alemães, os

investigadores encontraram o que chamaram de “coleção de caveiras judias”. Junto com ela havia cadáveres em diferentes estágios de decomposição e um elevador um tanto incomum, usado para transportar os corpos de um andar para outro. Utilizando grandes tanques repletos de produtos químicos, os médicos que trabalhavam lá removiam cabelos, unhas, tendões, cartilagens e outros tecidos moles para que restassem apenas os esqueletos. E isso não era nada em comparação com os campos de concentração e as fábricas de armamentos, mas não podia ser considerado insignificante. O laboratório recebia verbas do Reich e apoio de uma hierarquia de burocratas que supervisionavam seu funcionamento. E, como Rosenthal informou a Horn naquela noite, o programa era patrocinado pelo Deutsches Ahnenerbe, a mesma equipe de acadêmicos e cientistas arianos a que Troche se referira. Diante desses fatos, não dava para descartar as teorias do curador de que havia uma confraria teutônica, por mais fantásticas que elas parecessem.

– Onde há nazistas envolvidos, nada está fora de cogitação – disse Rosenthal enquanto arrumava as peças de xadrez. – Quanto mais cedo admitirmos isso e nos dedicarmos a estudar Hitler e seus seguidores, melhor será para todos nós.

Rosenthal e Troche compartilhavam a crença de que a base dos programas médicos e acadêmicos do Ahnenerbe eram o ódio patológico do Führer aos judeus e as noções distorcidas da supremacia ariana. Para os agentes de inteligência, o desafio era ligar os pontos. Podia-se afirmar que Hitler e seus correligionários eram loucos consumados e dar a questão por encerrada, como faziam muitos no comando dos Aliados, ou tentar, mesmo com dificuldade, rastrear, ponto por ponto, a evolução do monstruoso plano nazista, desde as arengas de um dissidente político numa cervejaria de Munique até a coleção de caveiras na França.

Rosenthal e Horn acreditavam que o Holocausto não poderia ser entendido sem que essas relações fossem estabelecidas. Embora não pudessem afirmar com certeza que os julgamentos de crimes de guerra iminentes iriam rastrear a doutrina nazista até os anos anteriores à tentativa de golpe de Hitler na cervejaria de Munique – episódio conhecido como o Putsch da Cervejaria –, o suboficial concordou com Troche em que o local para se começar a sondar as raízes da psicose do ditador não era a Alemanha, e sim Viena, onde ele foi um estudante de arte bissexto, que nutria um ódio profundo pelos judeus e romantizava o próprio destino. Rosenthal, o especialista em Hitler no exército aliado, tinha uma opinião semelhante à do curador amigo de Horn: “Todos agora sabem como o Terceiro Reich terminou”, disse ele. “Ninguém sabe como começou.”

Provavelmente não passava de especulação que Hitler participara de diversas sociedades espirituais e esotéricas antes da guerra, mas sua amizade

com membros daquelas sociedades, o antissemitismo virulento delas e os livros que ele estudou eram fatos comprovados. A palavra-chave, disse Rosenthal, era *estudo*. Hitler lia incessantemente, e foi da leitura que surgiu seu apreço intenso e duradouro pelos soberanos do Sacro Império Romano e por suas antigas tradições. A crença daqueles soldados-reis em sua missão divina de remover os pagãos do império se refletiu no desejo patológico do próprio Führer de erradicar a “conspiração judaica”. Para ele, a grandeza dos supostos ancestrais arianos da Alemanha era o modelo para um futuro mais grandioso do Reich.

Além de fascinado por tudo o que fosse alemão, Hitler era profundamente supersticioso. Antes da guerra e ao longo dela costumava consultar astrólogos. Apesar de negar qualquer fé ou sistema de crenças enraizado no catolicismo romano, a certa altura ele almejou tornar-se sacerdote, como afirmou Troche corretamente. Anos depois, Hitler escolheria um sacerdote católico para editar *Mein Kampf*. Não que o Führer fosse católico ou mesmo cristão. Pelo contrário, não podiam ser descartadas as inúmeras influências que criaram o misticismo insensato que ele levou a Munique e que, nos anos seguintes, incentivariam sua subida inexorável ao poder e, de acordo com o curador, influenciariam a sua decisão de reformar Nuremberg. Não há dúvida de que ele era louco. No entanto, era mais que um lunático desvairado, que intimidava e amedrontava aqueles à sua volta. Era um político astuto e calculista que lia um livro por dia, mantinha um pé enraizado no passado e mapeava o curso dos eventos futuros com décadas de antecedência. “Estava tudo lá no *Mein Kampf*, só que ninguém se deu ao trabalho de ler”, comentou Rosenthal. “O povo alemão acreditou no que quis.”

E não podiam se esquecer de Himmler. Embora os agentes da inteligência dos Aliados adorassem a imagem caricatural do Reichsführer como um criador de aves fracassado que se transformou num assassino psicótico, ele era o filho brilhante, instruído e culto de um educador bávaro proeminente, que se dedicou ao estudo da agricultura para ajudar a estabelecer um futuro sustentável para a nação. Além de realizar experimentos para criar animais de fazenda geneticamente superiores, sua empresa com sede em Munique vendia fertilizantes aprimorados e promovia técnicas agrícolas modernas. O racista Himmler acreditava na superioridade do homem ariano e estava encantado pelos ritos e pelas tradições dos imperadores do Sacro Império Romano. Havia estudado arqueologia, antropologia e história medieval, bem como química, física e botânica. A certa altura, capturado pela onda de patriotismo, pela adoração de heróis e pela depressão econômica que levou Hitler ao poder, convenceu-se da necessidade de adotar medidas mais drásticas que as deportações e os campos de prisioneiros a fim de proteger a linhagem ariana dos perigos da mistura racial.

O líder da SS incumbiu-se dessa tarefa com um fanatismo a toda prova e uma atenção meticulosa aos detalhes. Ligar esses pontos não era tão difícil como entender quão doentio e insano se tornara o artífice da “Solução Final” após desistir de sua fazenda. No posto de Reichsführer, Himmler não apenas criou sua máquina de matar – a SS – e a indústria da morte como deu à crueldade o rótulo de necessidade histórica com o objetivo de purificar a raça ariana.

Sabendo disso, ficava mais fácil acreditar que Himmler, com a aprovação do Führer, havia de fato reconstituído os Cavaleiros Teutônicos, cuja missão histórica era proteger a soberania da Alemanha e preservar sua cultura para as gerações futuras. Embora relutasse em especular mais sobre a existência da ordem militar e outras questões esotéricas mencionadas por Troche, Rosenthal contou a Horn sobre dois pontos críticos que descobrira nos anos em que estudara Hitler e o Terceiro Reich.

O primeiro e mais importante: o regime de Hitler não operava de maneira tão eficiente quanto o comando dos Aliados informava à imprensa. O alto-comando nazista era bastante organizado, mas não tinha unidade. Era comum haver rivalidades, com cada grupo espionando o adversário e às vezes atacando-o. Os agentes da inteligência se intrigaram com esse fato e buscaram um motivo. Muitos na unidade G-2 acreditavam que as rivalidades no alto-comando nazista resultavam do estilo frouxo de liderar de Hitler. Outros achavam que eram consequência de uma estratégia intencional para incitar o partidatismo entre os comandados, aumentando assim o próprio poder e prestígio do Führer. Qualquer que fosse a razão, líderes nazistas como Himmler, Göring e Goebbels construíram bases pessoais independentes de poder, apossando-se dos recursos que conseguissem adquirir, seja em mão de obra, dinheiro ou propriedades.

O segundo ponto que Rosenthal enfatizou estava diretamente relacionado ao primeiro. Como o Terceiro Reich não foi um Estado totalitário unificado, e sim uma colcha de retalhos de principados burocráticos, os líderes do Reich eram livres para criar seus próprios mini-impérios ou feudos. Isso ocorria com o almirante Karl Dönitz e suas tripulações de submarinos, bem como com o marechal do ar Göring e seus pilotos de Messerschmitts. Os oficiais navais de Dönitz dispunham de seus próprios resorts privados, com bordéis e tudo, para acolher os combatentes que permaneciam no mar meses seguidos. Os pilotos de Göring eram mimados com luxos semelhantes, e os oficiais que se distinguiram eram recepcionados em seu Palácio Carinhall, onde o anfitrião às vezes os recebia à porta em excêntricos trajes de caça medievais. Desde que os líderes do Reich tivessem sucesso em suas áreas de responsabilidade individuais, Hitler não interferia. Não regulava seus estilos de vida como fazia Eisenhower, que mantinha controle estrito sobre seus generais.

A importância das palavras de Rosenthal não passou despercebida a Horn. Ele optou por interpretá-las, porém, do ponto de vista de um acadêmico profundamente imbuído da história germânica. O Terceiro Reich, dizia o suboficial, operava de modo análogo ao Sacro Império Romano. À semelhança dos senhores medievais e de príncipes e bispos do império, cada líder nazista lutava pelo controle de feudos individuais dentro do reino maior. Aquela discórdia feudal aumentava o domínio do imperador sobre cada um de seus vassalos. A transferência da coroa de um imperador para o próximo – ou *translatio imperii* – dependia de uma negociação em escala épica. Os candidatos ao poder tinham de fazer concessões aos chefes guerreiros, ao clero e aos príncipes seculares. Quanto mais capaz era o candidato de lançar uma facção contra outra, maiores seriam as suas chances de manter o equilíbrio precário necessário para assumir o trono.

No Reich Sagrado de Hitler, Himmler tinha liberdade de criar sua própria subcultura da SS, contanto que os campos de concentração funcionassem e que a infantaria dessa guarda de elite se distinguisse nos campos de batalha. O fato de Göring e Dönitz aparentemente não possuírem uma confraria de Cavaleiros Teutônicos sob seu comando ou um pequeno exército de pseudoacadêmicos arianos instalados em seus próprios castelos não significava que o mesmo acontecesse com Himmler, o guardião das Joias da Coroa.

A Nuremberg de Hitler era de fato o local perfeito para exibir um tesouro à altura de um imperador. Após refletir sobre as implicações de tudo o que descobrira nos últimos sete dias, foi isso que Horn achou profundamente perturbador. Mais do que investigar o desaparecimento de cinco relíquias sagradas da sala do tesouro do Terceiro Reich, ele estava desvendando uma trama nazista para impedir que os símbolos da monarquia mundial caíssem nas mãos dos Aliados. Teria o general Patton sabido ou suspeitado de que essa poderia ser a questão?

Rosenthal também tinha algo a dizer sobre isso. Enquanto Horn interrogava o antigo pessoal do bunker em Nuremberg, o suboficial fizera suas próprias perguntas, com toda a discrição, a colegas da G-2 e ao estado-maior de Patton para tentar descobrir exatamente qual era o interesse do general nas Joias da Coroa.

Segundo Rosenthal, Himmler e Hitler não eram os únicos comandantes obcecados pela história antiga, pelo misticismo católico e pelas conquistas dos soberanos medievais do Sacro Império Romano. Patton era tão obcecado por esses assuntos quanto seus inimigos. No entanto, essa não foi uma grande revelação para Horn, pois todos os que serviam na inteligência do 3º Exército sabiam que Patton se distinguia dos demais comandantes dos Aliados pela variedade de missões que confiava a seus oficiais. Ele solicitou estudos completos sobre o moral dos soldados alemães no campo de batalha, quantos

assistiam aos serviços religiosos e o número de casos de doenças venéreas. Mais relevante para a investigação de Horn foram os relatórios solicitados pelo general sobre onde e como batalhas foram travadas séculos antes, em áreas que seu 3º Exército pretendia logo invadir. O próprio tenente fizera um estudo dos preparativos dos legionários romanos antes de cruzar os Alpes.

De acordo com oficiais com quem Rosenthal conversara, o general Patton escrevera um poema sobre o que o centurião romano Longino teria pensado quando cravou a lança no flanco de Cristo e como o ato individual de um soldado mudara o curso da história mundial. E, embora Patton fosse episcopaliano e leitor devotado da Bíblia, muito se comentou no quartel-general sobre a crença dele em ideias esotéricas como a reencarnação. Numa reunião do comando militar, ele surpreendeu os comandantes com seus comentários acerca de ter combatido nos mesmos campos de batalha séculos atrás.

– Imagine a conversa que Patton poderia ter tido com Himmler sobre o assunto – sugeriu Rosenthal, pesaroso.

O suboficial não tinha a intenção de menosprezar um homem por quem ele e Horn mostravam o máximo respeito. Seu objetivo era chamar atenção para o conhecimento e a compreensão de Patton dos aspectos e atributos mais místicos da coleção de tesouros do Sacro Império Romano. Talvez por isso, de acordo com o relato de um colega oficial do quartel-general a Rosenthal, Patton voara para Nuremberg alguns dias depois da invasão. Lá prestou homenagem no cemitério onde os aliados mortos eram enterrados, depois partiu para o centro histórico a fim de ver a coleção do Sacro Império Romano. O governador Fuller, porém, não permitiu que ele entrasse no bunker. A câmara subterrânea ainda estava lacrada e ninguém sabia como abri-la sem correr o risco de danificar os artefatos. Isso levou o general a chamar Mason Hammond, que por sua vez contactou Horn. Mas, embora fosse Patton quem tivesse estimulado Hammond a iniciar uma investigação, o propósito do general em relação aos tesouros diferia do de Eisenhower. Este desejava que os tesouros fossem devolvidos à Áustria, de onde Hitler os roubara. Patton, por outro lado, acreditava que as Joias da Coroa deveriam ser propriedade do Exército americano.

– Lembre-se para quem você está trabalhando – aconselhou Rosenthal. Patton pode tê-lo trazido para a investigação, mas era a assinatura de Eisenhower que constava em seus vouchers de viagem e credenciais do MFAA. O suboficial queria que seu amigo se certificasse de suas conclusões antes de partir para uma digressão louca sobre uma confraria secreta de cavaleiros neonazistas e um tesouro à altura de um imperador. Aquele era o tipo de munção incendiária, afirmou Rosenthal, que Patton poderia usar para remover as Joias da Coroa para fora da Europa, algo que nenhum historiador

da arte que se prezasse apoiaria.

Horn não sabia ao certo como os interesses de Patton pela coleção do Sacro Império Romano poderiam figurar em sua investigação das Joias da Coroa, mas ao menos agora entendia melhor por que seu relatório do Campo Namur chegara tão rapidamente ao general através da cadeia de comando. Como Hitler e Napoleão antes dele, Patton queria os tesouros para si.

– O que você fará a seguir? – perguntou Rosenthal após se gabar de outra vitória no duelo enxadrístico.

Horn já começara a formular seu plano de ação. Tinha duas linhas de investigação lógicas para encontrar o tesouro desaparecido. Poderia mergulhar mais fundo nas operações secretas de Himmler em seu castelo-fortaleza em Wewelsburg e, ao mesmo tempo, explorar as informações que os Aliados haviam coletado sobre os subordinados do Reichsführer. Entre estes, os principais eram os próprios homens a quem Rosenthal se referira em sua primeira conversa com Horn sobre os artefatos desaparecidos. O Corpo de Contraineligência capturara diversos oficiais do alto escalão do RSHA, usando-os com grande sucesso para rastrear o ouro nazista e outros tesouros. Pelo que Rosenthal descobrira com seus colegas interrogadores, aqueles oficiais capturados eram a origem dos rumores de que as Joias da Coroa tinham sido afundadas no lago Zell.

O suboficial desconfiava de que os registros que eles estavam pesquisando se relacionavam com Ernst Kaltenbrunner, que transitara pelo alto-comando nazista com uma facilidade incomum. Este provavelmente sabia mais sobre os planos de Himmler do que o próprio Hitler. O CIC dispunha de mais de 20 arquivos de depoimentos, relatórios e dossiês de interrogatórios dedicados ao antigo comandante do RSHA, e um deles, supunha Rosenthal, devia conter referências às Joias da Coroa.

Obter acesso ao âmago do CIC, porém, não seria fácil. Braço investigativo altamente secreto do Exército, era raro o CIC permitir que oficiais de fora consultassem seus arquivos. Mesmo Mason Hammond, do quartel-general em Frankfurt, talvez não tivesse poder para abrir as portas da agência de espionagem para que Horn, um mero oficial do MFAA, examinasse seus arquivos. A questão teria que ser tratada extraoficialmente, de um oficial da inteligência para outro. Rosenthal prestara muitos favores ao CIC, na maior parte traduzindo documentos, e pediria uma gentileza em troca.

– Faça o que for preciso – disse Horn.

O amigo concordou em lançar mão de todos os meios à sua disposição, até presentear seu contato no CIC com uma caixa de bebidas de seu suprimento particular mantido no armário trancado. Tentaria marcar uma ida com Horn ao quartel-general do CIC dentro de dois dias para examinarem juntos os arquivos. Nesse meio-tempo, o tenente, por recomendação de Troche, iria com

o soldado Dollar para Wewelsburg a fim de ver o que podia encontrar no castelo de Himmler.

Horn comunicou isso a Mason Hammond quando ligou para Frankfurt no dia seguinte para informá-lo sobre seu progresso em Nuremberg. Se Hammond ficou surpreso com a decisão do tenente de visitar o castelo, não deixou transparecer. Ele disse que não havia registros de que a fortaleza de Himmler contivesse artefatos saqueados como continha o Palácio Carinhall de Göring. Hammond, porém, recebera um informe de que o Reichsführer mantivera lá réplicas de uma ou todas as Joias da Coroa. Prometeu avisar o oficial do MFAA encarregado do local, o major Sydney Markham, do Exército britânico, estacionado na vizinha Büren, de que aguardasse a visita de Horn. Markham escrevera um relatório cuja leitura Hammond achou tão intrigante como o próprio dossiê de Namur que Horn preparara. Markham certamente forneceria uma cópia dele e o discutiria com o tenente.

Ainda restava o acerto de contas com Schmeissner e Fries. Os vereadores não eram inocentes. Não haviam revelado tudo o que sabiam quando o bunker foi aberto pelos Aliados e, apesar da confiança depositada neles pelo governador Fuller, os dois tinham sido, e talvez ainda fossem, partidários do nazismo. Com certeza havia outros como eles entre os colaboradores da equipe de ocupação de Nuremberg.

– Devo pedir a prisão deles? – perguntou Horn. – No mínimo, deviam ser detidos para novos interrogatórios e demitidos de seus cargos.

Hammond concordou em fazer o que o tenente julgasse melhor, mas o aconselhou a agir com cautela. Além das consequências políticas, prendê-los com certeza encerraria qualquer cooperação futura que os dois homens pudessem oferecer à investigação. Era possível que eles soubessem mais do que tinham revelado. Como o próprio Horn sempre gostava de dizer: “Melhor capturar o peixe antes de fisgar os peixinhos.”

Depois do telefonema para Hammond, Horn estava pronto para a próxima etapa da investigação. Só precisou apanhar sua correspondência, enquanto Dollar abastecia o jipe e planejava a rota pela floresta de Teutoburg até Büren.

Para desapontamento do tenente, ainda não haviam chegado informações sobre o irmão e a irmã em Heidelberg, nem sobre sua mãe e sua meia-irmã na Jena ocupada pelos soviéticos. Notícias de família chegaram apenas em um envelope grosso, enviado por sua esposa, com o carimbo postal de Chicago. Por incrível que pareça, embora estivesse recebendo cartões-postais enviados da Bélgica e da França com meses de atraso, os papéis do divórcio chegaram a suas mãos em menos de uma semana.

O documento era curto e não continha nenhuma surpresa. A boa notícia era que sua rainha da beleza de Lake Forest cumpria a promessa de não reivindicar a posse da casa de Point Richmond. Horn não teria a mulher de

volta quando se cansasse de tentar ajudar a resolver os problemas de seu país, mas pelo menos teria um lugar para morar. Anne Binkley disse que permaneceria em Chicago, e ele viu isso com bons olhos, pois assim seria mais fácil para ambos começarem uma vida nova.

Horn leu o documento duas vezes, assinou-o e o colocou num envelope que Rosenthal levaria para o correio. Isso lhe trouxe uma sensação inesperada de alívio. Além de seu desejo de um dia retornar a Berkeley, ele não tinha mais nenhuma obrigação urgente nos Estados Unidos e poderia permanecer na Alemanha pelo tempo que bem entendesse. Poderia até lecionar uma ou duas cadeiras na Universidade de Heidelberg e ajudar Rosenthal a abrir sua livraria-antiquário em Munique.

Outra vantagem era que agora estava livre para começar outros relacionamentos sem se sentir culpado ou ser recriminado. Como o amigo o lembrava com frequência, e Dollar percebia sempre que passavam por uma mulher atraente desacompanhada na rua, a proporção de mulheres para homens na Alemanha ocupada era impressionante – havia 20 ou mais delas para cada um deles. Cada militar fardado, qualquer que fosse a patente, era visto como um parceiro potencial, e os oficiais eram considerados os mais desejáveis. Horn tinha listras em seu uniforme e, por enquanto, um jipe e um chofer. E o mais importante: falava alemão, o que lhe dava uma vantagem em relação aos concorrentes. A questão mais incômoda era se, após revisitar as cidades destruídas e os sonhos frustrados de sua juventude, ele conseguiria abrir o coração com a mesma facilidade com que desabotoava as calças.

Capítulo 17

Externsteine

29 de julho de 1945

HORN E DOLLAR CHEGARAM à região montanhosa da floresta de Teutoburg no meio da manhã. O percurso pela estrada estreita entre bosques densos de pinheiros e abetos, com os galhos verdes arqueados entrelaçando-se sobre suas cabeças, trouxe muitas lembranças agradáveis de passeios e acampamentos com a família naqueles mesmos bosques escuros. Pensar em seus parentes, mais especificamente nos conhecidos de seu irmão mais velho, Rudolf, levou Horn a mudar de planos. Antes de prosseguirem até Büren para o encontro com o major Markham, fariam um desvio de meia hora para visitar Externsteine, o sítio arqueológico que Troche mencionara.

O tenente conhecia o caminho, por uma trilha sinuosa coberta de musgo que partia da estrada principal. Mesmo que passassem do desvio, não dava para errar seu destino. Externsteine era visível a 800 metros de distância: cinco enormes colunas de calcário que se projetavam acima das copas das árvores. A mais alta media quase 40 metros e, com as quatro outras, formava uma muralha com cerca de 300 metros de extensão.

Horn explicou a Dollar o que tornava Externsteine especial. Além da geologia incomum, o sítio havia sido local de moradia e de adoração pagã desde o período Neolítico. Existiam muitos lugares semelhantes naquela área, mas esse era único porque também foi ocupado pelos primeiros cristãos da Alemanha, que construíram uma capela numa das várias grutas da formação e viviam em cavernas escavadas na rocha. O local fascinara historiadores e arqueólogos durante séculos. Por causa de sua enorme quantidade de vínculos religiosos, também atraía a atenção do pai e depois do irmão de Horn. Rudolf escreveu um artigo sobre Externsteine enquanto cursava o doutorado, sob a orientação do eminente Dr. Eugen Fehrle, na Universidade de Heidelberg.

O tenente supunha que, dada a guerra recente, a atividade arqueológica no sítio houvesse parado. Mas a pavimentação na antiga trilha, as escavações adjacentes e vários grandes abrigos de equipamentos ao pé das colunas principais sugeriam o contrário. Embora ninguém estivesse trabalhando naquele dia – só ele e Dollar visitavam o monumento e o terreno –, a pesquisa arqueológica continuara sob o regime nazista. Um grande mapa turístico e um

guia do sítio, exibidos na entrada, contavam a história. Em letras garrafais na parte inferior, a Sociedade para a Proteção e Manutenção dos Monumentos Culturais Alemães agradecia a seu patrocinador, Heinrich Himmler.

Depois de estacionarem, seguiram por uma trilha entre as árvores até a capela escavada na base da torre principal. Arqueólogos e acadêmicos debatiam sobre as supostas atividades em outros pontos do sítio, mas não havia dúvida de que aquela gruta fora usada pelos cristãos primitivos. Esculpido na rocha, um mural antigo retratava Cristo sendo baixado da cruz. Após ter ouvido a longa palestra de Horn em Nuremberg sobre São Longino e a dilaceração de Cristo, Dollar esperava encontrar a imagem de um lanceiro, junto com José de Arimateia e Nicodemo, sob a cruz. Mas não foi o que encontrou. Aquela representação da crucificação era importante para o cristianismo germânico por um motivo diferente. Antecedia as narrativas populares da Paixão e as lendas de Longino que deram origem aos cultos de sangue e adoração de relíquias da Idade Média. A mensagem aqui era a de Cristo conquistando os pagãos.

O soldado ouviu atentamente enquanto Horn chamou a atenção dele para o aspecto que mais se destacava: a representação de Cristo sendo baixado para a imagem de uma árvore ou um pilar com dois ramos estendidos, um símbolo sagrado conhecido pelos pagãos como Irminsul: o “Pilar do Céu” e a “Árvore da Vida”. Sua natureza exata e seu papel na cosmologia pagã eram objeto de debates acirrados dos acadêmicos quando Horn e seu irmão estudaram a pré-história germânica. Muitos acreditavam que o Irminsul fosse uma árvore, ou um grande tronco de árvore, em torno do qual eram celebradas cerimônias. Poderia ser igualmente a representação de um dos monólitos de Externsteine. Ninguém sabia ao certo. As runas que contavam a história podiam ser interpretadas de diversas maneiras. E assim o mistério permanecia.

Horn sabia apenas que as diferentes cavernas e grutas foram cavadas nas rochas seguindo orientações astronômicas, à semelhança do que acontecera em Stonehenge, na Grã-Bretanha. Ficou demonstrado que uma abertura redonda, parecida com uma janela, na base de um dos aposentos teria alinhamentos celestiais importantes, que incluíam uma visão da Lua em seu extremo norte e do nascer do Sol no solstício de verão.

Os cristãos primitivos que foram para Externsteine devem ter tido consciência de sua importância para os pagãos, talvez por isso tenham combinado a cena da crucificação com a de Irminsul. A interpretação mais óbvia era a ascendência de Cristo sobre os pagãos. Mas outra versão também entrara em voga. O cristianismo, ao se disseminar pelo que se tornou a Alemanha, foi influenciado por crenças e práticas pagãs mais antigas. Um século antes de Carlos Magno abolir os antigos costumes das tribos germânicas e metaforicamente – ou mesmo literalmente – derrubar o

Irminsul, pagãos e cristãos haviam coexistido. Ao menos aquela era uma das teorias que seu irmão, Rudolf, vinha pesquisando ao longo do doutorado.

Horn e Dollar espiaram dentro das cavernas antes de subirem ao alto da torre central, onde supostamente se localizava o templo pagão. O fato de aquele lugar não ter sido destruído, ao contrário de muitos outros sítios pagãos considerados pelos cristãos medievais locais de adoração do diabo, constituía mais um sinal, da perspectiva de seu irmão, de que o paganismo e o cristianismo – ou um híbrido dos dois – tinham coexistido na história alemã antiga. Agora não havia nada para ver, exceto uma plataforma de concreto reforçado de construção recente e o incrível panorama da floresta luxuriante abaixo.

Do alto, Horn assinalou locais que visitara na juventude. O principal, oculto sob as copas das árvores, era o parque com a estátua dedicada a Armínio, o lendário líder tribal germânico que aniquilara as legiões romanas de Varo, definindo para sempre a fronteira entre o Império Romano e a Germânia. Embora ele não tenha conseguido unificar as tribos germânicas, sua vitória inesperada – a pior derrota na história romana – teve um efeito de longo alcance sobre as tribos arianas, o Império Romano e, por fim, o mapa da Europa. A área circundante era igualmente rica em importância histórica. Acreditava-se que uma floresta próxima teria sido o local de batalhas lendárias em que as tribos germânicas antigas resistiram aos hunos.

Talvez, ponderou Horn, a famosa história da região tenha levado Himmler a criar a base de operações de seus acadêmicos arianos num castelo próximo e os nazistas a continuarem as escavações em Externsteine. Troche com certeza chegaria a tal conclusão. O sítio arqueológico e as terras ao redor constituíam um símbolo da unidade alemã, tanto cristã quanto pagã, e eram a demonstração de que, unida, a Alemanha conseguia derrotar inimigos poderosos. A tentativa de se apoderar de um castelo em meio a campos de batalha lendários deve ter sido irresistível.

Horn refletiu a respeito disso enquanto ele e Dollar retornavam ao jipe para percorrerem o interior até Büren e encontrarem o major Markham, do MFAA. No entanto, como observaria mais tarde, um pensamento novo e igualmente perturbador o dominou quando passaram pelas escavações. Teria seu próprio irmão contribuído com seus conhecimentos para o exército de acadêmicos e cientistas de Himmler? E quanto a seu cunhado, Erich Maschke, decano de pré-história e arqueologia da Universidade de Leipzig, que ascendera ao topo de sua profissão sob o regime nazista? Troche, que conhecia Rudolf e Erich e tinha sido membro do Ahnenerbe, não dissera nada, nem Horn perguntara.

Logo deixaram o túnel de árvores e serpentearam entre vales e pastos cobertos de musgo, passando ocasionalmente por pequenas fazendas de gado

leiteiro e velhas casas de pedra. Não foi difícil encontrar o caminho até o quartel-general de ocupação do Exército britânico. Uma companhia inteira de soldados estava acampada em fileiras organizadas de barracas, num pasto ondulante na periferia de Büren. Uma bandeira britânica hasteada sobre a Prefeitura identificava os escritórios da administração.

Dollar estacionou o jipe na frente do prédio e permaneceu ali, enquanto Horn apresentou suas credenciais aos guardas postados à porta e foi conduzido ao escritório de Markham.

Como seus colegas americanos do MFAA, o major trajava uniforme militar. À exceção da farda, poucos eram os sinais de que chegara a entrar em combate. Alto e esguio, tinha o ar distante e óculos de lentes grossas do acadêmico que havia sido em sua carreira anterior no British Museum. Markham recebeu o tenente calorosamente em seu escritório, preparou chá num fogareiro e ofereceu qualquer auxílio de que o colega precisasse.

Horn gostou muito da polidez do major, sobretudo após a recepção que tivera em Nuremberg. Talvez o oficial tivesse sentido afinidade por ele ou, como insinuara Hammond, se sentisse grato pela atenção de Horn. Uma única pessoa visitara o castelo antes do tenente, um agente do CIC que não sabia que ninguém menos que Himmler havia recebido admiradores no espaçoso Salão dos Cavaleiros.

Markham usou um aparelho de porcelana branca em forma de concha para servir o chá. Era decorado com runas germânicas, o antigo alfabeto do homem ariano. Horn não resistiu a comentar aquilo.

O major ficou encantado pelo fato de o tenente reconhecer os símbolos. O aparelho de chá fora feito para Himmler sob encomenda, e a força britânica de ocupação se apropriara dele nas cozinhas do castelo. Aquelas mesmas imagens antigas, como Troche contara a Horn, haviam sido usadas por Hitler na reconstrução de Nuremberg e no projeto do campo de paradas do Partido Nazista. O fato de Himmler ter se apossado do castelo e gravado runas nas louças de chá era, claramente, um indício adicional de que ele reciclava o passado para celebrar o futuro.

– Pretendo percorrer o castelo e examinar os papéis do Reichsführer – disse Horn. – Fui levado a crer que ele transformou a velha fortaleza em um centro de estudos e pesquisas.

Com entusiasmo, Markham confirmou que o Castelo de Wewelsburg de fato havia sido um centro de pesquisas. Entretanto, lamentava informar que os nazistas tinham removido a maioria dos documentos antes da chegada do Exército americano. Um incêndio, disse ele, destruíra praticamente todo o restante.

Horn ficou decepcionado. Nem Troche nem Hammond haviam mencionado o incêndio.

Markham explicou que o fogo tinha sido ateadado pelos próprios nazistas e que Himmler ordenara que sua equipe pessoal de demolição fizesse o serviço sujo.

Num mapa na parede, o major apontou onde ficava o castelo de Himmler na aldeia de Wewelsburg e, ao lado, a antiga posição do acampamento do 3º Exército americano. Mostrando os locais principais, explicou que a guarnição nazista havia abandonado o castelo pouco antes da Páscoa de 1945, deixando lá uma frota de caminhões poucos dias antes de o Exército americano alcançar a periferia da aldeia. Himmler então despachara uma equipe de demolição para destruir o castelo. O Reichsführer não queria de jeito nenhum que a propriedade caísse em mãos inimigas e, aparentemente, não confiou nos funcionários do castelo para fazer o serviço. O major sabia dos detalhes porque todos na aldeia, assim como os prisioneiros do campo de trabalhos forçados trazidos por Himmler para remodelar e ampliar a estrutura, viram o que aconteceu.

Saboreando seu chá, Horn reclinou-se na cadeira, enquanto o major narrava o que descobrira.

A equipe de 10 membros de Himmler, liderada pelo capitão da SS Heinz Macher, chegou à vizinha Paderborn no sábado anterior à Páscoa, mas, como os Estados Unidos controlavam as estradas próximas e a aldeia estava cercada de todos os lados, o grupo precisou de ajuda para obter acesso ao castelo. Após uma tentativa inicial fracassada de passar furtivamente pelas forças americanas, a unidade recrutou um guia local para que mostrasse uma rota entre as linhas inimigas.

As unidades de assalto nazistas chegaram em três jipes por volta das 10 da manhã de domingo. A maioria dos habitantes da aldeia estava na igreja, bem em frente ao castelo. Não viram as unidades até escutarem uma explosão e saírem correndo. Como o pessoal do castelo e os oficiais de Himmler haviam deixado o local vários dias antes, os aldeões acharam que os americanos estivessem disparando contra a fortaleza. Em sua confusão, enquanto ajudavam a apagar as chamas, depararam com Macher e seu grupo armado.

A demolição não transcorreu como o capitão planejara. Ele nunca tinha visitado o castelo antes e subestimou a quantidade de explosivos necessários para dar conta do recado. Embora a propriedade fosse relativamente pequena – quase do tamanho de um quarteirão –, o castelo havia sido construído sobre fundações de rocha estratificada com enormes lajes de pedra. Depois de esgotarem os explosivos iniciais sem que tivessem nenhum efeito sobre as velhas paredes e as muralhas, Macher recorreu à colocação de minas antitanque em pontos-chave. Mas nem isso bastou. Sua equipe acabou tendo que percorrer aposento por aposento com maçaricos. No dia seguinte, quando tanques americanos começaram a subir a rua diante da igreja, as chamas ainda

ardiam.

No entanto, nem tudo foi consumido pelo incêndio. Markham disse que alguns poucos cômodos na ala leste, perto dos aposentos pessoais do Führer, e na ala oeste, onde Himmler se hospedava, tinham resistido à destruição. A única área relativamente incólume foi a torre norte, a parte do castelo que Himmler desejava que fosse arrasada.

– Por quê? – quis saber Horn.

Markham não sabia ao certo, mas, pelo que ouviu de ex-trabalhadores forçados, Himmler achava que aquele era o centro do universo, seu Axis Mundi.

A suposição que Horn fizera em Externsteine estava certa: Himmler escolhera um castelo num local remoto, próximo da floresta de Teutoburg e da vizinha Paderborn, para abrigar seus acadêmicos arianos e fornecer treinamento intelectual e espiritual aos oficiais da SS.

Markham disse que realmente se tratava de um local muito especial, mas que nem todos tinham a mesma opinião. Os moradores de Wewelsburg consideravam o lugar amaldiçoado.

O major explicou que os temores dos aldeões não se baseavam somente na maldade dos ocupantes mais recentes do castelo, embora ela contribuísse para sua relutância em se aventurarem lá dentro. Seu temor também advinha de histórias macabras de aldeões torturados e assassinados por um cavaleiro teutônico que construía sua fortaleza sobre aquele local e, mais tarde, pelos bispos-eleitores de Paderborn que construíram a fortificação mais recente no alto e ao redor.

Várias outras histórias tinham atraído Himmler. Quando as fundações do castelo foram escavadas pela primeira vez, os arqueólogos descobriram uma sepultura da Idade da Pedra contendo restos mortais humanos. Escavações próximas haviam revelado restos mortais do Homem de Neanderthal, bem como joias da Idade do Bronze e outros sinais de habitantes humanos primitivos.

A associação por Markham do local ao homem ariano antigo e a um cavaleiro teutônico conhecido e seu uso posterior como lar dos senhores que em conjunto escolhiam o soberano do Sacro Império Romano correspondiam perfeitamente ao que Troche relatara.

O major contou que, de acordo com um historiador local, que o ajudara a preparar seu relatório para o MFAA, a parte mais antiga do castelo, o baluarte, resistira a invasões desde a época de Átila, o Huno. Assim como o Castelo de Nuremberg, Wewelsburg também desenvolveu uma aura de poder e misticismo germânicos. No entanto, diferentemente daquele, o Castelo de Wewelsburg – abrigado numa parte erma de uma floresta distante de Munique e de Berlim – era utilizado única e exclusivamente por Himmler, que podia

fazer dele o que bem entendesse. Não precisava compartilhá-lo, como fez o Führer ao entregar o Castelo de Nuremberg e seu campo de paradas vizinho ao prefeito Liebel e ao Partido Nazista. Aquele era seu próprio feudo.

Além da associação com Himmler, como dissera Markham, os temores da população local também haviam sido alimentados por histórias sinistras transmitidas de uma geração a outra. O major descreveu a masmorra do castelo como cenário de horrores inimagináveis durante a era medieval. Lá, em gaiolas, em rodas de tortura, ou tendo suas unhas arrancadas, os seios dilacerados e as cabeças esmagadas, as bruxas eram obrigadas a confessar seus pecados contra a Igreja. Muitos dos mesmos métodos de suplício teriam sido supostamente usados durante as subseqüentes ondas de perseguição aos judeus.

Markham não sabia ao certo quantos judeus morreram nas masmorras do castelo, mas os restos mortais desenterrados de uma cova coletiva encontrada na ala oeste forneciam indícios mais que suficientes. O poço, conhecido como a Cova de Norbertus, supostamente em homenagem a um senhor muito violento do castelo, continha os ossos de centenas de vítimas de tortura, desde os tempos modernos até muitos séculos atrás. E isso, observou o major, foi antes de Himmler abrir seu próprio campo de concentração no sopé da colina.

Horn não sabia que existira um naquela área, o que não surpreendeu Markham. Poucos entre os Aliados, e mesmo entre os próprios nazistas, tinham ouvido falar nisso. Himmler quis que o local permanecesse em segredo e esforçou-se ao máximo para mantê-lo fora do mapa. Como revelara a pesquisa do major, mesmo os arquivos de Berlim e de Munique traziam pouquíssimas referências ao campo.

De acordo com Markham, o primeiro campo foi construído na pastagem sob o castelo para receber os trabalhadores forçados. Os prisioneiros viviam em barracas. A princípio, não era mantido por verbas do Reich, sendo operado sob a égide de uma sociedade filantrópica privada, a Sociedade para a Proteção e Manutenção dos Monumentos Culturais Alemães, que Himmler criou para restaurar e fazer melhorias no castelo. Horn lembrou ter visto esse nome no mapa turístico na entrada de Externsteine.

Markham não sabia quantos outros projetos estavam sendo operados sob o patrocínio das várias sociedades filantrópicas de Himmler, mas o objetivo declarado do Reichsführer em Wewelsburg era transformar o castelo tanto em uma academia da SS, onde oficiais graduados receberiam treinamento ideológico, como numa base para acadêmicos em seus empreendimentos arqueológicos e científicos. No fim, porém, aquela ambição relativamente modesta deu lugar a uma visão bem mais grandiosa. Conforme a descrição de Markham, Himmler começara a ver o castelo como a sede de seu império privado, uma Fortaleza de Marienberg dos tempos modernos. Deveria se

tornar uma cidade monástica para estudos arianos, uma espécie de Meca teutônica.

Markham entregou a Horn uma pasta de registros do campo de concentração para provar quantos prisioneiros haviam sido levados ao castelo para sua restauração. Uma força de trabalho inicial de 70 pessoas foi expandida até contar com centenas de homens e mulheres altamente qualificados oriundos do campo de concentração de Sachsenhausen, em Berlim.

Esses trabalhadores não eram judeus, afirmou Markham, chamando a atenção de Horn para esse fato. Eram testemunhas de Jeová, membros de um movimento religioso americano que se estabelecera na Alemanha no fim da década de 1890. Conhecidos em toda a Europa como “estudiosos da Bíblia”, eles eram, em grande parte, profissionais instruídos. Himmler os selecionara especialmente por suas habilidades administrativas, de engenharia e de construção.

Horn já sabia que as testemunhas de Jeová eram singulares entre as vítimas da perseguição do Terceiro Reich. Ao contrário dos judeus, dos ciganos e de outros grupos étnicos e religiosos detidos e enviados aos campos de concentração, os adeptos dessa religião escolhiam seus próprios destinos. Bastava que jurassem fidelidade ao Führer para receberem a liberdade. Mas centenas e depois milhares deles preferiram o martírio a prestarem o juramento.

De acordo com Markham, Himmler fez de tudo para levar testemunhas de Jeová para o seu castelo, porque em geral tinham boa saúde, eram tecnicamente qualificadas e, em virtude de suas crenças, não procuravam fugir. Ele selecionou pedreiros, encanadores, eletricitas, carpinteiros, vidraceiros, encadernadores, bibliotecários e tradutores. Escolheu prisioneiros de campos por toda a Alemanha e a Polônia de acordo com as habilidades de que precisava. O major comentou que alguns ainda estavam em Wewelsburg, ajudando na operação de limpeza do Exército britânico. Segundo ele, tratava-se de um grupo notável de pessoas.

Markham explicou que, com o avanço da guerra e a expansão dos planos para o castelo, Himmler não se restringiu aos adeptos desse grupo religioso. Ele também precisou de mais recursos do que sua sociedade filantrópica podia fornecer. A força de trabalho cresceu para mais de 4 mil prisioneiros, e foi criado um campo de concentração maior, dentro da aldeia de Wewelsburg, especialmente para abrigá-los. Himmler chamou o campo de Niederhagen, o suposto nome ariano antigo da floresta adjacente ao castelo.

Como a instalação anterior, de início Niederhagen não apareceu nos registros nazistas. Himmler empregou uma combinação de subterfúgios para assegurar o financiamento do Reich, ainda que o trabalho realizado não se

enquadrasse nas despesas de guerra. Todos os campos de Himmler foram construídos perto de fábricas de armamentos, pedreiras, fábricas de tijolos e indústrias ligadas às forças armadas. Exceto Niederhagen. Aquele era um projeto pessoal de Himmler.

O major não se estendeu sobre o motivo de Himmler precisar de 4 mil trabalhadores para restaurar um castelo de apenas um quarteirão de comprimento. Ele só disse que as condições em Niederhagen eram tão terríveis quanto as de Dachau e as de Auschwitz e que mais de 800 prisioneiros – quase um quarto da população do campo – morreram em um único ano enquanto restauravam o castelo e exploravam pedreiras para sua expansão. Tantos corpos precisavam ser descartados que Himmler instalou um crematório, porque aqueles mais próximos, em Dortmund e Bielefeld, não davam conta do volume.

Markham mostrou fotografias a Horn. Não eram particularmente horripilantes, ao contrário das que o tenente havia visto de Dachau e de outros campos, mas transmitiam a mesma mensagem: para os algozes nazistas, a vida humana no campo de Niederhagen não significava nada.

Somente depois de olhar as imagens Horn direcionou a conversa para sua preocupação principal. Saberia o major algo sobre as Joias da Coroa? Os trabalhadores escravos no castelo ou o pessoal da aldeia tomaram conhecimento de que Himmler as tinha removido de Nuremberg? E haveria algo que pudesse relacionar o castelo aos Cavaleiros Teutônicos modernos?

Markham não se surpreendeu com nenhuma daquelas perguntas. Pelo contrário, pareceu se empolgar com o fato de outro oficial do MFAA além dele levantar questões como essas. A maioria dos pedidos de informações que recebera sobre o castelo e seus ocupantes envolvia estatísticas, como, por exemplo, quantos trabalhadores escravos foram mobilizados na restauração do castelo e quais recursos haviam sido aplicados no projeto.

Para entender o local, explicou ele, Horn teria que vê-lo com os próprios olhos. Não se tratava apenas de vidas perdidas e do dinheiro que o Reich gastou. O que estavam construindo em Wewelsburg dava uma ideia do contexto geral.

Respondendo às perguntas específicas de Horn, o major revelou que muitas eram as ligações entre o castelo e a antiga confraria dos Cavaleiros Teutônicos. Uma sala de estudos completa havia sido destinada à ordem militar, embora Markham não soubesse informar qual havia sido o destino daquelas pesquisas ou se os Cavaleiros Teutônicos modernos tiveram acesso a elas.

O major também comentou sobre uma conexão com as Joias da Coroa, que eram exibidas no castelo. Mas os tesouros a que estava se referindo não eram os de Nuremberg. Tratava-se de réplicas, afirmou ele, feitas com joias

verdadeiras. Cópias da coroa, do cetro e do orbe foram exibidas em mostruários no museu do castelo, e uma réplica da Lança Sagrada era mantida na escrivaninha de Himmler. Segundo rumores, a lança ficava junto de um frasco de sangue – o que era um mistério para o próprio Markham. Tudo o que ele sabia era que esses artefatos não eram usados como pesos de papéis.

As testemunhas de Jeová que haviam sobrevivido fizeram muitas especulações sobre a réplica da Lança Sagrada e as cerimônias que teriam sido realizadas no castelo. Consideravam Himmler demoníaco, como a Besta do livro do Apocalipse. No entanto, ficaram decepcionadas com a saída dos nazistas de Wewelsburg porque as tropas de assalto de Himmler não completaram sua missão de demolir o castelo inteiro. Havia deixado a torre norte intacta.

Ninguém com quem Markham falara sabia explicar precisamente o lugar da lança no sistema de crenças do Reichsführer ou o papel que ela ou as Joias da Coroa poderiam ter desempenhado nas cerimônias conduzidas no castelo. O major explicou que grande parte do interesse de Himmler pela lança se devia, obviamente, à importância histórica do objeto e ao seu papel central na história de Cristo. Além disso, algumas lendas mencionavam Odin, a principal divindade do panteão escandinavo, prendendo seu corpo com uma lança numa árvore a fim de conquistar a iluminação.

Havia também as runas, que Markham contou que podiam ser encontradas por todo o castelo, bem como no aparelho de porcelana de Himmler. A mais importante era Tyr, ou a runa da lança, que os guerreiros arianos de Thor e Odin, como reza a lenda, espetavam na própria carne para poder ingressar no Valhala, o palácio paradisíaco dos heróis escandinavos.

Ao aparente poço sem fundo de credices e lendas que os nazistas incorporaram, o major acrescentou mais uma. Não eram apenas as associações históricas e míticas com a Lança Sagrada que obcecavam Himmler, mas também a forma da lança, o Tyr, que os runologistas acreditavam dotada de propriedades mágicas, por ligar o Céu à Terra e os deuses míticos ao homem. Himmler e os runologistas de algum modo a viam como um canal de energia. Assim como o lavrador ara a terra para plantar, o Senhor do Universo dilacera o homem para provocar a iluminação. As lendas antigas se referiam ao local daquela iluminação como o Axis Mundi.

Após ouvir sobre o campo de concentração e as alusões de Markham a cerimônias realizadas no castelo restaurado pelos prisioneiros, as imagens vidradas das runas na sua xícara não exerceram mais o mesmo fascínio que Horn experimentou quando a levou aos lábios pela primeira vez. As runas já não eram exemplos da história intelectual antiga reciclada para novos olhos, assim como a Lança Sagrada nas mãos de Himmler não era mais um ícone cristão venerado.

O instinto natural do tenente seria estilhaçar a xícara no chão. Mas, em vez disso, colocou-a de volta na mesa e perguntou quando ele e o soldado Dollar poderiam percorrer o castelo e examinar os arquivos e os papéis que restaram.

Markham assegurou a Horn que havia muito que olhar. E que boa parte ele preferiria não ver.

Capítulo 18

O Camelot negro

29 de julho de 1945

○ SOLDADO DOLLAR ESPERAVA que Horn fizesse seu habitual discurso quando o major Markham entrou com eles no castelo. Se o tenente estivesse disposto a fazer comentários como em Nuremberg e Externsteine, com certeza teria reparado no cuidado dos construtores em posicionar a fortaleza num afloramento rochoso de fácil defesa acima do vale. Horn poderia ter parado na ponte arqueada sobre o fosso e apontado para o trabalho refinado nos contrafortes de pedra, as filigranas decorativas entalhadas na porta levadiça antiga e os rendilhados espetaculares nos canos de drenagem ornamentais sob cornijas convexas em duas das três torres. Apesar do incêndio que destruíra os telhados inclinados e as janelas com caixilhos de chumbo, o castelo de Himmler ainda era uma obra-prima da arte e da arquitetura renascentista tardia.

Só que dessa vez Horn não fez discurso nenhum. Sabendo quem ordenara a restauração e lembrando-se das pobres vítimas que perderam a vida labutando para tornar o sonho realidade, ele preferiu o silêncio. A caveira de ferro forjado pendendo precariamente de uma das paredes danificadas pelo fogo, as runas esculpidas sobre o posto da guarda e os símbolos nazistas num padrão quadriculado nos portões de aço eram lembretes sinistros de que não estavam visitando um monumento histórico, e sim seguindo as pegadas deixadas pelos assassinos e por suas vítimas.

O entulho do incêndio que destruíra o castelo atravancava o caminho até o pátio triangular depois dos portões principais. O espaço estava cheio de pedaços de mobília carbonizada, pilhas de vidro destroçado das janelas, cerâmica estilhaçada, vestígios de painéis de madeira queimados, tapetes rasgados, máquinas de escrever e pilhas de livros e papéis danificados pela água, destroços que os trabalhadores simplesmente haviam atirado pelas janelas.

Markham os conduziu entre montes de refugio até uma porta de madeira na ala oeste para começarem a visita. Dali, os guiaria pelas câmaras do castelo, no sentido anti-horário, até o destino final, a torre norte.

A primeira parada, sob uma série de degraus de pedra, foi uma sala

cavernosa repleta de mostruários e armários quebrados ou despedaçados, descrita por Markham como o museu particular de Himmler. Lá ficaram expostas as réplicas da coroa, do orbe e do cetro do Sacro Império Romano.

Todo visitante do castelo era levado primeiro àquela sala, explicou o major. Era a vitrine de Himmler. Acreditava-se que as exposições eram renovadas cada vez que o Reichsführer ou seus chefes de gabinete iam ao castelo. Sempre incluíam arte germânica emprestada de museus ou artefatos que a equipe de arqueólogos de Himmler escavara de montes mortuários antigos e povoados pré-cristãos. A maioria dos objetos, entre os quais as réplicas das Joias da Coroa, fora levada embora em caminhões, mas vários deles podiam ser identificados por fotografias. Nos mostruários, além de fósseis, havia urnas, facas de ferro, moedas romanas, agulhas da Idade do Bronze e moldes de runas feitos em gesso. Um dos itens favoritos do museu, contou Markham, era um ictiossauro de três metros de comprimento, um réptil marinho semelhante a um golfinho que existiu há cerca de 90 milhões de anos.

As salas superiores, também enegrecidas pelo fogo, continham mais entulho. De acordo com o major, era lá que os acadêmicos de Himmler tinham suas salas de trabalho, que incluíam um laboratório fotográfico, uma gráfica, um mimeógrafo e uma sala de datilografia, bem como uma oficina de encadernação. Não dava para recuperar nada ali ou na biblioteca adjacente, para onde Horn e Dollar foram conduzidos em seguida.

Um prisioneiro do campo, que trabalhava como bibliotecário auxiliar, contou a Markham que o acervo chegara a ter 12 mil volumes, a maioria sobre história germânica, mitos, rituais e vários outros temas ligados a ocultismo. Grande parte da coleção, que incluía diversos códices medievais valiosos, se originara na Polônia e em outras nações ocupadas, mas seus volumes principais haviam sido emprestados por universidades e museus alemães. Os livros que não tinham sido levados pelos nazistas ou queimados no incêndio foram saqueados como souvenirs pelo primeiro grupo de soldados americanos estacionados no prado ao pé do castelo. Agora, tudo o que restava eram as estantes de aço reguláveis, raras até nas melhores bibliotecas do país.

O major os conduziu por uma entrada para a torre oeste, utilizada exclusivamente por Himmler. O Reichsführer dispunha de duas salas no primeiro andar para seus escritórios e um conjunto de quartos em cima como alojamento privado. Assim como acontecera em todo o castelo, aqueles cômodos tinham sido devastados e tudo o que restou foi lançado pelas janelas.

Markham sabia apenas o que diversos operários e faxineiros haviam contado sobre aquela seção da propriedade. Segundo eles, Himmler batizara seus aposentos com o nome de seu santo padroeiro, o rei Henrique I, e decorara os quartos à altura dessa honraria: com uma cama medieval, uma poltrona, uma armadura e outras mobílias que o Reichsführer comprara ou

pegara emprestadas de coleções do Estado. Numa escrivaninha ao lado da lareira encontravam-se a réplica da Lança Sagrada e o frasco de sangue.

Em seguida visitaram a masmorra, local da execrável Cova de Norbertus, um poço profundo coberto por uma grade de ferro forjado. Horn notou o antigo cadeado, evitou olhar para dentro e seguiu Markham até uma câmara lateral, onde os homens do major tinham achado o cofre de Himmler. Ao chegarem, os soldados americanos invasores encontraram a caixa blindada aparentemente intacta, mas, quando os britânicos assumiram o controle do lugar, suas portas já haviam sido arrombadas. Com exceção de uns poucos livros e papéis espalhados pelo chão, não encontraram nada de importante.

Markham duvidava que o cofre tivesse chegado a conter os itens desaparecidos que Horn vinha procurando. Com base nos relatos de vários prisioneiros do campo, o major sabia que era lá que Himmler guardava os anéis da Caveira da SS presenteados aos oficiais após três anos de serviço dedicado. Por tradição, quando um oficial morria, seu anel era devolvido ao castelo e então oferecido a outro. Gravados com uma caveira e ossos cruzados, além de uma sucessão de runas germânicas, foram moldados em homenagem a Thor, o deus pagão do trovão que, segundo a lenda, possuía um anel de prata pura ao qual seus guerreiros juravam lealdade.

Prisioneiros da SS não revelaram ou não sabiam como nem onde o ritual de apresentação da Caveira se realizava, por isso Markham só podia supor. Mas ele suspeitava que as cerimônias ocorriam na torre norte, pois os detidos eram proibidos de ingressar no local quando Himmler e seu pessoal estavam lá. Os prisioneiros, porém, não eram impedidos de entrar na ala sul, para onde o major conduziu Horn em seguida.

O maior e mais impressionante aposento da ala sul do castelo era o grande salão, que, segundo Markham, era usado para jantares, palestras e reuniões importantes. Com base em fotografias e testemunhos pessoais, o major sabia que ali também eram realizadas cerimônias de casamento nazistas. De acordo com os prisioneiros do campo, Himmler desencorajara seus correligionários mais próximos de participar de cerimônias cristãs, entre as quais casamentos, batismos e muitas outras festividades tradicionais. O Natal foi substituído pela celebração do solstício de inverno, durante a qual os oficiais e os funcionários do campo cantavam em torno de uma fogueira no pátio. O dia tradicional de entrega de presentes foi transferido para a celebração do solstício de verão.

No final daquela seção do castelo, na torre leste, ficavam os aposentos reservados exclusivamente para o Führer, embora não existissem indícios documentais de que Hitler os tenha usado ou mesmo visitado o castelo. Os cômodos foram batizados e decorados em homenagem a Frederico, o Grande, ídolo do ditador. Mas aquilo era tudo o que Markham sabia. Uma grande parte daquela seção agora formava o entulho no fosso embaixo.

Assim como os aposentos de Hitler, os cômodos na ala leste também homenageavam, através de seus nomes, figuras históricas ou temas importantes e haviam sido decorados com precisão histórica, incluindo espadas, brasões, armaduras, roupas, joias e livros.

Markham citou os nomes de alguns dos aposentos: Henrique, o Leão, um rei guerreiro saxão que defendeu os pagãos contra Carlos Magno; rei Artur, da lenda do Santo Graal; imperador Frederico Barbarossa e Cristóvão Colombo, que os acadêmicos de Himmler afirmaram ter ascendência ariana. O quarto que interessou a Horn prestava homenagem aos Cavaleiros Teutônicos. O major não soube dizer quem havia ocupado aquele aposento e qual a natureza de seus estudos. Mas prometeu que iria verificar se algum dos ex-prisioneiros do campo sabia de algo.

Markham acabou conduzindo Horn e Dollar pelas ruínas até a torre norte, a parte menos danificada de todo o castelo. As restaurações ali haviam sido monumentais, já que a estrutura foi desmantelada bloco por bloco e depois remontada de modo a formar uma torre redonda mais perfeita. A construção das duas câmaras internas foi realizada com tamanho esmero que uma lâmina de canivete não penetraria entre as pedras. Além disso, a localização, as dimensões e as proporções de cada janela, coluna e pedestal eram idênticas. Até a acústica foi levada em conta: uma campainha que soasse na câmara inferior ecoaria de modo a ser ouvida por alguém no telhado.

Adentraram a torre por um portal estreito, que antes conduzia à capela privada dos príncipes-bispos de Paderborn. Não havia dúvidas de que Himmler também a usara como algum tipo de capela ou santuário, mas ninguém no local sabia o que acontecia lá dentro. Tudo o que Markham podia afirmar era que o Reichsführer planejava três câmaras para a torre, uma por cima da outra, mas apenas as duas inferiores haviam sido concluídas.

Horn entrou na câmara do meio, um quarto circular enorme e vazio com uma cúpula alta no teto. No chão, um mosaico de mármore branco e preto formava uma imagem enorme do Sol Negro com 12 braços, o desenho da Roda do Sol sagrada que Troche descrevera em Nuremberg. O único outro elemento arquitetônico eram 12 colunas, dispostas em círculo e arqueadas no alto para formarem um segundo anel interno.

Levando em consideração os papéis que seus homens encontraram escondidos atrás de uma parede falsa no mosteiro vizinho, Markham especulou sobre o propósito do aposento. Himmler encomendara a carpinteiros uma mesa especial para ocupar o centro do aposento, sobre a Roda do Sol. Ela deveria ser circular e aberta no meio para que o desenho no chão pudesse ser visto por qualquer um sentado a seu redor. Deveria haver também 12 cadeiras de braço, uma para cada um de seus oficiais da SS mais graduados. Atrás de cada uma delas, as paredes deveriam ser adornadas com

brasões especificamente desenhados e produzidos por artífices do castelo para determinados oficiais. Brasões idênticos deveriam ser gravados no forro de couro de porco das cadeiras, acima dos quais, no espaldar de madeira, deveria ser afixada uma placa de prata com o nome de cada oficial. Algumas das cadeiras foram encontradas escondidas no celeiro vizinho, mas, pelo que o major sabia, Himmler não recebera a mesa ou os brasões.

A julgar pelo que Markham relatou e Horn pôde ver, o Reichsführer tinha em mente o rei Artur e sua Távola Redonda ao fazer tal encomenda. Como certamente teria dito o Dr. Otto Rahn – o medievalista do Ahnenerbe que tanto impressionara Troche em Berlim –, aquele castelo deveria ser o Camelot de Himmler.

Markham, como Troche antes dele, fornecera mais um exemplo de como o Reichsführer se baseara nas lendas do passado para construir seu sonho de um novo Reich. Mas, como o major logo percebeu, Himmler não construía aquele salão necessariamente para conduzir os negócios da corte. Detalhes tão minuciosos na construção da torre seriam desnecessários para tal. Tampouco se tratava de uma sala de jantar. As cozinhas do castelo estavam longe demais da câmara. Abaixo daquela câmara, o que os prisioneiros do campo chamavam de “cripta nazista” sugeria seu propósito.

Horn desceu com Markham os degraus de pedra até uma segunda câmara redonda, com outro teto em forma de cúpula, só que mais escura e sinistra do que aquela da qual tinham acabado de sair. As únicas janelas ficavam perto do teto, o que permitia que apenas escassos raios de luz iluminassem o interior.

Também não havia mobília naquela câmara. Em vez das colunas que, na câmara superior, formavam um círculo, 12 pedestais de granito cercavam uma grande bacia de pedra circular, ou poço raso, aberta no meio do chão. Centrado no teto cupulado, diretamente sob o mosaico do Sol Negro no piso da câmara acima, havia outro desenho de roda, com uma cruz no centro.

A reforma daquele aposento, relatou Markham, fora a mais trabalhosa. Antigamente, ali havia sido a cisterna do castelo. Himmler mandou que fosse cavada mais alguns centímetros por razões desconhecidas pelos trabalhadores escravos que haviam rompido a golpes de picareta a rocha sólida sobre a qual a torre repousava.

Alguns dos trabalhadores sobreviventes contaram ao major que os pedestais deveriam ser as bases de grandes urnas de pedra nas quais seriam depositadas as cinzas de importantes oficiais da SS que tivessem morrido servindo a seu país. A estrutura em forma de bacia no meio do chão deveria ser enchida com óleo para alimentar um fogo perpétuo, semelhante à chama eterna no Templo de Vesta no Fórum Romano de 2 mil anos atrás.

Markham acreditava que lá era realizada alguma espécie de cerimônia de ordenação para conectar os soldados do Reich moderno com seus ancestrais.

Já ciente das duas coisas que Himmler teria mantido sobre sua escrivania, Horn concordou com o major. O que lhe veio à mente, porém, provocou calafrios.

Lendas antigas falavam de cavaleiros cruzados do Sacro Império Romano sendo encharcados ou “batizados” com o sangue de irmãos heroicos tombados em batalha. Tendo passado por tal cerimônia, acreditavam estarem unidos a supostos poderes que os tornariam invencíveis. Na cripta do culto nazista com a chama eterna e nos anéis da Caveira transmitidos de um cavaleiro ao próximo, os soldados tombados viviam eternamente em seus sucessores. Essa havia sido a promessa expressa nas runas da Roda do Sol do teto e naquela do mosaico do piso da câmara superior, simbolizada pela lança que o centurião romano segurou na crucificação.

Teria sido por causa daquelas duas câmaras que Himmler, desesperado por destruir o castelo, despachou sua mais leal tropa de assalto para transpor as linhas americanas e explodi-lo?

Markham não sabia. Havia, porém, mais coisas para ver. Ele guiou Horn e Dollar para fora da câmara subterrânea, de volta à luz, através da ponte arqueada, passando pela aldeia e chegando até o campo de concentração de Niederhagen.

Horn ficou impressionado com a proximidade entre o campo e o centro da aldeia. A maioria dessas instalações ficava distante dos centros populacionais, quase oculta em meio a florestas. Niederhagen, no entanto, situava-se dentro dos limites do povoado. Todos podiam ver ou devem ter tomado conhecimento do que ocorria lá. A fumaça do crematório deve ter pairado pelas ruas. Mas os moradores, tanto antes como agora, seguiam adiante com suas vidas. As lojas continuavam funcionando nas ruelas medievais calçadas com pedras e eles frequentavam a mesma igreja em frente ao castelo.

A cerca de arame farpado que cercundava o campo ainda estava de pé, mas a entrada agora era encimada por uma enorme cruz de madeira. No entanto, não tinham sido os nazistas que a colocaram lá, garantiu o major. Ela fora erguida pelos trabalhadores do campo depois da chegada dos libertadores americanos, em homenagem aos companheiros que morreram durante as obras do castelo.

Assim como Dachau, Niederhagen tinha sido construído num padrão uniforme, em que os prédios e as áreas destinadas aos prisioneiros podiam ser facilmente observados e controlados das torres pelos guardas com suas metralhadoras. Eram 17 edifícios, sem contar o escritório da administração do campo, o alojamento dos guardas e o estacionamento. Aquelas construções, assim como os alojamentos dos detentos, eram protegidas por uma cerca de madeira que encobria o arame farpado. Ela obviamente não foi erguida para evitar a fuga de prisioneiros, mas para impedir que alguém da aldeia espiasse

lá dentro.

O campo foi projetado não apenas para ser eficiente, mas também como um instrumento de terror psicológico. Um exemplo claro era a cerca de arame eletrificada. A voltagem era regulada para aplicar um choque que aturdisse os prisioneiros, sem matá-los. Os nazistas não queriam permitir que eles acabassem com a própria vida correndo ao encontro da cerca. Questões de vida e morte eram decididas tão somente pelo comandante do campo.

A mesma psicologia, disse o major, foi usada na instalação de um chiqueiro num local visível aos prisioneiros. Os porcos pertenciam ao comandante e eram engordados com sobras da comida dos guardas; depois, eram abatidos e assados à vista dos detentos.

A enfermaria ficava num local semelhante. Tinha duas portas: uma dava para dentro de uma jaula e a outra, para o crematório.

Markham apontou para esses detalhes a caminho da lavanderia do campo, que ele e sua equipe da ocupação estavam usando como depósito temporário de obras de arte, artefatos e documentos nazistas encontrados no castelo ou descobertos nas imediações de Büren. Uma série de papéis foi encontrada atrás de uma parede falsa no antigo mosteiro. Outros vieram do celeiro de uma fazenda.

Entraram num aposento lotado de todo tipo de objetos: armaduras, bestas medievais, cadeiras, tapetes, livros, pinturas, molduras, bandeiras e até soldadinhos de chumbo. Ao lado de um busto do rei Frederico, uma tapeçaria bordada reproduzia uma imagem do Irminsul, o símbolo sagrado da cosmologia pagã. Numa mesa estava o jogo de xadrez de marfim de Himmler, incrustado de runas pretas e brancas num tabuleiro de mármore polido.

O lugar era como um estranho caleidoscópio de elementos históricos em que as peças separadas tivessem sido reagrupadas.

Entre os artefatos maiores, o que mais se destacava era um diorama enorme que supostamente estivera no museu do castelo. Retrataba a era romana antiga na réplica de uma fazenda com telhado de palha e miniaturas de homens, mulheres e crianças arianos trajando roupas rústicas. Diante da casinha e das estatuetas havia uma pequena fornalha para fundir minério de ferro. Miniaturas de cavalos e carneiros pastavam em campos verdes pintados mais além. Era o vislumbre de um paraíso perdido, um idílio de simplicidade e abundância germânicas.

Ao lado do diorama, encostados na parede, encontravam-se painéis de um tríptico da sala de jantar do castelo ou do grande salão. Um deles retratava tropas da SS lavrando a terra nova conquistada com dificuldade. O último painel estava faltando, mas presumivelmente teria mostrado a nova aldeia que resultou do sacrifício, repleta de famílias arianas felizes e prósperas com suas crianças pequenas.

Horn parou um instante a fim de olhar álbuns de fotos. Um deles mostrava as celebrações do milésimo aniversário da morte do rei Henrique, presididas por Himmler. Havia uma imagem do Reichsführer depondo uma coroa de flores no túmulo do rei e outra dele de pé num púlpito lendo o que o tenente supôs ser um elogio fúnebre.

Outras fotografias mostravam oficiais da SS comparecendo a cerimônias de casamento. Numa delas, um jovem e belo casal ariano estava de pé diante da lareira do castelo, enquadrada por velas acesas e decorada com uma bandeira nazista bordada com runas.

O maior conjunto de materiais que o tenente examinou continha comunicados à imprensa, artigos e arquivos de pesquisa relacionados ao batalhão de acadêmicos-escavadores e arqueólogos do Reichsführer. Até Horn, que duvidara das histórias aparentemente fantásticas de Troche, estava espantado com o escopo das grandiosas expedições de pesquisa de Himmler.

O Reichsführer enviara um grupo ao Oriente Médio em busca de indícios da ancestralidade ariana de Jesus. Outra expedição foi à Capadócia, na Turquia, presumivelmente em busca da tumba de São Longino, e uma terceira partiu para a Espanha, à procura do Santo Graal. O Ahnenerbe dispunha de pesquisadores na Finlândia para estudar Miron-Aku, um famoso paranormal supostamente capaz de comungar com os espíritos dos ancestrais nórdicos da Alemanha. Uma quarta excursão percorreu o Tibete para investigar alegações de que arianos antigos haviam conquistado um grande trecho da Ásia. E outra expedição partiu para a Antártida.

O projeto mais ambicioso, o do Tibete, foi liderado por cientistas que mediram corpos humanos e criaram máscaras faciais da população nativa, acreditando que achariam indicações vitais das características raciais arianas e que conseguiriam medir as capacidades morais e intelectuais por meio da frenologia. Esse programa certamente fazia parte das mesmas pesquisas que haviam reunido a coleção de crânios de judeus na França.

Menos fantásticas foram as expedições que levaram à criação do bunker de Himmler em Nuremberg: uma força-tarefa foi despachada para a Polônia para reivindicar o altar de Veit Stoss e outra para a Áustria, a fim de recuperar a Lança Sagrada e as Joias da Coroa. Uma fotografia nazista mostrava o altar de Cracóvia sendo desmontado. Em outra aparecia o prefeito Liebel, de Nuremberg, acompanhado de seus vereadores, na cerimônia de apresentação das Joias da Coroa a Hitler.

Infelizmente, não havia nada mais recente sobre os tesouros do Sacro Império Romano, nem listas do pessoal nazista, nem registros da transferência dos artefatos de um local para outro.

Foi Dollar quem chamou a atenção do tenente para algo mais revelador.

Enquanto percorriam o castelo, o soldado não dissera mais de duas frases.

Para surpresa de Horn, Dollar se pôs a falar sobre o Camelot negro de Himmler, a cripta dos horrores e a Lança de Longino. O que provocara tal discurso foi uma maquete, do tamanho de uma mesa e parcialmente encoberta, do que viria a ser o castelo. Ao observá-la, o tenente não teve mais dúvidas sobre como o Reichsführer empregaria 4 mil trabalhadores escravos.

A maquete mostrava uma avenida reta aberta em um eixo norte-sul bem no meio da aldeia. As casas, as granjas, a igreja e os demais locais haviam desaparecido, dando lugar a anéis concêntricos de prédios enormes contendo celas isoladas e um grande lago. O ponto de partida para o cenário inteiro era a torre norte, com três câmaras. Da superior, com seu pináculo pontudo, Himmler teria uma visão panorâmica de seu canto fantástico do reino do Terceiro Reich – seu Axis Mundi.

O cenário tinha a forma da lança de Longino. A estrada que levava ao castelo constituía seu cabo. As celas eram suas lâminas. Sua ponta era a torre norte.

Capítulo 19

A Casa Branca

30 de julho de 1945

NO DIA SEGUINTE BEM CEDO, após uma noite inquieta no alojamento do Exército britânico, Horn e Dollar retornaram a Freising. De lá, acompanhados de Rosenthal, seguiram de carro até a aldeia pitoresca de Pullach, ao sul de Munique, onde o CIC se apossara da antiga residência de Martin Bormann. A ampla mansão de três andares na Heillmannstrasse, limitada de um lado por um prado e do outro por uma reserva de caça, fazia parte de um complexo maior de 10 hectares de casas residenciais e jardins que pertencera a um industrial judeu. Os agentes do CIC a chamavam de Casa Branca, por ser a única do conjunto pintada nessa cor e porque o nome sugeria que a sede regional era mais importante do que a casa de arenito pardo da unidade G-2 em Munique.

Rosenthal estivera lá várias vezes fazendo favores aos companheiros do CIC. Sendo a maior do complexo e a mais luxuosamente mobiliada, a casa ostentava um foyer espaçoso com piso de mármore e uma enorme lareira desse mesmo material, uma sala de música com lambris de madeira, um piano de cauda e tapetes persas, uma sala de jantar para 20 comensais, uma biblioteca e um jardim de inverno, de onde se via um laguinho, repleto de lírios, decorado com estátuas. A única indicação de que fora uma propriedade nazista era um posto da guarda na entrada da Heillmannstrasse, agora operado por um policial militar, e os vestígios de uma escultura de pedra da águia do Reich empoleirada no lintel da porta da frente. Os soldados que passavam por baixo dela haviam se revezado destruindo-a, e agora faltavam quase todas as penas e uma das garras.

Enquanto Dollar aguardava no estacionamento, Horn e Rosenthal entraram na casa e foram recebidos por um policial militar no saguão. O pessoal administrativo e as secretárias ocupavam a sala de jantar, que fora transformada no centro de comunicações. No lugar do aparador havia um conjunto de teletipos e uma central telefônica. De acordo com Rosenthal, o subsolo continha celas nas quais prisioneiros ocasionais eram interrogados ou mantidos antes da transferência para o Campo King, a sede da inteligência e de interrogatórios das USFET em Frankfurt. O segundo andar basicamente

abrigava escritórios para os investigadores graduados do CIC. O terceiro, para o qual ele conduziu Horn, acomodava alguns outros escritórios e salas de arquivo.

Ao chegarem ao patamar no alto da escada, Rosenthal guiou o tenente por um longo corredor, bateu numa porta sem identificação e entrou sem esperar pela resposta. Robert Gutierrez, o oficial que os saudou, era alto e magricela, com um nariz bulboso, trajando um uniforme sem nenhuma designação militar exceto uma insígnia do Exército americano nas dragonas. Pelo que Horn sabia, poderia ter sido um humilde tenente como ele próprio. Mas Rosenthal depois contou ao amigo que se tratava de um tenente-coronel, o mais graduado oficial de campo encarregado das operações de inteligência em toda a Baviera e grande parte da Áustria.

Horn não conhecia os detalhes do acordo entre Rosenthal e Gutierrez. Envolvia a retribuição de favores que o amigo prestara ao oficial, além de uma caixa de bebidas a ser entregue num endereço em Munique. Quanto à história oficial, caso alguém perguntasse, Gutierrez estava levando os dois ao recôndito do CIC para que traduzissem documentos nazistas que requeriam conhecimentos especiais que só eles tinham. Isso, porém, não explicaria a violação da segurança do CIC. Gutierrez os deixaria a sós na sala de arquivo, onde teriam liberdade para ler o que quisessem e fazer anotações, contanto que não retirassem nenhum documento de lá.

A sala em que entraram tinha sido um quarto de dormir, provavelmente de um dos empregados ou auxiliares de Bormann. No lugar da cama, havia uma mesa com um abajur, uma pilha de cinzeiros e um bloco. Longas fileiras de fichários cobriam uma das paredes. Os documentos que Gutierrez achou que interessariam a eles já haviam sido separados para inspeção.

Com um discreto aceno de cabeça de um oficial da inteligência para outro, Gutierrez fechou a porta e deixou os dois sozinhos pelas horas seguintes.

Para surpresa de Horn e Rosenthal, os registros que Gutierrez retirara dos arquivos não eram os de Ernst Kaltenbrunner, que eles acreditavam ser o foco de grande parte das investigações recentes do CIC. O chefe do RSHA pode ter fornecido detalhes importantes da remessa de ouro, joias, dinheiro e obras de arte removidos de Berlim e Munique nos últimos dias do Reich, mas os documentos separados pelo tenente-coronel diziam respeito basicamente a uma figura menos conhecida, o Oberführer Josef Spacil, o tesoureiro de Himmler.

Horn conhecia aquele oficial da SS somente pela reputação. Nos últimos anos da guerra, ele era o chefe do Bureau II do RSHA, o departamento da SS que fixava políticas legais, administrava os fundos e coordenava atividades entre uma série de órgãos policiais e de segurança do Estado da SS. Em suma, o Bureau II pagava os salários e adquiria propriedades, uniformes, armas e

outros equipamentos para mais de 200 mil funcionários que operavam os campos de concentração e serviam na Gestapo, na SD (o serviço de segurança) e na SS em todo o Reich. Como as funções principais desses departamentos eram o assassinato, as deportações ilegais e as prisões, e eles faziam parte da maior organização criminosa operando dentro do Estado nazista, todos os seus membros estavam sujeitos a prisão e julgamento por crimes de guerra. O pessoal do Bureau II, porém, merecia atenção especial dos procuradores, pois sabia não apenas como os recursos foram gastos, mas de onde tinham sido roubados.

Como abutres voando em círculos sobre a presa agonizante, o Bureau II saqueava os bancos e os tesouros das nações ocupadas, extorquia dinheiro de judeus e outras pessoas que queriam permissões para sair da Alemanha, confiscava propriedades deixadas por eles e roubava vastas somas de ouro, dinheiro e outros valores dos prisioneiros dos campos de concentração. Sob a administração de Spacil, centenas de milhares de anéis de casamento e obturações dentárias foram fundidos em barras de ouro, e diamantes, obras de arte, antiguidades e outros objetos valiosos foram vendidos ou consignados a casas de penhores ou, ainda, trocados no exterior por moeda estrangeira.

A história não se resumia a isso, como o CIC descobrira recentemente. Para disfarçar as origens de seus saques, o Bureau II criou contas comerciais fraudulentas com o único propósito de remover a mácula de assassinato, extorsão e roubo. Como um alquimista, transformava as propriedades de prisioneiros dos campos de concentração em barras de ouro e dinheiro depositados no Reichsbank central e depois, com a penada de um banqueiro, transferia para aquelas contas comerciais fraudulentas os ativos, que podiam então ser movimentados de uma conta bancária alemã para outra ou para contas numeradas particulares em Genebra.

Como Horn e Rosenthal logo descobriram ao lerem os arquivos de Spacil, os magos do Bureau II também criaram dinheiro do nada: eles tinham uma operação de falsificação altamente bem-sucedida. Milhões de libras esterlinas foram produzidas numa instalação altamente sigilosa no campo de concentração de Sachsenhausen, em Berlim, e contrabandeadas ao exterior para a compra de suprimentos e o financiamento de operações de espionagem e sabotagem no estrangeiro.

A equipe de inteligência do CIC estivera à altura de sua reputação. As transcrições de conversas gravadas em fita, as entrevistas, as anotações e os relatórios de descobertas sobre Spacil eram talvez tão completos quanto os mantidos pelos próprios nazistas e bem mais abrangentes do que o trabalho investigativo realizado pela G-2. Era evidente que o CIC não dispunha de tantos homens como a G-2, mas contava com excelentes profissionais, e os melhores dessa elite integravam as operações especiais, como a equipe de

agentes chefiados por Gutierrez. Eles procuravam desmascarar planos nazistas secretos de organizar um movimento de resistência na Alemanha ocupada, além de rastrear o ouro e outros valores acumulados e submetidos a lavagem com o objetivo de financiar tal movimento.

Gutierrez e sua equipe não se limitavam a interrogar nazistas capturados e seguir as pistas escritas que os alemães deixaram. Eles também criaram empresas-fantasma controladas pelo CIC e armadilhas para atrair ex-nazistas escondidos. Um arquivo que Horn leu descrevia uma corretora e casa de câmbio do mercado negro que o CIC estava usando para convencer criminosos suspeitos a depositarem barras de metal saqueadas e outros valores. Outro mencionava uma clínica de remoção de tatuagens especializada em apagar os identificadores obrigatórios de tipo sanguíneo que todos os soldados da SS tatuavam no braço direito, em geral sob a axila. Soldados da SS desatentos, fugindo do passado nazista, eram atraídos para as clínicas clandestinas a fim de removerem essas marcas e de lá acabavam sendo encaminhados para um campo de prisioneiros.

Os arquivos separados para a consulta de Rosenthal e Horn concentravam-se nas atividades de Spacil nos últimos dias do regime nazista, quando o pessoal do RSHA encheu submarinos, aviões, caminhões e automóveis com ouro, joias, dinheiro e obras de arte e fugiu das ruínas do Reich. A maioria rumou para os Alpes austríacos, mas outros foram para o Chile, a Argentina e a Colômbia. Era óbvio por que aqueles e outros arquivos eram secretos. Quem quer que os examinasse – fossem agentes de um governo estrangeiro ou simplesmente soldados autônomos em busca de pilhagens nazistas – poderia usá-los para encontrar o tesouro e se apropriar dele. Ele era formado não apenas por vastas somas de ouro e dinheiro, mas também por uma fortuna em libras britânicas e dólares americanos falsificados, considerados tão perfeitos que os próprios banqueiros não conseguiam distinguir as notas falsas das genuínas.

Nada naqueles arquivos dizia respeito ao Ahnenerbe, aos Cavaleiros Teutônicos, ao prefeito Liebel, à Câmara Municipal de Nuremberg, ao castelo de Himmler ou às várias expedições remotas realizadas por seus acadêmicos. Os registros concentravam-se apenas na incumbência dada pelo chefe do RSHA Kaltenbrunner ao Oberführer Spacil de remover e ocultar valores de contas controladas pelo Reich em Berlim, nos últimos 10 dias da guerra. Spacil foi escolhido não apenas por saber onde a SS mantinha os valores pós-lavagem, mas também porque servira a Himmler fielmente por mais de uma década e tivera envolvimento direto nas operações da SS. De acordo com os registros do CIC, o chefe do Bureau II aderira à recém-criada SS em 1931, aos 25 anos. Após vários meses de trabalho voluntário, ofereceram ao bem-apegoado Spacil, de olhos azuis e cabelos louros, um emprego de estenógrafo

na administração financeira central da SS em Munique. Três anos depois, ele foi transferido para Berlim, onde trabalhou como oficial de ligação entre o quartel-general da SS e o Tesouro do Reich. Logo retornou a Munique como superintendente financeiro do campo de concentração de Dachau. Àquela altura, se mostrara um gerente burocrático capaz. Tendo seu nome cogitado para um papel mais importante na hierarquia da SS, foi transferido para postos nos quais se familiarizou melhor com o escopo do feudo de Himmler. Mais notadamente, serviu um período no front russo, cuidando do trabalho administrativo que levou à pilhagem organizada de Kiev. Acabou sendo promovido a Standartenführer, o equivalente a coronel, então foi transferido para Berlim, onde assumiu o comando do Bureau II.

O sucesso do Bureau II nas operações de falsificação e a habilidade de Spacil em disfarçar as origens de riquezas saqueadas convenceram Kaltenbrunner, e depois Himmler, de que podiam confiar nele para remover de Berlim os ativos líquidos restantes da SS e transportá-los para esconderijos na Áustria, para serem usados por combatentes da resistência e agentes secretos que seriam o núcleo de um movimento clandestino cujo objetivo era restaurar uma ordem nazista na Alemanha pós-ocupação. Naqueles últimos dias da guerra, Spacil foi promovido a Oberführer, posto equivalente a general de brigada, com autoridade para requisitar quaisquer recursos humanos e transportes necessários à sua missão.

Em meados de abril de 1945, os principais ativos do Reich em Berlim já haviam sido despachados para minas de sal e outros repositórios subterrâneos nos Alpes. O desafio de Spacil foi mais difícil. Ele dispunha de um montante estimado em 25 milhões de dólares em ouro, metais preciosos, diamantes e papel-moeda para distribuir e salvaguardar das forças de ocupação dos Aliados, reaver sem dificuldades e esconder de modo que nenhum agente nazista individual além dele tivesse acesso a todos os locais. Com os navios do Reich afundando, poucos eram os homens em quem podia confiar que não sucumbiriam à tentação de se apropriar do ouro nazista.

Spacil escolheu a vizinhança de Zell am See, um resort nos Alpes, como ponto de distribuição para suas operações. Ele já estava familiarizado com a área, pois a SS possuía escritórios no Castelo de Fischhorn, próximo de lá, onde mantinha um programa altamente secreto de criação de cavalos. Himmler chamava-o de escola de equitação, como citado nos relatórios de inteligência da G-2. O CIC, porém, descobrira que o verdadeiro propósito do castelo não era ensinar a andar a cavalo. Na verdade, ele abrigava um laboratório de pesquisas genéticas para onde eram levados animais grandes, velozes, fortes e atraentes de toda a Europa a fim de criar um “supercavalo” capaz de suportar climas hostis e viver em terrenos difíceis.

O Castelo de Fischhorn e o resort vizinho de Zell am See, conforme se

descobriu, também eram destinos favoritos de nazistas que estavam fugindo dos Aliados. Hermann Göring e sua família haviam se mudado para lá em abril de 1945, quando Carinhall foi ocupado pelos soviéticos, e alguns chefes e oficiais graduados da SS, com quem Spacil contava para ajudá-lo, já estavam vivendo por lá ou se escondiam em refúgios mais remotos nas montanhas.

Naqueles últimos dias frenéticos do Reich, Spacil viajava sem parar, voando da Alemanha à Áustria e depois fazendo sucessivas viagens entre o Castelo de Fischhorn, a casa suntuosa de sua esposa em Bad Ischl e a residência de sua amante em Salzburgo. Quando não estava no ar, ele se deslocava num comboio formado por seu Mercedes sedã, diversos jipes e um caminhão carregado de tesouros. Quando o exército aliado se aproximou do Castelo de Fischhorn, ele dispensou o caminhão e os jipes e transportou o ouro e outros tesouros em sacos e cofres empilhados no porta-malas e no banco traseiro de seu carro. Em suas idas e vindas, encontrava-se com uma série de contatos que deveriam se tornar o exército de resistência – fazendeiros e lenhadores, funcionários municipais, comerciantes e, em vários casos, membros da Juventude Hitlerista.

Entre os contatos de alto escalão com quem se encontrou em abril de 1945 estavam seu superior imediato, Ernst Kaltenbrunner, e os principais subordinados dele: o chefe do Bureau IV da Gestapo, Heinrich Müller, e o chefe da polícia criminal, Friedrich Panzinger. Os dois, assim como Martin Bormann, estavam no topo da lista de procurados pela G-2. Os informes do CIC listavam vários outros nomes importantes, entre eles Otto Skorzeny, o favorito das unidades de assalto de Hitler; o Sturmbannführer Schuster, subordinado-chave do próprio Spacil; e, o mais relevante para a investigação de Horn, Erich Naumann, o agente de inteligência que operara os esquadrões da morte móveis na União Soviética e que depois foi transferido para Nuremberg, pouco antes da invasão. Um centro de comunicações no Castelo de Fischhorn fornecia o vínculo vital com o bunker do Führer em Berlim, onde outros membros do alto-comando nazista se encontraram pela última vez.

A descoberta do papel que o Oberführer desempenhou nos dias finais do Reich atraía a atenção do CIC sob circunstâncias dramáticas. Em 7 de maio, após ter depositado um tesouro em Graz, na Áustria, Spacil dirigia seu Mercedes quando entrou em Zell am See e avistou, para sua surpresa, um soldado americano conduzindo para fora da aldeia uma longa coluna de soldados alemães capturados. Chegara enfim o momento, decidiu ele, de sumir de vista. Então abandonou o veículo, disfarçou-se de sargento e juntou-se à 352ª Divisão de Volksgrenadiers, que estavam sendo levados a pé para um campo de prisioneiros de guerra em Munique. No caminho, confidenciou sua identidade ao comandante da divisão, o capitão Gerhardt Schlemmer, a quem

pediu o favor de não revelar sua verdadeira patente. Com o apoio do comandante, Spacil passaria a ser conhecido como sargento Aue.

Schlemmer não se sentiu muito à vontade com o subterfúgio, mas concordou em colaborar. Somente mais tarde, depois de chegarem ao campo de prisioneiros de guerra de Ebersburg, o capitão mudou de ideia. Àquela altura, Spacil lhe confidenciara que tinha acesso a um tesouro de 1 milhão de dólares em ouro. Com a ajuda e a cooperação do capitão, pretendia usar a fortuna para subornar seus captores e escapar da prisão militar. Além de comprar a liberdade para ambos, o Oberführer lhe ofereceu parte do tesouro para que ele desaparecesse e forjasse uma nova identidade, como Spacil pretendia fazer.

Sem saber se podia acreditar nele, Schlemmer discutiu a proposta com seu subordinado, o tenente Walter Hirschfeld, que achou que o acordo era má ideia. O capitão corria o risco de ser condenado à morte caso fosse flagrado auxiliando na fuga. Hirschfeld tinha um outro motivo pessoal para não ajudar Spacil. Antes de recuar com os Volksgrenadiers para a Áustria, servira no front soviético com uma companhia de soldados que removeu móveis caros, champanhes, comidas finas e outros itens luxuosos confiscados de casas de judeus. As ordens da companhia eram entregar os bens a mansões privadas de altos comandantes nazistas. Spacil e outros oficiais da SS viviam como reis, enquanto os soldados da linha de frente, como Hirschfeld, passavam frio e fome nas estepes da União Soviética. Não queria ver o Oberführer escapar e pôr a mão nos milhões saqueados, enquanto ele e o restante dos Volksgrenadiers, além de centenas de milhares de outros que participaram dos verdadeiros combates, morriam nos campos de prisioneiros de guerra.

Com o apoio de Hirschfeld, Schlemmer revelou a verdadeira identidade do sargento Aue ao agente da inteligência americano John Alter. Depois que este investigou e se convenceu de que Aue era de fato Josef Spacil, submeteu o caso ao agente de campo do CIC Claus Nacke. Juntos, Alter e Nacke bolaram um plano para induzir Spacil a revelar o local de um ou mais dos esconderijos das pilhagens da SS. Grampearam secretamente a barraca de Spacil para gravar conversas entre ele, Schlemmer e Hirschfeld. Para mantê-lo falando, o CIC fez com que Schlemmer e Hirschfeld convencessem o Oberführer de que poderiam obter sua libertação subornando um dos “guardas americanos corruptos” para que lhe vendesse um certificado de liberação. O documento traria a assinatura e a impressão digital necessárias de um oficial americano. Depois que Spacil entregasse o dinheiro e recebesse o certificado, só precisaria preenchê-lo com o nome do sargento Aue para ganhar a liberdade.

Após várias semanas juntos na barraca de prisioneiros de guerra, durante as quais foram gravadas muitas horas de conversa, Spacil se mostrou impaciente. Disse que era imprescindível ser libertado o mais rápido possível.

Senão perderia o contato com toda a sua rede de agentes de campo recém-criada. Tendo recebido todas as informações que achavam que conseguiriam obter, Schlemmer e Hirschfeld fingiram abordar seu contato americano corrupto, o tenente Nacke.

Nacke desempenhou bem seu papel. Spacil forneceu a ele uma carta assinada a ser entregue a um guarda-florestal em Taxenbach, nas imediações de Zell am See. Uma vez estabelecido o contato e entregue a carta, o tenente diria a esse homem uma senha, “sol”, e seria conduzido a um dos esconderijos do tesouro. Se tudo corresse bem e Spacil obtivesse a liberdade, mais recursos estariam disponíveis pela libertação de Schlemmer e Hirschfeld.

Nacke assumiu o comando da operação. Acompanhado por Alter e tendo como guia o Volksgrenadier Hirschfeld, foram de carro até Taxenbach, no coração dos Alpes austríacos. Após enfrentarem algumas dificuldades, encontraram os contatos de Spacil, revelaram a senha e acabaram sendo conduzidos à sede de uma fazenda em Rauris, cerca de 13 quilômetros ao sul de Zell am See. Lá, sob as tábuas do assoalho de um celeiro, acharam o equivalente a 1 milhão de dólares em barras de ouro. Depois que os contatos locais de Spacil foram presos, o lugar foi revistado e cerca de 100 mil dólares em espécie foram descobertos atrás de uma vedação de tijolos no sótão.

Em 18 de junho, Alter, Nacke e Hirschfeld colocaram aquela parte da fortuna de Spacil – 19 sacos de moedas e barras de ouro, três sacos de prata, duas caixas de moedas e 117.752 dólares em espécie – em um jipe e um trailer e voltaram para o quartel-general do CIC em Pullach.

Mas nem tudo ocorreu conforme fora planejado. Durante a viagem de volta, Alter perdeu o controle do jipe, ficou gravemente ferido e foi enviado a um hospital de Munique. Não demoraram a descobrir a causa de sua incapacidade de manobrar nas estradas das montanhas. Quando suas roupas foram tiradas no hospital, viram que ele levava escondidos 220 francos-ouro, 2.780 libras-ouro, 850 notas de libras esterlinas, nove anéis, quatro relógios e uma cruz cravejada de joias e diamantes. Aparentemente não se podia confiar sequer nos oficiais da inteligência americana quando se tratava dos saques nazistas.

Mas a história principal, é claro, foi o tamanho do tesouro recuperado em uma única missão na Áustria. O CIC entrou em atividade frenética, acionando os contatos de Spacil e usando Hirschfeld como agente secreto para rastrear mais pilhagens. A equipe, à qual se juntou depois o ex-secretário de Spacil, Gredl Biesecker, alcançou grande sucesso. Barras de ouro no valor de 200 mil dólares foram encontradas num segundo local, e mais de 2 milhões de dólares acabaram sendo achados imersos numa lagoa rasa, escondidos em sótãos ou enterrados na beira de estradas. Mas aquilo era pouco comparado com cerca de 20 milhões de dólares em outros ativos que o CIC suspeitava estarem ainda

ocultos.

Entretanto o tempo se esgotava. Spacil estava impaciente e cada vez mais desconfiado do atraso de seu certificado de liberação. Enfim parou totalmente de conversar, sendo detido e trancafiado numa cela de prisioneiro de guerra no Campo Oklahoma, perto de Munique, com outros oficiais do alto escalão da SS. Uma revista corporal revelou três cápsulas de cianeto costuradas na roupa dele. Acabou sendo transferido para o campo de prisioneiros de Bischofswiesen, num castelo onde os nazistas haviam encarcerado centenas de ingleses deportados das ilhas Jersey e Guernsey, no canal da Mancha. Lá, especialistas do CIC o submeteram a intensos interrogatórios.

De início, Spacil alegou nada saber sobre esconderijos de ouro e dinheiro roubados, nem os nomes e paradeiros de seus antigos colegas. Sua língua desatou em interrogatórios subsequentes quando confrontado com o que o CIC havia descoberto, e ele revelou informações fascinantes e, às vezes, fantásticas. Coube ao tenente-coronel Gutierrez reuni-las num mosaico coerente.

As informações mais fantásticas que ele forneceu foram detalhes dos últimos dias de Hitler em Berlim e dos planos de Himmler de um ressurgimento neonazista. Spacil afirmou que o Führer não morrera em seu bunker particular. Protegido pela escuridão da noite, disfarçado de civil, foi transportado em segredo para fora de Berlim num pequeno avião. Um dublê de corpo parcialmente cremado foi deixado para trás para enganar os soviéticos.

O Oberführer também contou que recebeu um vasto sortimento de dinheiro, ouro e joias para esconder em nome do Reich. Entre os tesouros constava o último uniforme usado por Hitler em seu bunker, seus diários pessoais, as joias de sua mulher, Eva Braun, e uma ampla coleção da correspondência do casal. Ele contou que as cartas quase se perderam quando o avião que as transportava caiu na periferia de Berlim, mas foram enfim recuperadas e levadas ao Castelo de Fischhorn por agentes secretos.

Spacil também afirmou que possuía informações em primeira mão sobre o esconderijo das Joias da Coroa, o que interessava a Horn e Rosenthal. Em 1º de abril, em reunião com Kaltenbrunner, o chefe da Gestapo Heinrich Müller e chefes graduados do RSHA em Berlim, Spacil foi informado de que os tesouros mais valiosos da coleção do Sacro Império Romano haviam sido removidos do bunker de Nuremberg por um agente da Gestapo seguindo ordens do Reichsführer, levados ao Castelo de Fischhorn, colocados no Mercedes pessoal de Himmler e transportados ao extremo sul do lago Zell.

Capítulo 20

Saques nazistas

30 de julho de 1945

HORN E ROSENTHAL PASSARAM o resto do dia lendo vários informes do CIC que detalhavam investigações complementares sobre oficiais nazistas e agentes suspeitos da resistência clandestina, expedições de caça a tesouros ao redor do Castelo de Fischhorn e de Zell am See e resumos dos interrogatórios relacionados a elas. As investigações referentes a Spacil e seus cúmplices no RSHA ainda se estenderiam por alguns anos, mas Horn e Rosenthal já tinham lido o suficiente para saber por que o CIC não compartilhara seus conhecimentos com a comunidade de inteligência mais ampla e por que, depois de encerradas as expedições de caça aos tesouros, os detalhes dessas investigações – e talvez sua própria pesquisa dos itens desaparecidos das Joias da Coroa – dificilmente seriam um dia liberados ao público.

Aquele e outros temas foram o foco da conversa quando os dois oficiais retornaram ao Campo Freising e compararam suas anotações. Naquela noite não jantariam nem tomariam a relaxante garrafa de vinho, nem sequer jogariam xadrez ou ouviriam a voz melodiosa de Josephine Baker na vitrola. Passariam a noite discutindo suas descobertas e refletindo sobre o quadro geral dos interesses da inteligência americana na Alemanha do pós-guerra.

Os documentos que examinaram deixaram Rosenthal num estado de ânimo anormalmente sombrio. O Bureau II era a divisão que forçara sua família a abrir mão da casa e da livraria que possuía em Munique, e os dois nazistas de alta patente que haviam se encontrado com Spacil no Castelo de Fischhorn – o chefe da Gestapo Heinrich Müller e o administrador do RSHA Oberführer Friedrich Panziger, ambos ainda foragidos dos Aliados – foram responsáveis diretos pela execução dos tios, tias e primos do suboficial. Mas outro fato lançou uma sombra no geralmente animado Rosenthal. Os arquivos do CIC levantavam sérias dúvidas sobre como as informações vinham sendo coletadas e utilizadas na Alemanha do pós-guerra. As atividades do CIC não eram tão éticas e corretas como o público e grande parte dos próprios agentes de inteligência eram levados a crer.

Os dois haviam descoberto que a investigação sobre Spacil era a história de um antigo criminoso nazista de alta patente, atualmente mantido num campo

especial do CIC, que estava colaborando com chefes da inteligência para recuperarem pilhagens nazistas. Mas os objetos roubados não estavam sendo devolvidos às vítimas cujas vidas tinham sido destruídas e cujas propriedades foram confiscadas pelos nazistas, nem depositados nos fundos para a reconstrução da Europa devastada pela guerra. Havia claros indícios de que estavam sendo transferidos, sem nenhuma supervisão aparente das USFET, para contas controladas pelo CIC de modo a ajudá-lo a formar seu próprio tesouro e, supostamente, expandir suas operações de espionagem. A vasta fortuna em dinheiro falsificado podia estar tendo o mesmo destino.

As ações do CIC estavam longe da conduta criminoso dos esquemas de lavagem de dinheiro do Bureau II, mas suas operações eram regidas pelo mesmo princípio. Nem Horn nem Rosenthal ficaram realmente chocados com aquelas revelações. Vinham servindo na G-2 por tempo suficiente para saberem que, para os agentes de alto nível, muitas vezes os fins, quaisquer que fossem, justificavam os meios. Entretanto, a investigação de Spacil lançou uma luz sobre contradições perturbadoras entre as palavras e as ações do país que os adotara. Suas mensagens soavam ofensivamente vazias para aqueles dois oficiais da inteligência que tinham dedicado as carreiras durante a guerra a devolver a justiça a uma nação onde os direitos humanos, as liberdades civis e a liberdade de informação haviam sido desrespeitados por mais de uma década. O que mais atraiu Horn ao MFAA foram seus princípios elevados de justiça e integridade. Mas, pelo que os dois viram nos arquivos sobre Spacil, o CIC não estava agindo de acordo com as mesmas regras.

A primeira descoberta constrangedora foi que Spacil, fornecendo informações e pilhagens nazistas em troca de sua vida, não constava da lista de nazistas capturados que respondiam a processos criminais. Não que fosse se livrar para sempre do julgamento, pois ele poderia ser levado ao tribunal de crimes de guerra. Mas até a data do último informe nos arquivos do CIC, o homem vinha recebendo tratamento preferencial como uma testemunha sob proteção. Aparentemente, o governo da ocupação e o CIC queriam vê-lo colaborando com suas próprias operações de inteligência, em vez de pendurado na forca.

Walter Hirschfeld era outro exemplo de subversão da justiça. O ex-oficial da SS confessara abertamente ter saqueado lares de moradores judeus de Kiev. Por ter ajudado a capturar Spacil, recebeu a liberdade, um salário e um cargo como agente secreto do CIC. De acordo com os relatórios resumidos do órgão, ele depois se infiltrara em várias operações de resistência, mas fora dispensado dos serviços recentemente por ser suspeito de chantagear ex-nazistas e roubar objetos pilhados pelo Reich – e, o que era ainda pior, estava envolvido num assassinato para encobrir seu comportamento enganador em relação ao CIC. Contratar ex-nazistas, quaisquer que fossem as vantagens a curto prazo,

equivale a deixar que a corrupção contaminasse todos os níveis da inteligência. Não se podia confiar em Hirschfeld mais do que em Schmeissner ou Fries, que trabalhavam em escritórios do Palácio da Justiça de Nuremberg.

Depois havia o caso do agente secreto John Alter, flagrado roubando pilhagens nazistas recuperadas por ele e pelo agente Nacke, do CIC. Ele não tinha sido processado, apenas removido do CIC. Seus crimes obviamente não eram da mesma grandeza daqueles dos criminosos que roubaram os tesouros, mas não houve nenhum empenho em responsabilizá-lo. De algum modo, Alter fora dispensado honrosamente e voltara para casa.

Muitos outros indícios surpreendentes e perturbadores de corrupção em diferentes níveis do comando americano emergiram dos arquivos de Spacil. Os esforços para reaver tesouros no Castelo de Fischhorn e em suas imediações, diretamente relacionados ao interesse de Horn em recuperar as Joias da Coroa, eram um bom exemplo.

O tenente-coronel Gutierrez, ou um de seus subordinados, enviara um agente secreto à Áustria com a missão de ver o que podia ser encontrado. Além de dragar um trecho do lago Zell, o agente recebeu ordens de recuperar arquivos da SS e outros documentos nazistas que estavam em Fischhorn quando os americanos se apossaram da propriedade. Ao chegar, não encontrou quase nenhuma mobília, nem os documentos, nem mesmo o grande cofre, semelhante ao do castelo de Himmler.

A supervisão em Fischhorn e nos arredores foi totalmente negligente. Além do roubo dos arquivos e da remoção do cofre e de outras propriedades, os soldados vinham reivindicando suvenires à vontade e se reunindo na piscina para recreação, embebedando-se e tomando sol nus com garotas austríacas locais. Grandes quantidades do champanhe francês, do rum espanhol e dos cigarros de Göring tinham desaparecido. Um alto oficial da ocupação chegara ao ponto de enviar a cama de Göring, com todos os lençóis, colchas e fronhas, para sua casa em Atlanta.

De maior interesse para Horn, como certamente para Mason Hammond, era o fato de que diversos objetos desaparecidos do castelo tinham uma relação direta com as investigações de recuperação e repatriação do MFAA. O mais valioso tesouro desaparecido era a pintura *Madona com criança*, do venerado artista flamengo Hans Memling. Com ela desapareceram o punhal e a espada cravejada de joias de Reichsmarschall de Göring. Como revelavam os documentos do CIC, a pintura havia sido inventariada, mas acabou indo para a coleção de arte particular de um general americano. O punhal fora vendido por um soldado raso que queria comprar uma granga no Texas.

O furto da espada de Göring foi igualmente escandaloso. De acordo com os documentos, ela fora confiscada por um terceiro oficial que alegou tê-la encontrado por acaso no Castelo de Veldenstein, para onde a Sra. Göring fora

transferida pelos americanos em 11 de junho de 1945. O oficial confessou ter se apropriado do objeto, afirmando que não tinha nenhuma importância especial. A Sra. Göring, porém, deu outra versão, afirmando que o oficial americano a fizera acreditar que o marido seria libertado da prisão no dia seguinte. Em sua euforia, ela lhe entregou seu melhor uniforme, suas medalhas e sua espada para que o marido trajasse algo especial em sua volta triunfal para casa.

Horn e Rosenthal não se aprofundaram nos aspectos mais indecorosos da inteligência revelados pelos arquivos. Havia erros, roubos e negligência de ambos os lados. Sua tarefa mais imediata era descobrir até que ponto as informações fornecidas por Spacil eram exatas.

Muito do que o Oberführer contou ao capitão Schlemmer no campo de prisioneiros de guerra Oklahoma, e confessou aos agentes do CIC após sua prisão, fazia sentido. Himmler e Kaltenbrunner tentaram criar um movimento de resistência com sede na Áustria, tendo nomeado Spacil para administrá-lo e financiá-lo. Se a resistência não conseguisse impedir a invasão da Alemanha, seus membros deveriam se infiltrar no governo da ocupação e tentar gerar um movimento revolucionário cujo objetivo final seria criar uma nova ordem do Reich.

Os registros deixavam claro que a resistência era muito menos organizada do que as atividades do RSHA durante a guerra e por fim se mostrou ineficaz. Mas ela recebera muitos recursos. Spacil realizara a tarefa sobre-humana de ocultar cerca de 25 milhões de dólares em ativos do Reich em questão de poucos dias. A descoberta de partes desse tesouro nos locais exatos para onde ele conduziu os investigadores convenceu-os de que tais recursos existiam e de que o Oberführer estava contando a verdade.

Ao mesmo tempo, Spacil prestara testemunhos aparentemente falsos ao CIC. O mais óbvio foi o relato dos últimos dias de Hitler, que o Oberführer alegou ter recebido no Castelo de Fischhorn em comunicação pelo rádio com o ditador e outros altos comandantes nazistas no bunker do Führer.

Em suas primeiras declarações, Spacil afirmou que Hitler havia sido ferido por estilhaços de bomba durante uma subida à superfície para ver a invasão de Berlim pelos soviéticos. Isso conflitava com as informações da unidade G-2 de Rosenthal. Spacil também alegou que o ditador não se matara no bunker, tendo sido na verdade capturado pelos soviéticos e levado para fora de Berlim. Embora aquilo fosse possível, todos os indícios sugeriam o contrário. Além disso, o Oberführer se contradisse em um interrogatório subsequente ao contar que Hitler escapara de Berlim de avião.

Era bem provável que Spacil tivesse inventado as histórias iniciais para que Schlemmer, no Campo Oklahoma, se impressionasse com a importância e a influência que ele tinha na hierarquia nazista. Com isso, o capitão poderia

acreditar que Spacil tinha acesso ao ouro e ao dinheiro que afirmava ter escondido. Mais à frente, depois que ele ficou sob a guarda do CIC, pode simplesmente ter enganado os interrogadores para levá-los a acreditar em seus piores temores: que o Führer continuava vivo e era prisioneiro dos soviéticos. Os americanos não ousariam enforcar o homem cuja ajuda poderia levá-los à verdade.

Havia também a questão dos pertences pessoais de Hitler, entre os quais os diários, a correspondência e as joias de Eva Braun. De acordo com Spacil, o general da Luftwaffe Robert Ritter von Greim e a piloto de testes Hanna Reitsch receberam ordens de voar para Berlim em missão especial a fim de recuperar aqueles e outros objetos valiosos não identificados antes que os soviéticos dominassem a cidade. À meia-noite de 28 de abril, a dupla teria escapado por pouco, decolando, num monomotor, de um amplo bulevar diante do Portão de Brandemburgo. Segundo o relato, o avião subiu ao céu em meio a uma saraivada de artilharia e explosões de projéteis soviéticos. Além do mais, Spacil insinuou que aquele não fora o único plano de fuga da cidade nas horas finais.

Spacil não identificou quem, no comando nazista, lhe contara tais coisas, mas forneceu informações tentadoras nas quais o CIC tinha motivos para acreditar. O Oberführer afirmou que outro avião transportando alguns dos objetos pessoais de Hitler e demais tesouros do Reich caíra na periferia de Munique. Forneceu a data, a hora presumida e o local. Piloto e copiloto morreram no acidente, e a carga foi resgatada por membros da resistência. Agentes da inteligência conseguiram confirmar a queda de um avião que correspondia ao depoimento de Spacil. Sua suposta carga, porém, não pôde ser confirmada.

Finalmente, e mais importante para a investigação de Horn, restava a questão das Joias da Coroa. Spacil afirmava ter ouvido falar sobre os tesouros em uma reunião com os chefes do RSHA de Himmler, realizada em 1º de abril no escritório que Kaltenbrunner tinha em Berlim. Durante o encontro, o chefe da Gestapo Müller avisou ao comandante do RSHA e sua alta direção que as obras de arte haviam sido protegidas. No que Spacil presumia serem ordens do Reichsführer, os cinco itens mais importantes da coleção do Sacro Império Romano foram guardados em caixas de zinco especialmente fabricadas, removidas do bunker da Alameda dos Ferreiros por um oficial confiável da Gestapo, levadas por terra ao Castelo de Fischhorn, colocadas na traseira do Mercedes de Himmler e depois remetidas à seção sul do lago Zell. Spacil afirmou desconhecer quem fora enviado a Nuremberg para realizar a tarefa ou quem poderia fornecer mais detalhes.

Como os relatos de Spacil sobre outros tesouros ocultos, o que ele disse poderia ser verdade. As caixas de cobre mencionadas pelo diretor de museu

Lutze e pelos dois vereadores de Nuremberg poderiam ter sido colocadas dentro de caixas de zinco maiores para protegê-las das intempéries. Ou Himmler e seus auxiliares, ou o próprio Lutze, poderiam ter se enganado sobre o material das caixas. No entanto, o detalhe mais importante – a remoção dos tesouros em caixas lacradas – era compatível com o depoimento de Fries e de Schmeissner.

Tomando por base o que Spacil contara aos interrogadores, o CIC tentara sem sucesso localizar as Joias da Coroa no lago Zell. O fracasso do CIC nas buscas do Mercedes de Himmler não provou que o Oberführer estivesse mentindo. As águas frias e plácidas do lago eram muito profundas, o que dificultava uma operação de busca e resgate. Poderiam se passar semanas ou meses até que o automóvel com os tesouros fosse localizado, se é que eles estavam lá.

Rosenthal achou o relato de Spacil suficientemente detalhado para ficar convencido de que as Joias da Coroa realmente haviam ido parar no lago Zell.

– É apenas uma questão de tempo, pois elas surgirão – disse ele. – Junto com o carro de Himmler e talvez os diários do Führer.

Horn, no entanto, ainda não estava convencido. Além da questão do metal usado para produzir as caixas, vários detalhes o incomodavam.

O menos importante, mas mesmo assim digno de atenção, era por que o destino dos tesouros seria discutido abertamente em uma reunião dos chefes do RSHA. Se a intenção de Himmler era manter um local secreto para um movimento de resistência nazista ou neonazista, por que o revelara a homens que, àquela altura do conflito, poderiam vir a ser interrogados pela inteligência inimiga ou responder por crimes de guerra? Pelo raciocínio de Horn, seria preferível fornecer tal informação a um agente secreto, alguém que não apareceria na tela do radar dos Aliados, assim como Spacil não revelara os locais secretos de seus depósitos de ouro aos colegas oficiais de alta patente.

Havia ainda a questão do afundamento das Joias da Coroa no lago, uma possibilidade que atormentava Horn desde que Rosenthal chamara sua atenção para ela. Não fazia sentido que tivessem feito isso com o tesouro enquanto o ouro e outros itens valiosos foram ocultados em locais de fácil acesso, como sob as tábuas do assoalho de uma serraria do Tirol ou sob penedos nos Alpes.

– Como os agentes nazistas os recuperariam? – perguntou Horn ao amigo.
– Como ter certeza de que não entraria água nas caixas, danificando os artefatos?

Rosenthal bancou o advogado do diabo, sugerindo que Himmler mandara acondicionar as caixas de cobre em caixas de zinco como uma dupla camada de proteção.

– Além disso – acrescentou ele –, as Joias da Coroa não são como os

demais tesouros. Elas só têm importância se o movimento de resistência ou um Reich neonazista retornar ao poder.

A argumentação de Rosenthal até tinha lógica. As Joias da Coroa não eram objetos valiosos que seriam trocados por dinheiro, usados para subornar guardas a fim de libertarem um prisioneiro de guerra ou para comprar comida e armas no mercado negro. Mas os artefatos teriam valor para o homem que se tornaria rei, o novo imperador do Reich. Tal líder, ao assumir o poder, poderia perfeitamente ordenar que o lago inteiro fosse drenado ou despachar grupos com equipamento de mergulho para reaver o Mercedés.

Horn ainda não se convencera de que os tesouros estavam onde Rosenthal dissera desde o início. Seu problema imediato, porém, era o que fazer a respeito dessa questão. Uma equipe de mergulhadores da Marinha já vinha vasculhando o lago Zell. Além disso, era altamente improvável que Horn, nos nove dias de investigação que lhe restavam, fosse capaz de rastrear o movimento de um agente da Gestapo ainda incógnito viajando de Nuremberg para Zell am See.

O tenente decidiu retornar a Nuremberg. A história que os dois vereadores contaram fazia sentido, até certo ponto. Ele estava convencido de que nenhuma autoridade municipal teria entregado um tesouro como as Joias da Coroa a um agente de patente incerta e nome desconhecido. Além disso, as autoridades municipais na Alemanha eram reconhecidas pela atenção meticulosa aos detalhes burocráticos. Ainda que o prefeito Liebel tivesse pedido especificamente que não mantivessem um registro do que seria seu encontro fatídico no bunker, Fries e Schmeissner teriam lembrado a data da transferência. O que mais na história eles estariam ocultando? E quem protegiam? O próprio Spacil? Ou talvez, como dissera Troche, uma confraria teutônica clandestina incumbida de zelar por antigos símbolos do Reich e também salvaguardá-los para o futuro?

Independentemente do que mais os vereadores sabiam, tudo o que Horn descobrira até então – com base em suas discussões com Troche, sua breve mas repugnante visita à cripta de Himmler e os relatórios das investigações do CIC – provava que os tesouros do Sacro Império Romano eram de fato importantes para Hitler. Portanto, ele teria que seguir a única pista que restava. Enquanto nazistas ou neonazistas ainda detivessem alguns daqueles símbolos de sucessão dinástica, a nuvem sombria do Quarto Reich pairaria sobre a Europa.

– Tive uma ideia – disse a Rosenthal. – Vou dar um susto nos dois vereadores de Nuremberg que os levará a confessar.

– Como pretende fazer isso?

Horn respondeu que tinha um plano, uma artimanha tirada do livro de xadrez do próprio Rosenthal. Precisava partir para o ataque. Tudo o que o

amigo teria que fazer era persuadir Gutierrez a transferir o Oberführer Spacil para o Campo King, em Frankfurt.

Rosenthal não considerou aquela abordagem realista. Gutierrez jamais deixaria Horn interrogar Spacil sem uma ordem direta das USFET. Ele era inacessível a qualquer um fora do CIC.

– Eu não vou interrogá-lo. Pelo menos, não agora. Só quero que seja trazido para Frankfurt.

Rosenthal ainda tinha dúvidas de que o pedido de Horn fosse levado a sério. Mesmo que o CIC estivesse disposto a transferir o prisioneiro, a solicitação teria que vir de alguém com patente superior à de um tenente do MFAA.

– Faça com que Gutierrez leve o assunto a Patton – pediu Horn. – Se o coronel esbravejar, farei com que Mason Hammond pergunte o que o CIC fez com os 2 milhões de dólares em tesouros nazistas desenterrados em Zell am See. E aproveite para perguntar sobre o quadro de Memling. Diga que o MFAA o quer de volta. Isso deve agilizar as coisas.

Capítulo 21

Campo King

1 a 4 de agosto de 1945

O SUCESSO DO PLANO DE HORN dependia de dissimulação, certo talento dramático e um elemento surpresa. Por isso, ao retornar a Nuremberg, o tenente não revelou a Günter Troche o propósito de sua visita. Por mais essencial que o amigo fosse para sua investigação, Horn não podia correr o risco de o curador inadvertidamente informar aos colegas do museu o lance ousado que estava tramando. O fato de o prefeito Liebel não ter mais controle sobre a Câmara Municipal não significava que sua infantaria fiel não mantivesse contato, ou que uma ordem moderna de Cavaleiros Teutônicos – caso tal confraria realmente existisse – não estivesse infiltrada de alto a baixo no governo da ocupação. Nenhum civil estava acima de suspeita.

Confiar em Thompson acarretava um risco semelhante. O oficial de ligação do MFAA tentara obstinadamente impedir a investigação do tenente antes mesmo de ela começar, e ele só o acompanhou até o Palácio da Justiça para interrogarem Schmeissner e Fries sob a ameaça de perder o emprego na equipe da ocupação. Mas, apesar do receio, Horn precisava do apoio do capitão para que seus planos tivessem alguma chance de sucesso.

Não encontrou Thompson na mesa a que ele costumava se sentar no bar do clube dos oficiais nem no quartel-general da ocupação. Para agradável surpresa do tenente, o capitão estava em campo. Horn encontrou-o diante do Tiergärtner Tor, na praça calçada com pedras logo abaixo da Alameda dos Ferreiros, supervisionando uma equipe de operários que instalava um telhado de ardósia na casa de Albrecht Dürer.

– Impressionante – disse Horn, elogiando a decisão do capitão de salvar aquele patrimônio histórico. – O major Hammond vai adorar.

A intenção do tenente não foi lembrar seu conselho anterior de que o capitão restaurasse a casa do artista, e sim exaltá-lo por fazer a coisa certa – e Thompson aceitou o elogio. Grande parte de Nuremberg estava virando um depósito de lixo, mas aquela estrutura, um símbolo do que a antiga cidade tinha de bom e duradouro, inspiraria uma nova geração.

O capitão ficou satisfeito em vê-lo. Conduziu Horn pelas ruínas da construção, em estilo enxaimel alemão tradicional, até um aposento nos

fundos, onde outra equipe removia o reboco dos relevos arquitetônicos das paredes e fazia as instalações hidráulicas. Mesmo que Thompson e sua equipe não conseguissem devolver a residência ao seu estado pré-guerra, tinham salvado dos escombros o máximo possível da casa original.

Thompson informou Horn sobre outros acontecimentos positivos na cidade. Uma equipe que trabalhava num castelo próximo recuperara a estrutura pesada que suportava os painéis do altar de Veit Stoss e as imagens douradas guardados no bunker da Alameda dos Ferreiros. O altar, agora completo, estava pronto para ser repatriado à Polônia. Mais relevante para os interesses gerais do MFAA era que o novo governador militar, o coronel Charles Andrews, prometera reestruturar a administração civil e fornecer os dólares e o contingente necessários para reanimar a desmoralizada equipe da ocupação. Thompson garantiu a Horn que ele ainda veria outras mudanças positivas em Nuremberg antes que os julgamentos começassem.

A euforia inesperada do capitão tornava mais fácil para Horn explicar o favor que queria. O tenente aproveitou a oportunidade quando já estavam longe o bastante para que os operários não os ouvissem mais.

– Gostaria que você prendesse Schmeissner e Fries – pediu ele.

Passou-se um instante até Thompson entender que Horn falava sério. Ele queria que o capitão assinasse as ordens de prisão naquela mesma manhã.

Como se podia esperar, Thompson ficou abismado com a ideia. Os dois vereadores já haviam confessado sua participação no roubo. No que lhe dizia respeito, a questão estava solucionada. Era hora de ir em frente.

– A ideia é dar um susto nos dois, levando-os a acreditar que a inteligência do Exército sabe que eles conspiraram o tempo todo para ocultar as Joias da Coroa e que, como Himmler e Liebel estão mortos, o comando dos Aliados pretende puni-los.

O capitão mostrou-se indiferente. Como mais tarde comentaria com Rosenthal, ele deu a entender que ia correr de volta ao clube dos oficiais para tomar um drinque. Ou que mandaria o tenente se apresentar ao novo governador militar para receber um puxão de orelha.

Horn explicou que, para o plano ser bem-sucedido, era necessário que os vereadores fossem levados ao bunker para uma aparente inspeção final. Diante dos colegas e do pessoal – aqueles que tinham trabalhado para construir e operar a instalação –, o tenente faria com que os dois assinassem um documento atestando que cinco itens das Joias da Coroa haviam desaparecido da câmara. Depois disso, quando pensassem que seriam dispensados, Thompson faria com que fossem presos e colocados nas celas da prisão do Palácio da Justiça que Schmeissner vinha reformando. No dia seguinte, um deles ou ambos seriam transferidos para uma cela no Campo King, nas imediações de Frankfurt, longe de todos os seus conhecidos em Nuremberg.

– Quero que acreditem que foram identificados pela unidade G-2 e pelo CIC como agentes secretos de Himmler – explicou. – Quando estiverem suficientemente assustados com relação ao futuro, pedirei que sejam levados para outra sessão de interrogatório. Então, farei com que um dos capangas pessoais do Reichsführer seja conduzido perante eles.

Tratava-se de Josef Spacil, que Himmler e Kaltenbrunner incumbiram de financiar e supervisionar o movimento de resistência.

– Chocados e assustados, um deles ou ambos poderiam admitir novos detalhes de sua participação no complô mais amplo – disse Horn. – Pelas expressões em seus rostos, no mínimo saberei se Spacil foi o agente enviado por Himmler para levar as Joias da Coroa.

Thompson explicou que estaria assinando a própria demissão se o plano de Horn falhasse. Andrews o despacharia num avião de volta à Virgínia sem que ele tivesse tempo de fazer as malas, e nada do que o tenente ou Hammond dissessem faria qualquer diferença.

Horn apresentou um cenário alternativo. Se a investigação avançasse, Thompson, como o oficial mais graduado do MFAA na cidade, seria anunciado como aquele que decifrou o caso das Joias da Coroa desaparecidas. O capitão não devia esquecer que o hotel estava repleto de jornalistas ávidos por divulgarem a notícia.

Thompson animou-se ligeiramente com o plano de Horn, embora a ideia de conceder entrevistas à imprensa não fosse suficiente para conquistá-lo.

– Você me deve esta – disse o tenente. – Eu tinha razão sobre Schmeissner e Fries antes, assim como tenho agora. Eles já admitiram que são mais do que apenas nazistas convictos. Liebel confiou a eles as chaves da câmara subterrânea contendo o tesouro mais valioso da Alemanha. E você também.

Mesmo o olhar severo de Horn não foi suficiente para convencer Thompson. Mas o capitão enfim cedeu, suspeitou o tenente, porque estava realmente cansado de deixar que ex-nazistas dessem as cartas na cidade que ele e sua equipe tentavam governar – e talvez por causa da mudança da maré causada pela chegada do coronel Andrews. Muitos de seus colegas estavam sendo investigados pela CID por não terem removido adequadamente os nazistas da força de trabalho civil de Nuremberg. A destituição do governador Fuller foi apenas a primeira de várias dispensas que resultariam, até o fim do ano, na substituição de praticamente toda a equipe da ocupação.

Numa tentativa de salvar sua carreira, Thompson aparentemente decidira deixar o antro do clube dos oficiais, assumir suas responsabilidades e ter êxito ao conduzir as operações. Não importava a possível comoção que a perda dos cargos por Schmeissner e Fries provocaria, ou que o presidente do tribunal tivesse que dividir temporariamente seu alojamento com o grupo de secretárias. O único lugar para ex-nazistas no Palácio da Justiça era o banco

dos réus.

Horn o cumprimentou pelo apoio. Faltava apenas preencher certos papéis e reunir alguns auxiliares para colocarem o plano em prática no dia seguinte.

Tudo aconteceu como fora planejado.

Na manhã seguinte, os vereadores foram impedidos de entrar em seus escritórios no Palácio da Justiça. Enquanto discutiam com o policial militar no portão, Horn e uma escolta militar completa chegaram com ordens de Thompson de levá-los ao bunker. Conforme se podia prever, os dois ficaram furiosos com a interrupção inesperada de seu trabalho. Schmeissner reclamou mais alto, afirmando que sua contribuição ao esforço da ocupação vinha em primeiro lugar. Ele protestou dizendo que tinha responsabilidades junto ao governo militar.

Horn fingiu ignorar as intenções de Thompson e disse apenas que tinha ordens de preparar um inventário final a ser enviado ao comando dos Aliados em Frankfurt.

– Será uma última visita – assegurou-lhes Horn. – Provavelmente uma mera formalidade.

Fries manteve-se impassível. Como o tenente mais tarde anotaria no seu relatório, o vereador fez beicinho e se empertigou, tentando adotar uma postura militar, depois olhou para o colega em busca de orientação. Schmeissner deu de ombros e comentou outra vez que a interrupção do trabalho era uma inconveniência inaceitável.

Aquela foi a primeira de uma série de surpresas para a dupla. Dentro do bunker, os vereadores foram confrontados com as testemunhas que Horn já havia entrevistado, entre elas o inspetor administrativo do abrigo, o administrador da coleção e as duas funcionárias. Aquele foi outro sinal de que algo importante estava ocorrendo, embora nenhum dos dois tivesse ideia do que seria.

Reunir a antiga equipe na câmara subterrânea foi puro jogo de cena, afinal o MFAA não precisava de outro inventário. A intenção era fazer com que Fries e Schmeissner acreditassem que novas informações haviam sido obtidas e que Thompson estava oficialmente encerrando o caso. Horn explicou que queria apenas que as principais autoridades que tiveram ligação com o bunker e suas operações verificassem quais itens estavam na câmara. Além disso, pediu-se que cada um assinasse um juramento de fidelidade ao governo da ocupação. Os dois foram os últimos a assinar o documento, alegando ser desnecessário, já que tinham feito um juramento semelhante ao governador militar anterior.

– Estou certo de que isto não passa de outra formalidade – informou Horn. – Não precisam se preocupar.

De fato, isso ficou claro depois que os dois homens enfim assinaram os documentos e foram levados para fora. Horn tomou posse das chaves da

câmara subterrânea e ordenou que os vereadores fossem presos.

De novo, o tenente fingiu ignorar a intenção de Thompson. Ele desconhecia as acusações. As ordens tinham vindo de Frankfurt. O capitão certamente iria explicar. Talvez aquilo não passasse de uma confusão.

Thompson não estava presente para assegurar aos vereadores, agora assustados, que houvera uma confusão. Ele não apareceu no bunker naquela manhã, nem na prisão do Palácio da Justiça para onde Schmeissner e Fries foram conduzidos.

Um dia inteiro se passou até que Horn reaparecesse, dessa vez para acompanhar Fries até Frankfurt.

O tenente decidira se concentrar nele e deixar Schmeissner em Nuremberg, com base na observação de que Fries era o menos estável e mais sensível, e talvez o mais vulnerável da dupla. Na sessão de interrogatório anterior e na última ida ao bunker, quem mais falou foi Schmeissner. Fries assentia com a cabeça, concordando, ou olhava para o colega aguardando instruções. Se estivesse sozinho, sem orientação, temendo a prisão perpétua ou uma sentença rigorosa por crimes de guerra, Fries seria mais suscetível a revelar o que sabia.

– Mas por que tenho de ir a Frankfurt? – protestou o vereador ao ser conduzido por Horn para fora da cela.

Horn mostrou-se evasivo, oferecendo sua solidariedade ao compatriota alemão. Tinha ordens de levar os vereadores para o Campo King. Era tudo o que sabia. Claro que Fries entendia, frisou, que ele, um mero tenente, estava apenas cumprindo as determinações de seu superior.

– Deve ser mais alguma papelada – disse o tenente, tentando não soar convincente demais. Fries teria que assinar documentos no alto-comando e ele estava apenas fazendo o que haviam mandado.

O ar impassível do vereador se desfez quando ele foi algemado e conduzido a um jipe que o aguardava. Permaneceu cabisbaixo no banco traseiro ao lado de Horn durante as quatro horas de viagem.

Ao deixarem Nuremberg e se juntarem à procissão de outros veículos militares na autoestrada, Fries fez mais algumas perguntas a Horn. Quanto tempo ficaria preso? Por que as autoridades não fizeram a gentileza de deixar que ele ligasse para a mulher e os três filhos? E, como Horn já esperava, por que Schmeissner não estava sendo levado a Frankfurt? O tenente propositadamente evitou falar sobre o outro vereador ou a respeito do caso. Em vez disso, conversou sobre o andamento da colheita de outono na Alemanha, perguntando em voz alta se haveria fome quando o inverno chegasse.

O assunto que Horn abordou era algo em que todos os cidadãos alemães pensavam, principalmente os fazendeiros sem combustível para operar o

equipamento pesado nos campos. Até os cavalos estavam em falta, já que os nazistas os tinham levado para o front oriental e os soviéticos acabaram ficando com eles. Nas entrelinhas, Horn pretendia abalar o vereador com essa conversa. Se Fries fosse detido e estivesse num campo de prisioneiros de guerra quando a neve castigasse o país no inverno, ele não poderia cuidar de sua família.

O Campo King era o cenário perfeito para o ato seguinte. Essa instalação de alta segurança, com duas cercas de arame farpado contornando seu perímetro, dava a impressão de ser um centro de interrogatório nazista. E, como o já assustado vereador logo descobriria, estaria em companhia de gente famosa, ainda que execrável. Entre os prisioneiros estavam o almirante Dönitz, o sucessor escolhido por Hitler; Hans Frank, o ex-ministro do Reich e governador-geral da Polônia ocupada; Albert Kesselring, o supremo comandante da ofensiva nazista na França e na Europa Ocidental; e o marechal do ar Göring. Entre os prisioneiros também havia algumas mulheres, entre elas Hanna Reitsch, a piloto de testes que foi a última fugitiva conhecida a visitar o bunker de Hitler e escapar de Berlim. E, graças a Rosenthal, logo se juntaria ao grupo o Oberführer Josef Spacil.

Após transpor o portão principal, Fries foi conduzido para a área de prisioneiros, um grande prédio de cimento com portas de aço e barras nas janelas. Ali, Horn entregou o vereador aos guardas, que já haviam sido orientados a tratá-lo como se fosse um oficial nazista aguardando ser julgado por crimes de guerra.

Pela primeira vez na vida, Fries passou pelo procedimento constrangedor de ser fichado, ter as impressões digitais colhidas, ser fotografado e privado de todos os seus pertences. Os guardas levaram seu relógio, sua caneta-tinteiro e sua carteira. Examinaram sua boca à procura de alguma cápsula de veneno que ele pudesse ter escondido. Depois o levaram para uma solitária deprimente com barras de ferro na janela, na qual havia apenas um catre estreito.

Como precaução, Horn deu ordens específicas para que ele fosse vigiado constantemente e não pudesse se matar. Impossível saber como o burocrata já instável e petrificado reagiria àquele novo ambiente. O tenente não queria ser responsabilizado pela morte do vereador e sabia muito bem, após a tentativa fracassada de suicídio de Kaltenbrunner, que uma pequena distração – como, por exemplo, cadarços deixados num par de sapatos – poderia frustrar o esforço de submeter um prisioneiro à justiça.

Enquanto Horn permanecia com Fries, um oficial do CIC trazia Josef Spacil de um campo de prisioneiros em Laufen, na fronteira com a Áustria. A transferência, feita sem aviso prévio, foi mais fácil do que esperara. Como Spacil fora ao Campo King para fins de identificação, não de interrogatório, e

estava acompanhado de Robert Gutierrez, o oficial responsável por ele, era tudo uma questão de logística – um favor do CIC à unidade G-2, negociado pelo hábil Rosenthal.

O plano era fazer a acareação entre Fries e Spacil na manhã seguinte, sexta-feira, 4 de agosto. Horn imaginou que o clímax seria o momento em que ele, falando alemão, apontaria para Spacil, acompanhado de Gutierrez, e perguntaria a Fries:

– Foi este o homem a quem você entregou as Joias da Coroa?

Se Fries não conseguisse identificar Spacil, repetiriam a rotina com Schmeissner. Horn ainda não decidira até que ponto insistiria na questão, mas, como um esforço final, interrogaria cada um deles separadamente, levando-os a acreditarem que seriam responsabilizados pelos crimes do prefeito Liebel, que não podia mais ser processado. Mesmo assim, era uma aposta arriscada. Horn poderia ter sorte, mas também poderia voltar à estaca zero.

Na manhã seguinte, após o nascer do sol, Fries recebeu um café da manhã pobre, em que mal tocou, sendo depois levado à sala de interrogatórios e questionado pelo capitão da G-2 sobre os planos de Himmler de um movimento de resistência sediado na Baviera. Seu interrogador tinha que convencer Fries de que o serviço de inteligência do Exército sabia que ele era um agente secreto incumbido de ajudar a acabar com a ocupação dos Aliados e liderar o ressurgimento nazista. O oficial não se referiu ao bunker nem à câmara subterrânea. Aquele papel cabia a Horn, que apareceu pontualmente 30 minutos depois, após o vereador ser deixado sozinho por 10 minutos para refletir no que havia sido dito.

Horn entrou na sala com lápis e papel. Notou que Fries estava ainda mais pálido do que antes, com sinais de fadiga em consequência da noite passada na solitária. Após dispensar o oficial, ele disse a Fries que estava ali para ajudá-lo a preparar uma declaração formal que seria apresentada em breve nos julgamentos em Nuremberg.

– As Joias da Coroa fazem parte de um agregado maior de valores e barras de ouro que o Reichsführer Himmler mandou que fossem ocultados e que a inteligência americana está em vias de recuperar – explicou Horn, dizendo que as barras de ouro financiariam a insurreição neonazista e as Joias da Coroa forneceriam símbolos ao Quarto Reich.

Após uma pausa para que o vereador refletisse sobre suas palavras, Horn aplicou seu estratagema. Admitiu que a remoção dos tesouros do bunker não tornava Fries necessariamente um criminoso, já que na época ele estava sob jurisdição nazista, cumprindo ordens do prefeito Liebel.

– O senhor estava fazendo o que mandaram e nada sabia sobre uma conspiração para financiar um movimento neonazista na Áustria – começou. – Mas, se sabe o local onde estão as insígnias da Coroa e não o revela, será

culpado de conspirar com um movimento subversivo. A punição para tal ação é o enforcamento. Tudo o que estamos pedindo é que assine uma declaração juramentada confirmando o que disse anteriormente sobre os artefatos que desapareceram.

Fries empalideceu ainda mais. Mas entendeu o que estava sendo solicitado a fazer e as consequências potenciais caso mentisse sob juramento. Horn colocou uma folha de papel diante dele e ditou, em inglês, o que o vereador deveria escrever: “Eu, Johann Wilhelm Konrad Fries, vereador de Nuremberg, juro...”

Enquanto o homem escrevia, Horn percebeu um estranho drama grafológico se desenrolar à sua frente. A pena do vereador se retardou à palavra *juro*. Ao começar a escrever *por Deus Todo-Poderoso*, sua mão tremeu ligeiramente.

O vereador não hesitou por escrever em língua inglesa. Naquele instante, Horn soube que seu pressentimento estava certo. Fries encobria algo.

O tenente esperou alguns minutos e depois o pressionou para que continuasse escrevendo.

– Não tenho o dia inteiro.

O homem pôs sua caneta de lado e ergueu o olhar. Seu rosto estava molhado de suor.

– Se o senhor encontrar os itens desaparecidos das Joias da Coroa, o que fará com eles? – perguntou num tom desagradável.

O mais calmamente possível, Horn respondeu que eles seriam naturalmente devolvidos ao proprietário legal, fosse Nuremberg ou Viena. A decisão caberia ao governo dos Aliados e aos tribunais alemães.

– Neste caso – disse ele –, sei onde eles estão e o levarei até lá.

Horn consultou o relógio. Em 30 segundos, Spacil seria trazido à sala, pondo em ação uma armadilha que não era mais necessária. A presença do Oberführer poderia dar uma pausa a Fries, fazendo com que pensasse melhor e mudasse de ideia.

O tenente pegou o telefone e informou a Gutierrez, que estava na sala ao lado, que não precisava mais de sua ajuda na sala de interrogatórios. Depois, voltou-se para Fries e perguntou:

– Onde estão os artefatos?

Os homens de Himmler não tinham ido a Nuremberg para apanhar os tesouros. Aquela foi a história que Liebel induzira Fries e Schmeissner a contarem ao exército de ocupação. Por ordens do prefeito, Julius Lincke pusera os itens que desapareceram nas caixas de cobre. Fries e Schmeissner então os colocaram em bolsas de pano discretas, levando-os de bicicleta até um segundo bunker. Eles estavam escondidos, revelou o vereador, sob uma escola primária junto à Praça Pannier, em Nuremberg.

Capítulo 22

As Joias da Coroa

5 a 6 de agosto de 1945

A CAÇA DE HORN AOS tesouros desaparecidos estava quase concluída. Sua investigação, porém, estava longe de ser completada. O diabo eram os detalhes.

Konrad Fries alegou que, por ordens do prefeito Liebel, ele e seus colegas vereadores haviam removido as Joias da Coroa do bunker em 31 de março a fim de protegê-las do Exército americano invasor e da ocupação inevitável. Ele disse que agiu “pelo prefeito, pela cidade de Nuremberg e pela Alemanha”.

A explicação do vereador podia ser verdadeira. Fries cumprira o que acreditava ser seu dever patriótico, por mais confusas e equivocadas que fossem suas afiliações. O desafio de Horn era encaixar o relato de Fries na conspiração maior e mais complexa posta em ação no dia seguinte, 1º de abril, em Berlim, quando começaram os planos de financiar e mobilizar um movimento de resistência clandestino que tinha como objetivo criar uma nova ordem do Reich na Alemanha ocupada. Independentemente das mentiras, dos exageros e das informações falsas de Josef Spacil aos seus captores do CIC, estava claro que os itens desaparecidos das Joias da Coroa foram guardados para uma ordem nazista revitalizada e que a direção do RSHA sabia que tinham sido colocados em caixas de metal e removidos do bunker recentemente.

Horn tirou diversas conclusões. A segurança dos tesouros, sem dúvida, preocupava os chefes graduados do RSHA, e Kaltenbrunner ou Himmler tomara medidas para salvaguardá-los. Além disso, um dos dois, e possivelmente Müller e o próprio Spacil, devem ter tido contato direto com o prefeito Liebel ou seus vereadores de Nuremberg. A questão com que Horn ainda se defrontava era por que a direção do RSHA fora levada a acreditar que o tesouro tinha sido afundado no lago Zell, e não removido para um novo esconderijo em Nuremberg.

A lógica apontava para a teoria de Troche. Himmler não atribuiu a tarefa de proteger o tesouro aos seus próprios agentes – homens que, se não se suicidassem, acabariam sendo presos ou caçados como criminosos de guerra. Ele confiou a tarefa a agentes secretos, possivelmente uma fraternidade

teutônica moderna sob a direção de Liebel, cuja missão oculta era promover o Quarto Reich. A infiltração dos vereadores de Nuremberg nos níveis superiores da equipe de ocupação civil da cidade podia ser considerada o primeiro passo para ressuscitar o regime nazista sob uma nova aparência. As Joias da Coroa seriam reveladas quando um novo líder estivesse pronto para assumir o trono do Reich.

Enquanto acompanhava Fries de volta a Nuremberg, Horn refletiu sobre a possível cumplicidade dos vereadores na trama nazista maior e mais complexa. Não discutiu o assunto com ele pelo mesmo motivo que não o confrontara com Spacil. Sua tarefa principal era levar as Joias da Coroa de volta para a câmara subterrânea. Se tudo corresse bem e os artefatos fossem encontrados, Horn os devolveria em segurança ao bunker no dia seguinte. Somente depois de conseguir isso mergulharia mais fundo nas motivações dos protagonistas por trás do roubo. Os vereadores, assim como Spacil e talvez o próprio Kaltenbrunner, teriam que ser interrogados para revelar os detalhes exatos.

Quando chegaram a Nuremberg, Horn levou Fries a uma cela na cadeia do Palácio da Justiça, verificou como estava Schmeissner, numa cela próxima, e depois se reuniu com Thompson em seu escritório no quartel-general da ocupação.

O capitão ficou empolgado com as notícias de Horn. Num instante, localizou o abrigo antibombas da Praça Pannier em seu mapa do MFAA. A instalação, disse ele, era bem maior do que o bunker da Alameda dos Ferreiros, com mais de 50 aposentos, corredores, passagens e vãos de escadas que haviam recebido milhares de desabrigados após a invasão. Originalmente, fora um abrigo de emergência para alunos de uma escola primária, mas, depois que o colégio foi fechado e a maioria das crianças da cidade foi evacuada para o campo, a instalação foi expandida e reformada para abrigar os moradores da cidade durante os ataques aéreos, bem como um centro de comunicações nazista e um centro de tratamento médico de emergência.

O acesso ao local era feito pelo andar térreo da escola, e todos os refugiados e desabrigados que o ocupavam haviam sido evacuados somente um mês antes. Como fizera com os outros abrigos subterrâneos, Thompson deu ordens para que aquele fosse fechado com tábuas e trancado. Após ouvir Horn, o capitão mandou que a polícia militar ficasse de guarda na entrada e que uma unidade adicional patrulhasse a área inteira até que as Joias da Coroa fossem recuperadas.

Bem cedo na manhã seguinte, Horn retornou ao Palácio da Justiça e levou Fries sob escolta militar até a Praça Pannier, que ficava a leste da Alameda dos Ferreiros. Os tesouros que o fizeram percorrer a Alemanha aparentemente estavam escondidos a cerca de 900 metros de onde sua investigação começara.

Acompanhado por dois pedreiros, um metalúrgico e um policial militar

carregando lanternas, Thompson encontrou-se com Horn e Fries diante das ruínas destelhadas da escola. Alguns minutos depois, a equipe percorreu os corredores desertos do prédio até chegar a um corredor mais largo. A entrada do abrigo subterrâneo estava fechada por uma placa de compensado. Os guardas a removeram facilmente, expondo um lance de degraus de cimento que desciam para a escuridão.

De baixo veio o fedor de urina e excrementos. Aquela não era uma antiga adega de cerveja limpa, bem iluminada e ventilada, e sim uma catacumba úmida e claustrofóbica, onde milhares de moradores haviam permanecido de pé ou agachados, lado a lado, enquanto suas casas queimavam em cima.

Fries os conduziu vários lances de degraus abaixo, passando por uma grande sala retangular com uma mesa telefônica e um transmissor de rádio, e depois por outro lance até um labirinto de túneis estreitos que serpenteavam sob a praça adjacente. As lanternas oscilantes, que projetavam sombras nas paredes de cimento, iluminavam brevemente canos e fios elétricos. Num dos aposentos eles viram fileiras de pias e chuveiros. Outro continha caixas de carvão e uma fornalha.

A câmara à qual Fries os conduziu a seguir servira de sala de aula. Havia um grande quadro-negro de ardósia numa das extremidades do cubículo de cimento e filas de carteiras de madeira. Uma cartilha coberta de mofo jazia aberta no chão. Folhas de fichário e latas de comida abertas estavam espalhadas, bem como roupas imundas, cobertores, garrafas vazias de bebidas e outros restos deixados pelas pessoas que tinham se refugiado ali.

Continuaram caminhando pelo aposento até um nicho.

– Aqui – disse Fries, apontando para um local perto do teto.

Pedreiros haviam emboçado as paredes. A combinação de mofo da umidade que gotejava do arenito e fuligem da fumaça de lanternas camuflara bem o esconderijo. Quem olhasse para lá não podia saber que um buraco tinha sido aberto na parede.

Os homens da equipe de Thompson entraram em ação removendo uma seção de 1,2 por 1,2 metro da parede e do teto. Remover o reboco havia sido fácil, mas os 60 centímetros de cimento por trás requeriam o uso de picareta. Três horas e meia depois, suados, os soldados alcançaram o espaço escavado que continha o tesouro. Depois bastou que enfiassem a mão no buraco para remover argamassa solta e pedaços de arenito e revelar duas pilhas de caixas de cobre.

Horn retirou-as do nicho e as colocou no chão. O metalúrgico acendeu o maçarico para romper os lacres. O trabalho não demorou quase nada e as caixas foram abertas. Dentro delas, envoltos em fibra de vidro e em perfeitas condições, estavam os itens desaparecidos da coleção do Sacro Império Romano: o orbe, o cetro, a coroa, a espada imperial e a cerimonial. O tesouro

reluzente dos antigos soldados-reis mais uma vez mudava de mãos.

Uma hora depois, Horn e Thompson, acompanhados dos guardas, devolveram as Joias da Coroa à câmara subterrânea da Alameda dos Ferreiros. Os dois oficiais americanos e Fries assinaram um documento confirmando sua devolução ao local em que elas foram guardadas anteriormente.

Não houve celebração. Depois de duas semanas e meia de investigação, Horn estava exausto e Thompson, talvez relutante em assumir o mérito de uma missão na qual tivera apenas uma participação secundária, ofereceu ao tenente pouco mais do que um aperto de mão e um brinde no clube dos oficiais.

Ainda que Horn quisesse desfrutar uma merecida celebração, a devolução das Joias da Coroa coincidiu com a notícia bem mais monumental que chegou aos oficiais no dia seguinte. Os teletipos de Nuremberg transmitiam a mensagem de que um avião dos Aliados lançara uma bomba atômica em Hiroshima. “Little Boy”, como a arma experimental de 4.400 quilos foi chamada, detonou sobre um campo de paradas japonês. Como os oficiais e o mundo inteiro logo viriam a saber, 60% de Hiroshima fora destruída e cerca de 70 mil moradores foram aniquilados em apenas cinco segundos.

A sobrecarga das linhas telefônicas e telegráficas atrasou até o dia seguinte a ligação que Horn faria para Mason Hammond a fim de lhe dar a notícia.

O major impressionou-se com o trabalho do tenente. Na verdade, não acreditara que ele teria sucesso em sua missão.

– Vou pedir sua promoção – prometeu Hammond.

Horn agradeceu ao major por ter lhe dado a oportunidade de desempenhar um papel nessa missão do MFAA e depois detalhou os vários passos que dera para assegurar a volta do tesouro. Enfatizou as várias questões em aberto sobre a decisão de Himmler de transferir as Joias da Coroa e o que devia ser uma operação de resistência secreta para proteger os símbolos do Reich para as gerações futuras. Por pouco não nomeou os membros do que poderia ser uma confraria teutônica que surgira no decorrer de sua investigação e expressou sua crença de que o próprio Hitler esteve envolvido na decisão de proteger as relíquias sagradas para um ressurgimento nazista.

Ao fim, Horn revelou a Hammond o que não saía de sua cabeça desde que escrevera seu relatório na Bélgica. Não se expressou como fizera em seu relatório do Campo Namur, antes de Troche lhe mostrar o projeto das reformas que o Führer pretendia para Nuremberg, ou depois que visitou a cripta nazista no castelo de Himmler – antes de vir a entender plenamente o Terceiro Reich como uma monarquia feudal e Hitler como o supremo soberano do Sacro Império Romano.

– Hitler pretendia se coroar o próximo imperador do Sacro Império Romano – disse a Hammond. – Aquilo fazia parte da visão do Führer para a Alemanha e o mundo. Era seu plano mestre. Caso não conseguisse alcançar

esse objetivo para si mesmo, queria as insígnias imperiais para seu sucessor.

Houve um longo e incômodo silêncio do outro lado da linha. Quando Hammond enfim falou, não foi para confirmar ou negar a conclusão do tenente. Disse apenas que havia arquivos no quartel-general das USFET – mais do que aqueles mantidos pela unidade G-2 e pelo CIC – que gostaria de compartilhar com Horn. Nada de urgente, mas desejava que o tenente os lesse antes de redigir seu relatório final.

– Venha ao meu escritório e conversaremos sobre isso e nossos próximos passos – convidou Hammond.

Horn ficou de encontrá-lo em Frankfurt. O tenente também solicitou uma breve licença, de cinco ou seis dias, antes de se apresentar para o serviço. No entanto, não revelou especificamente seu itinerário.

Hammond concedeu a licença, lembrando que sua autorização de viagem, os vouchers de combustível e as ordens das USFET eram válidos pelo resto do mês.

– Só tome cuidado para que eu não precise negociar sua libertação com os soviéticos – alertou ele.

Lembrando que a família de Horn ficou dividida entre as zonas de ocupação, o major acabou adivinhando as intenções do tenente. Estaria ultrapassando sua autoridade se permitisse que Horn saísse do território ocupado pelos Estados Unidos. Porém o jipe, os vouchers de combustível e o motorista estavam disponíveis para o tenente até o fim do mês. Como ele escolheria usá-los não era problema de Hammond.

Após se despedir de Thompson e fazer uma última visita a Günter Troche, Horn verificou se as bebidas, os tecidos e os suprimentos adicionais continuavam na mala e a colocou no jipe. Tudo estava no devido lugar, como Dollar prometera. Satisfeito, Horn anunciou que podiam partir. Iriam para o norte, em direção a Bayreuth.

– Tenho um assunto para resolver – contou, sem dar maiores detalhes. Quanto menos o soldado soubesse, menores as chances de Horn ser repreendido por fazer uma viagem não autorizada à zona soviética.

Dollar não fez perguntas até alcançarem os arredores de Bayreuth e Horn revelar que o deixaria num hotel durante a noite e dirigiria o jipe ele mesmo até o destino seguinte. Dollar, porém, relutou em entregar as chaves sem uma explicação.

– É só por esta noite – garantiu-lhe o tenente. – Pegarei você amanhã cedo.

Como Horn mais tarde descreveria, o soldado se recusou a entregar as chaves. O veículo, lembrou ele, era temperamental. Funcionara bem até então, mas ninguém sabia o que podia acontecer se Horn, em vez de Dollar, estivesse ao volante.

O tenente insistiu em não envolver seu motorista no próximo trecho da

viagem e revelou os crimes que pretendia cometer nas 24 horas seguintes. Entraria em uma área soviética sem autorização dos americanos ou dos russos. Tecnicamente, também estaria roubando o veículo, já que não fora autorizado a levá-lo a território estrangeiro. Além disso, a maleta de contrabando para o mercado negro, acorrentada ao estepe do jipe, violava as regras militares, sem falar na aproximação que precisariam fazer dos cidadãos alemães.

O tenente mencionou diversas outras infrações menores, antes de revelar o crime mais grave, que poderia levá-lo a um campo de trabalhos forçados soviético ou, no mínimo, a corte marcial.

– Pretendo entrar clandestinamente na zona soviética, localizar minha mãe e minha meia-irmã e levá-las escondidas para a Heidelberg ocupada pelos americanos.

– Isso é tudo? – perguntou Dollar, sorrindo. Então tirou do bolso a chave do jipe e a balançou, provocadoramente, diante de Horn. Ele iria acompanhá-lo, quer o tenente quisesse, quer não.

Capítulo 23

A barganha faustiana

7 e 8 de agosto de 1945

AS CÂMERAS LEICA eram os artigos de luxo mais desejáveis ainda produzidos na Alemanha do pós-guerra. Os corpos eram produzidos na zona americana, as lentes, na soviética e os obturadores, na francesa. Para os fabricantes, o desafio era driblar os regulamentos draconianos que impediam que as peças fossem remetidas de uma zona de ocupação para outra. Passes interzonas praticamente não existiam. Mesmo assim, as câmeras eram produzidas aos milhares e vendidas no mercado negro de Berlim a Munique.

Pois Horn tentaria entrar na zona soviética da mesma forma que os motoristas de caminhão atravessavam as fronteiras: oferecendo propina. Para aumentar as chances de sucesso, escolheu um posto de controle suficientemente remoto a fim de não chamar atenção para si e Dollar. Pretendia cruzá-lo num horário de pouco tráfego, dando aos guardas uma propina adequada, mas não exorbitante. Se oferecesse pouco, estimularia a negociação, e isso poderia atrasá-los. Se oferecesse muito, levantaria suspeitas quanto ao propósito da visita.

Após examinar o mapa, Horn selecionou um cruzamento da fronteira bem isolado a oeste de Jena, uma comunidade rural sem grandes instalações militares ou industriais. Em suas estradas de terra transitavam fazendeiros transportando queijo, e não comboios de soldados. Racionar os produtos de sua mala – mais valiosos do que dinheiro – foi uma decisão difícil.

Penetrar na zona soviética com seu motorista, raciocinou Horn, seria mais barato do que sair de lá com dois passageiros adicionais – sua mãe, Mathilde, e sua meia-irmã, Friedl. Duas garrafas de uísque, algumas latas de sardinhas e um sortimento de meias de náilon seriam uma remuneração adequada. Horn colocou tudo numa mochila, que poderia facilmente entregar aos guardas, reduzindo o risco de que revistassem a mala e descobrissem as provisões maiores, de que certamente precisaria na viagem de volta.

Deixaram a autoestrada logo após o pôr do sol, quando o tráfego militar diminuía e havia poucos pedestres circulando. Por causa do toque de recolher, os cidadãos alemães não podiam sair de casa após as seis da tarde. Não haveria fila no posto de controle e, se tudo corresse bem, voltariam a cruzar a fronteira

bem depois da meia-noite, quando o risco de serem detidos e possivelmente aprisionados seria ainda menor.

Nos quilômetros seguintes, rumaram para leste por uma estrada de terra entre pastos e fazendas isoladas. Nenhum sinal de blindados ou veículos de transporte de tropas abandonados, ou outros destroços da guerra. Se algum combate ocorrera ali, os soviéticos já haviam recolhido a sucata, ou os aldeões tinham aproveitado as peças para os equipamentos agrícolas.

O terreno acabou ficando mais rochoso, e os pastos deram lugar a vinhedos meticulosamente escalonados. O posto de fronteira soviético ficava adiante, bem posicionado entre um grupo de árvores de um lado e uma antiga rocha do outro. Como previra Horn, o posto não passava de uma tora de madeira improvisada bloqueando a estrada, controlada por dois guardas com lanternas. Seu alojamento era uma barraca esfarrapada no bosque adjacente.

Dollar reduziu a velocidade do jipe e deixou o motor em marcha lenta ao chegarem à barreira. Surpreso pelo aparecimento dos dois soldados americanos uniformizados naquela estrada deserta, um dos guardas, cuja única identificação era uma estrela vermelha no boné, elevou o rifle ao nível da cintura. Não foi propriamente um gesto agressivo, mas um sinal para impedir que Horn e o motorista avançassem. Seu colega saiu da barraca, aproximou-se do jipe e mirou a lanterna em seus rostos.

Horn sabia uma ou duas palavras em russo, mas nem precisou abrir a boca. Um mero sorriso, uma inclinação da cabeça, uma demonstração exagerada de afeto de um soldado aliado para outro foram suficientes para expressar suas intenções amigáveis. Não, eles não estavam perdidos ou em missão oficial, comunicou em linguagem corporal.

Antes que o guarda pudesse pedir seus documentos, Horn falou em inglês, esforçando-se para empregar sua melhor “pronúncia ianque” do Campo Ritchie, como dizia Rosenthal quando o amigo queria esconder seu sotaque alemão.

– Só demos uma saída para nos divertir – disse ele.

O tenente então abaixou o olhar para a mochila nos tornozelos e, com cuidado para não parecer que pegaria uma arma, entregou-a ao guarda.

– Para meus camaradas russos – disse ele, com uma fanfarrice proporcional ao valor dos objetos.

O guarda pegou-a sem fazer comentários, espiou dentro dela e depois disse algo ao colega que segurava o rifle.

Os dois examinaram o butim e, sem mais delongas, removeram a barreira da estrada e acenaram para que passassem.

Dollar avançou devagar com o jipe e eles prosseguiram viagem, logo passando por Jena, uma cidade de casas medievais bombardeadas e ruas estreitas de mão única. Poderiam estar em qualquer parte da Alemanha

ocupada, não fossem as bandeiras do Exército Vermelho pendendo da torre do relógio. Uma tropa de soldados de ambos os sexos matava tempo diante do que restara de uma velha estalagem. Não prestaram a mínima atenção quando Dollar passou por eles, manobrando o jipe entre casas em estilo enxaimel iluminadas e um estábulo.

Onze anos haviam decorrido desde que Horn vira sua meia-irmã no funeral do pai em Heidelberg, e mais tempo ainda desde que visitara sua casa na periferia de Jena. Primogênita da família, Friedl foi a primeira a se formar e lutar pela vida. Pelas últimas notícias que tivera, ela ensinava álgebra e trabalhava em meio expediente como contadora.

Surpreendentemente, ele não teve grandes dificuldades para localizar sua casa de dois andares com vigas de madeira, desgastada pelas intempéries. Uma ou outra veneziana estava meio solta na água-furtada, e a sebe em frente precisava ser aparada. Um carrinho de mão cheio de esterco no jardim adjacente era um sinal certo de que a casa ainda estava ocupada. A luz da janela do vestíbulo sugeria que havia alguém em casa.

A única dúvida agora era se Friedl e sua mãe ainda moravam ali. A meia-irmã podia ter vendido a casa, abandonado a propriedade ou sido despejada para dar lugar a soldados soviéticos.

Não fazia sentido perder tempo. Dollar estacionou atrás da residência para o jipe não ser avistado da rua, enquanto Horn caminhava até o alpendre e espiava pelas janelas. Não vendo ninguém, bateu de leve na porta da frente.

Depois de um momento, uma mulher olhou para fora por uma janela lateral. O tenente não conseguiu ver seu rosto com clareza suficiente para confirmar sua identidade, e não dava para saber se ela o via bem. A moradora ouvira sua batida ou, mais provavelmente, já tinha sido alertada da presença de alguém na propriedade pelo som do jipe estacionando nos fundos.

Não podia culpá-la por estar desconfiada. Somente os russos dispunham de combustível para veículos motorizados, e um toque de recolher rigoroso impedia visitas casuais de vizinhos.

– É o Walter – disse Horn baixinho.

No instante seguinte, Friedl abriu a porta. Nada disse de início, apenas permaneceu calada na entrada, olhando-o de cima a baixo pelo que pareceu uma eternidade.

A irmã não era o que se poderia chamar de uma mulher bonita. Tinha uma aparência mais bávara do que os demais membros da família: ombros amplos e redondos e quadris largos e ondulados. Além disso, os anos de guerra não haviam sido generosos com ela. Seus cabelos louros acobreados tinham se tornado grisalhos, suas bochechas rosadas haviam empalidecido, e seus lábios, antes perfeitos e brilhantes, agora estavam rachados e sem cor. Seus olhos azul-claros, porém, continuavam iguais e fitavam Horn como se ele fosse um aluno

precisando de uma repreensão.

Depois, ainda sem se dirigir a ele, numa atitude típica de seu temperamento frio e impassível, deu meia-volta e dirigiu-se aos fundos do vestibulo, à escada que levava ao segundo andar.

– Mathilde! – gritou ela. – Há alguém na porta querendo ver você.

Logo depois, sua mãe desceu a escada com cuidado. Ao contrário de Friedl, não hesitou em cumprimentá-lo. Ao vê-lo, instintivamente acelerou o passo e lhe deu um forte abraço.

Com a cabeça no ombro do filho, deve ter sentido o alívio dele por saber que estava viva e bem, assim como ele também pôde sentir o alívio da mãe.

Ele abraçou as duas e os três ficaram juntos ao pé da escada. Então Horn voltou a examinar a mãe com um olhar mais atento, tentando detectar sinais de provas e subnutrição.

Por incrível que pareça, não encontrou nenhum. Uma mulher delicada, com os cabelos brancos longos presos num coque, um nariz pontudo prussiano e dedos afilados, ela envelhecera graciosamente. Fazia uma década desde que a vira pela última vez sentada no escritório do pai compondo poemas, mas ela mantinha uma dignidade discreta e um porte encantador.

– Meu filho é um oficial – disse a mãe em alemão, radiante de orgulho. – E muito elegante.

Horn vestira seu uniforme não para impressionar a família, mas para parecer importante ao cruzar a fronteira.

De trás veio o soldado Dollar, que entrara carregando latas da cooperativa militar e garrafas de aguardente, apresentando-se como a outra metade da equipe de resgate.

Friedl endireitou a gravata sempre torta de Dollar, depois, num inglês capenga, mandou que ele se endireitasse, pois estava diante de duas mulheres. Apesar da guerra, ela não mudara em nada.

Dirigiram-se à sala de jantar e conversaram por quase uma hora até Horn revelar o motivo de sua vinda.

– Vocês estarão melhor em Heidelberg, na zona americana, onde posso protegê-las.

De início, tanto Friedl quanto a mãe protestaram. Nada haviam sofrido durante a ocupação e, embora os soldados estacionados em Jena tivessem se entregado a uma orgia de um mês de saques e estupros, às vezes chegando à zona rural, a situação agora melhorara e não dava sinais de que iria piorar.

Mas Horn contou a elas a dura realidade.

– Ninguém sabe o que os russos farão depois da colheita do outono, com a chegada do inverno e suas famílias passando fome na União Soviética. Após levarem a comida, derrubarão as árvores e levarão os móveis.

Friedl não discutiu. Disse apenas que não partiria, independentemente do

que ocorresse. Pouca coisa podia acontecer que ela já não tivesse vivenciado. A convicção em sua voz deu a entender a Horn que ela passara por sofrimentos que não queria descrever. Sua casa e seus amigos eram tudo o que importava agora. Mathilde, porém, estaria melhor com o restante da família.

A mãe concordou em partir. Ela tinha outra filha e outro filho em Heidelberg, além de Walter, que tinha condições de cuidar deles na zona americana. Escolher quais objetos levaria e quais deixaria para trás foi um problema.

– Não que reste muita coisa além de lembranças de tempos melhores – disse ela, numa alusão sutil às adversidades que suportara.

Mathilde queria levar seus livros. Dollar colocou alguns exemplares sob os bancos do jipe; porém levar mais do que aquilo – como alguns vestidos, sua coleção de agulhas de tricô, as joias e um álbum de fotos – estava fora de cogitação.

Estavam prontos para partir à meia-noite, quando dificilmente encontrariam um alto oficial soviético da ocupação na fronteira. No último instante, Horn pediu a Friedl um cobertor para a mãe. Mathilde poderia se agachar atrás dos bancos dianteiros e, caso tivesse sorte, os guardas não a perceberiam. E, mesmo que percebessem, dificilmente considerariam o transporte de uma mulher idosa uma infração que merecesse a atenção do alto-comando. Ela e Friedl juntas poderiam representar um problema, mas não Mathilde sozinha.

A viagem de volta até a fronteira transcorreu sem incidentes. Mais do que isso, foi na verdade uma liberação da tensão, ao contrário da ida, quando Horn nem sabia se encontraria a mãe e, ainda que encontrasse, se ela estaria em condições de viajar. Mas Mathilde estava segura. Era isso que importava.

O tenente e Dollar encontraram a mesma dupla de guardas na fronteira. Dessa vez, Horn dispensou os gestos de camaradagem. Simplesmente foi até a traseira do jipe, abriu sua mala e deixou que os soldados pegassem tudo o que sobrara. Mathilde, escondida sob o cobertor, deve ter dormido durante a travessia. Horn mais tarde jurou a Rosenthal que ouviu a mãe roncar, mas na hora provavelmente deve ter ficado nervoso quando um dos guardas iluminou o assoalho do veículo, deu um sorriso maroto diante do que obviamente era uma pessoa escondida sob o cobertor e prosseguiu até os artigos valiosos da mala.

Quando o sol nasceu, estavam percorrendo uma região rural de pomares, pastagens e campos arados, repleta de aldeias pitorescas de pedra e igrejas graciosas, a caminho de Heidelberg. Mathilde sentou-se no banco de trás, envolta no cobertor e apertando no peito sua coleção de joias, que, na verdade, não passavam de quinquilharias que o pai de Horn comprara numa viagem a Roterdã, mas que tinham grande valor sentimental para ela.

Atravessaram o rio Neckar numa ponte de cavaletes de aço improvisada, entrando em Heidelberg. A cidade sobrevivera à guerra praticamente incólume. Apenas a velha ponte de pedra, uma maravilha da arte renascentista, coroada numa das extremidades por um macaco de bronze, fora explodida. Soldados alemães em fuga a haviam demolido no afã de retardar os exércitos dos Aliados que competiam para chegar primeiro a Berlim. Por não ser um centro industrial nem um eixo de transportes, Heidelberg não era um alvo militar. Sua universidade – a mais antiga da nação – e os estudantes que percorriam a velha ponte, parando para esfregar o nariz do macaco a fim de terem sorte nos exames, é que diferenciavam a cidade.

Horn lamentou a perda da ponte pelas lembranças que ela evocava. Foi exatamente rio acima, numa gélida manhã de inverno, quando o Neckar parecia sólido de tão congelado e ele tentou cortar caminho para a faculdade, que certa vez mergulhou atravessando o gelo e foi levado pelas águas. Uma moça bonita – uma judia – de pé no início da ponte viu a cena. Correu para socorrê-lo, abriu um buraco no gelo e salvou-o da morte. Horn se perguntou que destino teve aquele anjo, e também seu violino, que ele ainda agarrava quando a moça o puxou para a margem e o envolveu com seu casaco.

O fluxo de lembranças aumentou ao se aproximarem da modesta casa de tijolos vermelhos de sua família na colina em frente ao Castelo de Heidelberg. Não fora ali que ele nascera nem vivera sua mais tenra infância, passada em uma aldeia minúscula alguns quilômetros rio acima. Mas ele morara em Heidelberg com os tios Clara e Rudolf quando estava no colégio e começou a cursar a faculdade. Foi ali também que voltou a morar com os pais, depois que seu pai se aposentou da universidade, pouco antes da morte dele.

Todos estavam dormindo quando pararam diante da residência. Conforme a tradição da família, a porta da frente estava destrancada, uma lembrança dos anos de presbitério do pai, quando sua casa ficava aberta a qualquer um na comunidade que precisasse de ajuda ou consolo.

Horn ajudou a mãe a levar seus objetos, enquanto Dollar apanhava uma lata de café e uma caixa de biscoitinhos salgados, como se estivesse em casa. Aquela certamente não era nenhuma grande comemoração de boas-vindas para viajantes fatigados, mas era melhor do que nada.

Estavam sentados à mesa de jantar, com Dollar brindando o retorno triunfal ao território americano, quando surgiu diante deles Rudolf, o irmão mais velho de Horn, com a barba por fazer, despenteado e vestindo um roupão de banho.

Por mais surpreso e contente que ele estivesse por ver a mãe, que saudou com afeição, sua reação ao reencontrar o irmão foi fria, mais formal.

– É você – disse ele, num tom que parecia menos a afirmação de um fato do que uma indagação. – Nunca imaginei vê-lo de volta à Alemanha. E de

uniforme, ainda por cima.

Horn sorriu para ele, procurando não estragar o momento da mãe, empolgada ao ver a família reunida após mais de uma década de separação.

Seu relacionamento com Rudolf sempre fora difícil, mais semelhante à rivalidade existente entre Esaú e Jacó do que a uma fraternidade afetuosa. Durante a infância, liberavam as tensões trocando socos ou xingamentos, mas, ao amadurecerem e trilharem caminhos separados, as palavras não ditas e as ações não realizadas passaram a importar mais.

Suas divergências não seriam resolvidas naquela manhã. Após anos competindo com sucesso pela afeição da mãe e do pai, pelos louvores acadêmicos e atléticos, e pela atenção da população feminina de Heidelberg, Rudolf agora estava sobrecarregado com um fardo pesado e incômodo. Por ser nazista de carteirinha, perdera seu cargo na universidade, além de não ter perspectivas de arranjar emprego num futuro próximo. Como homem alemão, passava ainda pela vergonha e pela humilhação de ter contribuído para uma guerra que devastara a nação e trouxera sofrimento, fome e morte a mulheres e crianças indefesas. Horn, por outro lado, retornara para casa como o herói vitorioso, o salvador de sua mãe, a mulher mais importante em suas vidas.

Horn queria abraçar o irmão. Ou isso, ou cair na porrada. Qualquer coisa que pusesse fim à suspeita persistente de que Rudolf ajudara e apoiara o batalhão de acadêmicos-soldados de Himmler. Até que ponto seu irmão selara uma barganha faustiana?

A Universidade de Heidelberg, onde ambos estudaram e Rudolf foi professor titular, tornou-se a primeira da Alemanha a expulsar todos os seus professores e alunos judeus. Seu irmão fazia parte do corpo docente quando a Juventude Hitlerista se apossou do ginásio de esportes da instituição, quando livros foram queimados em frente à biblioteca e uma turba de terroristas do Partido Nazista ateou fogo às duas sinagogas da cidade.

Até que ponto ele preservou sua integridade e a confiança de seus alunos? Fez algo para impedir que os alunos judeus fossem deportados para campos de concentração? Por quanto tempo, e sob quais circunstâncias, prosseguiu com suas pesquisas em Externsteine? Teria substituído a Bíblia luterana de seu pai e seu avô por aquela que os nazistas usavam para defender o Jesus ariano?

Essas e outras perguntas fervilhavam dentro dele, mas, antes que conseguisse exprimi-las, sua irmã mais nova, Elsbeth, apareceu na sala de jantar.

Uma mulher jovem, brilhante e alegre, com a boa aparência da mãe e o otimismo do pai, era quem mais tinha motivos na sala para lamentar a tragédia da guerra, que dividiu a família. Seu marido, Erich Maschke, ex-reitor da Universidade de Leipzig, fora enviado a um campo de trabalhos forçados soviético nos montes Urais. Fazia quatro meses que ela não tinha notícias dele.

A família agora reunida, com exceção de Friedl, passou o resto do dia recordando o passado. Contaram inúmeras histórias de como os meninos, no início da adolescência, achavam que enganavam o pai ao saírem furtivamente de casa para encontrar colegas de escola em uma das muitas cervejarias de Heidelberg, onde invariavelmente deparavam com um paroquiano da igreja, acabando por ser castigados ao voltarem. Depois falaram das muitas visitas às ruínas romanas perto de Heidelberg, onde o pai, especialista no historiador Tácito, entretinha-os com histórias que os inspiraram a seguir suas carreiras acadêmicas.

As atividades de Horn no serviço de inteligência, sua promoção ao MFAA e as Joias da Coroa não vieram à tona. A menção aos nazistas e à origem da guerra se limitou à lembrança de Elsbeth de algo que ele esquecera por completo: o dia em que irrompeu no escritório da família enquanto o pai redigia o sermão semanal. Ninguém exceto ela ousava perturbá-lo em tais momentos.

– Você tinha acabado de ler *Mein Kampf* – comentou a irmã. – Estava furioso porque nenhum de nós queria ouvir o que tinha a dizer.

Horn lhe agradeceu por lembrar. Aquela foi a única confissão de culpa e arrependimento que ele conseguiu obter.

– Você vai permanecer na Alemanha? – perguntou ela. – A universidade logo vai reabrir. Estão desesperados por professores. Você podia voltar para casa.

As salas de aula imponentes, decoradas com lambris de carvalho e com assentos dispostos em arquibancada, ainda o fascinavam. Lecionar ali fora seu sonho de infância e o desejo do pai.

– Eu não sei – respondeu Horn, hesitante, tentando soar cauteloso, para não ofender a família ou rebaixar o que já fora uma das melhores universidades da Europa.

A verdade era que, naquela mesma manhã, enquanto estava reunido com a família, decidira que não permaneceria na Alemanha depois que cumprisse sua missão. Não ajudaria o amigo Felix Rosenthal a abrir uma livraria ou a se tornar professor na Universidade de Heidelberg. Apesar de seu discurso no escritório do pai após ler *Mein Kampf* e dos pedidos de que a família discutisse seu conteúdo, o pai e os irmãos não leram o livro. Nem os colegas ou professores da universidade. Aquele foi o mais popular dos livros não lidos do país. Não conseguia mais se imaginar entrando em uma sala de aula alemã sem recordar tal fato, assim como não conseguia encarar seu irmão por muito tempo sem pensar nas runas das xícaras de chá de Himmler.

Horn acalentava outro sonho agora. Nele apareciam uma casinha – um chalé, para ser mais exato – com vista para a ponte Golden Gate e estudantes que olhavam para o futuro sem carregar dentro de si a amargura e o

arrependimento. Os Estados Unidos que conhecia, o país que passara a adorar, eram como uma locomotiva fumegante prestes a deixar a estação. E ele queria estar a bordo.

Capítulo 24

O Quarto Reich

9 a 14 de agosto de 1945

HORN PASSOU OS SEIS DIAS seguintes fingindo que a guerra nunca aconteceu. Visitou as ruínas romanas antigas com os irmãos, acampou uma noite em seu local de pescaria favorito, passou uma tarde agradável observando uma bonita estudante de arte na biblioteca da Universidade de Heidelberg e acompanhou a mãe ao cemitério para depositar flores no túmulo do pai. Poderia ter ficado mais tempo, mas tinha uma lista inadiável de afazeres antes de submeter seu relatório a Mason Hammond. Josef Spacil precisava ser interrogado e, se possível, o chefe do RSHA, Ernst Kaltenbrunner. Também queria interrogar os vereadores Schmeissner e Friedl, bem como Julius Lincke, se conseguisse localizá-lo. O serviço de inteligência dos Aliados, ao que parecia, não o procurara direito.

Revigorados, prontos para o que desse e viesse, ele e Dollar se levantaram cedo na manhã de 14 de agosto, tomaram o café da manhã e seguiram para o norte em direção a Frankfurt. Uma hora depois, no estacionamento das USFET, o tenente agradeceu a ajuda e a agradável companhia de Dollar nas últimas três semanas e meia. O centro de viaturas das USFET costumava revezar seus jipes e motoristas, então os dois poderiam não se encontrar mais.

- Vejo você mais tarde, professor – disse Dollar. – Quem sabe em Berkeley.
- Com certeza, rapaz. Mas não pense que vou facilitar as coisas para você.

Dollar bateu continência e disse que tomaria conta da mala vazia e dos demais pertences de Horn até que o tenente tivesse falado com Hammond.

Horn apresentou sua identificação na recepção e foi conduzido ao terceiro andar. Para sua surpresa, todos que encontrou pareciam conhecê-lo: o policial militar na porta, a secretária do MFAA na recepção, além de diversos Monuments Men na antessala do escritório de Hammond.

Conforme Horn recordou, um dos agentes do MFAA se ofereceu para lhe mostrar seu museu – o Met, em Nova York – “quando todo esse negócio de nazismo terminar”. Outro o convidou para almoçarem no clube dos oficiais, onde poderiam conversar sobre o programa de história da arte em Princeton. Um terceiro achou que poderia haver uma vaga para Horn na Universidade da Pensilvânia quando ele retornasse aos Estados Unidos.

Para Horn, foi como nos velhos tempos da Itália, nos salões semanais de Bernard Berenson. A atenção inesperada que lhe dispensavam fez sua cabeça girar, e isso antes mesmo de ele adentrar o escritório de Hammond.

A notícia da recuperação bem-sucedida dos itens desaparecidos das Joias da Coroa do Sacro Império Romano estava por toda parte, disse Hammond, entregando ao tenente um comunicado à imprensa e um recorte de *Stars and Stripes*, o jornal para os soldados em campo. Como Horn logo viu, o coronel Charles Andrews, o novo governador militar de Nuremberg, chamara a atenção dos jornalistas para a história no dia seguinte à saída de Horn da cidade, saudando a volta do tesouro como uma grande vitória americana e um testemunho duradouro do bem que sua equipe da ocupação estava proporcionando a Nuremberg.

Da leitura do artigo e do comunicado à imprensa, Horn concluiu que Andrews convidara a imprensa mundial, já em Nuremberg para cobrir os julgamentos dos crimes de guerra, para percorrer a instalação da Alameda dos Ferreiros e conhecer a câmara subterrânea. Os repórteres viram toda a coleção do Sacro Império Romano, enquanto Thompson detalhava sua célebre história e o trabalho investigativo que levava à recuperação dos cinco tesouros mais preciosos. O nome de Horn não apareceu uma vez sequer no artigo ou no comunicado à imprensa. Tampouco se fazia menção ao motivo de Hitler ter cobiçado os artefatos e procurado ocultá-los das forças de ocupação.

Hammond disse que Horn não deveria se sentir menosprezado por não ter o nome incluído na história. O governo militar de Nuremberg precisava melhorar sua imagem. Entretanto, no centro de comando, Hammond fizera questão de dizer a quem importava que tinha sido Horn o oficial do MFAA a recuperar as Joias da Coroa.

O major apontou uma cadeira em frente à sua escrivaninha para que ele se sentasse. Sempre diplomático, explicou que Horn e outros como ele seriam os heróis não celebrados da guerra. As Joias da Coroa haviam sobrevivido a séculos de conflitos europeus e destruição até o MFAA entrar em cena, e não por acaso. Isso só foi possível porque homens dedicados como o tenente zelaram para que elas fossem preservadas. Hammond não se referia aos nazistas, e sim aos monges, aos arquivistas de museus e aos acadêmicos que vieram antes dele e, se Deus quisesse, aos que seguiriam seus passos.

Horn foi elogiado por realizar um serviço espetacular e completar sua missão antes do prazo.

Hammond então lhe entregou uma carta e pediu que ele a abrisse. Dentro havia uma honraria de Eisenhower: ele estava sendo promovido a capitão.

Horn ficou eufórico, não apenas com a honra da patente mais alta, mas também pelo aumento do soldo, com o qual poderia ajudar a família. Aquele mês tinha sido excepcional. Estava ansioso para dar a notícia ao amigo

Rosenthal e reivindicar as fotos de Marlene Dietrich.

O major não deu a Horn muito tempo para vibrar com o novo status. Queria saber, nos mínimos detalhes, como ele encontrara as Joias da Coroa.

Hammond sentou-se diante dele, enquanto o ex-tenente, agora capitão, contou a odisséia: a primeira menção de Rosenthal aos rumores sobre o lago Zell; a ajuda de Günter Troche para marcar as entrevistas com o pessoal que operara o bunker; suas suspeitas em relação aos vereadores Schmeissner e Fries; a viagem ao castelo de Himmler; e finalmente sua decisão desesperada, “realmente uma aposta calculada”, conforme descreveu, de trancafiar Fries no centro de interrogatórios das USFET. Agora, ao olhar para trás e relatar o que acontecera, sua investigação parecia ter sido fácil, mas não foi essa a sensação que teve na época.

O major ficou maravilhado com as reviravoltas da história. Com certeza aquele era um caso em que a verdade era mais estranha que qualquer ficção que os Aliados pudessem ter imaginado ou que os próprios nazistas pudessem ter inventado. Também ficou claro para ele por que o coronel Andrews e o capitão Thompson correram para dar sua própria entrevista coletiva à imprensa e por que, visando melhorar a imagem já manchada deles, não detalharam as minúcias do processo de descobrimento.

Horn entendeu a realidade política. Não que ela lhe agradasse. Não que tivesse acreditado em algum momento que era melhor atenuar a verdade para manter as aparências. Os nazistas foram mestres na propaganda. Ele sabia em primeira mão quais seriam as consequências. Mesmo assim, entendia por que o governo americano da ocupação não se esforçaria para elogiar o trabalho hábil de dois alemães expatriados, um prisioneiro de guerra e um grupo heterogêneo de ex-nazistas de fidelidade duvidosa que mereciam o verdadeiro crédito pela recuperação do tesouro pelos Aliados.

O soldado alemão capturado Fritz Hüber revelara a existência do bunker nazista, e Horn, um alemão recentemente emigrado para os Estados Unidos, tinha escrito o relatório. O mérito pela descoberta do túnel não era do capitão Peterson, mas do sul-africano James Low, que, mesmo correndo grande risco, se juntara à Companhia E após ser libertado de um campo de prisioneiros de guerra alemão. O capitão Thompson só conseguira abrir o bunker com a ajuda de Albert Dreykorn, secretário do nazista mais importante de Nuremberg. Günter Troche e Eberhard Lutze, ex-membros de carteirinha do Partido Nazista, haviam conduzido Horn até Heinz Schmeissner e Konrad Fries, que ainda poderiam ser nazistas. Felix Rosenthal, outro expatriado alemão cuja família acabara de escapar por pouco de Dachau, arriscara sua carreira para ter acesso aos arquivos do CIC sobre Josef Spacil, um notório criminoso de guerra e assassino em massa que estava sob custódia do CIC e que dificilmente seria levado ao tribunal de crimes de guerra. Aquela não era a história que a equipe

da ocupação do Exército americano queria que fosse transmitida ao país, embora fosse a versão que deveria ter sido apresentada.

Pelo que Horn sabia, o coronel Andrews, que ele nem conhecia, só estivera no bunker e vira as Joias da Coroa no dia da coletiva à imprensa, e o capitão Thompson, que junto com Andrews ficou com a fama da descoberta, havia plagiado o que sabia sobre as Joias da Coroa da investigação de Horn. No entanto, aqueles não eram detalhes que os jornalistas pudessem usar para melhorar a imagem dos paladinos da América.

Como explicou Hammond, tudo aquilo era inacreditável. Horn concordou, mas em seguida comentou que ainda tinha muito trabalho pela frente antes de completar sua investigação. Primeiro interrogaria Spacil, pois este já estava em Frankfurt, e depois Kaltenbrunner.

Hammond prometeu que faria o possível para ajudá-lo. Só que Kaltenbrunner, como Horn já sabia, estaria no banco dos réus no tribunal de crimes de guerra, e havia uma fila de pessoas aguardando para interrogá-lo antes de Horn. Spacil também era muito requisitado. O CIC o proibira de dar depoimentos fora das investigações em curso, o que incluía uma equipe ainda dragando o lago Zell, outra vasculhando suas margens em busca de ouro e dinheiro e uma terceira atrás dos diários de Hitler. Poderiam se passar meses, talvez anos, até que Horn pudesse interrogá-lo.

Aquela não era a notícia que ele esperava, mas entendia as prioridades militares, assim como as realidades políticas.

– Temos ainda Schmeissner e Fries – disse Horn. – Com certeza eles fornecerão mais detalhes, como por que a Lança Sagrada não foi incluída entre os itens selecionados para proteção.

Ele explicou a possibilidade de que, com os bombardeios e a invasão dos Aliados, o talismã de Hitler tenha perdido sua atração mística, por isso não havia sido incluído entre os itens que Himmler mandou que fossem escondidos.

Além da resposta a essa questão, Horn queria saber se a saída de emergência da Alameda dos Ferreiros dava acesso à Capela Real.

Havia, porém, um problema ainda mais importante: os Cavaleiros Teutônicos. O capitão Horn queria saber se alguém, além dos vereadores de Nuremberg, sabia onde as Joias da Coroa tinham sido escondidas. Se os vereadores eram os únicos que conheciam a localização do abrigo da Praça Pannier, eles eram sua melhor chance de desvendar a trama maior, concebida por Himmler, para criar um Quarto Reich.

Hammond garantiu que Schmeissner e Fries não iriam a lugar nenhum. Solicitara ao coronel Andrews que eles continuassem detidos enquanto aguardavam julgamento. Pedira também ao CIC que iniciasse uma busca por Julius Lincke.

O major, então, abordou outro ponto. Até surgirem novas informações, Heinrich Kohlhaussen estava sendo dispensado de suas funções no Museu Germânico. Ele com certeza deve ter tomado conhecimento dos planos do prefeito Liebel e de Himmler. E, como Eberhard Lutze esteve envolvido na remoção do altar de Stoss de Cracóvia, Hammond não achava que ele devesse substituir Kohlhaussen no cargo. O governo da ocupação não tinha quem nomear para a direção do museu. Por acaso Horn não teria alguém a recomendar?

O capitão conhecia o candidato ideal, alguém que não apenas ajudara imensamente sua própria investigação, mas que daria uma contribuição valiosa para reformar as instituições culturais da cidade.

– Günter Troche é a pessoa que você está procurando.

Hammond concordou sem ressalvas. O cargo seria dele.

Tendo resolvido os problemas mais urgentes, Horn voltou-se para a questão mais complexa:

– O que será feito da coleção guardada no bunker?

– Por enquanto, está sendo tratada como os prisioneiros de guerra – respondeu Hammond, brincando. – Nenhuma decisão foi tomada.

– Mas o senhor deve ter pensado a respeito.

O major disse que a restituição seria decidida em breve. Agora que o MFAA assegurara os itens desaparecidos graças a Horn, ele teria algo para informar em Munique, onde o assunto seria discutido ainda naquele mês.

O capitão ofereceu-se para ajudá-lo na reunião. Afinal, sabia mais do que ninguém sobre a história recente das Joias da Coroa.

Hammond disse que ainda pensaria se levaria Horn junto, e que tinha em mente algo mais importante para ele. Havia uma coleção de moedas que desaparecera – não uma coleção qualquer, mas a de Hitler, que ele pretendia exibir em seu “supermuseu” na sua cidade natal, Linz, na Áustria. Himmler e o Ahnenerbe haviam vasculhado museus e mosteiros por toda a Europa para completar o acervo.

– Quer dizer que desapareceram?

De acordo com Hammond, até 2 mil moedas foram depositadas na mina de sal de Altaussee, mas a certa altura, durante a invasão dos Aliados, elas haviam desaparecido.

Horn conhecia a mina de Altaussee: uma vasta câmara sob uma montanha austríaca onde Hitler escondera mais de 6 mil pinturas que constituiriam a parte principal do acervo de seu “supermuseu” em Linz. A coleção de obras de arte, que Hitler pretendia aumentar à medida que o Reich se expandisse pelo mundo, deveria finalmente ser abrigada no maior e mais sofisticado prédio de seu tipo existente. Mesmo em suas horas finais, o Führer estava tão obcecado com esse sonho que, enquanto o Reich estava desmoronando, ele examinou

em seu bunker as plantas e uma maquete tridimensional do museu e da cidade futuramente grandiosa de Linz.

Segundo Hammond, Altaussee continha mais do que apenas pinturas. As moedas ali armazenadas eram a coleção mais completa jamais reunida em qualquer lugar do mundo. Entre os itens mais valiosos estavam exemplares de antigas moedas-conchas sumérias e ouro imperial romano. O major mantinha três de seus melhores homens trabalhando no caso desde maio, mas eles não haviam progredido muito. Por isso queria que Horn assumisse a missão. Dessa vez, se fosse bem-sucedido, poderia obter uma medalha.

Hammond dirigiu-se até a janela, dando a Horn a chance de refletir. Por mais que começar uma nova investigação – como capitão, ainda por cima – fosse uma ideia atraente, ele ainda tinha que conduzir alguns interrogatórios e redigir seu relatório sobre as Joias da Coroa. Pensou que talvez Hammond, por ordens de Eisenhower, quisesse que ele fosse enviado para a Áustria e afastado da Alemanha para impedi-lo de interrogar Spacil e Kaltenbrunner, criminosos de guerra cujos depoimentos poderiam constranger o alto-comando americano, chamando atenção para o suposto exército clandestino de nazistas na folha de pagamento do governo da ocupação.

Sentindo a indecisão de Horn, Hammond lhe ofereceu mais um incentivo. Helmuth von Hummel, o major da SS que se acreditava estar escondido na Áustria e que fora a última pessoa a estar de posse da coleção de moedas, era o braço direito de Martin Bormann, secretário particular de Hitler e o mais importante nazista desaparecido da Europa do pós-guerra. Encontrar as moedas poderia levar Horn a Hummel, e este poderia saber onde encontrar Bormann.

Nenhum outro estímulo foi necessário. Enquanto esperava para interrogar Spacil, Horn começaria a trabalhar no caso da coleção de moedas desaparecida.

Hammond, no entanto, pareceu insatisfeito em deixar as coisas naquele pé. Ainda à janela, fez sinal para que Horn se aproximasse.

De acordo com a descrição posterior que Horn fez a Rosenthal, ele e o major ficaram olhando para o estacionamento no pátio e o espelho d'água diante do escritório de Eisenhower. Podiam avistar a silhueta de Frankfurt em ruínas a distância e a onipresente nuvem de poeira acima. Hammond perguntou se o capitão percebera algo diferente.

Horn olhou uma segunda vez e depois uma terceira. A ninfa aquática de Fritz Klimsch não estava mais no espelho d'água.

Hammond o elogiou por ser tão observador. Mamie Eisenhower, explicou o major, não achou apropriado que uma estátua de bronze de uma mulher nua ficasse em frente à janela do escritório de seu marido. Poderia dar às pessoas a ideia errada.

Horn achou graça. Mas não era a ausência da estátua que Hammond queria que o capitão observasse. O major estava olhando para o estacionamento.

Horn inspecionou os carros e seus motoristas no retângulo sob a janela. Os jipes das USFET estavam estacionados do outro lado do prédio, fora de vista. Ali embaixo paravam apenas limusines e carros, com bandeiras nos para-choques, pertencentes aos oficiais.

– Tenho uma má notícia – disse Hammond. – Você não vai mais poder contar com o jipe e o motorista.

Horn ficou surpreso. A Áustria, onde as moedas desaparecidas haviam sido vistas pela última vez, não era um lugar para se contar com veículos de transporte de tropas e caronas. Ainda estava pensando na intenção do major quando enfim notou o que Hammond estava olhando.

Estacionado bem sob o escritório, junto às limusines, havia um carro esporte BMW branco reluzente com um radiador de cromo brilhante. Um conversível, ainda por cima, com a capota abaixada. No banco traseiro estavam a maleta e a bolsa de pano de Horn.

Hammond disse que o dono anterior não iria mais reivindicá-lo, pois provavelmente enfrentaria o tribunal em Nuremberg. O major achou que ele iria gostar de usá-lo durante a viagem à Áustria em busca das moedas desaparecidas.

Horn vibrou. Além de se tornar capitão e chefe de sua própria unidade investigativa do MFAA, agora poderia se deslocar livremente pela Alemanha e pela Áustria. E como um homem recém-separado, com alguns dólares extras para gastar, seu período restante de serviço militar ao volante de um carro esporte prometia aventuras tentadoras.

Ainda havia perguntas que precisavam de respostas. Hitler realmente considerava a si mesmo parte de uma longa linhagem de imperadores ungidos destinados a governar o mundo? Pretendera realmente se coroar como o próximo imperador do Sacro Império Romano?

Horn sabia muito bem que poucos de seus colegas do serviço de inteligência acreditariam nessa ideia. Por mais insano e egomaniaco que fosse o Führer, suas ligações conhecidas com sociedades secretas misteriosas eram tênues, na melhor das hipóteses. E, por mais grandiosas que fossem suas ambições, ele enfrentava seus desafios com uma eficiência prática e implacável. Pensar que um homem como ele também vivia num mundo delirante governado por sincronicidades, símbolos e superstições medievais era ser crédulo demais.

No relatório que planejava, Horn daria um grande salto, sugerindo que Hitler realmente pretendia celebrar uma coroação, imitando aquelas do imperador Carlos Magno e de seu adorado Frederico, o Grande. Uma coisa era

Heinrich Himmler promover cerimônias de sangue pagãs na privacidade de seu castelo-fortaleza, mas outra bem diferente era o supremo comandante do Reich desfilando pelos corredores de seu supermuseu ostentando uma coroa e um cetro.

Hammond compreendia as preocupações de Horn e fazia as mesmas ressalvas. Entretanto, estava convicto de que o capitão estava no caminho certo. O Exército americano encontrara outras coisas no decorrer de suas investigações. As mais notórias foram as descobertas relatadas pelo oficial Walker Hancock, do MFAA. Quando Horn passou a integrar a equipe do MFAA, o major não pôde lhe mostrar os arquivos, porque ele não possuía a patente nem a autorização de segurança necessárias. Agora Horn possuía as duas, e ainda a plena confiança de Eisenhower e de Patton. Além disso, antes de Horn mandar notícias de Nuremberg, Hammond não pôde ter certeza de que havia uma ligação entre a investigação do agora capitão e as informações de Hancock.

Ele se referia aos arquivos que mencionou pelo telefone depois que Horn devolveu os tesouros desaparecidos à Alameda dos Ferreiros. Não eram uma prova, como seria uma confissão de Spacil ou de Kaltenbrunner, mas Hammond achava que pelo menos o informe de Hancock ajudaria Horn a dar uma perspectiva apropriada ao seu próprio trabalho.

O major deixou Horn sozinho no seu escritório com uma pilha de pastas e a promessa de que seu conteúdo permaneceria confidencial até Eisenhower decidir como lidar com a questão.

Sentado à escrivaninha de Hammond, o capitão abriu a pasta de cima e passou o resto da tarde examinando os detalhes de uma investigação do MFAA que começara três meses antes da sua.

Os documentos eram sigilosos e permaneceriam assim, imaginou Horn, por muitos anos. O problema não era o que os investigadores do MFAA haviam descoberto, mas onde e sob quais circunstâncias a descoberta inicial fora feita.

Como em sua própria investigação, bunkers nazistas e túneis subterrâneos tinham destaque na história. Nos últimos anos da guerra, a inteligência dos Aliados localizara uma instalação nazista secreta escavada na encosta de uma montanha de calcário junto à cidade de Nordhausen, ao norte de Nuremberg e a leste do castelo de Himmler, agora na zona soviética.

Assim como outros apreciadores do romancista e teatrólogo alemão Goethe, Horn conhecia essa região montanhosa e misteriosa. Foi lá que o autor ambientou o encontro noturno de Fausto, o lendário professor e médico alemão, com Mefistófeles, em sua busca de todo o conhecimento humano.

O interesse dos Aliados voltava-se para uma enorme instalação subterrânea altamente secreta, com 24 quilômetros de comprimento. Uma

verdadeira cidade, onde os nazistas produziam suas denominadas armas prodigiosas: os foguetes V-1 e V-2 lançados contra Londres. Aviões da força aérea aliada bombardearam Nordhausen intensamente em um esforço fracassado de fechar a instalação, arrasando todo o bairro medieval histórico de Nordhausen.

A 104ª Divisão de Infantaria americana invadiu a área em abril, mais ou menos na mesma época em que a Companhia E do capitão Peterson chegou a Nuremberg. O que essa divisão descobriu foi um pesadelo. Além da fábrica de foguetes, foram encontrados um laboratório experimental para armas futuristas e sistemas de lançamento, bem como um dos campos de trabalhos forçados e de extermínio mais terríveis que a SS chegou a operar.

Uma parte do complexo chamado Mittelbau Dora, construído por mão de obra escrava, tinha mais de 1,5 quilômetro de comprimento e a largura de dois campos de futebol. Uma via férrea e um trole aéreo com guindaste ligavam 50 ou mais câmaras subterrâneas. Além de transportar materiais, o guindaste servia de força para os trabalhadores que não cumpriam suas cotas diárias. Os agentes de inteligência calcularam que quase um terço dos 60 mil prisioneiros que construíram a instalação, conhecida simplesmente como Dora, havia morrido de exaustão, de fome ou por enforcamento.

Isso era o que os agentes de inteligência da G-2 já sabiam. Horn também ouvira rumores, não confirmados mas, mesmo assim, nocivos, de que os Estados Unidos haviam libertado, além dos escravos que trabalhavam na instalação, também os engenheiros e os cientistas que a operavam. Conforme acontecera com Spacil – considerado um especialista útil aos interesses dos Aliados –, os cientistas e os engenheiros nazistas envolvidos com Nordhausen não estavam sendo processados por crimes de guerra, embora se estimasse que 20 mil trabalhadores escravos tivessem morrido no que poderia ser descrito com benevolência como um buraco do inferno. A elite de Nordhausen estava sendo enviada aos Estados Unidos para ser interrogada como parte da Operação Overcast.

Os registros que Horn examinou revelavam a verdade dos rumores. Convencido de que cientistas alemães poderiam ajudar nos projetos de pesquisa de armas e foguetes do pós-guerra dos próprios Estados Unidos, o Escritório de Serviços Estratégicos, ou OSS, um órgão de inteligência americano ainda mais secreto que o CIC, vinha arrebanhando o grupo de especialistas nazistas que quase vencera a guerra de Hitler. Enquanto o CIC corria atrás do ouro, o OSS ia atrás do tesouro intelectual.

Em Nordhausen, o OSS se apossara dos cientistas nazistas mais célebres. Mas aquilo era uma corrida contra o tempo. Pelas regras consensuais das zonas de ocupação, a cidade deveria ser entregue aos soviéticos ao fim da guerra. Daí o esforço extraordinário do OSS para levar quaisquer recursos

humanos, equipamentos e dados técnicos que conseguisse achar. Enquanto vasculhava a imensa instalação e seus morros vizinhos, o Exército americano fez um tipo diferente de descoberta, e era ali que Mason Hammond e o MFAA entravam em cena. O comando dos Aliados não sabia a quem mais delegar a investigação, já que a descoberta na mina de sal de Bernterode não se enquadrava muito bem em nenhuma divisão de inteligência específica – nem no CIC, nem no OSS, nem na G-2. A investigação subsequente foi apelidada, apropriadamente, de Operação Body Snatch (Roubo de Cadáveres).

Enquanto inspecionava a mina de Bernterode, uma unidade da infantaria “Blue Devil”, do 350º Depósito de Material Bélico, descobrira uma parede de pedra suspeita, com a argamassa ainda fresca. Os soldados demoliram a parede e, depois de transpor quase dois metros de alvenaria, descobriram e arrombaram uma enorme porta com caixilho e treliça. De forma inexplicável, ela estava trancada com cadeado pelo lado de dentro.

A cena com que eles depararam era diabólica. Diante deles erguia-se uma enorme cripta nazista e um santuário. Nas paredes e no teto encontraram runas germânicas e outros símbolos, fortemente delineados à luz de suas lanternas. Por toda parte havia artefatos, estandartes de regimentos e bandeiras nobres e marciais. Mais de 200 estandartes, simetricamente dispostos, acabaram sendo inventariados, alguns tão antigos que estavam montados sobre redes de apoio para serem exibidos. Uma arca de metal continha retratos de todos os grandes líderes da Alemanha, dos tempos medievais ao presente. Em meio a uma coleção de pinturas encontravam-se algumas do artista favorito de Hitler, Lucas Cranach. As duas maiores eram particularmente notáveis, pois tinham sido saqueadas da Galeria Uffizi, em Florença. A primeira retratava Adão e Eva, e a segunda mostrava São Longino dilacerando o flanco de Jesus. Na exposição subterrânea faltava apenas um altar adequado ao governo do Reich e uma coleção de artefatos dignos de serem exibidos nele.

Tanto o propósito como o significado da cripta desconcertaram o capitão Hancock, que escreveu o relatório. Mas Horn pôde distinguir ali a marca inconfundível do Deutsches Ahnenerbe, assim como a identificara no castelo de Himmler e na coleção do bunker subterrâneo da Alameda dos Ferreiros. Embora não se soubesse quem era o construtor da câmara e Horn dificilmente fosse autorizado a interrogar o pessoal de Nordhausen que poderia saber, ou a entrar em território soviético para inspecionar o local, seu propósito estava acima de qualquer dúvida.

A passagem central do santuário levava a quatro compartimentos, cada um contendo um caixão. O corpo de Frederico Guilherme I, identificado como o “Soldado-Rei”, repousava num deles. O rei Frederico, o Grande, o “santo padroeiro” de Hitler e monarca do Primeiro Reich da Alemanha, jazia na quietude de outro compartimento. O marechal de campo Von Hindenburg, o

célebre general, completava o quadro no terceiro. O quarto caixão, envolto com tiras vermelhas e pretas e uma enorme bandeira nazista, estava vazio. Mas nele estava escrito o nome de seu futuro ocupante: “Adolf Hitler”.

Epílogo

WALTER HORN percorreu a Áustria e a Alemanha nos três meses seguintes. Nesse período, conseguiu localizar o auxiliar de Martin Bormann, descobrir o destino da coleção de moedas desaparecida e reunir sua meia-irmã Friedl ao restante da família em Heidelberg. Continuou trabalhando para o MFAA até 1948, completando três outras investigações relacionadas a obras de arte, durante a fase mais difícil e importante dos esforços de recuperação e restituição do exército de ocupação. Ainda era preciso encontrar centenas de milhares de pinturas e antiguidades, bem como identificar seus proprietários e repatriar as obras. Mas as contribuições de Horn e de outros Monuments Men para o esforço do pós-guerra não foram devidamente reconhecidas, em meio ao frenesi da imprensa motivado pelos julgamentos de crimes de guerra em Nuremberg e pelas crescentes hostilidades com a União Soviética.

Apesar de seus esforços, Horn não foi autorizado pelo CIC a interrogar Josef Spacil. Em uma longa lista de espera, outros agentes da inteligência dos Aliados, entre eles membros proeminentes da equipe do general Patton, foram igualmente impedidos de submeter o prisioneiro a interrogatórios. O ex-Oberführer do Bureau II do RSHA, que supervisionou o envio de bilhões de dólares em ouro saqueado dos tesouros das nações ocupadas e das vítimas dos campos de concentração nazistas, escondeu pessoalmente parte dessa vasta fortuna nos Alpes austríacos e supervisionou o maior empreendimento de falsificação de dinheiro de todos os tempos, inexplicavelmente escapou da acusação de crimes de guerra. Depois de cumprir a pena mínima exigida de todo membro da SS capturado, Spacil foi libertado da custódia americana em 1948, retornou a Munique, onde nascera, e mais tarde fundou uma bem-sucedida rede de supermercados. Morreu lá aos 56 anos, em 1963. Apenas uma pequena porcentagem do ouro e de outros bem valiosos que ele teria escondido foi recuperada.

Horn foi também impedido de interrogar Ernst Kaltenbrunner, o nazista de mais alta patente a enfrentar os tribunais de Nuremberg. Horn e Rosenthal apareceram como testemunhas especialistas da promotoria no julgamento do chefe do RSHA, bem como no julgamento de Julius Streicher, o editor antisemita de Nuremberg. Kaltenbrunner, aos 43 anos, e Streicher, aos 61, foram condenados e depois enforcados em 1946. O subchefe da Gestapo em

Nuremberg Erich Naumann, subordinado de Karl Holz, foi capturado na Áustria após fugir em 1945, tendo o mesmo fim, em 1951, que seus ex-colegas nazistas levados à força.

Horn conseguiu interrogar de novo Konrad Fries e Heinz Schmeissner, que entrevistou numa cela em Fürth, em agosto de 1945. Os dois negaram firmemente qualquer conhecimento de uma conspiração nazista com intenção de ocultar as Joias da Coroa para destiná-las a um Quarto Reich e alegaram terem removido os tesouros para o bunker da Praça Pannier por ordem do prefeito Liebel e mais ninguém. Afirmaram que não revelaram essa informação a Horn e Thompson porque acharam que não podiam confiar a segurança de bens tão valiosos aos ocupantes americanos. Provavelmente jamais saberemos se eles eram de fato membros ou agentes involuntários de uma fraternidade teutônica de cavaleiros que juraram proteger e preservar o tesouro do Sacro Império Romano.

Os dois vereadores foram acusados de obstrução da justiça, sendo julgados em uma corte militar de Fürth em setembro de 1945. Considerados culpados de dar falso testemunho ao pessoal do Exército americano, foram condenados a cinco anos de prisão, e cada um foi multado no equivalente a 2.500 dólares, ao câmbio de 1945. Após servirem 20 meses, foram perdoados, libertados e isentados das multas. Fries tornou-se um educador e escritor respeitado antes de morrer, em 1983, em Nuremberg, aos 84 anos. Schmeissner recuperou o emprego no departamento de engenharia da cidade. Morreu em 1997, aos 92 anos.

Julius Lincke, o antigo vereador da cidade que ajudou a construir e conservar o bunker da Alameda dos Ferreiros e que supostamente ajudou Fries e Schmeissner na remoção das Joias da Coroa, reapareceu em Nuremberg em maio de 1947, pouco depois de seus dois colegas serem soltos. Na época, Horn estava ocupado com outra investigação, o capitão Thompson havia sido transferido de Nuremberg, o coronel Charles Andrews não era mais o governador militar e a ocupação americana da cidade estava chegando ao fim, de modo que Lincke jamais foi acusado de qualquer crime ou questionado sobre seu papel na conspiração. Retomou sua carreira de arquiteto e engenheiro e foi providencial na restauração de muitos prédios históricos da cidade antes de morrer, em 1991, aos 82 anos.

Por recomendação de Mason Hammond, Günter Troche tornou-se em 1945 o diretor do Museu Germânico, cargo que ocupou por cinco anos. Sob sua gestão, o museu foi completamente restaurado, e uma ala nova foi construída para exibir as obras de artistas alemães perseguidos durante o regime nazista. Em 1951, mudou-se para São Francisco, reatou a amizade com Horn e tornou-se diretor da Fundação Achenbach de Artes Gráficas, na qual trabalhou até se aposentar, em 1970. Morreu em Estocolmo um ano depois,

aos 62 anos.

Enquanto se dedicava a sua outra investigação para o MFAA em 1945 e início de 1946, Horn escreveu o relatório sobre as Joias da Coroa desaparecidas, que foi incorporado a um dossiê de 45 páginas usado pelas USFET para localizar os proprietários e organizar a restituição dos objetos guardados na instalação da Alameda dos Ferreiros. A pedido de Mason Hammond, nenhuma menção foi feita às expedições de caça aos tesouros do CIC ao redor do lago Zell ou à possível ligação entre o conteúdo do bunker de Nuremberg e a cripta nazista na mina de Bernterode, nos arredores de Nordhausen. Esses e outros assuntos com forte conotação política foram relegados a um único parágrafo na conclusão do relatório, afirmando que a inteligência do 3º Exército fornecera amplos indícios de que as Joias da Coroa do Sacro Império Romano foram escolhidas por Himmler e pelo alto-comando do RSHA para se tornarem os símbolos de um futuro movimento de resistência neonazista alemão. Como os investigadores do MFAA haviam chegado a tal conclusão continuava sendo sigilo e assim permaneceria por mais duas décadas.

Como as obras de arte e os objetos guardados no bunker da Alameda dos Ferreiros foram quase todos facilmente identificados como propriedades do Museu Germânico, da cidade de Nuremberg e do governo alemão, tais tesouros foram logo devolvidos a suas respectivas origens. O altar de Veit Stoss e os artefatos do Sacro Império Romano, porém, apresentaram alguns entraves legais e logísticos.

Os planos iniciais de devolver o altar de Stoss a Cracóvia em setembro de 1945 foram retardados em consequência da deterioração das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética e da indignação americana com a manipulação, pelo Exército Vermelho, do processo eleitoral polonês. Quando um trem especial com 25 soldados americanos que guardavam o altar de Stoss enfim chegou a Cracóvia, em 25 de abril de 1946, membros do partido polonês Solidariedade, buscando a independência e empolgados com os estimados símbolos da antiga grandeza da cidade, protestaram contra as autoridades de ocupação do Exército Vermelho. Um soldado soviético levou um tiro e um militar americano foi aprisionado. Com a ajuda de um jovem pároco, Karol Wojtyła – o futuro papa João Paulo II –, o altar acabou sendo reinstalado com segurança na Basílica da Virgem Maria, onde permanece até hoje.

A decisão de repatriar os tesouros do Sacro Império Romano para Viena foi protelada por uma razão inteiramente diferente: três fortes facções disputaram sua propriedade.

Representando a Alemanha, o advogado Hans Liemann, auxiliado por Albert Dreykorn, o ex-secretário do prefeito Liebel, alegou que os artefatos históricos pertenciam a Nuremberg em virtude de documentos assinados pelo

imperador Sigismundo, do Sacro Império Romano, que concedeu os símbolos e as insígnias à cidade, onde eram mantidos para as cerimônias de coroação. Outros documentos foram apresentados descrevendo como os tesouros haviam sido secretamente removidos na primavera de 1796 com o fim de protegê-los do exército invasor de Napoleão e como, em 1806, o barão Von Hugel, o enviado de Regensburg do imperador Francisco II, ilegalmente vendeu-os aos Habsburgo, a família imperial austríaca.

Em nome da Áustria, o chanceler Karl Renner apresentou uma reivindicação alegando que as Joias da Coroa pertenciam, por direito, ao tesouro do Palácio Hofburg, com base no código de repatriação anteriormente ratificado pelo governo militar dos Aliados. O MFAA deveria avaliar o direito de propriedade com base nas diretrizes de restituição, que afirmavam que toda obra de arte removida da Áustria após 13 de março de 1938 deveria ser restituída.

O general Patton, por baixo do pano, entrou brevemente na briga, alegando que as Joias da Coroa pertenciam ao Exército americano. Criticou a posição do chanceler Renner argumentando que os austríacos não eram verdadeiros aliados, como a França e a Inglaterra, e portanto não tinham direito aos saques nazistas ou a reparações de guerra. Observou que muitos dos altos oficiais nazistas, incluindo Hitler, eram austríacos de nascimento, que praticamente todos eles tiveram casas na Áustria antes e durante a guerra e que seus cidadãos não resistiram à ocupação nazista, saudando a anexação do país. A morte súbita de Patton em Heidelberg, em dezembro de 1945, interrompeu sua interferência na questão.

O supremo comandante Dwight Eisenhower assinou a ordem devolvendo as Joias da Coroa à Áustria em 28 de dezembro de 1945. Uma semana depois, 32 caixotes contendo a coleção inteira do Sacro Império Romano foram colocados num avião de carga Dakota americano e transportados do aeroporto de Nuremberg-Fürth até Viena. Ali, dois dias depois, o general americano Mark Clark discretamente entregou os tesouros às autoridades municipais, que os guardaram em uma câmara subterrânea no Banco Nacional de Viena. Atualmente estão em exibição no Kunsthistorisches Museum, onde Hitler os admirara originalmente.

MUITOS OUTROS PESQUISADORES retomaram a investigação do capitão Horn. Quase todos que estudaram os relatórios, não mais secretos, do CIC e da G-2 sobre Josef Spacil e a insurgência neonazista sediada na Áustria fizeram perguntas semelhantes às originalmente formuladas por Horn. O próprio Hitler deu ordens para que os tesouros mais preciosos do Sacro Império Romano fossem removidos do bunker da Alameda dos Ferreiros? Teriam sido escolhidos para se tornarem um ponto de convergência para um Quarto

Reich? Heinrich Himmler mantinha uma confraria de Cavaleiros Teutônicos orientados a ocultar as Joias da Coroa e enganar a equipe da ocupação americana? Quando, e por ordens de quem, os tesouros deveriam ser removidos de seu esconderijo no bunker da Praça Pannier?

Apesar de diversas tentativas de localizar o Mercedes de Himmler no fundo do lago Zell, ninguém jamais o achou. Um mapa desenhado à mão pelo CIC, mostrando vários locais onde tesouros nazistas estariam supostamente escondidos ao redor do lago, encontra-se nos Arquivos Nacionais em College Park, Maryland. Desde a publicação do mapa, em 2001, no livro de Kenneth Alford *Nazi plunders*, a cidade de Zell am See proibiu todas as expedições freelance de caça aos tesouros.

Os diários perdidos de Hitler e sua correspondência com Eva Braun também provocaram buscas frenéticas. Em 1979, um conhecido colecionador de memorabilia nazista vendeu um manuscrito em forma de diário para a mais importante revista alemã, *Der Spiegel*. O colaborador afirmou que aquele caderno, bem como 26 outros volumes que acabou vendendo, haviam sido recuperados da queda do avião que carregava os pertences de Hitler em abril de 1945, citada por Josef Spacil. Os diários perdidos, se chegaram a existir, não eram aqueles. Leitores versados conseguiram perceber que eles eram falsificados, e a fraude foi denunciada, para constrangimento da *Der Spiegel*.

Teria Hitler mantido um diário? Virá à tona no futuro? O tenente-coronel Robert Gutierrez, o oficial de campo sênior encarregado de operações de inteligência secretas do CIC na Baviera em 1945, acreditava na existência de ao menos um diário. De acordo com ele, seu auxiliar, o suboficial William J. Conner, deixou a Alemanha com uma coleção de tesouros de Hitler. Conner vem sendo procurado em vão por colecionadores e historiadores militares há anos. Quais segredos permanecem com ele ou seus herdeiros?

As réplicas de Himmler das Joias da Coroa e da Lança Sagrada, supostamente exibidas no Castelo de Wewelsburg, continuam desaparecidas. Cópias de quatro das Joias da Coroa, que podem ou não ter sido as mesmas réplicas possuídas pelo Reichsführer, apareceram. Em janeiro de 1946, dias depois da devolução das Joias da Coroa autênticas a Viena, itens apresentados como a coroa imperial, o cetro e o orbe – completados com joias verdadeiras – foram postos à venda em Los Angeles. O coronel do Exército Joseph W. Hensel os adquirira no mercado negro em Munique, em 1945, por 15 mil dólares, o equivalente a mais de 171 mil dólares em 2009. A investigação subsequente do FBI e da Alfândega americana ameaçou se transformar num incidente internacional. Os americanos tinham devolvido os tesouros reais a Viena ou não? Fotografias dos objetos de Hensel foram enviadas para a Áustria. Em 11 de dezembro de 1946, agentes abriram o cofre do Banco Nacional de Viena. Levaram a coroa, o cetro e o orbe a um laboratório para serem comparados

com as fotos. Após prolongadas análises, especialistas concluíram que os itens fotografados eram de altíssima qualidade, porém não passavam de réplicas.

Quem teria feito cópias exatas das Joias da Coroa, e com base em quais modelos? Fariam parte originalmente da mesma coleção que incluía as réplicas da Lança Sagrada e das Joias da Coroa do Reichsführer exibidas no Castelo de Wewelsburg? Himmler teria tido a intenção, pouco antes da invasão, de enganar o exército invasor dos Aliados trocando os artefatos reais por réplicas? Os agentes secretos neonazistas do RSHA, liderados pelo Oberführer Spacil, teriam tentado, sem sucesso, colocar aquelas réplicas no bunker de Nuremberg para que os Aliados – com a ajuda dos conspiradores – as encontrassem? O secretário da Defesa da cidade, Karl Holz, teria involuntariamente interferido no plano secreto ao ordenar a demolição da instalação?

Talvez as investigações mais duradouras e profundas desencadeadas pela de Horn envolvam a Lança Sagrada. Diversos livros – mais notadamente *The Spear of Destiny*, de Trevor Ravenscroft, de 1972, e *Adolf Hitler and the Secrets of the Holy Lance*, do coronel Howard Buechner e do capitão Wilhelm Bernhard, de 1988 – fornecem relatos bem díspares e pouco confiáveis da trama nazista para roubar e salvaguardar a lança. No livro de Ravenscroft, Horn é incorretamente identificado como o oficial americano que abriu pela primeira vez a câmara subterrânea e reivindicou a relíquia sagrada para Patton. O livro de Buechner e Bernhard alega que os nazistas substituíram a lança autêntica no bunker da Alameda dos Ferreiros pela réplica, depois removeram a lança real para escondê-la na Antártida. Um livro mais detalhado e sério vem sendo escrito pelos historiadores Volker Schier e Corine Schleif, do Centro de Estudos Medievais e Renascentistas do Arizona.

Se a equipe da ocupação americana teria chegado a recuperar a verdadeira ponta perfurante de 30 centímetros usada na crucificação é o tema central desses livros e de diversos documentários televisivos e filmes de Hollywood.

Além da ponta de lança cobiçada e obtida por Hitler, existem ao menos três outras cujos donos acreditam ser da lança carregada por Longino. O Vaticano tem em seu poder uma ponta de lança que recusa a submeter ao exame de especialistas. A maioria dos historiadores acredita que a lança foi forjada durante as Cruzadas. Outras pontas podem ser facilmente datadas de séculos posteriores, entre as quais uma na Armênia, que é venerada e apresentada ao público uma vez ao ano na Catedral de Echmiadzin, a igreja do patriarca do país. Por sua forma e metalurgia, estudiosos acreditam não se tratar de uma lança, mas da ponta de um estandarte romano que os legionários carregavam nas batalhas. Outra suposta Lança Sagrada, com o que se acredita ser um prego da crucificação incrustado, é mantida como um tesouro na Catedral de Cracóvia. Parece ser uma réplica medieval daquela guardada em Viena.

Quanto à lança de que Hitler se apossou, agora novamente exposta na capital austríaca, um exame pericial de 2003, detalhado em *Die Heilige Lanze in Wien*, publicado pelo Kunsthistorisches Museum de Viena, concluiu que era de fato a relíquia longamente venerada pelos reis germânicos. Porém há dúvidas se é oriunda do reinado de Tibério, na era romana, e se esteve presente na crucificação de Cristo.

A questão mais importante levantada pela investigação de Horn não foi se a lança que Hitler levou para Nuremberg seria a mesma que dilacerou o flanco de Cristo, e sim como o Führer se apropriou de um ícone religioso e espiritual para a criação de um programa que levou ao Holocausto. Motivado pela ganância e pelo desejo de poder, teria seu Reich, com seu Jesus ariano, corrompido por completo a mensagem essencial de redenção da lança?

Perguntas semelhantes podem ser feitas sobre os paramentos do Sacro Império Romano que cercavam a Lança Sagrada. As Joias da Coroa são meros artefatos antigos da história ou símbolos atemporais de uma luta tribal constante pela supremacia mundial? Já que a história desses objetos, dos antigos soldados-reis da Alemanha até Hitler, é crucial para esclarecer a história da humanidade, por mais perturbadores que possam ser seus reflexos da ignorância e dos impulsos humanos mais sombrios, as descobertas de Horn em sua investigação de três semanas deveriam provocar uma avaliação crítica da natureza da ideologia do Terceiro Reich e lançar uma nova luz para nossa própria geração sobre os meios pelos quais Hitler conquistou o apoio popular da nação alemã e, por um período, pareceu invencível.

DEPOIS DE SUA BAIXA HONROSA em novembro de 1948, Horn retornou a Point Richmond, onde se casou com Alberta Parker, uma pediatra e professora da School of Public Health de Berkeley, com quem teve três filhos. Retomou também o que se tornou uma amizade vitalícia com o colega Felix Rosenthal, que após sua baixa honrosa em 1946 se mudou para São Francisco e iniciou uma carreira de sucesso como arquiteto e bibliófilo. Depois de se aposentar em San Jose, Rosenthal morreu, em 3 de outubro de 2009, aos 92 anos.

Horn veio a ser catedrático do departamento de história da arte de Berkeley e publicou vários artigos e livros especializados. Na comunidade acadêmica, atualmente é mais conhecido como coautor, junto com Ernest Born, de *The Plan of St. Gall*, um tratado em três volumes sobre arquitetura monástica, e, junto com Jenny White Marshall e Grellan Rourke, de *The Forgotten Hermitage of Skellig Michael*, um estudo das ruínas arquitetônicas de uma habitação de eremitas do século IX ligada ao mosteiro da ilha de Skellig Michael, na costa da Irlanda. Depois de se aposentar, em 1979, após 30 anos de magistério, Horn foi aclamado por seus colegas como um dos membros mais inspiradores do corpo docente de Berkeley.

Durante os últimos anos de vida de Horn, várias tentativas foram feitas de chamar a atenção do público para o seu trabalho na inteligência do Exército e no MFAA. A mais pessoalmente gratificante foi uma campanha de 1980, lançada pelo coronel aposentado Charles Kunzelman, para que Horn recebesse uma medalha do Exército pelo serviço exemplar prestado à nação. Infelizmente, a honraria não foi concedida, já que o Exército americano ainda considerava sigilosas a unidade G-2 e as investigações conduzidas por Horn no CIC.

Em 1983, a história da vida de Walter Horn chamou a atenção da editora da Doubleday Jacqueline Kennedy Onassis, que ouviu falar das façanhas de Horn na Segunda Guerra Mundial por intermédio de sua filha Caroline, que na época trabalhava no Metropolitan Museum of Art. O livro que veio a ser publicado, *The Nazi's Wife*, do escritor britânico Peter Watson, é um relato ficcional dissimulado da caça de Horn a Martin Bormann e de sua busca da coleção de moedas de Altaussee. Logo após a publicação dessa obra, Alberta Horn, com a ajuda de amigos de Horn e de seus ex-colegas de Berkeley, a pedido de Jacqueline Onassis, realizou quase 30 horas de entrevistas, que Horn pretendia usar para escrever suas memórias da Segunda Guerra Mundial. No entanto, problemas de saúde impediram que ele completasse a tarefa.

Até sua morte em 1995, aos 87 anos, ele adorava visitar a Alemanha e a Áustria com a família. Numa viagem de férias em 1991, acompanhou amigos a Viena para verem as Joias da Coroa no Kunsthistorisches Museum. Ao caminharem diante das grandes e bem iluminadas vitrines, Horn descreveu os elementos estéticos e intelectuais que tornavam singulares aquelas relíquias imperiais. Como tinham ido parar no museu, porém, era a história principal.

Notas

Salvo indicação contrária, todos os documentos citados dos Arquivos Nacionais podem ser encontrados na Coleção Ardelia Hall Monuments, Fine Arts and Archives, e nos Records of U.S. Occupation Headquarters, World War II, Record Group 260. Todos os documentos citados do Instituto Smithsonian estão na Coleção Walter Horn dos Archives of American Art em Washington, D.C. Os documentos de Felix Rosenthal, que incluem registros tanto pessoais como militares, foram disponibilizados para mim por Felix e seu irmão, Bernard Rosenthal. A grande maioria dos outros documentos citados – entre os quais os diários, os livros de endereços, a correspondência, os papéis pessoais e os registros militares de Walter Horn, além dos amplos relatos orais realizados a pedido de Jacqueline Kennedy Onassis no início da década de 1980 – foi generosamente disponibilizada para mim por sua viúva, Alberta Horn. Todas as entrevistas citadas são minhas, realizadas nos Estados Unidos e na Alemanha.

Foram empregadas as seguintes siglas:

~~CIC~~ Counter Intelligence Corps (Corpo de Contraineligência)
~~CDI~~ Criminal Investigation Division (Divisão de Investigação Criminal)
~~CIR~~ Consolidated Interrogation Report
~~CMH~~ Army Center of Military History, Washington, D.C.
Eisenhower Library, Abilene, Kansas
~~DR~~ Donovan Research Library, Fort Benning, Geórgia
~~FR~~ Felix Rosenthal
~~FRB~~ Rosenthal Papers, Berkeley, Califórnia
~~GS~~ Intelligence Staff at Corps and Division Level
~~GM~~ Getty Museum Research Institute, Los Angeles
John Thompson
Library of Congress (Biblioteca do Congresso), Washington, D.C.
~~MAA~~ Monuments, Fine Arts, and Archives
(Monumentos, Belas-Artes e Arquivos)
~~MGLS~~ Military Government Liaison and Security Office
Mason Hammond
~~MHI~~ Army Military History Institute,
Carlisle Barracks, Pensilvânia
National Archives (Arquivos Nacionais), College Park, Maryland
~~OMG~~ Of Military Government, Baviera
~~OMG~~ Of Military Government, Nuremberg
~~OMG~~ Of Military Government, Zona Americana
~~RS~~ Reich Security Main Office
(Escritório Central de Segurança do Reich)
Smithsonian Institution, Archives of American Art,
Washington, D.C.
~~StA~~ Stadtarchiv Nürnberg, Nuremberg
~~U~~ Universidade de Heidelberg
~~USRE~~ States Forces Eastern Theater
(Forças Americanas no Teatro Europeu)
~~W~~ Walter Horn Archive, Point Richmond, Califórnia

Capítulo 1: Alameda dos Ferreiros

Status militar de WH na G-2 em Namur, Bélgica: correspondência do capitão Joseph Sylvester para o quartel-general da American Military Intelligence, 19 de fevereiro de 1945, em NA. Trabalho de inteligência de WH para a Mobile Field Interrogation Unit: relatório do CIR do primeiro-tenente Gerhard Liedholz para o MFAA, 19 de setembro de 1945, em WHA. Ordens de interrogatório de WH e preocupações de Patton com armas químicas e biológicas: WH, “Interrogation about Gas Warfare”, relatório sem data, em WHA. Genealogia da família Hüber, “catálogo de nomes de Nuremberg”, em SN. Diálogo e detalhes do interrogatório de Hüber no Campo Namur extraídos do relato oral de WH, fitas 4 e 8, em WHA; WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; WH, “Recovery of the Crown Jewels of the Holy Roman Empire”, artigo inédito e sem data, em WHA; e WH, “Recovery of Missing Crown Jewels”, palestra proferida em Berkeley, 23 de março de 1983, em WHA. Além dessas fontes primárias, me baseei num relatório em grande parte inédito do sargento Robert Armstrong, que entrevistou WH em 1946 para um possível comunicado à imprensa relacionado aos esforços de restituição dos artefatos da Alameda dos Ferreiros pelas USFET: Robert Armstrong, “The German Crown Jewels: A Modern Detective Story”, relatório para o U.S. Army Group CC, APO 742, 1946, em WHA.

Capítulo 2: Monuments Men

Campo Freising: “Camp Freising”, ensaio inédito e sem título de FR, em FRP e correspondência de FR com Bernard Rosenthal, 29 de maio de 1945, em FRP. As conversas de WH com FR sobre Bormann e Kaltenbrunner e os detalhes da interação entre WH e FR no Campo Freising foram extraídos de minha entrevista com FR em maio de 2009 e do relato oral de WH, fita 4, em WHA. Atividades e papel na Unidade de Inteligência G-2 do 3º Exército desempenhados por WH e FR: “Spring of 1946”, ensaio inédito e sem data de FR em FRP. Interrogatório de Kempa: “Hitler’s Last Days: Statement of Erich Kempa”, em EL. Atividades de coleta de informações e atitudes de WH no MFAA: notas de conferência sem título e sem data de Berkeley sobre as atividades de WH na Segunda Guerra Mundial, em WHA. WH no British Museum: John Goldsmith, org., *The Gymnasium of the Mind: The Journals of Roger Hinks, 1933-1963*, Michael Russell, Londres, 1984, pp. 6-9. Atividades e descobertas do MFAA realizadas na Áustria e na Alemanha: Lynn Nicholas, *The Rape of Europa*, Vintage Books, Nova York, 1995, pp. 327-369; Thomas Carr Howe, *Salt Mines and Castles*, Bobbs-Merrill, Nova York, 1946, pp. 243-259; Janet Flanner, “Annals of Crime: The Beautiful Spoils”, *New Yorker Magazine*, 8 de março de 1947; e Renwick Kennedy, “To the Victor the Spoils”, *Christian Century*, 31 de julho de 1946. Diálogo e conversa entre WH e MH extraídos do relato oral de WH, fitas 4, 5 e 9, em WHA; correspondência de MH com o U.S. Group Control Council da Reparation, Deliveries and Restitution Division do MFAA, 20 de agosto de 1945, em NA; relatório sem título e sem data de Kaltenbrunner e Streicher em WHA; correspondência entre MH e WH, 20 de agosto de 1945, em NA; entrevista com Antsiss e Elizabeth Hammond em janeiro de 2007 e junho de 2008; e correspondência de WH para Peter Watson, 25 de abril de 1984 e 9 de janeiro de 1986. Conhecimento de MH dos saques dos Aliados: “The War and Art Treasures in Germany”, *College Art Journal*, março de 1946, pp. 205-218. MH e Rorimer: James Rorimer e Gilbert Rabin, *Survival: The Salvage and Protection of Art in War*, Abelard Press, Nova York, 1950, pp. 147-150. Roubo de obras de arte e corrupção pelos militares americanos e pelas autoridades do governo da ocupação: informes da Dra. Erica Hanfstaengl e Evelyn Tucker nos relatórios resumidos do MFAA e CID, 16 de fevereiro de 1949, em NA; entrevista de Evelyn Tucker do capitão La Vient, 22 de julho de 1948, em NA; e Relatórios Provisórios do coronel James Wood e Sinclair Robinson, “Büdingen Affair”, 29 de junho de 1946, em NA. Circunstâncias, atitude e responsabilidades de MH: MH, “The War and Art Treasures in Germany”, *College Art Journal*, março de 1946. Descoberta do altar de Veit Stoss: relatório das USFET para o comando geral do 3º Exército, 10 de setembro de 1945, em NA; e Frank Waters, “Famed Polish

Altar Piece Found Cached under Nuremberg Rubble”, *Stars and Stripes*, 13 de junho de 1945. Natureza melindrosa de caixa de Pandora do trabalho de inteligência do MFAA: relatório sigiloso NND 750168 da American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historical Monuments in War Areas, 11 de outubro de 1944, em NA; e memorando do tenente S. L. Faison à OSS Art Looting Investigation Unit, 17 de setembro de 1945, em WHA. Ordens de viagem de WH: correspondência de MH com as USFET, 16 de julho de 1945, em NA.

Capítulo 3: Os rapazes do Campo Ritchie

Diálogo e conversas entre WH e FR no Campo Freising extraídos do relato oral de WH, fita 4, em WHA; correspondência de FR com Bernard Rosenthal, 29 de maio de 1945, em FRP; minhas entrevistas com FR em maio de 2009; e “The Questionnaire”, ensaio sem data de FR, em FRP. Soldado Dollar: álbum de fotografias de WH e anotações de WH, em WHA. Pontos de vista de WH sobre o comportamento aceitável de membros das forças armadas: palestra sem data a estudantes de Berkeley, em WHA; Emil Ludwig, “Fourteen Rules for the Occupation Officer in Germany”, relatório da unidade G-2, 1945, em NA; e FR, “Guide for U.S. Servicemen”, 1944, em NA. Circunstâncias de Anne Binkley e relacionamento de WH com ela: entrevista com Alberta Horn, fevereiro de 2008; fotografias de Binkley e correspondência, em WHA; relato oral de WH, fitas 4, 5; e entrevista com FR e Bernard Rosenthal em maio de 2009. Experiência de FR em Munique e vinda aos Estados Unidos: entrevista com Bernard e FR em maio de 2009 e Bernard Rosenthal, “An Enemy Alien in Berkeley: Reminiscences of the War Years by a Slightly Bemused Thirty Niner”, *Book Club of California Quarterly*, verão de 2000. Estudo de FR do suicídio de Hitler: FR, “Hitler’s Socks: When They Met the Eyes, They Made History”, relatório inédito, junho de 2000, em FRP. Discussões de pano de fundo das relações do MFAA com a unidade G-2 e o CIC: Lord Methuen e Charles Woolley, *Normandy Diary*, Robert Hale, Londres, 1952, pp. 2-40, em WHA; Stratton Hammon, “When the Second Lieutenant Bearded General Eisenhower”, *Military Affairs*, outubro de 1983. Relatórios da G-2 e do CIC sobre a insurreição nazista clandestina e a participação de Himmler: relatório do OSS, 15 de maio de 1945, em NA; e “Survey of Conditions in Austria”, Joint Intelligence Collection Agency, 27 de maio de 1945, em NA.

Capítulo 4: A invasão de Nuremberg

Missão do capitão Peterson em Nuremberg: Paul Peterson, “The Operations of Company E, 180th Infantry in Battle of Nuremberg, Germany, 17-20 April 1945”, relatório da Infantaria, em FB. Informações e detalhes adicionais da invasão de Nuremberg: *History of the 180th Infantry Regiment and History of the 157th Infantry Regiment*, Army and Navy Publishing Co., Baton Rouge, La., 1946, em CMH; e USA, *Report of Operations: The Seventh United States Army in France and Germany, 1944-1945*, vol. II, nos NA. Relato das atividades alemãs em abril de 1945 em torno do Castelo de Nuremberg e do bunker das obras de arte: entrevista com Karl Kunze em março de 2008. Dificuldade em determinar qual unidade do Exército descobriu o bunker: entrevista com Boyd Dastrup em janeiro de 2008 e Walter Herppich, *Das unterirdische Nürnberg*, Hofmann Verlag Nürnberg, Nuremberg, 1987, pp. 57-130. Detalhes adicionais da captura da instalação e do papel desempenhado por James Low: entrevista com o major aposentado James Sattgast (com detalhes do bunker da Alameda dos Ferreiros em 21 de abril de 1945), dezembro de 2007.

Capítulo 5: O martelo de Thor

Chegada de WH a Nuremberg: relato oral de WH, fita 5, em WHA; WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; WH, “Recovery of the Crown Jewels of the Holy Roman Empire”, relatório sem data e inédito em WHA; WH, “Recovery of Missing Crown Jewels”, palestra proferida em Berkeley, 23 de março de 1983, em WHA; e Robert Armstrong, “The German Crown Jewels: A Modern Detective Story”, relatório para o U.S. Army Group CC, APO 742, 1945, em WHA. A conversa entre JT e WH neste capítulo foi extraída das seguintes fontes: correspondência do segundo-tenente Arthur Forces

com JT, 9 de maio de 1945, em NA; relatório de JT ao Third ECA Regiment, Nuremberg, 27 de julho de 1945, em NA; correspondência de JT com o MFAA sobre as autoridades municipais de Nuremberg, 13 de agosto de 1945, em NA; correspondência de JT com o MFAA, 20 de agosto de 1945, em NA; e correspondência de JT ao Governo Militar de Nuremberg, 25 de agosto de 1945, em NA. Circunstâncias adicionais, atitudes e situação geral de JT em Nuremberg: “A General History of Liaison and Security in Nuremberg, May 1, 1945-June 30, 1946”, em NA; “Memo de arquivo” para Education and Religion Detachment FIB3, Company B, Third ECA Regiment, 27 de julho de 1945, em NA; Edward N. Peterson, *The American Occupation of Germany: Retreat to Victory*, Wayne State University Press, Detroit, 1968, pp. 155-166; Julian Bach, *America's Germany: An Account of the Occupation*, Random House, Nova York, 1946, pp. 257-258, e Boyd Dastrup, *Crusade in Nuremberg: Military Occupation, 1945-1949*, Greenwood Press, Westport, Conn., 1985, pp. 20-52. Devastação de Nuremberg e efeitos sobre os moradores: Neil Gregor, *Haunted City: Nuremberg and the Nazi Past*, Yale University Press, New Haven, Conn., 2008, pp. 1-55. Detalhes adicionais sobre a condição de Nuremberg nos primeiros meses da ocupação militar americana: entrevista com Karl Kunze, fevereiro e março de 2008, e Karl Kunze, *Kriegsende in Franken und der Kampf um Nürnberg im April 1945*, Selbstverlag Des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg, Nuremberg, 1995, pp. 177-310. Detalhes sobre o status do pessoal e problemas confrontando o governo militar americano em Nuremberg: entrevista com Boyd Dastrup em janeiro de 2008 e “MFAA Field Report”, EIB3, relatório para maio de 1945, em NA. Informações gerais sobre os esforços de ocupação: Harry Coles e Albert Weinberg, *Civil Affairs: Soldiers Become Governors, Special Studies of the US Army in World War II*, Office of the Chief of Military History, Department of the Army, Washington, D.C., 1964, pp. 12-14, em MHI; Earl Ziemke, *U.S. Army Occupation of Germany 1944-1946*, Center of Military History, U.S. Army, Washington, D.C., 1975, pp. 371-410, em NHI; e Earl Ziemke, “The Formulation and Initial Implementation of U.S. Occupation Police in Germany”, em Hans Schmitt, org., *U.S. Occupation in Europe after World War II*, Regents of Kansas Press, Lawrence, Kan., 1968, pp. 20-30. Problemas com bebidas de Delbert Fuller e o clube dos oficiais “covil da serpente”: “Historical Report”, Det. B-211, 20 de junho de 1946, em NA; *The U.S. Army in the Occupation of Germany, 1944-1946*, Gordon Press, Brooklyn, N.Y., 1995, pp. 401-477, em MHI; e “Report from Army of Occupation, Bavaria and Nuremberg, July-August 1945”, em NA. Corrupção da administração civil em Nuremberg: Relatório do MGLS, 23 de maio de 1947, em NA; relatório do MGLS, 25 de outubro de 1947, em NA; relatórios da CID, Baviera, abril-maio de 1945, em NA; OMGUS, “Fragenbogen, Prosecution Cases File”, em NA; OMGN, “Additional List of Removals, September 1, 1945”, em NA; e OMGUS, “Report on Denazification, October 20, 1945”, em NA.

Capítulo 6: A caixa de Pandora

Männleinlaufen, detalhes da perseguição aos judeus e do festival da Lança Sagrada: Stephen Brockmann, *Nuremberg: The Imaginary Capital*, Camden House, Rochester, N.Y., 2006, pp. 13-28; e Volker Schier e Corine Schleif, “The Holy Lance As Late Twentieth Century Subcultural Icon”, *Cultural Icon* (org. David Scott), Left Coast Press, Albuquerque, N. Mex., 2008, pp. 1-32. Layout e condição do bunker da Alameda dos Ferreiros: Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 7-78; *Die Nürnberger Prozesse*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 5-12. Informações gerais sobre a reforma do bunker a partir de uma adega de cerveja, seu uso pelos nazistas e o controle dele pelo Exército americano em 1945: Walter Herppich, *Das unterirdische Nürnberg*, Hofmann Verlag, Nuremberg, 1987, pp. 51-129; Franz Wolff, *Ausflug durch den historischen Weltkrieg-Kunst-Bunker*, Förderverein Nürnberger Felsengänge, Nuremberg, 2004, pp. 3-15. As conversas ocorridas no bunker procederam das seguintes fontes: relato oral de WH, fitas 4, 5, em WHA; WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; WH, “Recovery of the Crown Jewels of the Holy Roman Empire”, relatório sem data e inédito em WHA; e minha entrevista com FR em maio de 2009. Saída de emergência no bunker e circunstâncias da abertura da instalação pelo governo militar americano: Franz Wolff, *Ausflug durch den historischen Weltkrieg-Kunst-Bunker*, Förderverein Nürnberger Felsengänge, Nuremberg, 2004, p. 9; entrevista com Bernhard Seiler em fevereiro de 2008;

entrevista com Bolko Gruell em fevereiro de 2008; e correspondência entre WH e Wilhelm Schwemmer, 1978, em WHA (em preparação para Wilhelm Schwemmer, *Die Reichskleinodien in Nürnberg 1938-1945*, Korn & Berg, Nuremberg, 1978). Informações adicionais e história do bunker: Hugo Portisch, *Österreich II: Der lange Weg zur Freiheit*, Kremayr & Scheriau, Viena, 1995 (páginas não numeradas), em WHA. Informações gerais sobre o “Reich Sagrado” de Hitler: Richard Steigmann-Gall, *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945*, Cambridge University Press, Nova York, 2003, pp. 13-86; e Susannah Heschel, *The Aryan Jesus: Christian Theologians and the Bible in Nazi Germany*, Princeton University Press, Princeton, N.J., 2008, pp. 1-67.

Capítulo 7: A Lança do Destino

Conferência sobre a Lança Sagrada e as Joias da Coroa: WH não fez quaisquer anotações sobre essa palestra específica na época. Reconstitui o que provavelmente disse baseado em palestras subsequentes proferidas no decorrer de sua carreira, que podem ser encontradas em WHA, SI e GM. Também me baseei em anotações que WH escreveu em sua cópia pessoal de Friedrich Sprater, *Die Reichskleinodien in der Pfalz*, Im Westmarkverlag, Ludwigshafen am Rhein e Saarbrücken, 1942, que presumo estivesse em sua posse ou lhe foi dada por FR ou Günter Troche mais ou menos na época da conferência de WH. Suplementei esses materiais e os comparei com outros estudos mais contemporâneos e histórias publicadas da Lança Sagrada e das Joias da Coroa. Os mais notáveis dentre esses livros: Hermann Fillitz, *The Crown Jewels and the Ecclesiastical Treasure Chamber*, Kunsthistorisches Museum, Viena, 1956; e Franz Kirchweyer, org., *Die Heilige Lanze in Wien*, Kunsthistorisches Museum, Viena, 2005. Como existem muitas informações e desinformações que foram publicadas sobre a Lança Sagrada, mais notadamente *The Spear of Destiny*, de Trevor Ravenscroft, Weiser Books, Boston, 1982, os leitores devem consultar o artigo já citado de Corine Schleif, da Arizona State University, e Volker Schier, do Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies. Imagem da lança aparecendo sobre Nuremberg: relato e xilogravura de 14 de abril de 1561, de Hans Glas na Wickiana Collection, em ZCL. Anne Catherine Emmerich tocando a Lança Sagrada: Carl Schmoger, *The Life of Anne Catherine Emmerich*, vol. 2, Tan Books, Rockford, Ill., 1976, p. 558.

Capítulo 8: Os acadêmicos de Himmler

Conversas de WH com Troche e contribuições deste à investigação de WH: “Appointment of Günter Troche”, em WHA; Günter Troche, “Nürnberg MFAA Survey”, relatório sem data submetido ao MFAA Committee, 1945, em NA; relato oral de WH, fitas 4 e 5, em WHA; e minha entrevista com FR em maio de 2009. WH na Alemanha nazista, na Itália, e nos anos iniciais em Berkeley: relato oral de WH, fitas 1, 4, 5, 7, 9, em WHA. Encontro com Lady Astor e Eleanor Roosevelt e palestras sobre arte: notas manuscritas sem data de WH em WHA. História de Troche na Alemanha: relato oral de WH, fitas 4, 5, em WHA. Troche em Nuremberg: correspondência do chefe do MFAA Herbert Leonard para WH, 8 de junho de 1948, em NA; entrevista com Peter Selz e Charles Schlossman, colegas de Troche, em abril de 2008; e correspondência com Walter Gebhardt no Museu Germânico, 9 de novembro de 2007 e 10 de dezembro de 2008. WH e Troche sobre as operações de pilhagem do Ahnenerbe: WH, “Wolfram Sievers and the Ahnenerbe”, relatório sem data, em WHA; Hellmut Lehmann-Haupt, relatório do MFAA, “Cultural Looting of the Ahnenerbe”, 1o de março de 1948, em NA; e Heather Pringle, *The Master Plan: Himmler's Scholars and the Holocaust*, Hyperion, Nova York, 2006, pp. 1-63.

Capítulo 9: O Jesus ariano

Os pontos da conversa de WH com Troche foram extraídos de WH para Albert Bühler, 10 de outubro de 1948, em WHA; Bühler para WH em 7 de janeiro de 1972; Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 65-79; e minha entrevista com FR em maio de 2009. Plano de Hitler com o prefeito Liebel para reconstruir a cidade e o campo de paradas, com referências específicas aos diretores do Museu Germânico: Eberhard Lutze (org. de Willy Liebel), *Die deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Nuremberg, 1938, e Heinrich Kohlhaussen, *Die*

Reichskleinodien, Berlim, 1935. Projetos de construção nazistas: *Bauten in der Stadt der Reichsparteitage Nürnberg* (produzido em Nuremberg para um comício do Partido Nazista de 1937). Ver também *Die Reichskleinodien*, Angelsachsen Verlag, Nuremberg, 1939; *Die Deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Nuremberg, 1938; Friedrich Sprater, *Die Reichskleinodien in der Pfalz*, Im Westmarkverlag, Ludwigshafen am Rhein e Saarbrücken, 1942; e Siegfried Zelnhefer, *Die Reichsparteitage der NSDAP in Nürnberg*, Verlag Nürnberg, Nuremberg, 2002. Informações e detalhes adicionais: Stephen Brockmann, *Nuremberg: The Imaginary Capital*, Camden House, Rochester, N.Y., 2006, pp. 1-31; Volker Schier e Corine Schleif, “The Holy Lance As Late Twentieth Century Subcultural Icon”, *Cultural Icon* (org. David Scott), Left Coast Press, Albuquerque, N. Mex., 2008, pp. 1-32; Thornton Sinclair, “The Nazi Party Rally at Nuremberg”, *Public Opinion Quarterly*, outubro de 1938; e Joshua Hagen e Robert Ostergren, “Spectacle, Architecture and Place at the Nürnberg Party Rallies: Projecting a Nazi Vision of Past, Present and Future”, *Cultural Geographies* 2006, Edward Arnold Publishers, obtido por meio de Justor, 2006. Ligações místicas e história do bunker: Hugo Portisch, *Österreich II: Der lange Weg zur Freiheit*, Kremayr & Scheriau, Viena, 1995, pp. 1-12. Misticismo alemão: Ulrich Magin, “An Assortment of Landscape Lines in Germany: Real and Imagined”, *The Ley Hunter*, Cheltenham, R.U., 1999. Informações gerais sobre o interesse de Hitler e Himmler pelo misticismo e pelo ocultismo: Michael Moynihan, org., e Stephen Flowers, trad., *The Secret King, Karl Maria Wiligut: Himmler's Lord of the Runes*, Dominion Press, Waterbury Center, Vt., 2001, pp. 15-40; Ken Anderson, *Hitler and the Occult*, Prometheus Books, Amherst, N.Y., 1995, pp. 47-125; e Peter Levenda, *Unholy Alliance*, Continuum, Nova York, 1995, pp. 167-203. Detalhes biográficos de Himmler e seus hábitos de leitura: Arquivo do CIC CF/444, depoimento de Ericke Lorene (secretária de Himmler), 18 de novembro de 1946, em NA. Informações gerais sobre o Jesus ariano: Peter Head, *The Nazi Quest for an Aryan Jesus*, Continuum Publishing Group, Londres, 2004; Susannah Heschel, *The Aryan Jesus: Christian Theologians and the Bible in Nazi Germany*, Princeton University Press, Princeton, N.J., 2008; e Richard Steigmann-Gall, *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945*, Cambridge University Press, Nova York, 2003. Hábitos de leitura conhecidos de Hitler: Timothy Ryback, *Hitler's Private Library*, Alfred A. Knopf, Nova York, 2008. Informações gerais sobre cultos de sangue alemães: Caroline Walker Bynum, *Wonderful Blood*, University of Pennsylvania Press, Filadélfia, 2007.

Capítulo 10: O reino de conto de fadas de Hitler

Forma da lança como modelo para a cidade reinventada: trata-se de um tema controvertido, objeto de especulações e referências de diversos pesquisadores nas últimas décadas. Não sei se WH estava convicto da existência de uma ligação direta entre a Lança Sagrada e os projetos nazistas de renovação e construção na cidade, só sei que ele estava consciente de sua possibilidade. O motivo em forma de lança pode ter derivado inteiramente da popular runa Tyr empregada por Himmler e pelo Ahnenerbe. Recomendo aos leitores que examinem as provas circunstanciais conforme apresentadas em *Reichstagung in Nürnberg, 1934*, parte da série de *Reichsparteitage*, ou “Livros do Dia do Partido do Reich” e *Der Kongress zu Nürnberg, 1934*, um álbum comemorativo amplo publicado em Nuremberg, em LC e SN, e Eberhard Lutze (org. Willy Liebel), *Die deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Nuremberg, 1938; Heinrich Kohlhaussen, *Die Reichskleinodien*, Berlim, 1935; e *Bauten in der Stadt der Reichsparteitage Nürnberg* (produzido em Nuremberg para um comício do Partido Nazista de 1937). Aos visitantes de Nuremberg recomendo que vejam o mapa em forma de lança em exibição permanente no corredor de entrada do Centro de Documentos no campo de paradas nazista. Passeio guiado de WH na cidade: relato oral de WH, fitas 4, 5, em WHA e entrevista com Karl Kunze em março de 2008.

Capítulo 11: Os Cavaleiros Teutônicos

Exibição do tesouro na Igreja de Santa Catarina: *Die Reichskleinodien*, Angelsachsen Verlag, Nuremberg, 1939, pp. 1-15; *Die deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Nuremberg, 1938; Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 35-44; Friedrich Sprater, *Die Reichskleinodien in der Pfalz*, Im Westmarkverlag, Ludwigshafen am Rhein e Saarbrücken, 1942, pp. 1-16; e Siegfried Zelnhefer, *Die Reichsparteitage der NSDAP in Nürnberg*, Verlag Nürnberg,

Nuremberg, 2002, pp. 1-20. Informações gerais sobre os Cavaleiros Teutônicos: Erich Maschke (cunhado de WH), *Die deutschen Kriegsgefangenen des Zweiten Weltkrieges, eine Zusammenfassung*, reeditado por Verlag Ernst und Werner Giesekeing, Munique, 1974; Charles Woodhouse, *The Military Religious Orders of the Middle Ages: The Hospitallers, the Templars, the Teutonic Knights, and Others*, Society for Promoting Christian Knowledge, Nova York, 1879 (disponível on-line por cortesia da Universidade de Harvard); e William Urban, *The Teutonic Knights: A Military History*, Greenhill Books, St. Paul, Minn., 2006. Castelo e capela de Nuremberg: Erich Bachmann e Albrecht Miller, *Imperial Castle Nuremberg*, Bayerische Verwaltung der staatlichen Schlösser, Gärten und Seen, Munique, 1994, pp. 22-36; e Victoria Salley, *The Kaiserburg: Nuremberg*, Prestel Press, Munique, 2002. Notas sobre a conversa entre WH e Troche não citadas nas notas do capítulo anterior: Walter Herppich, *Das unterirdische Nürnberg*, Hofmann Verlag, Nuremberg, 1987, pp. 96-143; e Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 24-79. Fries, Schmeissner e Lincke na folha de pagamento americana: Wilhelm Schwemmer, *Reichskleinodien in Nürnberg 1938-1945*, Korn & Berg, Nuremberg, 1978, pp. 1-13.

Capítulo 12: O inimigo nos portões

Entrevistas com indivíduos ligados à instalação da Alameda dos Ferreiros: relato oral de WH, fitas 4, 5, em WHA; anotações manuscritas de entrevistas de WH, agosto de 1945, coleção do MFAA, em NA; transcrição de WH, “Zweiter Teil des politischen Testaments”, 29 de abril de 1945, em WHA; WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; WH, “Recovery of the Crown Jewels of the Holy Roman Empire”, artigo sem data e inédito em WHA; WH, “Recovery of Missing Crown Jewels”, palestra proferida em Berkeley, 23 de março de 1983, em WHA; Robert Armstrong, “The German Crown Jewels: A Modern Detective Story”, relatório para o U.S. Army Group CC, APO 742, 1945, em WHA; memorando do interrogatório datado de 3 de agosto de 1945, em WHA; e Liaison and Protocol Section, OMGUS, G-448 em NA. Bombardeios de Nuremberg e impacto sobre os moradores: Neil Gregor, *Haunted City: Nuremberg and the Nazi Past*, Yale University Press, New Haven, Conn., 2009, pp. 1-50; Neil Gregor, “Civilian Moral and Social Dissolution in Nuremberg 1942-1945”, *Historical Journal*, 2000.

Capítulo 13: A cadeia de comando

Detalhes da conversa entre WH e Dreykorn extraídos do relatório de Albert Dreykorn, 27 de julho de 1945, em WHA; relatório do CIR, 27 de julho de 1945, em NA; anotações manuscritas de entrevistas de WH, agosto de 1945, coleção do MFAA, em NA; e WH, “Report on the investigation of the circumstances of disappearance of the Imperial Insignia from the Crown Treasures of the Holy Roman Empire in the Nuremberg Art Cache, and their recovery”, 14 de agosto de 1945, em WHA. Para informações adicionais sobre as circunstâncias da entrevista: Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 13-79; Wilhelm Schwemmer, *Die Reichskleinodien in Nürnberg 1938-1945*, Korn & Berg, Nuremberg, 1978, pp. 1-15; Franz Wolff, *Ausflug durch den historischen Weltkrieg-Kunst-Bunker*, Förderverein Nürnberger Felsengänge, Nuremberg, 2004, pp. 3-9; e correspondência de WH com Albert Bühler, 10 de outubro de 1948 e 7 de janeiro de 1972, em WHA.

Capítulo 14: O emissário de Himmler

O nome de Eberhard Lutze às vezes é grafado erroneamente como Eberhard Luze em documentos militares americanos e fontes publicadas. O diálogo e os detalhes gerais do interrogatório foram extraídos das anotações manuscritas das entrevistas de WH, agosto de 1945, coleção do MFAA, em NA; e do memorando de Lutze, 20 de junho de 1945, em NA. Informações sobre Lutze: Eberhard Lutze, *Die deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Oberbürgermeister der Stadt der Reichsparteitage, Nuremberg, 1939, pp. 1-16; e WH, “Report on the investigation of the circumstances of disappearance of the Imperial Insignia from the Crown Treasures of the Holy Roman Empire in the Nuremberg Art Cache, and their recovery”, 14 de agosto de 1945, em WHA. Para materiais informativos adicionais sobre

as circunstâncias da entrevista: correspondência de WH com Albert Bühler, 10 de outubro de 1948 e 7 de janeiro de 1972, em WHA; Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 13-79; Wilhelm Schwemmer, *Die Reichskleinodien in Nürnberg 1938-1945*, Korn & Berg, Nuremberg, 1978, pp. 1-15; e Franz Wolff, *Ausflug durch den historischen Weltkrieg-Kunst-Bunker*, Förderverein Nürnberger Felsengänge, Nuremberg, 2004, pp. 3-9.

Capítulo 15: As chaves da câmara subterrânea

A entrevista de WH com Schmeissner e Fries foi extraída do relato oral de WH, fitas 4 e 5, em WHA; transcrição de WH, “Zweiter Teil des politischen Testamente”, 29 de abril de 1945, em WHA; anotações manuscritas de entrevistas de WH, agosto de 1945, coleção do MFAA em NA; WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; WH, “Recovery of the Crown Jewels of the Holy Roman Empire”, artigo sem data e inédito em WHA; WH, “Recovery of Missing Crown Jewels”, palestra proferida em Berkeley, 23 de março de 1983, em WHA; Robert Armstrong, “The German Crown Jewels: A Modern Detective Story”, relatório para o U.S. Army Group CC, APO 742, 1945, em WHA; memorando do interrogatório datado de 3 de agosto de 1945, em WHA; Liaison and Protocol Section, OMGUS, G-448, em NA; e Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 13-79. Atitude de WH e relações com JT: Entrevista com FR, maio de 2009, e entrevista com o major aposentado James Sattgast, dezembro de 2007.

Capítulo 16: O Reich sagrado de Hitler

Coleção de esqueletos de judeus: “Jewish Skeleton Collection”, Green Book, vol. 1, Tribunal Militar de Nuremberg, 1945, em NA. Situação da investigação de WH e preocupações pessoais: WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; WH, “Recovery of the Crown Jewels of the Holy Roman Empire”, artigo sem data e inédito, em WHA; Robert Armstrong, “The German Crown Jewels: A Modern Detective Story”, relatório para o U.S. Army Group CC, APO 742, 1945, em WHA; “A Nazi Treasure Grab Upset by Army Sleuths”, relatório do MFAA, 1o de janeiro de 1946, em NA. Detalhes da conversa entre WH e FR não citados em outros capítulos: Memorando “Rivalries among Top Nazi Leaders”, European Political Report, OSS, vol. II, no 12, 23 de março de 1945, em FRP; memorando “German Scorched Earth”, VIII U.S. Corps G-2 Periodic Report no 287, 31 de março de 1945, em NA; e memorando “Extension of Death Penalty by Nazis”, European Political Report, OSS, vol. II, no 12, 23 de março de 1945, em NA. FR como especialista em Hitler: FR, “My Inquiry into Hitler’s Love Life”, ensaio inédito e sem data, em FRP; FR, “The Questionnaire”, ensaio inédito e sem data, em FRP. Diversas fontes publicadas afirmam que Patton não visitou Nuremberg naquela época. O próprio Patton, porém, documentou a viagem: Patton Papers, coleção de manuscritos, mss HM 63825-63841, Huntington Library, Art Collections and Botanical Gardens, San Marino, Calif. Viagem de Patton a Nuremberg e ligação com o MFAA: Memorando de JT para Education and Religion Detachment F1B3, Company B, Third ECA Regiment, 27 de julho de 1945, em NA. Poema de Patton sobre Longino: George Patton, *The Poems of General George S. Patton: Lines of Fire*, Edwin Mellen Press, Lewiston, N.Y., 1991, p. 119. Patton e reencarnação: Frederick Ayer, *Before the Colors Fade*, Norman Berg, Dunwoody, Ga., 1971, p. 95.

Capítulo 17: Externsteine

Detalhes da viagem noturna para Externsteine e Büren e detalhes das conversas entre WH e Dollar e WH e Markham foram extraídos de minha entrevista com FR em maio de 2009; voucher de viagem de 29 de julho, em NA; “Relatório” do major S. F. Markham com anotações manuscritas de WH, em WHA; e relatório manuscrito de Markham sobre as atividades do MFAA e reuniões com o pessoal da zona de ocupação americana, no Arquivo do Kreismuseum Wewelsburg, Büren-Wewelsburg. Informações sobre a família de WH e ligações com Externsteine: correspondência entre o professor Eugen Fehrle e o Deutsches Ahnenerbe, janeiro e fevereiro de 1942, em UH; correspondência do Deutsches Ahnenerbe

com o Departamento de Arqueologia da UH, coleção de arquivos de Wolfram Sievers e Wilhelm Teudt, em NA; WH, “História de Erich”, ensaio sem data, em WHA; memorando sem título de WH sobre Rudolf Horn, 1o de abril de 1947, em WHA; e relato oral de WH, fita 2, em WHA. Para informações gerais sobre a ligação da família Horn com o mundo acadêmico durante o Terceiro Reich: Erich Maschke, *Die deutschen Kriegsgefangenen des Zweiten Weltkrieges, eine Zusammenfassung*, Verlag Ernst und Werner Giesecking, Munique, 1974; Erich Maschke, *Das Geschlecht der Staufer*, Scientia Verlag, Stuttgart, 1970; Erich Maschke, *Looking East: Germany beyond the Vistula*, Terramare Office, Berlim, 1935; e Michael Burleigh, *Germany Turns Eastwards: A Study of Ostforschung in the Third Reich*, Cambridge University Press, Nova York, 1988, pp. 57-59. Informações e estudos gerais sobre Externsteine: Walther Matthes e Rolf Speckner, *Das Relief an den Externsteinen: Ein karolingisches Kunstwerk und sein spiritueller Hintergrund*, Ostfilder, Edition Tertium, 1997, pp. 184-187; e Klaus Junker, “Research under Dictatorship: The German Archaeological Institute 1929-1945”, *Antiquity*, vol. 72, 1988, pp. 282-293.

Capítulo 18: O Camelot negro

Encontro e conversa de WH com Markham e visita ao Castelo de Wewelsburg foram extraídos de minha entrevista com FR em maio de 2009; voucher de viagem de 29 de julho, em NA; “Relatório” do major S. E. Markham com anotações manuscritas de WH, em WHA; e relatório manuscrito de Markham sobre as atividades do MFAA e reuniões com o pessoal da zona de ocupação americana, no Arquivo do Kreismuseum Wewelsburg, Büren-Wewelsburg. Para material informativo ligado à viagem de WH ao Castelo de Wewelsburg: entrevista com Wulff Brebeck em fevereiro de 2008; Wulff Brebeck, Karl Hüser e Kristen John-Stucke, *Wewelsburg 1933-1945: Megalomania and Terror of the SS*, Landschaftsverband Westfalen-Lippe, Münster, 2007, pp. 23-59; e Stephen Cook e Stuart Russell, *Heinrich Himmler’s Camelot: The Wewelsburg Ideological Center of the SS, 1934-1945*, Kressmann-Backmeyer, Andrews, N.C., 1999, pp. 3-119. Campo de concentração de Niederhagen: Hans Hesse, org., *Persecution and Resistance of Jehovah’s Witnesses during the Nazi Regime 1933-1945*, Courier Press, Chicago, 2001, pp. 60-71. Expedições do Ahnenerbe e materiais encontrados em Wewelsburg: “Looted Cultural Materials at the SS School Haus Wewelsburg”, relatório sem data do CIC, em NA, e Hellmut Lehmann-Haupt, relatório do MFAA; “Cultural Looting of the Ahnenerbe”, 1o de março de 1948, em NA.

Capítulo 19: A Casa Branca

O nome Josef Spacil às vezes é grafado erroneamente como Wilhelm Spacil em documentos militares americanos. Obtenção e leitura dos registros por WH: relato oral de WH, fitas 5, 8, 9, em WHA; e minha entrevista com FR em maio de 2009. Informações sobre Josef Spacil: Kenneth Alford e Theodor Savas, *Nazi Millionaires: The Allied Search for Hidden SS Gold*, Castmate, Havertown, Pa., 2002, pp. 92-136. Atividades do Bureau II: “Annex III Report”, 28 de agosto de 1945, em NA. Registros específicos de Spacil examinados por WH e FR: “Brief on Wilhelm Spacil”, 290 GBI-CIB, 23 de julho de 1945, em NA; “CIC memorandum on Spacil”, 27 de julho de 1945, em NA; “Fuerstenfeldbruck Screening Center Interrogation Reports A and B, Gretl Biesecker”, 13 de junho de 1945, em WHA; “Fuerstenfeldbruck Screening Center interrogation report of SS Sturmbannführer Schuster”, 12 de junho de 1945, em WHA; “Fuerstenfeldbruck Screening Center Arrest Report of Spacil and Associates by Claus Nacke”, 18 de junho de 1945, em NA; “Fuerstenfeldbruck Screening Center Interrogation Report of Recovery of Money and Valuables Turned Over to CIC”, U.S. Seventh Army, 10 de junho de 1945, em NA; memorando “Arrest of SS Oberführer Spacil and Associates”, 18 de junho de 1945, em NA; Interrogation Reports of 307th Counter Intelligence Corps Detachment, “Interrogation Memorandum, Josef Spacil”, 27 de julho de 1945, em NA; “CIC, Headquarters Seventh Army Memorandum”, 16 de junho de 1945, em NA; CIC, “Spacil Memorandum”, 27 de julho de 1945, em NA; CIC, “Wilhelm Spacil Information Regarding the Discovery of Shipment 31”, sem data, em NA; e CIC, “Memorandum for the Officer in Charge of the Interrogation of Josef Spacil”, 5 de julho de 1945, em NA. Castelo de Fischhorn e corrupção do CIC: “CIR and interrogation of Erwin Haufler”, 15 de setembro de 1945, em NA. Propriedades e documentos pessoais de Hitler: “Documents and Effects of Hitler and Eva Braun”, equipe 970-33 do CIC, relatório do

CIR, 20 de janeiro de 1946, em NA. Operações do RSHA, Kaltenbrunner e Naumann: CIC, “Kaltenbrunner Intermediate Interrogation Reports 1 and 2”, 28 de junho de 1945, em NA.

Capítulo 20: Saques nazistas

Detalhes da conversa entre WH e FR extraídos de minhas entrevistas com FR em maio de 2009; relato oral de WH, fita 4, em WHA; ensaio inédito, “The Nazi Mind-Set”, de FR, em FRP; e correspondência de FR para Bernard Rosenthal em 29 de maio de 1945, em FRP. Recursos obtidos pelo CIC e corrupção do pessoal do CIC: “Brief on Wilhelm Spacil”, 290 GBI-CIB, 23 de julho de 1945, em NA; e CIC, “Memorandum on Spacil”, 27 de julho de 1945, em NA. Para uma síntese abrangente da corrupção do CIC no que se refere à investigação de Spacil: Kenneth Alford e Theodor Savas, *Nazi Millionaires: The Allied Search for Hidden SS Gold*, Castmate, Havertown, Pa., 2002, pp. 92-136; e Kenneth Alford, *The Spoils of World War II*, Birch Lane Press, Nova York, 1994, pp. 259-269. Atitude de WH em relação ao MFAA e CIC e à autoridade e supervisão das USFET: “Notes on MFAA and Wiesbaden manifesto”, anotações e ensaio inédito, em WHA.

Capítulo 21: Campo King

Conversa de WH com JT foi extraída de anotações manuscritas de entrevistas de WH, agosto de 1945, coleção do MFAA em NA; e minha entrevista com FR em maio de 2009. Mudanças ocorrendo em Nuremberg sob o novo governo da ocupação: relatório do MGLS, 23 de maio de 1947, em NA; relatório do MGLS, 25 de outubro de 1947, em NA; John Gimbel, *The American Occupation of Germany: Politics and the Military, 1945-1949*, Stanford University Press, Stanford, Calif., 1968, pp. 50-103; relatórios do OMGUS: “Fragenbogen, Prosecution Cases File”, em NA; OMGN, “Additional list of Removals”, 1º de setembro de 1945, em NA; e OMGUS, “Report on Denazification”, 20 de outubro de 1945, em NA. Recuperação e interrogatório passo a passo de Fries por WH e o que este descobriu: memo de WH ao Escritório do Governo Militar para a Alemanha, Divisão de Economia, Agência de Controle de Restituições, MFAA, 23 de maio de 1945, em NA; mensagem no 686, 10 de janeiro de 1945, do general Mark W. Clark às USFET, em NA; e Earl Ziemke, *The U.S. Army in the Occupation of Germany, 1944-1946*, Army Historical Series, U.S. Army, Center of Military History, Washington, D.C., pp. 400-410, em MHI. Detalhes da prisão e interrogatório de Fries: anotações manuscritas de entrevistas de WH, agosto de 1945, coleção do MFAA, em NA; WH, “Report on the investigation of the circumstances of disappearance of the Imperial Insignia from the crown treasures of the Holy Roman Empire in the Nuremberg Art Cache, and their recovery”, 14 de agosto de 1945, em WHA; WH, “The Finding of the Crown Jewels: A Sketch of Monuments and Fine Arts Activities in World War II”, palestra proferida por WH em 4 de outubro de 1965, em WHA; e Robert Armstrong, “The German Crown Jewels: A Modern Detective Story”, relatório para o U.S. Army Group CC, APO 742, 1945, em WHA.

Capítulo 22: As Joias da Coroa

Mudanças de circunstâncias e da situação política quando WH retornou a Nuremberg: MFAA Historical Report, EIB3, para agosto de 1945, em NA. Bunker da Praça Pannier e recuperação das Joias da Coroa: Walter Herppich, *Das unterirdische Nürnberg*, Hofmann Verlag Nürnberg, 1987, pp. 96-119. Devolução das Joias da Coroa e discussão com JT: relatório de WH ao quartel-general, Det F1B3, Third ECA, JT, 14 de agosto de 1945, em NA; e correspondência do general de brigada William Draper para WH, 16 de agosto de 1946, em WHA. A mais abrangente coleção individual de documentos relacionados à descoberta: “WH’s final report to Office of Military Government for Germany, Economics Division, Restitution Branch”, conforme compilado com documentos relacionados por Mary Regan em 19 de março de 1946, em NA; e Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 13-79.

Capítulo 23: A barganha faustiana

Produção de câmeras Leica e passes interzonas: Giles MacDonogh, *After the Reich*, Basic Books, Nova

York, 2007, p. 199. Conversas entre WH e Dollar para tirar Mathilde Horn da zona soviética foram extraídas do relato oral de WH, fitas 5 e 7, em WHA; e minhas entrevistas com Alberta Horn e a família Horn em abril e maio de 2008. Informações sobre a família de WH: WH, “Early Memories of My Family”, ensaio sem data, em WHA. Amores de infância de WH, salvação do afogamento e experiências na Universidade de Heidelberg: relato oral de WH, fitas 1, 2, 6, em WHA; e minha entrevista com Jenny Marshall em abril de 2009. Erich Maschke e envolvimento acadêmico da família Horn com atividades nazistas: WH, “Erich’s Story”, ensaio sem data, em WHA. Rudolf Horn: memorando sem título de WH sobre Rudolf Horn, 1º de abril de 1947, em WHA. Brigas com o irmão: relato oral de WH, fita 2, em WHA. A posição geral e a condição de Heidelberg e o papel da universidade durante o Terceiro Reich: Steven Remy, *The Heidelberg Myth: The Nazification and Denazification of a German University*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 2002. Para informações gerais sobre a ligação da família Horn com o mundo acadêmico durante o Terceiro Reich: Erich Maschke, *Die deutschen Kriegsgefangenen des Zweiten Weltkrieges, Eine Zusammenfassung*, Verlag Ernst und Werner Giesecking, Munique, 1974; Erich Maschke, *Das Geschlecht der Staufer*, Scientia Verlag, Stuttgart, 1970; Erich Maschke, *Looking East: Germany beyond the Vistula*, Terramare Office, Berlim, 1935; e Michael Burleigh, *Germany Turns Eastwards: A Study of Ostforschung in the Third Reich*, Cambridge University Press, Nova York, 1988, pp. 57-59.

Capítulo 24: O Quarto Reich

Artigo na *Stars and Stripes*: 13 de agosto de 1945, *Stars and Stripes Bavarian Edition*, em WHA. Conversas entre WH e MH foram extraídas de WH, “Report on the investigation of the circumstances of disappearance of the Imperial Insignia from the crown treasures of the Holy Roman Empire in the Nuremberg Art Cache, and their recovery”, 14 de agosto de 1945, em NA; “Armstrong Memorandum”, agosto de 1945, em NA; correspondência do general de brigada William Draper para WH, 16 de agosto de 1946, em WHA; Liaison and Protocol Section, OMGUS, G-448, em NA; correspondência de MH para U.S. Group Control Council, Reparation, Deliveries and Restitution Division, MFAA, 20 de agosto de 1945, em NA; relatório de WH para o quartel-general, Det F1B3, Third ECA, JT, 14 de agosto de 1945, em NA; “Report of the American Commission for the Protection and Salvage of Artistic and Historical Monuments in War Areas”, 30 de junho de 1946, em NA; memorando de 20 de agosto de 1945, de MH para WH, em WHA; e Earl Ziemke, *The U.S. Army in the Occupation of Germany, 1944-1946*, Army Historical Series, U.S. Army, Center of Military History, Washington, D.C., pp. 395-410. Missão de localização da coleção de moedas desaparecida: “Theft of Gold Coin Collection”, relatório do G-5, 11 de outubro de 1945; memorando do tenente S. L. Faison para OSS Art Looting Investigation Unit, 17 de setembro de 1945, em WHA; e WH Report, “The Treasure of Kremsmunster”, para o capitão Edwin Rae, MFAA, 11 de maio de 1946, em WHA. WH elogiado pelo bom serviço e recebendo um BMW: correspondência de WH a Peter Watson para *The Nazi’s Wife*, 25 de abril de 1984 e 9 de janeiro de 1986, em WHA. Informações gerais sobre Nordhausen, OSS e CIC: Clarence Lasby, *Project Paperclip: German Scientists and the Cold War*, Atheneum, Nova York, 1971; e Linda Hunt, *Secret Agenda: The US Government, Nazi Scientists and Project Paperclip, 1945-90*, St. Martin’s, Nova York, 1991. Descoberta da mina de Bernterode: Relatórios do MFAA de Walker Hancock, 2 de maio de 1945 e 12 de maio de 1945, em NA; CIR do Ten. H. D. Cragon, 2 de maio de 1945, em NA; e Walker Hancock, “Experience of a Monuments Officer in Germany”, *College Art Journal*, maio de 1946, pp. 271-311.

Epílogo

Tentativas de entrevistar Spacil: “Memorandum for the officer in charge, regarding further interrogation of Oberführer Spacil”, relatório do CIC, 5 de julho de 1947, em NA. O que aconteceu com Spacil: entrevista com Kenneth Alford em abril de 2009 e correspondência com Klaus Gagstädtter em maio de 2009. O que aconteceu com Fries, Schmeissner e Lincke: Peter Heigl, *Der Reichsschatz im Nazibunker*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, pp. 50-78; Peter Heigl, *Die Nürnberger Prozesse*, edição particular de Peter Heigl, Nuremberg, 2005, notas finais; entrevista com o historiador de Nuremberg Bernhard Seiler em fevereiro de 2008; Hugo Portisch, *Österreich II: Der lange Weg zur*

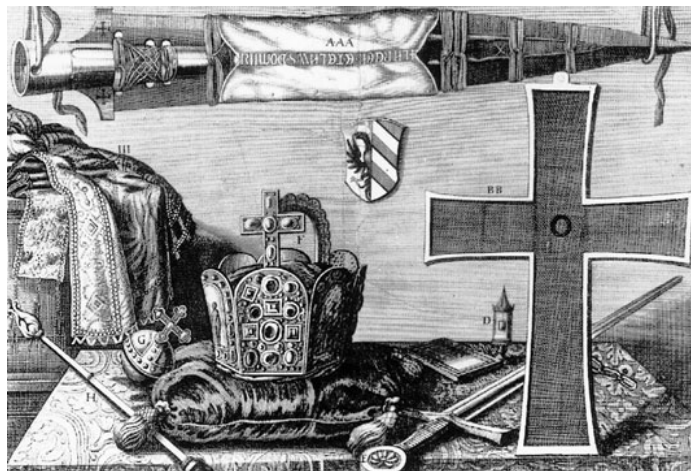
Freiheit, Kremayr & Scheriau, Viena, 1995, pp. 1-12. Julgamentos de Fries e Schmeissner: “A Nazi Treasure Grab Upset by Army Sleuths”, relatório do MFAA, 1o de janeiro de 1946, em NA. Devolução do altar de Veit Stoss: Relatório das USFET para CG III Army, 10 de setembro de 1945, em NA; e Frank Waters, “Famed Polish Altar Piece Found Cached under Nuremberg Rubble”, *Stars and Stripes Bavarian Edition*, 13 de junho de 1945, em WHA. Controvérsia sobre a propriedade das Joias da Coroa e o interesse dos generais Patton e Eisenhower: “MFAA meeting notes of repatriation of Crown Jewels”, 9 de janeiro de 1946, em NA; Coronel M. C. Bauer, “Return to Vienna of Crown Jewels and Regalia of the Holy Roman Empire”, dirigido para as USFET, cópia para MH, 13 de novembro de 1945, em NA; memorando do coronel C. Klise, “Regalia of the Holy Roman Empire”, para Escritório Diretor do Governo Militar, zona americana, 13 de dezembro de 1945, em NA; e “Secret Routine”, memorando do Escritório do Governo Militar para a Alemanha, número de referência WX-85965, 3 de dezembro de 1945, em NA. Opiniões legais sobre a propriedade das Joias da Coroa: relatório do tenente-coronel F. H. Kinners para o Escritório do Governo Militar para a Alemanha, 13 de fevereiro de 1946, em NA; e Otto Bemus, carta para James Garrison, 12 de fevereiro de 1948, em NA. Devolução das Joias da Coroa a Viena: Relatório preparado pelo MFAA para o tenente-coronel Ernest T. De Wald, “Return to Vienna of Crown Jewels and Regalia of the Holy Roman Empire”, 29 de outubro de 1945, em NA. Gutierrez e os diários de Hitler: entrevista com Kenneth Alford, abril de 2009. Caso de Hensel e réplicas das Joias da Coroa: “Investigation of Alleged Grand Larceny of Lt. Colonel Joseph W. Hensel”, 16 de setembro de 1946, em NA. As réplicas das Joias da Coroa que podem ter estado em Wewelsburg: correspondência com Albert Bühler, 10 de outubro de 1948, em WHA; e correspondência de Bühler para WH, 7 de janeiro de 1972, em WHA. Investigações subsequentes da Lança Sagrada e das Joias da Coroa: capitão Wilhelm Bernhard e coronel Howard Buechner, *Adolf Hitler and the Secrets of the Holy Lance*, Thunderbird Press, Metairie, La., 1988; Alec Maclellan, *The Secret of the Spear*, Souvenir Press, Londres, 2004; Jerry Smith e George Piccard, *Secrets of the Holy Lance*, Adventures Unlimited Press, Kempton, Ill., 2005; e Trevor Ravenscroft, *The Spear of Destiny*, Weiser Books, Boston, 1973. Livros de WH: WH e Ernest Born, *The Barns of the Abbey of Beaulieu at Its Granges of Great Coxwell & Beaulieu-St. Leonards*, University of California Press, Berkeley, 1965; WH, Jenny White Marshall, Grellan D. Rourke, *The Forgotten Hermitage of Skellig Michael*, NetLibrary, Dublin, Ohio, 1990; e WH e Ernest Born, *The Plan of St. Gall*, University of California Press, Berkeley, 1979. Tentativas para que WH recebesse uma condecoração do Exército: correspondência do coronel aposentado Charles Kunzelman para WH, 29 de agosto de 1981 e 12 de março de 1984, em WHA; e correspondência do coronel aposentado Charles Kunzelman para o tenente-coronel Vernon Hull, 29 de setembro de 1980, em WHA. Jacqueline Kennedy Onassis trabalhando com WH: entrevista com Peter Watson, abril de 2009; Peter Watson, *The Nazi's Wife*, Doubleday, Garden City, NY, 1985.



Nuremberg, que Hitler chamou de “a alma do Partido Nazista”, pagou caro pela participação na Segunda Guerra Mundial. Em 11 missões de bombardeio, as esquadrilhas dos Aliados lançaram 14 mil toneladas de explosivos numa área de tamanho equivalente à de um subúrbio londrino. Esta visão da devastação, fotografada em abril de 1945, pouco depois da invasão americana, mostra as ruínas atrás do rio Pegnitz e a Igreja de Nossa Senhora no canto superior direito.

As Joias da Coroa, cobiçadas por Hitler, ilustradas em manuscritos do início do século XVIII. Essas relíquias milenares, que permaneceram em Nuremberg por 450 anos, foram transferidas para a Áustria após o colapso do Sacro Império Romano em 1806.

2



(III) manto imperial, (H) cetro, (AAA) Lança Sagrada, (G) orbe do governo cristão mundial, (F) coroa, (E) espada, (D) relicário eclesiástico, (BB) cruz supostamente feita da madeira do Santo Lenho.

3



(1) medalhão de peregrinos com o imperador Sigismundo, do Sacro Império Romano; (2) medalhão dos tesouros eclesiásticos com a Lança Sagrada; (3) coroa do Sacro Império Romano; (4) coroa imperial austríaca; (5) cetro; (6) pantufas; (7) orbe; (8) espada imperial; (9) punhal; (10) relicário em que as Joias da Coroa eram tradicionalmente mantidas; (11) medalhão de peregrinos para a Festa da Lança Sagrada; (12) espada cerimonial; (13) imperador Sigismundo, do Sacro Império Romano, com todas as insígnias da coroação.



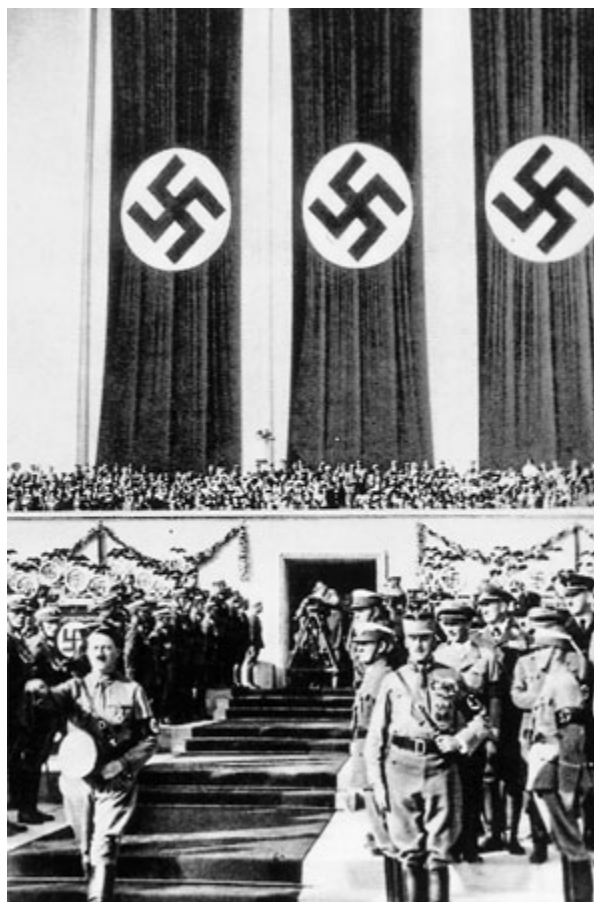
Adolf Hitler deixando a Igreja de Santa Maria em Bremerhaven, em 1932, um ano antes de ele se tornar Führer. Os membros do Partido Nazista logo defenderiam sua própria versão “ariana” bastante modificada do Novo Testamento.



Triunfante, Hitler jurou que um dia a Alemanha governaria o mundo. Aqui ele se encontra na Praça do Mercado de Nuremberg, diante da torre do relógio da Igreja de Nossa Senhora, no comício do Partido Nazista de 1934.



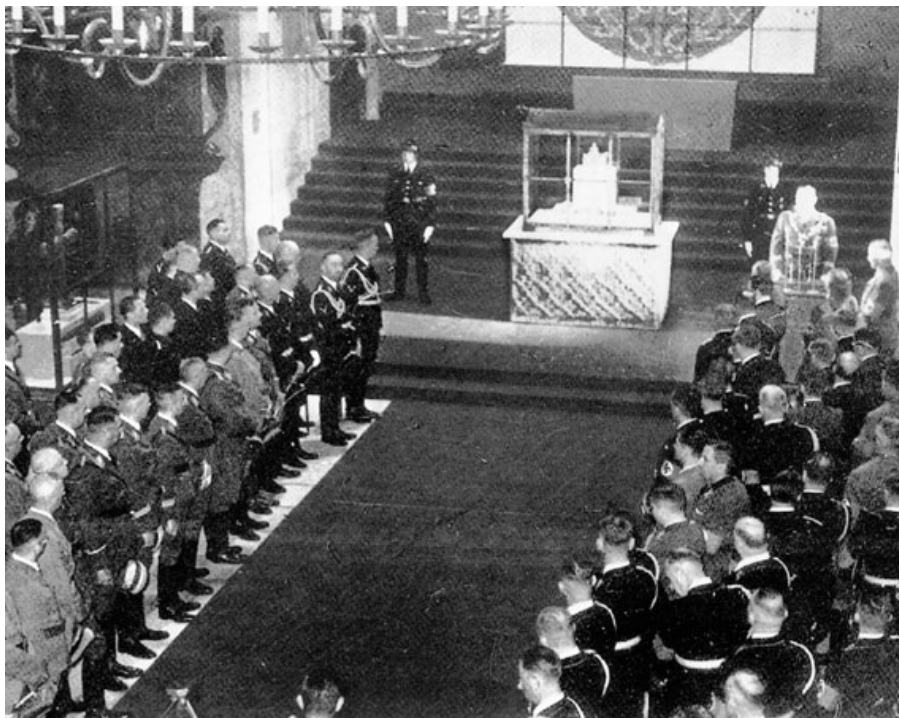
Da esquerda para a direita: Heinrich Himmler, Adolf Hitler e Victor Lutze, o chefe da divisão de “tropas de assalto” do Partido Nazista, deixam o estádio de Nuremberg em 1934.



Hitler orgulhosamente desce os degraus do estádio no comício do Partido Nazista de 1935.

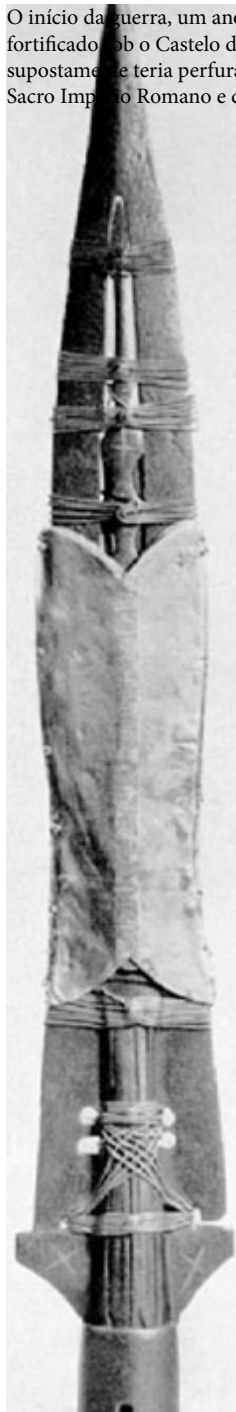


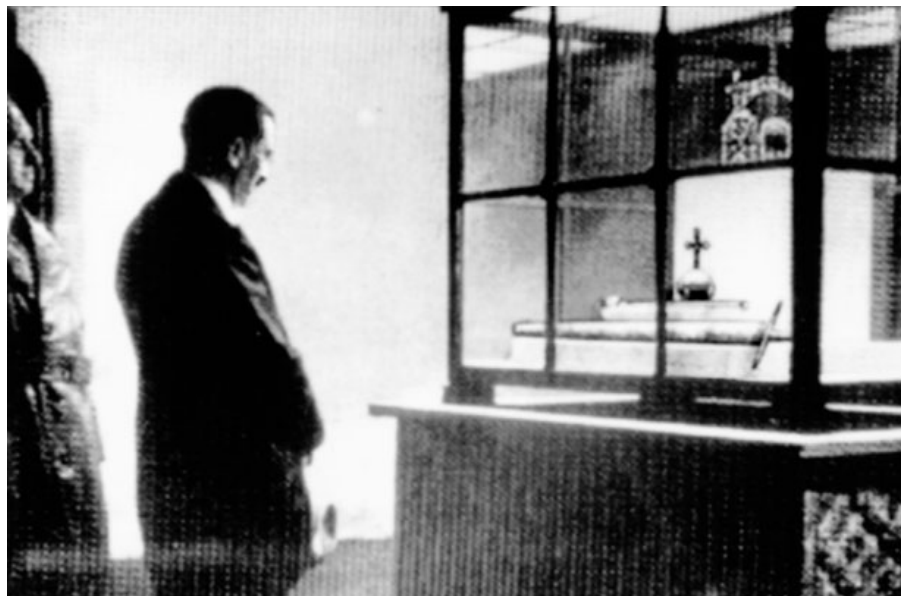
Prefeito de Nuremberg Willy Liebel, no comício do Partido Nazista de 1934, exigindo que a Áustria devolvesse as Joias da Coroa à Alemanha. Atrás de Liebel encontra-se o relicário do Sacro Império Romano “simbolicamente” vazio.



Cerimônia de 6 de setembro de 1938 na Igreja de Santa Catarina, quando autoridades nazistas “repatriaram” para Nuremberg as Joias da Coroa que haviam sido saqueadas.

O início da guerra, um ano depois, fez com que os tesouros fossem escondidos num bunker nazista fortificado sob o Castelo de Nuremberg. Esta é a Lança Sagrada, ou Lança do Destino, que supostamente teria perfurado Cristo na crucificação, venerada por longo tempo pelos soberanos do Sacro Império Romano e que os nazistas acreditavam ser dotada de poder místico.





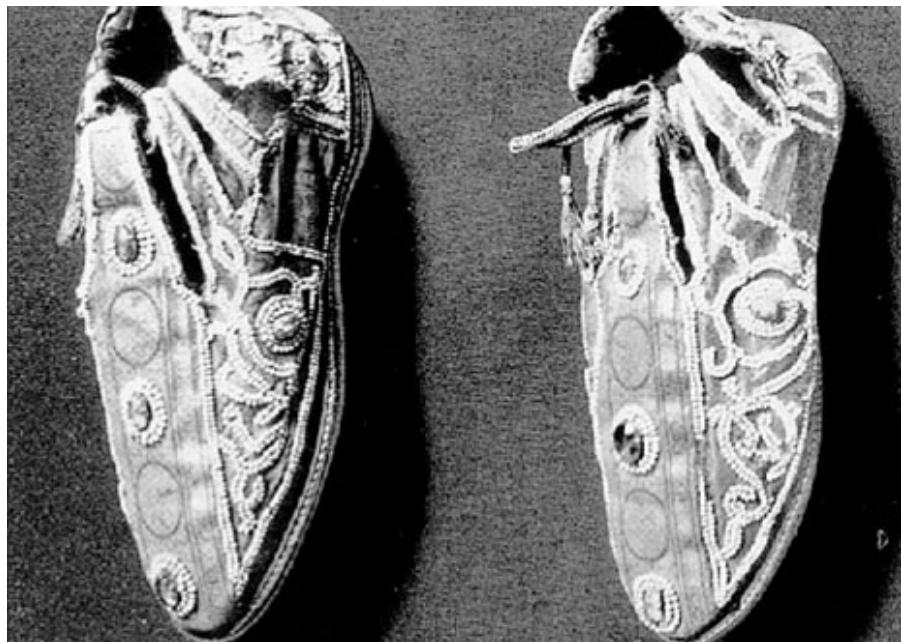
Hitler contemplando as Joias da Coroa na Igreja de Santa Catarina, em 12 de setembro de 1938.



O orbe dourado e adornado com joias do governo cristão mundial.



Coroa imperial, composta de oito placas de ouro guarnecidas de pedras preciosas e uma cruz.



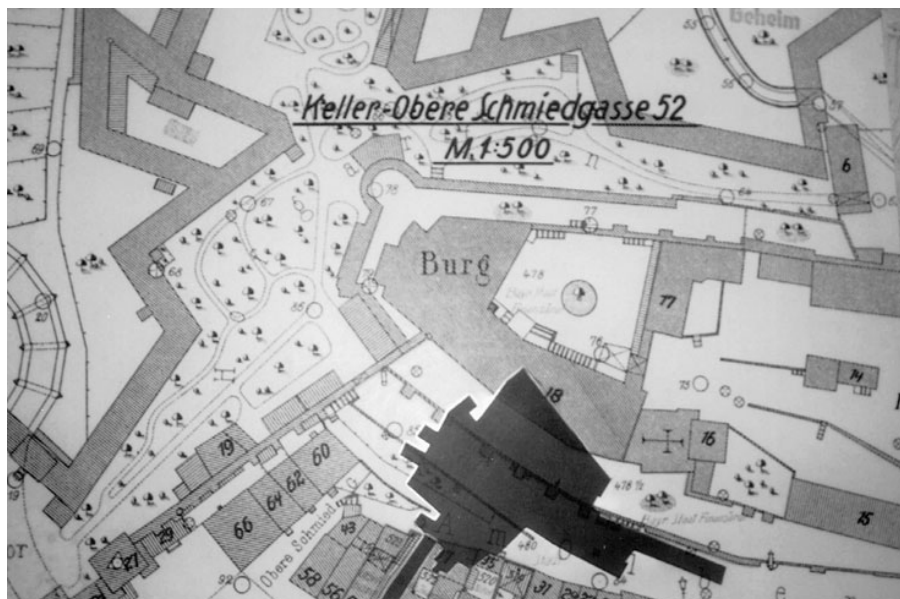
As pantufas bordadas da coroação.



Cartaz nazista avisando aos moradores que apagassem as luzes para dificultar a localização, pelos pilotos dos Aliados, de alvos terrestres à noite.



Antes da guerra, Nuremberg tinha cerca de 130 mil casas e prédios. Após a invasão, 67 mil foram totalmente arrasados, 16 mil ficaram parcialmente destruídos e 30 mil sofreram graves danos. De uma população de 450 mil pessoas antes da guerra, somente 160 mil ainda residiam na cidade quando as hostilidades cessaram, e 20 mil moradores estavam vivendo em choupanas improvisadas e abrigos antibombas.



Mapa do Castelo de Nuremberg com o bunker nazista na Alameda dos Ferreiros, 52 realçado. O túnel de entrada fica na parte inferior esquerda da área realçada, a câmara subterrânea fica na extrema direita. A Capela Imperial no Castelo de Nuremberg está indicada com uma cruz.



Praça Tiergärtner, em 1935, vista da casa de Albrecht Dürer, com o Castelo de Nuremberg ao fundo. A Alameda dos Ferreiros (à direita, indicada pela seta), com a entrada, disfarçada em portão de garagem, para o bunker (na extrema direita) onde as Joias da Coroa foram escondidas.



Entrada do túnel que levava do nível da rua ao bunker.



Entrada para o bunker, com sua porta externa de aço de 30 centímetros de espessura, onde as Joias da Coroa eram mantidas.



Sala dos guardas da SS.



Imagens entalhadas na célula de armazenamento contendo o famoso altar de Veit Stoss, saqueado pelos nazistas da Basílica da Virgem Maria em Cracóvia, na Polônia.



Walter Horn, 37 anos, interrogador do 3º Exército americano e agente da unidade de inteligência G-2, enviado pelos generais Dwight D. Eisenhower e George S. Patton a Nuremberg para recuperar as Joias da Coroa. Nascido na Alemanha e filho de um pastor luterano, Horn concluiu seu doutorado em história da arte sob a orientação do renomado professor Erwin Panofsky na Universidade de Hamburgo, em 1933, antes de emigrar para os Estados Unidos e se apresentar como voluntário para servir no Exército daquele país em 1943.



Família de Horn em Heidelberg. Da esquerda para a direita: Walter, seu irmão Rudolf (na arcada), seu pai, Karl, sua mãe, Mathilde, o cunhado, Erich Maschke, e sua irmã, Elsbeth, por volta de 1917.



A Sra. Anne Binkley Horn, a primeira esposa de Walter, nascida nos Estados Unidos. A foto é de cerca de 1943.



Suboficial e investigador da G-2 Felix Rosenthal, aos 28 anos. Engenheiro e bibliófilo nascido na Alemanha que emigrou para os Estados Unidos, tornou-se o melhor amigo de Horn. A foto é de 1945, em torno da época em que ele ajudou Horn a solucionar o mistério das Joias da Coroa desaparecidas.



Em 19 de julho de 1945, Horn foi incumbido de uma unidade investigativa especial do Serviço de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos do Exército americano, encarregada de recuperar as Joias da Coroa que haviam desaparecido. Acima, o chefe do MFAA, major Mason Hammond, professor de antiguidades clássicas de Harvard antes e depois da guerra; à direita, o oficial de campo do MFAA tenente James Rorimer, curador de museu e futuro diretor do Metropolitan Museum of Art de Nova York.

Leitores de Nuremberg suspeitos de cumplicidade na remoção das Joias da Coroa do bunker nazista: Heinz Schmeissner, Julius Linke e Konrad Fries.



39





Antigo colega de classe e amigo de Horn, o curador de museu de Nuremberg Günter Troche (no centro), que desempenharia um papel-chave na localização das Joias da Coroa desaparecidas, mostrando a visitantes nazistas uma vitrine no Museu Germânico, por volta de 1938.



Sede do Deutsches Ahnenerbe (Sociedade Ancestral Alemã) em Dahlem, na periferia de Berlim, onde o grupo de acadêmicos nazistas de Himmler supervisionava os currículos das universidades alemãs e organizava expedições internacionais de pesquisa com o intuito de provar cientificamente a superioridade do homem ariano e coletar arte e antiguidades germânicas para exibição e veneração em sua terra natal.



Apresentação do Ahnenerbe ao pessoal da SS, por volta de 1943. Observe a runa da Lança ou Tyr à esquerda da águia e, à direita, a runa Ansuz invertida, sugerindo sigilo.



Um programa de educação do Ahnenerbe ao ar livre para jovens oficiais nazistas.



A formação rochosa de Externsteine, na floresta Teutoburg, no noroeste da Alemanha, era um local sagrado usado pelos pagãos antes que os devotos cristãos a reivindicassem no século XII. Himmler financiou escavações arqueológicas lá, acreditando ser onde os ancestrais arianos do povo alemão celebravam cerimônias religiosas. Observe a entrada da capela no primeiro plano com a crucificação e o relevo pagão do Irminsul.



Heinrich Himmler e sua equipe homenageiam o local sagrado.



Castelo de formato triangular de Heinrich Himmler, em Wewelsburg, no distrito de Büren, onde oficiais de alto escalão da SS recebiam treinamento espiritual no misticismo e na prática religiosa nazista (1944). A torre norte (ainda em construção) encontra-se à esquerda, e no extremo oposto, em primeiro plano à direita, estão os aposentos pessoais do Reichsführer. A seção destinada ao Führer se localiza na torre da extrema direita.



Modelo em escala para a expansão do castelo, mostrando um desenho em forma de lança, dormitórios, escritório e salas de meditação, biblioteca e centros cerimoniais. Observe que a ponta da lança é a torre norte.



Portão de entrada do Castelo de Wewelsburg com runas germânicas.



Pátio do castelo mostrando a entrada da torre norte, que anteriormente foi a capela dos eleitores do Sacro Império Romano. Sob a administração de Himmler, supõe-se que era lá que o alto-comando nazista pretendia praticar seus cultos e rituais.



Cripta nazista sob a torre norte de Wewelsburg mostrando o desenho pagão do Sol Negro no teto, pedestais no chão para urnas nas quais seriam guardadas as cinzas dos heróis da SS e, no centro do aposento, uma bacia em que deveria arder a “chama eterna” nazista.



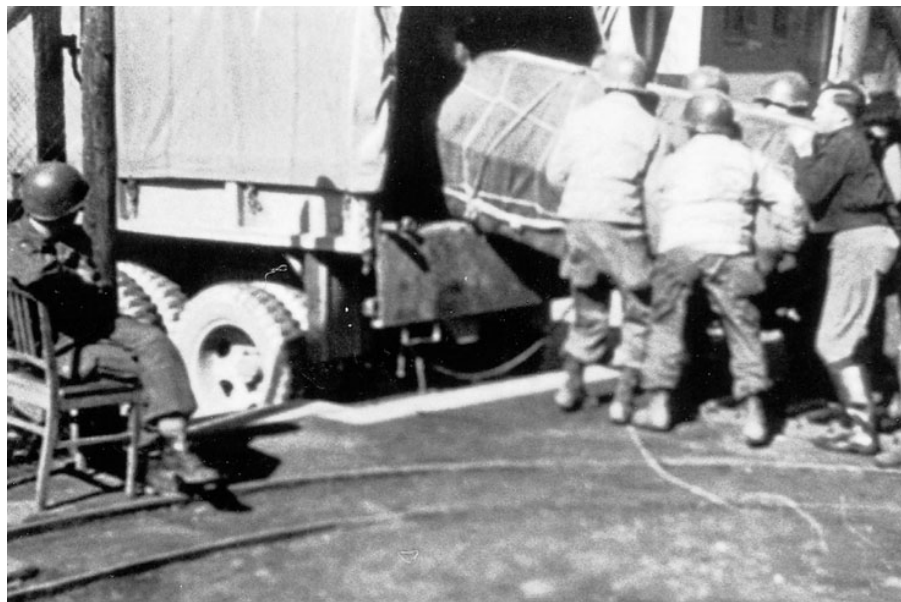
O major Sydney Markham com ex-prisioneiros testemunhas de Jeová diante do campo de concentração de Niederhagen, que fornecia a força de trabalho que Himmler usava para construir seu centro de estudos e rituais nazistas expandido em Wewelsburg.



Entrada da mina de Bernterode, na periferia de Nordhausen, onde foi descoberta uma cripta nazista contendo quatro caixões.



Um esquite vazio, reservado para Hitler, foi encontrado num compartimento separado dentro da cripta.



Soldados colocando num caminhão o caixão do imperador Frederico, o Grande, para ser levado para Marburg, na Alemanha.



Oberführer Josef Späcil, da SS, o tesoureiro de Himmler, que teria desempenhado um papel-chave no desaparecimento das Joias da Coroa, foi encarregado de esconder 25 milhões de dólares em ouro e outros valores saqueados para um futuro Quarto Reich.



Castelo de Fischhorn e as margens do lago Zell, na Áustria, tornaram-se o destino escolhido pelo marechal do ar Hermann Göring e outros nazistas fugindo dos exércitos aliados.



Em 25 de abril de 1946, soldados americanos lotaram o vagão privado de Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores da Alemanha, com o altar de Veit Stoss e 27 outros caixotes contendo obras de arte pilhadas que deixariam Nuremberg para serem restituídas a Cracóvia, na Polônia.

49

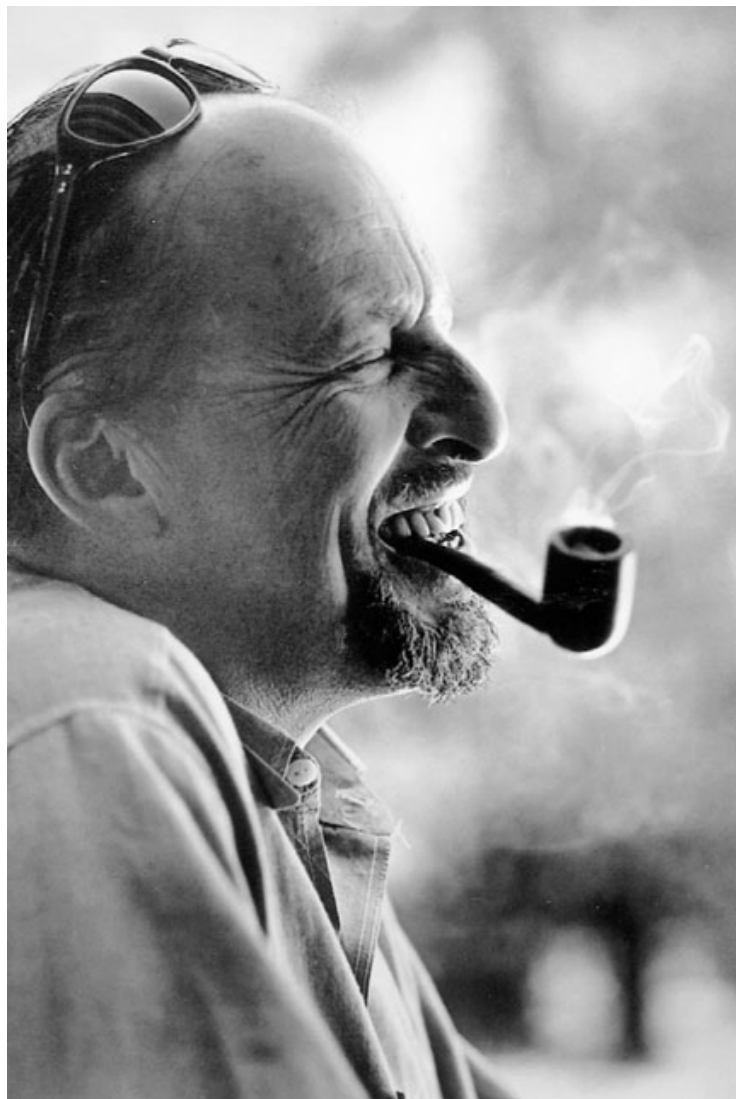




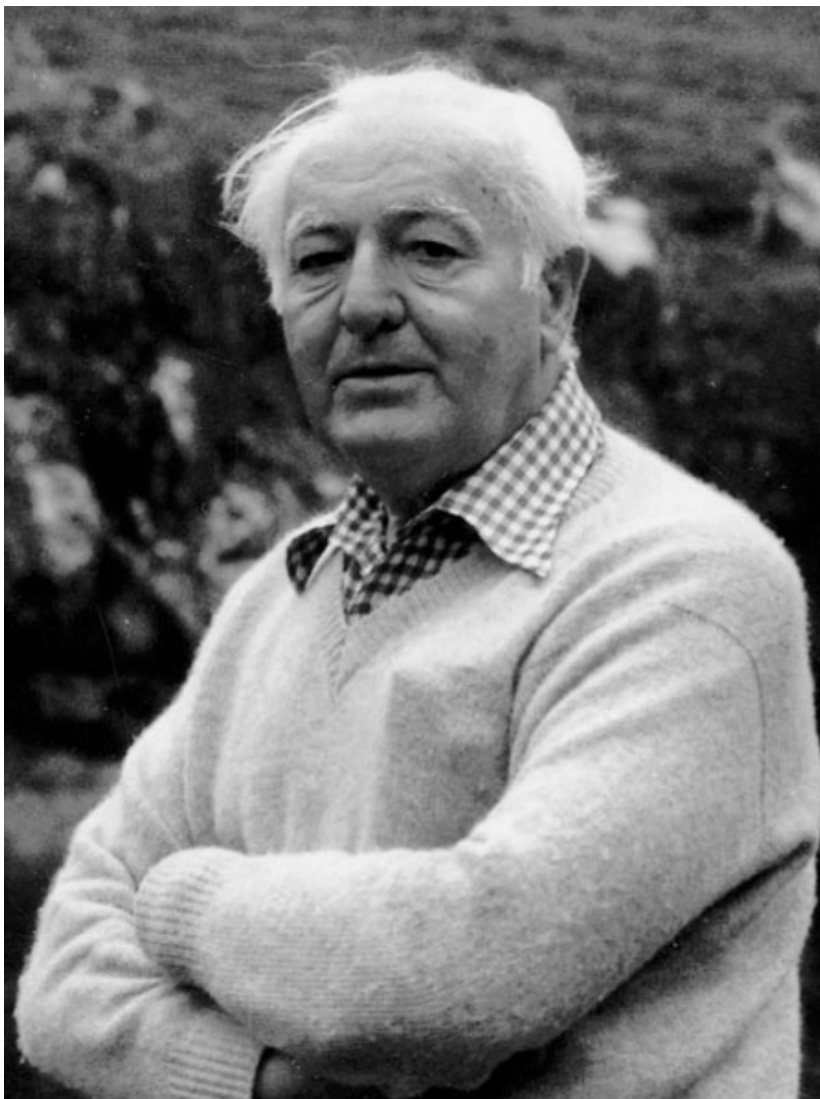
Por ordem do general Eisenhower, a coleção inteira de tesouros do Sacro Império Romano foi devolvida a Viena em 5 de janeiro de 1946. Joias da Coroa, após chegarem à Áustria, são examinadas pelos oficiais do MFAA: da esquerda para a direita, coronel Theo Paul, Andrew Ritchie, comandante Perry B. Cott e major Ernest T. DeWald.



Autoridades americanas da ocupação apresentam as Joias da Coroa ao primeiro-ministro austríaco.



Depois de voltar para casa, em Berkeley, em 1946, Felix Rosenthal tornou-se um respeitado arquiteto, bibliófilo e professor da Universidade da Califórnia em Berkeley até se aposentar, em 1983.



Walter Horn, fotografado na ilha de Skellig Michael, na costa da Irlanda, após sua aposentadoria nessa mesma universidade, em 1979. Pouco antes de sua morte em 1995, aos 87 anos, viajou para Viena para admirar a coleção dos tesouros do Sacro Império Romano que ele havia recuperado para os Aliados, impedindo que os artefatos se transformassem em símbolos do Quarto Reich.

Créditos das fotos

1. National Archives, coleção de fotos da Segunda Guerra Mundial.
2. De *Eigentliche Verbindung der Helthumb und des Keyerlichen Ornatus*, conforme reeditado em *Die deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Nuremberg, 1938 (coleção do autor).
3. *Die versteckten Reichskleinodien, Herold, Insignia*, 1713, conforme reproduzido em *Die deutschen Reichsinsignien und Reichskleinodien*, Nuremberg, 1938 (coleção do autor).
4. De Heinrich Hoffman, *Hitler weil ihn keiner kennt*, Berlim, 1935 (coleção do autor).
5. Foto do jornal *Süddeutsche Zeitung*, com permissão.
- 6 e 7. National Archives, coleção de fotos da Segunda Guerra Mundial.
- 8 e 9. Reproduzido de *Die Reichskleinodien*, Angelsachsen Verlag, Nuremberg, 1939 (coleção do autor).
10. Reproduzido de *Die Reichskleinodien in der Pfalz*, Friedrich Sprater, publicado por Im Westmarkverlag, Ludwigshafen am Rhein e Saarbrücken, 1942 (coleção do autor).
11. Reproduzido de *Die Reichskleinodien*, Angelsachsen Verlag, Nuremberg, 1939 (Livro do Dia do Partido e álbum comemorativo publicados por Willy Liebel) (coleção do autor).
- 12-14. Reproduzido de *Die Reichskleinodien in der Pfalz*, Friedrich Sprater, publicado por Im Westmarkverlag, Ludwigshafen am Rhein e Saarbrücken, 1942 (coleção do autor).
- 15-18. National Archives, coleção de fotos da Segunda Guerra Mundial.
- 19-21. Por Sidney D. Kirkpatrick.
22. National Archives, coleção de fotos da Segunda Guerra Mundial.
- 23-25. Coleção Walter Horn, cortesia de Alberta Horn (com permissão).
26. Coleção Felix Rosenthal, cortesia de Barnard Rosenthal (com permissão).
27. Coleção Mason Hammond, cortesia da família de Mason Hammond (com permissão).
- 28-30. Cortesia da cidade de Nuremberg (com permissão).
- 31-33. National Archives, coleção de fotos da Segunda Guerra Mundial.
34. Foto do jornal *Süddeutsche Zeitung*, com permissão.
35. Por Sidney D. Kirkpatrick.
- 36-40. Cortesia do Arquivo do Kreismuseum Wewelsburg, Büren-Wewelsburg, com permissão.
41. Por Sidney D. Kirkpatrick.
42. Cortesia do Arquivo do Kreismuseum Wewelsburg, Büren-Wewelsburg, com permissão.
- 43-51. National Archives, coleção de fotos da Segunda Guerra Mundial.
52. Coleção Felix Rosenthal, cortesia de Barnard Rosenthal (com permissão).
53. Coleção Walter Horn, cortesia de Alberta Horn (com permissão).

Agradecimentos

NÃO CONHECI WALTER HORN pessoalmente. O que sei sobre ele veio de alunos, colegas e membros da família que compartilharam suas lembranças comigo, permitiram que eu lesse suas correspondências pessoais e consultasse seus arquivos, ou simplesmente me acompanharam enquanto eu seguia suas pegadas em Berkeley e ao longo da praia em Point Richmond.

Em primeiro lugar, meus agradecimentos à sua viúva, Alberta Horn, e a seus dois filhos ainda vivos, Michael e Rebecca. Este livro não poderia ter sido escrito sem sua generosidade, seu encorajamento e sua confiança. Agradeço também a Grethe Tedrick, vizinha e amiga de Walter e Alberta, que me acolheu em minhas viagens de pesquisa e me distraiu com suas muitas histórias, e a Tom Tedrick, filho de Grethe, por suas lembranças de Walter, seu bom humor e muitas informações valiosas.

Também sou grato pelo apoio de Felix Rosenthal, amigo e colega de Walter, cujas lembranças, correspondência, artigos inéditos e relatórios ajudaram imensamente a detalhar os eventos e a fornecer o material de fundo descritos neste livro. Agradeço também a Barnard, irmão de Felix, e a Victoria e Tony Misch por ajudarem a marcar minha entrevista com Felix.

Muitas outras pessoas nos Estados Unidos e na Europa foram fundamentais em me ajudar a reconstituir aspectos específicos da história. Devo agradecer a Brigitte Harris, genealogista da família Horn; a Svetlana Alpers e Jennifer White Marshall, amigas e ex-colegas de Horn; a Ian White e Charles Schlossman, colegas de Günter Troche; ao escritor Peter Watson, que conduziu entrevistas detalhadas com Walter para seu livro *The Nazi's Wife*; a Antsiss, Elizabeth e Florence, filhas de Mason Hammond; ao historiador militar Kenneth Alford; ao pesquisador de arquivos Mark Ballard; a Wulff Brebeck, historiador e curador de Wewelsburg; a Karl Kunze, historiador de Nuremberg; aos guias da cidade Michael E. Gonzales, Bolko Gruell e Karl Hueser; a Boyd Dastrup, historiador da ocupação de Nuremberg, da Field Artillery School do Exército americano em Fort Sill; ao pesquisador de Josef Spacil Klaus Gagstädter; ao consultor militar americano Kelly DePonte; aos pesquisadores militares alemães Ralph e Dieter Faber; e ao capitão aposentado James C. Sattgast, que participou da invasão de Nuremberg com os 45th Thunderbirds.

Por sua assistência editorial e leitura cuidadosa dos originais, sou grato a Olive DePonte. Sou igualmente grato a Hildegard Perlman pela ajuda em traduzir livros e documentos alemães; a Marisa Bourgoin e Wendy Hurlock Baker, que muito ajudaram na pesquisa dos documentos de Walter Horn nos Archives of American Art, do Instituto Smithsonian; a Walter Gebhardt, por sua ajuda em localizar os registros de seu colega Günter Troche no Museu Germânico; a Stephen Bye, que gentilmente me deu apoio no War College do Exército americano em Carlisle, Pensilvânia; a Paul Nowacek, que me poupou muitas horas de trabalho nos Arquivos Nacionais em College Park; e a Michael Gonzales, da biblioteca e do quartel-general da 45ª Divisão de Infantaria em Oklahoma City.

Três outros pesquisadores que não tive o prazer de conhecer, mas cujas pesquisas influenciaram a minha, merecem reconhecimento: Stephen Brockmann, da Carnegie Mellon University, autor de *Nuremberg: The Imaginary Capital*; Susannah Heschel, do Dartmouth College, autora de *The Aryan Jesus*; e Lynn Nicholas, de Washington, D.C., autora de *The Rape of Europa*. Meu reconhecimento também vai para o escritor e cineasta Robert Edsel, cujos livro *Rescuing Da Vinci* e trabalho na Monuments Men Foundation for the Preservation of Art muito ajudaram em aumentar a consciência do público das contribuições de Mason Hammond, Walter Horn e seus colegas do MFAA.

Sou muito grato ao agente Richard Morris, da Janklow and Nesbit, e ao editor Roger Labrie, da Simon and Schuster, que acompanharam o projeto deste livro desde a ideia inicial até sua conclusão. Sua confiança, bem como seu olhar e sua perspicácia editorial, foram muito valiosos.

Obrigado também àqueles que ajudaram desde que conversei com eles pela primeira vez sobre esta obra: Dayton e Karen Brown, David Cyrille, Robert e Teresa Freaso, Cathy Haenlein, George e Joan Rockwell Gifford, Wilder e Gabriele Knight, Todd Miller e Ellie Short.

Por fim, um obrigado muito especial à minha esposa, Nancy, como sempre, por seu apoio, sua paciência e suas boas opiniões.

Sobre o autor



SIDNEY D. KIRKPATRICK é autor de cinco best-sellers de não ficção e também um premiado diretor de documentários da HBO, do History Channel e do Discovery Channel, entre outros. Divide-se entre suas residências em Stony Brook, Nova York, e Pasadena, na Califórnia.

sidneykirkpatrick.blogspot.com.br



Fora de série

Outliers



DESCUBRA POR QUE ALGUMAS PESSOAS
TÊM SUCESSO E OUTRAS NÃO

MALCOLM
GLADWELL

Autor de *O ponto da virada* e *Blink*



FORA DE SÉRIE – OUTLIERS
Malcolm Gladwell

Nesse livro, Malcolm Gladwell realiza uma fascinante investigação das raízes do sucesso. Enfocando a trajetória de pessoas que apresentaram um desempenho extraordinário em áreas e épocas diversas, ele mostra que o êxito não é fruto apenas do mérito individual. Ele também resulta de fatores que garantiram a esses indivíduos a chance de cultivar seu talento intensamente e de forma peculiar, destacando-se assim como personalidades fora de série.

Para Gladwell, todas as pessoas com esse perfil – denominadas por ele de *outliers* – receberam ajuda de alguém da família ou da comunidade ou foram beneficiadas por circunstâncias específicas de sua geração, cultura ou meio. No seu ponto de vista, o sucesso resulta do acúmulo constante de vantagens e, em grande parte, depende de quando e onde nascemos, da profissão dos nossos pais e do tipo de criação que recebemos.

Você lerá histórias de gênios que, apesar de possuírem uma inteligência espantosa, não conseguiram alcançar o sucesso. Para o autor, esse fato demonstra que, embora o QI seja um indicador de *habilidade inata*, a destreza social é construída por *conhecimento*. É um conjunto de capacidades que

precisamos aprender e desenvolver – e é no ambiente familiar que isso costuma ocorrer.

"Um livro fascinante que vai fazer você ver o mundo de forma diferente." – Fortune

O ponto da virada

The tipping point



COMO PEQUENAS COISAS
PODEM FAZER UMA GRANDE DIFERENÇA

MALCOLM
GLADWELL

Autor de *Fera de série e Blink*



5 milhões
de livros
vendidos
em todo o
mundo

O PONTO DA VIRADA

Malcolm Gladwell

Você já ficou intrigado pensando no que faz com que um produto, um serviço ou mesmo atitudes virem moda da noite para o dia? Malcolm Gladwell apresenta uma maneira instigante e original de entender fenômenos sociais desse tipo: vê-los como epidemias.

“Ideias, produtos, mensagens e comportamentos se espalham como vírus”, diz o autor. E o momento decisivo em que essas novidades se alastram – ou se acabam – é o que ele chama de o Ponto da Virada. Esse instante crítico surge com mudanças que, embora pequenas, surtem um efeito extraordinário.

O objetivo de toda essa reflexão, afirma o autor, é, em suma, responder a duas perguntas: “Por que alguns comportamentos, produtos e ideias deflagram epidemias e outros não? E o que podemos fazer intencionalmente para desencadear e controlar as nossas próprias epidemias positivas?”

Gladwell responde às duas questões dizendo basicamente o seguinte: o mundo, por mais que queiramos, não corresponde àquilo que a nossa intuição nos diz. As pessoas que têm sucesso na criação de uma epidemia social testam sua forma de ver as coisas e a adaptam para que a inovação possa ser assimilada e disseminada.

O que se passa na cabeça dos cachorros



e outras aventuras

MALCOLM
GLADWELL

autor de Fora de série e O ponto da virada



O QUE SE PASSA NA CABEÇA DOS CACHORROS

Malcolm Gladwell

Malcolm Gladwell publicou três livros que mudaram radicalmente o modo como compreendemos o comportamento humano e o mundo à nossa volta. Autor de *O ponto da virada*, *Fora de série* e *Blink*, ele acredita que o sucesso de um texto não deve ser medido por seu poder de persuasão, mas por sua capacidade de nos fazer pensar, de nos dar um vislumbre de como funciona a mente de outras pessoas.

O que se passa na cabeça dos cachorros reúne os melhores artigos publicados desde 1996 na sua coluna na revista *The New Yorker*. São tentativas de entender o ponto de vista do outro, tão importante quanto o nosso em qualquer comunicação.

Nesse livro, Gladwell investiga as razões por trás de enigmas e mistérios, como por que John Kennedy Jr. perdeu o controle do seu jatinho, como o governo Bush foi induzido a acreditar que Saddam Hussein escondia armas de destruição em massa ou por que é certo que ocorram outros acidentes espaciais graves como o do Challenger.

O mexicano César Millan, apresentador do programa de TV *O encantador de cães*, é o destaque do artigo que dá nome ao livro. Ele consegue acalmar o mais feroz e agitado animal com um toque das mãos. O que Millan pensa ao

fazer isso? Mas a questão que iremos desvendar vai além: o que o cachorro pensa quando interage com Millan?

Além de estudar casos célebres, Gladwell também nos surpreende ao dissecar situações envolvendo pessoas que não são famosas nem poderosas, como as redatoras de comerciais da L'Oréal e da Clairol que mudaram a história da mulher no século XX e o investidor que faz fortuna apostando na inevitabilidade do desastre.

Com sua curiosidade incansável e uma incrível capacidade de encontrar uma história interessante nas coisas aparentemente mais banais da experiência humana, Malcolm Gladwell nos envolve em suas descobertas e abre nossos olhos para outras possibilidades e novas formas de ver o mundo, as pessoas e – por que não – os cachorros.



FILHO DO HAMAS
Mosab Hassan Yousef

Desde a infância, Mosab Hassan Yousef viveu nos bastidores do grupo fundamentalista islâmico Hamas e testemunhou as manobras políticas e militares que contribuíram para acirrar a sangrenta disputa no Oriente Médio. Por ser o filho mais velho do xeique Hassan Yousef, um dos fundadores da organização, todos acreditavam que ele seguiria os passos do pai.

Às vésperas de completar 18 anos, movido pela raiva e pelo desejo de vingança, Mosab decide assumir um papel mais ativo no combate a seus opressores e acaba sendo preso e levado para o mais terrível centro de interrogatórios israelense.

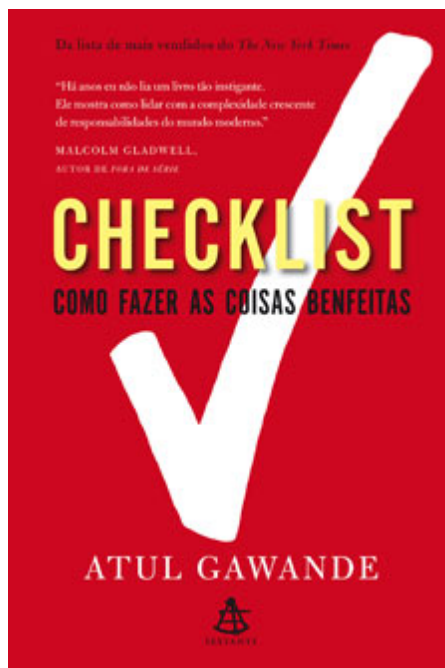
Depois de dias sob tortura, ele recebe uma proposta do Shin Bet, o serviço de inteligência interno de Israel: sua liberdade em troca da colaboração para identificar os líderes do Hamas responsáveis por ataques terroristas. A princípio, considera a oferta absurda. Afinal, como poderia trair sua religião e seu povo e ajudar seus inimigos?

Filho do Hamas é o relato impressionante do caminho inesperado que Mosab resolve seguir ao questionar o sentido de um conflito que só traz sofrimento para os inocentes, sejam eles palestinos ou israelenses.

No livro, ele revela como se tornou espião do Shin Bet, narra passagens da

vida dupla que levou durante 10 anos e fala das escolhas arriscadas que fez para conter a violência de uma das organizações terroristas mais perigosas do mundo.

Essa é também uma história de transformação pessoal, uma jornada de redescoberta espiritual que começa com a participação de Mosab num grupo de estudos bíblicos e culmina na sua conversão ao cristianismo e na crença de que “amar seus inimigos” é o único caminho para a paz no Oriente Médio.



CHECKLIST
Atul Gawande

Atul Gawande, cirurgião experiente e colunista da revista *The New Yorker*, se destacou ao escrever sobre os problemas e desafios da medicina moderna. Em *Checklist*, ele parte de relatos de cirurgias de risco para refletir sobre a forma como os profissionais lidam com a complexidade crescente de suas funções.

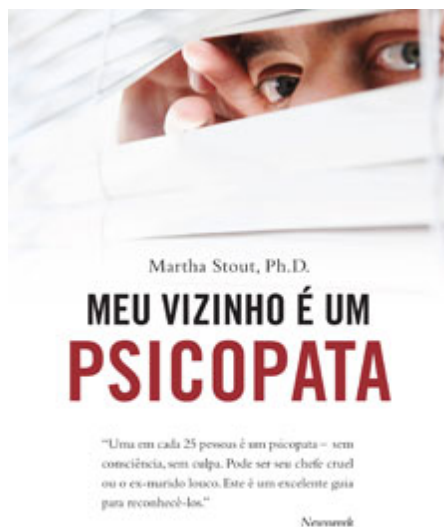
Gawande faz uma distinção entre erros de ignorância (que acontecem porque não temos o conhecimento necessário para realizar algo) e erros de inépcia (que ocorrem quando não fazemos bom uso desse conhecimento). Ele afirma que as falhas evitáveis no mundo atual são do segundo tipo e, por meio de uma série de exemplos, mostra como as tarefas habituais dos cirurgiões e de outros especialistas se tornaram tão intrincadas que equívocos já são praticamente esperados.

Para um problema complicado, nada como uma solução simples. O autor prova que podemos obter melhores resultados e encontrar saídas mais eficazes para quase todo tipo de dificuldade usando checklists. Ele explica como essas listas de verificação viabilizam algumas atividades complexas, de pilotar aviões de grande porte ou acompanhar o mercado de ações a construir arranha-céus.

Por meio de pesquisas e conversas com os profissionais que mais utilizam

esse recurso valioso, Gawande demonstra como o checklist evita desperdícios, erros graves e até catástrofes. Conta também de que maneira ele é aplicado em áreas inesperadas como futebol, teatro e música, e o que nós podemos fazer para tirar proveito desse método.

Checklist é uma análise impressionante da complexidade que cerca nossa vida e dos inúmeros benefícios que um procedimento tão corriqueiro pode trazer. Trata-se de uma leitura essencial para todos aqueles que querem mais produtividade, eficiência e segurança em suas atividades.



MEU VIZINHO É UM PSICOPATA

Martha Stout

Você conhece algum psicopata? Pense bem antes de responder que não. Quando ouvimos essa palavra, logo pensamos em criminosos violentos, serial killers, como vemos na TV e no cinema. Mas a verdade é que nem todos eles são assim.

Psicopatia é o termo mais popular para nos referirmos à sociopatia, distúrbio que se caracteriza pela falta de consciência e que é bem mais comum do que imaginamos, atingindo uma em cada 25 pessoas.

Entre seus principais “sintomas” estão: incapacidade de adequação às normas sociais; falta de sinceridade e tendência à manipulação; impulsividade; irresponsabilidade persistente e ausência de remorso. Para atingir seus objetivos, o psicopata é capaz de mentir, roubar, manipular e até matar sem sentir culpa alguma. Talvez seja um marido agressivo, um pai que maltrata os filhos ou um chefe que humilha os funcionários.

Embora saibam o que é certo ou errado, os sociopatas simplesmente não se importam com isso. Conhecem as regras da sociedade e entendem como nós, pessoas com consciência, agimos e pensamos – e lançam mão disso para nos manipular e circular despercebidos em nosso meio.

Com anos de experiência no atendimento a vítimas de psicopatas, a Dra.

Martha Stout traça um retrato preciso desses indivíduos, explica como identificá-los e ensina 13 regras para nos defendermos da ameaça que eles representam.

Lançado em 2005 nos Estados Unidos e publicado em vários países, *Meu vizinho é um psicopata* se tornou uma referência sobre o assunto e ganhou o prêmio Books for a Better Life (Livros para uma vida melhor) daquele mesmo ano por sua significativa contribuição à sociedade.



INVICTUS – CONQUISTANDO O INIMIGO
John Carlin

Esse livro narra uma das campanhas políticas mais impressionantes da história: a que Nelson Mandela empreendeu, ao longo de 10 anos, para livrar a África do Sul do apartheid. Ele entendia que a única maneira de libertar seu povo era fazer com que os próprios brancos abolissem o sistema de segregação racial. Para isso, seria preciso conquistá-los.

Ainda na prisão, estudou a língua e a história dos africanos e aprendeu tudo o que pôde sobre rúgbi, o esporte favorito dos sul-africanos brancos. Ele sabia que seus inimigos, como todos os seres humanos, queriam ser tratados com respeito, e foi assim, falando a seus corações, que dobrou todos eles, desde seus carcereiros até o presidente do país.

Mesmo depois de ter conquistado a liberdade e sido eleito presidente, Mandela ainda não tinha alcançado seu objetivo: que todos os sul-africanos, brancos e negros, fossem realmente uma nação. Assim, decidiu usar o rúgbi para unir seu país.

O autor entrevistou diversas testemunhas do milagre sul-africano. Por meio de depoimentos emocionantes, conhecemos François Pienaar, o capitão do time de rúgbi; Linda Moonsamy, ex-ativista que posteriormente fez parte da guarda pessoal de Mandela; Niel Barnard, chefe do serviço de inteligência

da África do Sul no período do apartheid; e o arcebispo Desmond Tutu, vencedor do Prêmio Nobel da Paz e o mais famoso personagem da luta contra o apartheid antes da libertação de Mandela.

A narrativa de Carlin sobre a campanha pacífica de Mandela e a improvável vitória sul-africana na Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 poderia ser um dos melhores romances já escritos não fosse o fato de que tudo realmente aconteceu.

Você vai rir e chorar. E serão lágrimas de alegria, porque, ao menos uma vez, um líder nacional agiu e levou seu povo a também agir de maneira correta. Para um mundo cético, *Invictus – Conquistando o inimigo* é a prova de que a fraternidade ainda é possível.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer, de Patricia Schultz

A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim, de The Zondervan Corporation

A última grande lição, de Mitch Albom

Conversando com os espíritos e Espíritos entre nós, de James Van Praagh

Desvendando os segredos da linguagem corporal e Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?, de Allan e Barbara Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes, professores fascinantes, de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de Steven Carter e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de T. Harv Eker

Por que os homens amam as mulheres poderosas?, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardino

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br,
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br

facebook.com/esextante

twitter.com/sextante

instagram.com/editorasextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br

Editora Sextante

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

Sumário

Nota do autor

1. Alameda dos Ferreiros
2. Monuments Men
3. Os rapazes do Campo Ritchie
4. A invasão de Nuremberg
5. O martelo de Thor
6. A caixa de Pandora
7. A Lança do Destino
8. Os acadêmicos de Himmler
9. O Jesus ariano
10. O reino de conto de fadas de Hitler
11. Os Cavaleiros Teutônicos
12. O inimigo nos portões
13. A cadeia de comando
14. O emissário de Himmler
15. As chaves da câmara subterrânea
16. O Reich sagrado de Hitler
17. Externsteine
18. O Camelot negro
19. A Casa Branca
20. Saques nazistas
21. Campo King
22. As Joias da Coroa
23. A barganha faustiana
24. O Quarto Reich

Epílogo

Notas

Fotos

Créditos das fotos

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outros títulos da Editora Sextante

Conheça os clássicos da Editora Sextante

Informações sobre a Sextante